

ANTROPOLOGIA

A Doutrina Bíblica do Homem

Curso Bíblico preparado com a colaboração de:

Rev. Bruce McDowell

Rev. Javier Muñoz

ANTROPOLOGIA: A Doutrina Bíblica do Homem

INSTRUÇÕES PARA O INSTRUTOR E O ESTUDANTE

Introdução

Bem vindos a este curso sobre Antropologia Bíblica. Será um espaço de crescimento pessoal compreender o ensino bíblico do Homem. Para estudar essa matéria é preciso ter as seguintes ferramentas:

1. O livro *Antropologia Bíblica do Homem*.
2. Um caderno de trabalho.

Responsabilidades do Estudante:

1. Ler as quatro lições do livro de Antropologia e o apêndice. Para cada lição o aluno deve responder os questionários que se encontram nas mesmas. O monitor revisará os livros dos estudantes e colocará na planilha uma nota de 1 a 10 para cada lição, de acordo com o trabalho demonstrado nas tarefas. **Corresponde a 20% da nota final.**
2. Assistir às oito horas de aula que dão início à matéria e às oito horas de classes presenciais. **10% da nota.**
3. Exposição oral. Cada aluno terá a oportunidade de fazer ao menos uma exposição sobre um dos temas lidos durante a lição. O monitor pode livremente, perguntar a qualquer dos alunos sobre as leituras e estes devem responder. O monitor porá uma nota na planilha, de 1 a 10, de acordo com a qualidade da exposição e das respostas nas salas. **15% da nota.**
4. Trabalho escrito. O aluno escolherá um dos temas dentro do material de leitura sobre Antropologia e o desenvolverá, com todas as normas e partes de um trabalho (folha de apresentação, tabela de conteúdo, introdução, corpo do trabalho com títulos e subtítulos, que contenha citações bibliográficas e textuais, notas de rodapé, conclusões e bibliografia). Para este trabalho deverão ser consultados diversos autores e se escreverá no mínimo seis páginas para licenciatura e 10 para mestrado. **30% da nota final.**
5. Exame. Na última aula será feito um exame que constará de perguntas baseadas nos temas tratados na introdução e lições. **25% da nota.**
6. Relatório de leitura. Os estudantes de mestrado deverão ler 200 páginas adicionais sobre o tema de antropologia bíblica e elaborar um relatório de leitura de três páginas, o qual se apresentará na última aula e fará parte da nota do exame final.

Estrutura do curso

PRIMEIRA AULA: LIÇÃO UM. O homem: criado à imagem de Deus

Tarefas para a primeira aula: ler a lição 1, as páginas 160 - 168 do apêndice e resolver os questionários das duas leituras.

1. Começar com oração e boas-vindas. 3 minutos.
2. Fazer a chamada. 2 minutos.
3. O facilitador fará uma introdução ao tema da lição.
4. Revisão das tarefas. O facilitador verificará se todos os alunos responderam aos questionários que se encontram na lição 1. Para esta revisão podem se utilizar diversos métodos. Recomendamos que o facilitador leia a primeira pergunta e dê oportunidade para um estudante responder e, em seguida, analisarão se está correta ou não. O facilitador lerá a segunda e dará oportunidade a outro aluno e assim sucessivamente até que todos os alunos tenham lido pelo menos uma resposta. De toda forma, é responsabilidade do facilitador verificar se todos responderam aos questionários.
5. Exposição. Será dada a oportunidade para que vários estudantes expliquem alguns pontos ou tópicos da lição estudada.
6. **MUITO IMPORTANTE:** lembre aos estudantes que na última aula devem entregar todos os trabalhos e relatórios que são requeridos no guia do estudante. É recomendável que lhes dê a data exata na qual devem entregar seus trabalhos.
7. Tarefas para a próxima aula:
 - a. Ler a Lição Dois.
 - b. Ler o Apêndice das páginas 168 - 175
 - c. Resolver os questionários que se encontram na Lição Dois e na leitura requerida do Apêndice.
 - d. Preparar a exposição.

SEGUNDA AULA: LIÇÃO DOIS. O homem: debaixo do governo de um Deus Soberano

1. Começar com oração e boas-vindas. 3 minutos.
2. Fazer a chamada. 2 minutos.
3. O facilitador fará uma introdução ao tema da lição.
4. Revisão das tarefas. O facilitador verificará se todos os alunos responderam aos questionários que se encontram na lição 2. Para esta revisão podem se utilizar diversos métodos. Recomendamos que o facilitador leia a primeira pergunta e dê

oportunidade para um estudante responder e, em seguida, analisarão se está correta ou não. O facilitador lerá a segunda e dará oportunidade a outro aluno e assim sucessivamente até que todos os alunos tenham lido pelo menos uma resposta. De toda forma, é responsabilidade do facilitador verificar se todos responderam aos questionários.

5. Exposição. Será dada a oportunidade para que vários estudantes expliquem alguns pontos ou tópicos da lição estudada.
6. **MUITO IMPORTANTE:** lembre aos estudantes que na última aula devem entregar todos os trabalhos e relatórios que são requeridos no guia do estudante. É recomendável que lhes dê a data exata na qual devem entregar seus trabalhos.
7. Tarefas para a próxima aula:
 - a. Ler a Lição Três.
 - b. Ler o Apêndice das páginas 175 -184
 - c. Resolver os questionários que se encontram na Lição Três e na leitura requerida do Apêndice.
 - d. Preparar a exposição.

TERCEIRA AULA: LIÇÃO TRÊS. O Homem: Caído e Incapacitado

1. Começar com oração e boas-vindas. 3 minutos.
2. Fazer a chamada. 2 minutos.
3. O facilitador fará uma introdução ao tema da lição.
4. Revisão das tarefas. O facilitador verificará se todos os alunos responderam aos questionários que se encontram na lição 3. Para esta revisão podem se utilizar diversos métodos. Recomendamos que o facilitador leia a primeira pergunta e dê oportunidade para um estudante responder e, em seguida, analisarão se está correta ou não. O facilitador lerá a segunda e dará oportunidade a outro aluno e assim sucessivamente até que todos os alunos tenham lido pelo menos uma resposta. De toda forma, é responsabilidade do facilitador verificar se todos responderam aos questionários.
5. Exposição. Será dada a oportunidade para que vários estudantes expliquem alguns pontos ou tópicos da lição estudada.
6. **MUITO IMPORTANTE:** lembre aos estudantes que na última aula devem entregar todos os trabalhos e relatórios que são requeridos no guia do estudante. É recomendável que lhes dê a data exata na qual devem entregar seus trabalhos.
7. Tarefas para a próxima aula:
 - a. Ler a Lição Quatro.

- b. Ler o Apêndice das páginas 184 - 194
- c. Resolver os questionários que se encontram na Lição Quatro e na leitura requerida do Apêndice.
- d. Preparar a exposição.
- e. Trazer o trabalho escrito, o trabalho prático e o relatório de leitura (mestrado) solicitado no guia do estudante.
- f. Preparar-se para o exame final escrito.

QUARTA AULA: LIÇÃO QUATRO. O homem: restituído pela graça de Deus.

1. Começar com oração e boas-vindas. 3 minutos.
2. Fazer a chamada. 2 minutos.
3. O facilitador fará uma introdução ao tema da lição.
4. Revisão das tarefas. O facilitador verificará se todos os alunos responderam aos questionários que se encontram na lição 4. Para esta revisão podem se utilizar diversos métodos. Recomendamos que o facilitador leia a primeira pergunta e dê oportunidade para um estudante responder e, em seguida, analisarão se está correta ou não. O facilitador lerá a segunda e dará oportunidade a outro aluno e assim sucessivamente até que todos os alunos tenham lido pelo menos uma resposta. De toda forma, é responsabilidade do facilitador verificar se todos responderam aos questionários.
5. Exposição. Será dada a oportunidade para que vários estudantes expliquem alguns pontos ou tópicos da lição estudada.
6. **MUITO IMPORTANTE:** Peça aos estudantes que entreguem o trabalho escrito e o relatório de leitura (mestrado).
7. Exame final. Agora entregue os exames escritos e dê aos estudantes tempo suficiente para resolver. O exame é individual e sem ajuda.

Perguntas para cada lição

LIÇÃO 1

Primeira parte

1. O que significa ser feitos à imagem de Deus?
2. O que precisa ser restabelecido com a imagem manchada na queda do homem?
3. Como podemos refletir inteiramente a imagem de Deus em nossas vidas?

4. Que diferença faz que o homem e a mulher tenham sido feitos à imagem de Deus?
5. Como os cristãos devem responder aos que estão desamparados, os pobres, os inválidos, os bebês por nascer e as minorias tendo em vista que elas carregam a imagem de Deus?
6. Como a encarnação de Cristo confirma a imagem de Deus em nós?

Segunda parte

1. Para que Deus fez milagres? Explique.
2. A criação foi algo realizado de uma só vez ou em vários atos consecutivos de Deus?
3. A explicação evolucionista é mais “científica” ou é preciso dar um “salto no vazio”?

Terceira Parte

1. O que a Bíblia ensina a respeito da Alma?
2. Por que os materialistas não creem na alma? Que explicação dão?
3. O que diz o idealista? Explique.
4. Como explicar a conexão entre os processos cerebrais e os processos mentais?

Quarta Parte

1. Por que um crente não pode aceitar as postulações dos psicólogos que não creem na existência da alma? Explique.
2. O que quer dizer a Bíblia quando diz “alma”?
3. O homem está composto de duas ou três partes? Explique de acordo com o autor.
4. Segundo o autor, que noção errônea leva a crer na posição tricotômica?
5. O que significa a expressão “feito à imagem de Deus”? Em que consiste?
6. Qual é o erro dos que creem que o homem foi moralmente neutro e podia escolher entre o bem e o mal e escolheu o mal?
7. Qual é o erro dos que creem que o homem foi criado moralmente neutro e com uma capacidade sobrenatural divina para fazer o bom, que foi perdida na queda?
8. Qual a crença correta?

Quinta Parte

1. Como a imagem de Deus pode ser vista em nossa sexualidade e matrimônio?
2. O que significa a preeminência do homem como cabeça nas Escrituras?
3. Qual o ensino das Escrituras sobre o papel da mulher na igreja? É diferente de seu papel no mundo?

Sexta Parte

1. Na ressurreição nossa redenção será somente de nossa alma ou também de nosso corpo?
2. Que três passagens os tricotomistas usam para apoiar seu ponto de vista da pessoa? Que argumentos podem ser feitos contra sua interpretação dessas passagens? Quais os cinco possíveis erros doutrinários que podem resultar dos pontos de vista do tricotomista?
3. Que quatro ou cinco passagens adicionais podem ser usadas para apoiar o ponto de vista do dicotomista? Explique.
4. De onde vem nosso valor? São ambos, corpo e alma, de valor para o cristão? Por quê?

LIÇÃO 2

Primeira Parte

1. Tudo está determinado e fixado no plano de Deus, as ações do homem também? Explique.
2. Se está tudo predeterminado por Deus isso não torna o próprio Deus autor das ações pecaminosas dos homens ao predeterminá-las também?
3. É o homem responsável por suas ações pecaminosas e Deus não é o autor do pecado?
4. Não é uma contradição que Deus predetermina tudo, não é o autor do pecado e o homem PE responsável por seus atos?
5. Como pode um Deus santo, que é todo-poderoso, permitir a existência do pecado?

Segunda Parte

1. Liste cinco razões pelas quais o relacionamento de Adão e Deus deve ser considerado um Pacto.
2. O que são os dois caminhos da vida eterna? Por que somente um caminho é possível para nós?
3. Citar três razões pelas quais o pacto das obras ainda é válido.
4. Quais são as duas formas em que o pacto das obras foi abolido?
5. Que lugar nossas obras têm no dia do juízo final?

Terceira Parte

1. O que a passagem de Colossenses 3:10 ensina sobre a expressão “à imagem de Deus”?

2. E Efésios 4:24?
3. Deus deixou o homem por sua conta uma vez que o criou?
4. Como é o pacto de Deus com o homem?
5. Foi sempre “natural” ou imprescindível a morte física? Explique.
6. O que mais, além de física, significa na Bíblia a palavra morte?
7. Como foi o Pacto das Obras de Deus com Adão, o que aconteceria se ele tivesse obedecido?

LIÇÃO 3

Primeira Parte

1. Qual a meta que Adão deveria alcançar com o mandamento do Éden? Explique.
2. O que Adão fez estragou os planos de Deus para a humanidade? Explique.
3. Qual é o princípio da tentação? Explique.
4. O que foi a novidade que o homem conheceu e que implicação teve? Explique.
5. Qual é a atitude que deve ter o cristão frente às tentações? Explique.
6. Como continua presente hoje a mentira de Satanás no Éden?
7. Como Jesus prova com sua vida pura que não é assim?

Segunda Parte

1. Quais são as suas teorias humanistas sobre o que é o pecado? Por que são errôneas? Explique.
2. Qual a diferença de princípio entre as normas do bem comum que tem as sociedades e a norma da lei de Deus? Explique.
3. Por que a ideia de que o pecado é a vitória da natureza baixa, animal sobre a natureza alta, a alma, é uma ideia errada? Explique.
4. Por que, então, a Bíblia exorta repetidas vezes contra a “carne”? Explique.
5. O que é o pecado?

Terceira Parte

1. Dizer que o cristão não está “debaixo da lei, mas debaixo da graça” significa que ele não precisa mais cumprir os mandamentos de Deus? Explique.
2. O que significa, então? Explique.
3. O que a lei manifesta quanto ao ser de Deus? Explique.

4. Sendo assim, qual a gravidade do pecado? Explique.
5. O que acontecerá com a sociedade atual que não entende, não obedece nem honra à lei de Deus?
6. O que acontece nas nações que tem uma boa porcentagem de crentes atuando como sal (o autor tomou como exemplo a Grã-Bretanha)?
7. Como se pode levar a pessoa a se sujeitar à lei, se não quer, nem tampouco pode, e se não existem medidas do governo para obrigar ser tornar-se tirano?
8. Mas, não é um caso perdido falar de Cristo a uma sociedade que não crê no pecado e suas consequências? Não é melhor usar outras maneiras de expor o evangelho? Explique.

Quarta Parte

1. Qual o conceito que a filosofia tem do homem? E os muçulmanos?
2. Qual é a expressão dessa filosofia nas igrejas cristãs?
3. Qual a expressão bíblica do conceito do homem (que o autor chama calvinista)?
4. Por que toda obra “boa” é pecaminosa frente a Deus?
5. Quais são as obras boas?
6. Sendo justo, o que Deus deve fazer ao pecador?
7. O que significa estarmos cegos pelo pecado?
8. Por que somos incapazes para crer?
9. O homem contribui em algo para sua salvação, seja no ato de crer? Explique.
10. Que aplicações tudo o que foi aprendido tem para sua vida?

Quinta Parte

1. Em que consiste o primeiro ponto dessa incapacidade?
2. O segundo? Explique.
3. E o terceiro? Explique.
4. Qual é o quarto? Por quê?
5. Se o homem pode vir a Cristo por si mesmo, o Espírito Santo não fica rebaixado?
6. Não é danoso esse ensino de que o homem pode vir a Cristo por si mesmo? Explique.

7. Ao não poder fazer nada contra seus desejos pecaminosos, não estamos nos escusando e promovendo o pecado? Explique.
8. Como o Pai atrai o homem, somente com a pregação do Evangelho? Explique.
9. Então Cristo arrasta o homem, ainda que este não queira? Como o faz?
10. O que é que mais impede um homem de vir a Cristo? Que acontece se o Espírito Santo atua?
11. O que fazer com todo esse esforço religioso de tantos anos e sacrifícios? Por quê?
12. Então, não se devem fazer boas obras? Explique.
13. Se não encontro a salvação ao arrepender-me, isso me amedronta. Que faço?
14. Por que é bom estar atemorizado por haver ofendido ao único que pode te salvar?
15. Qual o resultado de saber que está salvo por Cristo?

LIÇÃO 4

Primeira Parte

1. As crianças nascem boas ou algumas nascem más? Explique.
2. Que erro cometem os que dizem que Jesus recorreu ao bom que há nos corações dos homens? Explique.
3. O que as passagens das crianças que foram a Cristo e do jovem rico ensinam? Explique.
4. Se todo homem é pecado, quem tem que trabalhar e como para nos levar a Cristo? Explique.

Segunda Parte

1. Que exemplo temos de que o pecado não faz parte, necessariamente, da natureza humana? Explique.
2. Como é, então, que todo homem, exceto Cristo, é pecador? Explique.
3. Como a raça humana está implicada no primeiro pecado de Adão? Explique.
4. Em que consiste a condição pecaminosa desse estado em que a queda colocou a raça humana?
5. Por que negar a representação de Adão no pecado nos deixa fora de toda esperança de redenção?

Terceira Parte

1. Qual é, pois, a calamidade desse estado em que o homem caiu? Explique.
2. Se Deus é um Deus de amor, como a Bíblia fala tanto da ira de Deus? Explique.
3. O ensino de Jesus é uma exceção a essa presença constante da ira de Deus na Bíblia? Explique.
4. Quem foi um dos primeiros a atacar a doutrina do pecado original e o que disse? Explique.
5. Deus pode condenar as más ações dos homens mesmo quando estes, por sua natureza pecaminosa, não podem deixar de as praticar? Por quê?

Quarta Parte

1. Segundo Santo Agostinho, porque o homem peca? É bíblica essa afirmação? Explique.
2. Tal ideia não anula a liberdade e responsabilidade do homem? Explique.
3. É possível censurar alguém pelo que não pode evitar? Explique.
4. Pode realmente ser verdade a teoria pelagiana de que todo homem nasce moralmente neutro? Explique.
5. Como pode o homem, naturalmente mal, escolher algo bom, como crer em Cristo? Explique.
6. O que significa a doutrina da Total Depravação?
7. Como o homem pode sair dessa incapacidade total em que está?
8. O que ensina o semipelagianismo? Explique.
9. O que a Bíblia ensina?
10. O que a graça de Deus faz no homem?

Quinta Parte

1. Como se chama o processo que Deus inicia no recém-convertido e que dura a vida toda?
2. Esse crescimento se dá por meio de que?
3. O que é a santificação?
4. Quem é o autor da santificação e como o faz?
5. É indispensável ou existem crentes a quem não se "vê"?
6. Quais são as duas etapas da santificação?

7. Se pode chegar ao estado de perfeição nesta vida? Explique.
8. Explique a expressão “mortos em pecados”.
9. Qual a batalha que o crente sempre tem?
10. Explique “negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”.
11. Como se tem lutado no mundo e também a igreja para vencer o pecado? Por que é um fracasso?
12. Como a Bíblia ensina a lutar contra o pecado?
13. Que áreas do pecado devemos tratar, como faz Deus em nós?
14. Como lidar com o pecado congênito, com a inclinação pecaminosa que herdamos?

APÊNDICE

Fundamentos da Fé Cristã

1. Quais são as três razões pra estudar a criação do homem quando estudamos o conhecimento de Deus? Explique.
2. Em que três maneiras a Bíblia expressa que somos os seres superiores na criação?
3. Quais atributos demonstram haver sido feitos “à imagem de Deus”? Explique.
4. Qual poderia ser a confusão no uso das palavras alma e espírito e qual a distinção que devemos levar em consideração? Explique.
5. Ao falar das duas partes do homem, em que devemos ser cuidadosos? Por quê?
6. O que é o corpo? Como devemos o tratar? Explique.
7. O que é a alma? Explique.
8. O que significa sermos agentes morais? Explique.
9. Quais são as quatro áreas em que exercemos nossa responsabilidade? Explique.
10. O crente é alguém anti-intelectual? Por quê?
11. Descreva os efeitos da queda.
12. Descreva agora os efeitos da salvação de Deus.

A Natureza

1. Por que a natureza também é importante?
2. Quais são os pontos de vista sobre a origem da criação? Explique brevemente.

3. Por que a explicação dualista é perigosa e por que é bíblicamente falsa?
4. Qual é o mais popular no ocidente e por que não é verdade? Explique.
5. Com qual começa o cristão? Por que é a verdadeira?
6. Qual é o primeiro ponto principal que Gênesis 1 ensina? Explique.
7. Explique o segundo.
8. E agora, o terceiro.
9. O Pacto com Adão e o Pacto da redenção são somente para o homem? Explique.
10. Então, qual deve ser nossa reação por causa disso? Por que?
11. Qual nossa responsabilidade?

A Queda

1. Por que não podemos conhecer bem o homem, a não ser a partir do conhecimento de Deus? Explique.
2. Qual é o enfoque para explicar ao homem do mundo grego? Explique porque não é correto.
3. Em que consistia o otimismo clássico e por que não é verdadeiro?
4. E o racionalismo, por que também não é verdadeiro?
5. O que falta ao racionalismo atual que havia no greco-romano?
6. Em que consiste a concepção mecanicista e por que é errônea? Explique.
7. Por que a explicação cristã é satisfatória?
8. O que simboliza o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal de Gênesis 1?
9. O que estava em jogo na tentação de Satanás? Explique.
10. O que é o pecado? Por quê?
11. Qual foi o pecado de Adão? Por quê?
12. Por que é o pecado de Adão, e não de Eva, que trás as consequências da queda?
13. Explique o orgulho como sendo o terceiro pecado no Éden e por que é pecado.
14. Que faço, então?

Os Resultados da Queda

O que acontece quando se nos falamos do pecado? Explique.

1. Quais foram as consequências do pecado? Explique.

2. Quais as concepções que se há tido na história sobre a natureza humana? Explique-as.
3. Qual é a postura bíblica?
4. Quais foram as consequências da queda no campo espiritual para o homem?
5. A que se refere à Bíblia com o fato de não haver um justo? Acaso o homem é tão mal quanto possível? Explique.
6. O que significa quando a Bíblia diz que “não há quem entenda”?
7. O que significa quando diz “não há quem busque a Deus”?
8. Explique a analogia de uma doença que o autor usou par explicar a situação do homem.
9. Quais são as consequências sociais, matrimoniais? Por quê?
10. Qual a intenção moderna ao falar da origem do pecado nos indivíduos?
11. Qual a conexão entre todos os pecados humanos? Por quê?
12. Como é possível explicar os defeitos de nascimento, as cólicas, os cânceres nos recém-nascidos e outras formas de sofrimentos de que padecem os inocentes, se não é segundo os ensinamentos bíblicos? Quais são essas respostas e por que são inadequadas?
13. Como a representação de Adão é uma demonstração da graça de Deus?

A Submissão da Vontade

1. Qual é o ponto decisivo para entender o pecado do homem? Explique.
2. Faça um resumo sobre a história do debate.
3. O que Edwards fez que não se houvesse sido feito antes? Dê sua definição e explique.
4. Qual foi sua segunda contribuição? Por que é importante? Explique.
5. Qual foi a terceira contribuição? Explique também a diferença que ele fez.
6. Qual foi a ilustração que Edwards usou? Explique a conclusão dela.
7. Por que é importante reconhecer a submissão da vontade?
8. O que Deus não deseja que façamos no assunto de nossa salvação?

LIÇÃO 1

O HOMEM: IMAGEM DE DEUS

Introdução

“Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”

O que é o homem? De que consiste? É uma unidade ou se compõe de várias partes? Sua existência terrena é somente uma ilusão até que sejamos reunidos com a unidade da preeminência universal como no hinduísmo? Ou o homem é simplesmente uma matéria animada, composta de átomos que por acaso formou a si mesma através da evolução até chegar ao que é hoje? Algum dia simplesmente voltaremos ao pó outra vez e não haverá futuro para nosso corpo.

Anteriormente havíamos estudado como o homem foi criado à imagem de Deus. Um aspecto da imagem de Deus no homem está em sua natureza dupla ao ser corpo e alma (ou espírito). Para a alma do homem, ele ou ela tem consciência pessoal e própria, com a capacidade semelhante à de Deus para conhecimento, pensamento e ação. A imagem de Deus em nosso corpo se manifesta no fato de termos experiências verdadeiras, como nos expressamos e em como exercemos o domínio. Essa dupla natureza do homem está descrita na criação de Adão e Eva por Deus no Paraíso.

Bem vindos à matéria de Antropologia Bíblica, na qual estudaremos qual a visão bíblica e cristã a respeito do homem como ser criado por Deus.

O Homem Foi Criado à Imagem de Deus

Gênesis 1:26, 27

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

Dos seis dias da criação, o sexto dia é o mais importante porque nesse dia o homem foi criado. De toda a criação, o homem é o mais especial, pois é superior a ela. Mas do resto da criação, o que faz o homem ser especial é que foi feito à imagem de Deus. Olhemos, pois, o que isso significa e a diferença que faz na forma em que vivemos e como entendemos a Deus e a nós mesmos.

À nossa imagem e semelhança

A humanidade se mostra como uma continuidade da natureza, entretanto separada dela e acima dela. Compartilhamos com a criação sendo feitos do pó no sexto dia (Gn 2:7, 19), comendo do fruto da terra (Gn 1:29, 30) e multiplicando-nos com bênçãos iguais para povoar a terra (Gn 1:22, 28). Do mesmo modo, ao estudar o reino animal podemos aprender algo acerca do homem, porém, a ênfase na criação da raça humana está na diferença do resto da criação. Pode-se fazer um contraste: Deus ordenou “produza a terra seres viventes” (vs 24) e ao homem disse “façamos o homem à nossa imagem...” (vs 26). A humanidade foi separada por nosso papel para dominar o reino animal e a terra e por carregar em nossa natureza a imagem de Deus e a relação com Deus.¹

Temos um exemplo quando o rei Davi louvava a Deus e a criação do homem ao dizer:

“Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste.” (Salmo 8:3-5)

Davi se maravilha do carinho de Deus para com a criatura que reflete sua imagem. Uma parte da glória e honra dada ao homem é o domínio sobre o resto da criação (Gn 9:6-8). Em outras passagens além dessas, as escrituras perguntam: “o que é o homem?” (Jó 7:17; Sl 144:3) como uma expressão da grandeza de Deus ao dar muita importância à humanidade segundo sua grandeza.

Ao dizer que fomos feitos à imagem de Deus, à sua semelhança, usamos palavras para reforçar o sentido sem fazer distinção entre si. São usadas em uníssono. A imagem e semelhança de Deus no homem não desapareceram desde que o homem caiu em pecado (Gn 9:6; Tg 3:9). Como escreve Tiago 3:9:

¹ Derek Kidner, *Genesis, TOTC* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1967), 50.

“Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.”

Adão e Eva geraram a Sete e outros filhos, que são descritos como “à sua semelhança, conforme sua imagem” (Gn 5:3). Esta é a imagem de Deus que foi herdada por toda a raça humana.

Assim, como o homem foi feito à imagem de Deus, deve ser respeitado e honrado. Nenhum homem deve ser amaldiçoado (Tg 3:9) ou assassinado (Gn 9:6). E, se assim o fizermos, estamos debaixo do juízo de Deus (Mt 5:21, 22), porque não somente destruimos a imagem de Deus no homem, mas também rechaçamos o que Deus criou. A morte se paga com sangue porque à imagem de Deus o homem foi feito.

O valor de cada indivíduo diante de Deus se nota nos nomes dados às pessoas na genealogia de Gênesis. Se fôssemos escrever o livro de gênesis, tiraríamos esses nomes do livro. Se os lemos superficialmente, nos parecem insignificantes, mas para Deus são muito importantes. E isso demonstra que para Deus, cada pessoa tem seu valor. Diante dos olhos de Deus não somos algo abstrato ou despercebido. Não somos uma espécie, ou ideia, ou uma fração de massa, como os Marxistas nos propõem, mas diante de Deus somos pessoas. Assim como Deus cuidou dos patriarcas em Gênesis 5, também somos lembrados no livro da vida. Por isso, devemos nos animar a viver para Ele. Ao chegar mais próximo da semelhança de Cristo o mundo provavelmente não nos conhecerá, mas nossos nomes e nossas obras serão lembrados pelo Senhor para sempre.

A imagem de Deus no homem não se define claramente nesta passagem, mas pelo conteúdo podemos ver os traços da natureza de Deus e seu caráter refletido nele. Nos primeiros 25 versículos deste capítulo podemos ver que Deus é uma pessoa, com raciocínio, com inteligência e vontade própria, criador, governante do mundo que ele criou e admirável (porque tudo o que Ele criou é bom). Claramente a imagem de Deus se reflete nessas qualidades². Por essa razão, o homem possui personalidade e valores morais. O fato de que o homem pode se comunicar tanto com Deus quanto com o resto do mundo é uma prova a mais da imagem de Deus. O homem tem alma, ou espírito, o que é pessoal e o capacita para conhecer a Deus e ter conhecimento, raciocínio e ação. O homem tem o estado consciente de Deus. E mais, temos a habilidade de herdar a vida eterna. O livro de Eclesiastes nos diz que Deus colocou a eternidade no coração do homem (Ec 3:11). Nos deu um conhecimento nato de que há vida além dos confins da terra. Por essa razão o homem também tem espiritualidade. Todos esses aspectos da vida da imagem de Deus no homem mostram uma distinção clara entre o homem e o reino animal. O homem não é simplesmente uma forma animal superior, que levou milhões de anos para desenvolver-se por acaso, mas é resultado do ato distintivo da criação de Deus. O homem foi criado por Deus para que o glorifique e adore.

Na criação vemos a distinção que Deus fez entre o homem e os animais. Deus disse: “produza a terra relva...” (Gn 1:11). Em seguida, “produzam as águas seres viventes...” (vs. 20) e mais adiante “produza a terra seres viventes segundo seu gênero...” (vs 24). Ao criar o homem vemos “*façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança...*” (vs. 26). A

² R. C. Sproul, ed., *New Geneva Study Bible* (Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1995), 9.

diferença das palavras sugere uma relação mais direta entre Deus e o homem do que entre Deus e os animais. Apesar dos animais serem bonitos, úteis, peculiares, o homem é definitivamente superior³. Porque devido à semelhança com Deus, temos inteligência superior a dos animais, habilidade de nos comunicar por meio da palavra, a razão, moral e conhecimento. Portanto, o homem é a coroa gloriosa da criação.

A habilidade do gênero humano para ter domínio sobre o animal se nota na inteligência superior. Deus dotou Adão de autoridade e habilidade para dar nome a todo o gado, às aves e às feras da terra (Gn 1:19-20). O ato de classificar os animais por nomes foi um ato científico. Um pardal pode construir um ninho bem complicado, e seu desenho não mudou em mil anos, continua o mesmo. O homem está capacitado para delinear objetos geométricos, escrever uma narração ou separar o átomo. O animal carece de raciocínio e por isto o chamamos de besta bruta. A humanidade tem uma mente racional e o estado consciente próprio. Ainda mais, Adão podia entender a comunicação de Deus, com a qual ele demonstrou o domínio do homem sobre o animal. Isto requer ainda mais inteligência para domar o animal.

Em um nível mais profundo, Deus deu a Adão os mandamentos que ele entendeu. “De toda árvore do jardim poderás comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque o dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:16, 17). Como Adão sabia que era a morte que estava obrigado a obedecer? Ele foi dotado por Deus com o conhecimento da moral e do correto. Vemos no Novo Testamento que Adão entendeu claramente o que Deus estava dizendo, e ainda assim ele desobedeceu (I Timóteo 2:14).

Ao examinar a imagem de Deus em um nível mais profundo, a humanidade é capaz de estar em plena comunhão com seu Criador. Antes da queda, Adão estava em uma bela comunhão com Deus. Isto ficou demonstrado em parte, no fato de que ambos estavam nus e não se envergonhavam (Gen. 2:25). Quando pecaram sentiram vergonha e procuraram se esconder de Deus e se coseram folhas de figueira para se cobrirem (Gen 3:7,8). Adão falou com Eva, sua esposa, e com Deus, o que prova que houve comunicação. Ainda mais: Adão adorava a Deus. Assim nós também podemos fazer. Ainda que a Criação inteira dá glórias a Deus, a adoração da humanidade é a única que dá a Deus um prazer especial. Só o homem pode cantar e recitar louvores ao descrever seus atributos e recordar sua ação redentora.

A imagem de Deus no homem não é algo dentro ou fora dele, ou estampada sobre ele como o selo de um anel logo que foi criado. Não é algo que o homem tem, mas sim que ele é a imagem de Deus. Como diz o apóstolo Paulo, “... ele é imagem e glória de Deus” (I Cor. 11:7). Perceba a ênfase em ser a glória de Deus. Esta percepção é uma revelação divina que demonstra nosso valor para Deus e o propósito de nossa existência

Corpo e Alma

A imagem de Deus no homem não é um corpo. Qualquer interpretação disso que tem uma característica diferente de Deus é errônea. A Bíblia não associa a imagem de Deus

³ Gordon H. Clark, *The Biblical Doctrine of Man*, segunda edição (Jefferson, MD: The Trinity Foundation, 1992), 6.

com um objeto ou corpo. Não é o fato de que o homem se levanta sobre seus dois pés, diferente do animal que caminha sobre quatro extremidades, que revela a imagem de Deus. As aves também se firmam sobre dois pés. Bom, Deus não tem nem corpo, nem forma. Ele é espírito. Por esta razão a imagem de Deus não pode ser seu corpo.

Algumas pessoas acreditam que o homem é um ser que consiste de alma e corpo. Mas esta não é uma verdade bíblica. É a alma, ou espírito que faz a pessoa, porque uma pessoa pode existir fora do corpo. Vejamos algumas passagens no Novo Testamento.

Em uma ocasião Paulo escreveu que ele “foi arrebatado até o terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)” (II Cor. 12:2). Aqui, obviamente, quem estava no corpo ou fora dele, todavia existia fora do corpo. Este “quem” não era o corpo.

Paulo fala do nosso corpo como uma morada temporal. “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (II Cor 5:1). Nosso corpo, não somos nós mesmos, mas simplesmente um templo no qual a pessoa vive.

Paulo fala outra vez da vida fora deste corpo terrenal. “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro ... tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Filipenses 1:21,23). Ainda que nosso corpo carnal será, algum dia, destruído, este não é nosso final. O Pai Celestial nos tem preparado uma mansão com muitas moradas. Jesus Cristo nos diz que Ele subiu a Deus para preparar-nos um lugar (Jo. 14:2). Pedro também recorda aos seus leitores, “enquanto estou neste tabernáculo”, “certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo” (II Pedro 1:13,14). Se estas coisas são assim, vemos que uma pessoa pode existir fora do corpo. O corpo é só o lugar onde a alma, ou o espírito, reside. É o instrumento que a alma usa. A alma é a imagem de Deus e a verdadeira pessoa. Este modo de ver tem inferências muito importantes na forma como interpretamos a salvação. E isto é lógico, porque toda a doutrina é entrelaçada e sistemática com as outras doutrinas.

A Imagem Distorcida e Restaurada

A imagem de Deus é uma característica permanente de sua personalidade. Adão e Eva foram criados santos como Deus. A imagem e semelhança originais de Deus em nós tem sido manchada e pervertida desde a Queda do homem no Paraíso. Uma vez que havia a justiça original, vista em Adão e Eva, significa que temos a capacidade de ser restaurados a essa condição original. Alguns, como os Pelagianos e Católicos Romanos, defendem a ideia de que o homem foi criado num estado neutro. Foi criado sem caráter moral. Ou seja, não foi criado justo. Como consequência lhe foi dado um dom especial de justiça original, a qual logo perdeu ao cair em pecado. Isto o fez voltar ao seu estado original de neutralidade moral. Mas ao ter livre arbítrio, ele foi capaz, de alguma forma, de agradar a Deus. Ele só tem a capacidade de ser bom ou mal. Isto supõe que nosso caráter é questão de escolha, uma vez que nossa escolha seja controlada por nosso caráter. Não se crê que o homem agora seja totalmente depravado no espírito, ou que foi justo no momento da criação. Entretanto, Deus declarou que sua criação foi boa e a do homem muito boa (Gen. 1:25, 31).

Isto reflete o caráter bom e justo de Deus, quem o criou. E isto mostra que a natureza de Adão não foi um equilíbrio ente qualidades opostas, mas que foi justo originalmente.

Paulo ensina que pela transgressão de Adão a condenação veio a toda a humanidade (Rom. 5:18,19). Assim, a imagem de Deus no homem foi distorcida.

*“Ao pé das montanhas Tetons em Wyoming está o lago Jackson. Algumas vezes, bem de manhã quando o lago está tranquilo, a imagem dos Tetons é exibida em uma cópia maravilhosa como espelho sobre sua superfície. O ponto interessante é que se você pegasse uma pedra pequena e a jogasse sobre a superfície do lago, a imagem dos Tetons se distorceria e desvaneceria. Da mesma forma, quando Adão cometeu o pecado, a imagem de Deus no homem foi deformada e manchada”.*⁴

Mas pela obediência de um homem, o Senhor Jesus Cristo, fez justos a muitos através da sua graça. Por isto devemos ser redimidos e feitos uma nova criatura em Cristo para restabelecer totalmente a imagem de Deus. Paulo ensina isto aos crentes de Colossos ao lhes dizer como devem despojar-se da velha natureza terrena. “Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Col. 3:9,10). Isto indica que nossa imagem distorcida se deve à falta do conhecimento de Deus. Pablo amplia este pensamento ao escrever aos efésios: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef. 4:22-24). Assim, a semelhança que o homem teve com Deus no princípio foi verdadeira justiça e santidade. Como resultado disto houve uma relação íntima entre Deus e o homem (Adão e Eva).

Por meio da fé em Jesus Cristo e por sua graça, temos a intimidade com Deus restabelecida. No entanto, nesta vida, é um processo tornar-se santo e refletir mais a imagem de Deus, processo este chamado santificação. Somente quando estamos completamente santificados e glorificados ao estar com o Senhor e no seu reino vamos refletir perfeitamente a imagem de Deus em pensamento e obra. Só Jesus, como Filho de Deus, fez isto perfeitamente. Ele cumpriu cabalmente a vontade do Pai celestial, completou o trabalho, falou suas palavras e agradou àquele que o enviou, sem ter nenhum pecado (Jo. 4:34; 5:30,36; 6:38; 8:28b, 29, 46). Esta deve ser nossa meta também. Como nos escreve o apóstolo João: “aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (I João 2:6). “e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo” (I João 4:16,17). Jesus ensinou: “sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mat. 5:48).

Que outras inferências ou deduções há quando se tem esta imagem original restabelecida pela graça de Deus? Um aspecto disto é que somos chamados a submeter a terra e exercer domínio sobre ela. Isto significa o uso total e ao mesmo tempo cuidadoso dos recursos da mesma. Os avanços científicos e médicos, a arte e a música, a construção de cidades e o desenvolvimento de negócios e da lei para a glória de Deus, são pare de

⁴ Michael P. Green, ed., *Illustrations for Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker Books House, 1989), 145.

submeter a terra. Usando a floresta, os rios e oceanos, sem destruí-los, é parte do nosso chamado a submeter a terra. Fazer coisas lindas é reflexão da beleza de Deus em nossa imagem restabelecida. Restabelecer a justiça, a ordem, e a paz sobre a terra dentro da capacidade que nos é dada, permite que o mundo veja que somos seres humanos feitos à imagem de Deus. Ao tratar o próximo como tendo este a imagem de Deus, teremos misericórdia e compaixão do enfermo, do inválido, do pobre, das minorias e do bebê que está por nascer. Todos eles serão tratados com dignidade, honra, igualdade e justiça.

Macho e Fêmea

Gênesis faz uma referência especial ao dizer que Deus criou o homem. A palavra criar só é usada três vezes no capítulo um: primeiro quando Deus criou a matéria do nada (v. 1); segundo, quando Deus criou a vida consciente do animal (v. 21) e terceiro, três vezes quando nos diz que Deus criou o homem (v. 27), indicando algo especial acerca do homem. A criação da humanidade é caracterizada especificamente por ser ambos homem e mulher. Isto não foi mencionado com a criação dos animais. Isto demonstra muita importância nesta obra. Quando o homem e a mulher foram criados aos dois se chamou “homem”, o que expressa “a humanidade”. Em Hebreus a palavra usada para homem é Adão. Em forma poética, o primeiro na Bíblia, seu autor escreve:

Deus criou o homem à sua imagem
à imagem de Deus o criou;
homem e mulher os criou.

Ambos, homem e mulher, foram feitos à imagem de Deus. Isto nos ensina que as mulheres e os bebês são iguais ao homem aos olhos de Deus. E isto podemos pressupor ou assumir como certo. Através da história e ainda nos dias atuais, em muitos lugares do mundo, como Índia e China, os bebês são abortados ou abandonados ao nascer, somente por ser do sexo feminino. Elas também são feitas à imagem de Deus, possuem alma e, certamente, tem todo o direito à vida. Como crentes em Cristo temos a obrigação de protegê-las de todas as formas possíveis ou, do contrário, com nosso silêncio, somos culpados de desculpar quem comete tal delito.

Algumas pessoas procuram demonstrar que não há distinção de igualdade entre o homem e a mulher, pensando que assim se mostra a verdadeira igualdade. Mas isto não é razoável. Deus fez o homem e a mulher de maneira igual, porém sem privá-los de suas qualidades individuais. Somos feitos de sexos opostos, macho e fêmea, com funções e capacidades físicas diferentes. Só a mulher pode conceber filhos. E elas podem aguentar facilmente mais dor que o homem, mas o homem está dotado de maior força física. Na família tem tarefas diferentes das quais o homem se encarrega da direção, proteção e cuidado, ao passo que a esposa o segue criando e carregando o peso dos filhos. Ao se casar a esposa se submete voluntariamente ao esposo respeitando-o em tudo. Nos dias de hoje vemos cada vez mais que não há distinção entre os homens e as mulheres que vão à batalha sem reconhecer a diferença entre os sexos. Isto se traduz em muitos problemas

como a imoralidade, crianças abandonadas e deixadas aos cuidados de outros, mulheres grávidas que abandonam seus filhos mesmo antes de nascer.

O Homem foi muito bom

Ao final dos seis dias da criação, lemos: “E viu Deus tudo quanto havia feito, e eis que era muito bom”. Toda a criação foi abençoada e ordenada por Deus. No final de cada dia da criação se diz que “tudo era bom”. Entretanto, no último dia, depois que tudo estava criado, se disse “era muito bom”. Era muito bom porque Deus é bom e tudo o que ele faz é bom e sábio e justo e amável. Era muito bom porque o cume da criação se cumpriu, o homem como homem e mulher, refletindo sua própria imagem e semelhança. A terra já não estava desordenada, em caos e vazia, mas lindamente criada, ordenada e cheia, completa. Não havia imperfeições ou perversidade inata em nada. E ao homem foi dada a responsabilidade de governar sobre esta criação com cuidado.

Ao considerar toda a beleza magnífica e ordem da criação divina, o que nos resta fazer é ajoelhar-se em adoração e temor reverente a este Deus tão majestoso. O autor de Hebreus cita o pensamento do rei Davi sobre a criação de Deus quando diz:

Que é o homem? Que é o ser humano?
Por que te lembras e te preocupas com ele?
Por um pouco de tempo o fizeste menor que os anjos,
e o coroaste de glória e de honra;
Tudo sujeitaste debaixo dos seus pés (Hebreus 2:6-8, DHH).

Nos unimos ao rei Davi ao cantar em louvor, “Oh, Jehová, Senhor nosso, quão grande é o teu nome em toda a terra! (Salmo 8:1,9)

Nos admiramos de que este Deus a quem temos o privilégio de conhecer e amos, nos amou primeiro ao ponto de enviar seu Filho como um homem para identificar-se Ele mesmo com nós. Ele veio como o protótipo do homem sem pecado, tendo implantada com pureza a imagem de Deus e depois morreu para redimir-nos. Jesus foi coroado com glória e honra porque Ele sofreu a morte para todos (Heb. 2:9).

Porque todo somos do mesmo pai: tanto os consagrados como o que os consagra. Por esta razão, o Filho de Deus não se envergonha de chamar-lhes irmãos. Assim como os filhos de uma família são da mesma carne e sangue, assim também Jesus foi de carne e sangue humanos, para derrotar com sua morte àquele que tinha poder para matar, ou seja, o diabo. Desta maneira deu liberdade a todos os que por medo da morte vivem como escravos durante toda a vida... Y para isto tinha que ser feito igual em tudo a seus irmãos para chegar a ser diante de Deus um sumo sacerdote fiel e compassivo, e para obter o perdão dos pecados dos homens por meio do sacrifício” (Heb 2:11, 14, 15, 17 DHH).

É impressionante que Ele se identificou conosco como nosso Criador para condescender em levar em si carne humana e aguentar sofrimento e morte por nós. Isto confirma a imagem de Deus em que fomos feitos. Ele ressuscitou em corpo como o Filho Eterno com um novo corpo que não perece, como o que eu receberemos nós os que cremos nEle. Assim devemos amá-lo fielmente até o final para nos alegrarmos com Ele para sempre no paraíso que nos tem preparado.

Perguntas para fixar a aprendizagem

- 1 – Que significa ser feitos à imagem de Deus?
- 2 – O que necessita ser restabelecido com a imagem manchada pela queda do homem?
- 3 – Como podemos refletir inteiramente a imagem de Deus em nossas vidas?
- 4 – Que diferença faz o fato de que tanto o homem como a mulher terem sido criados à imagem de Deus?
- 5 – Como devem os cristãos se relacionar com aqueles que estão desamparados, com os pobres, os inválidos, os bebês que estão por nascer e com as minorias tendo em vista que levam em si a imagem de Deus?
- 6 – Como é que a encarnação de Cristo confirma a imagem de Deus em nós?

Criou Deus o Homem?

O Homem. J. Gresham Machen.

Realizou Deus sua obra criadora de uma só vez, e depois disto se limitou a utilizar a ordem da natureza que havia criado; ou interfere de vez em quando na ordem da natureza de uma forma sobrenatural, sem o uso de qualquer meio a não ser o seu poder criador imediato?

A resposta correta é a segunda opção. A Bíblia contém o relato não só das obras providenciais de Deus, como também de certos acontecimentos que Deus produziu sem empregar outros meios a não ser o exercício imediato do seu poder. Estes acontecimentos,

se ocorreram no mundo exterior em contraposição aos que, como o novo nascimento, acontecem na esfera oculta da alma, se chamam milagres.

Os milagres descritos na Bíblia são - em sua maioria, ao menos para sermos cautelosos – acontecimentos que ocorreram em conexão com a obra que Deus realizou para salvar seu povo do pecado. Creio que isto é certo tanto nos milagres do Novo Testamento como nos do Antigo Testamento. Por meio de certos milagres no Antigo Testamento Deus defendeu seu povo escolhido e aprovou a comissão conferida aos seus servos, os profetas. Mas a eleição de um povo entre todos os povos da terra, e a necessidade de enviar profetas com mensagens específicas foi por causa da entrada do pecado no mundo.

Entretanto, se levanta a questão de que se não houve mais atos sobrenaturais de Deus depois da obra inicial da criação, atos básicos para a própria constituição do mundo tal como a conhecemos, que os imaginamos mais como atos criadores que produzem o curso da natureza que como milagres que interferem no curso natural já estabelecido.

Em outras palavras: a criação foi algo realizado de uma só vez, ou foi realizada em vários atos sucessivos de Deus?

Suponho que o primeiro impulso da maioria dos cristãos ao ler o primeiro capítulo de Gênesis, é preferir a segunda resposta à questão. O livro de Gênesis parece dividir a obra da criação em seus fazes ou passos sucessivos. Claro que não é necessário pensar que os seis dias descritos no primeiro capítulo de Gênesis foram seis dias de vinte e quatro horas cada um. Podemos pensar neles como longos períodos de tempos. Mas, não indicam seis atos bem distintos na criação, mais que simplesmente seis períodos nos quais Deus deu forma ao mundo já criado por meio de atos providenciais?

Não é fácil responder a esta indagação como à primeira vista pode parecer. John Huraay, diretor do Departamento de Teologia Sistemática no Seminário Westminster, a quem devo o preparo desta série de estudos, me chamou a atenção, por exemplo, a um interessante artigo de B. B. Warfield, publicado agora em suas obras completas sobre “A doutrina de Calvino acerca da Criação”.⁵ Nele o Dr. Warfield aponta que Calvino preferia reservar o termo “criação” ao ato inicial de Deus pelo qual fez as coisas do nada, e evitava empregar a palavra para designar os atos posteriores de Deus que são mencionados em ligação com os seis dias do primeiro capítulo de Gênesis. Estes atos subsequentes parece que Calvino os considerou como ações criadoras no sentido estrito.

Me parece que é melhor não se deter muito estudando este tema, visto ser algo difícil para se falar de imediato sobre a origem do homem.

Neste ponto – ou seja, quanto à origem do homem – Calvino, como o Sr. Warfield nos diz, viu a obra criadora num sentido mais estrito da palavra; e creio que o leitor atento da Bíblia, que aceita o relato bíblico como verdadeiro, deve estar de acordo com ele. A origem do homem, segundo a Bíblia, não se deveu tão somente à ação providencial de Deus, governo por parte de Deus do curso da natureza já criada, senão que se deveu a um ato de

⁵ B. B. Warfield, "A doutrina de Calvino acerca da criação", em Calvin and Calvinism, 1931, pp. 237-349.

Deus que foi verdadeiramente sobrenatural. Deus não ordenou o curso da natureza de modo que produziu o homem, senão que Ele mesmo criou.

Ao ouvir isto, talvez alguns se mostrem aborrecidos. “Você quer dizer”, nos dirão, “que mantém esta antiquada teoria da criação especial do homem? Todo o mundo sabe nos dias atuais, que o homem procede de uma evolução de animais inferiores; inclusive um estudo elementar da estrutura corporal do homem em comparação com a de outros animais o põe fora de qualquer dúvida; a teoria da evolução é algo definitivo e quem a nega é um ignorante que não merece que se lhe preste nem um segundo de atenção.

Bem, antes que encerre o beta de uma forma tão sumária, me pergunto se me permitiriam dizer uma ou duas palavras com respeito à forma como vejo que se trata esta questão. Não me sinto o mais competente para discutir a questão de forma exaustiva. Para isto poderia referir a colegas meus do nosso seminário de professores. Mas desejo dizer de uma forma muito breve como creio que é no fundo esta questão.

O que na realidade se discute é se a origem do gênero humano teve ou não um ato sobrenatural de Deus.

Já vimos que na realidade existe um curso natural. As coisas que produzem este curso natural tem Deus como uma causa primeira, mas tem causas segundas no mesmo curso da natureza. Deus as produz, mas o faz servindo-se do curso da natureza que Ele criou.

Também vimos que de vez em quando Deus interfere no curso da natureza de uma maneira direta; então não se serve do curso da natureza já feita, senão que atua de uma maneira essencialmente semelhante à maneira em que atuou quando fez todas as coisas do nado como poder de sua palavra.

Quando tais atos sobrenaturais de Deus ocorrem no mundo exterior em contraposição, por exemplo, à esfera oculta da alma, se chamam, como vimos, milagres.

Agora, os milagres da Bíblia estão frequentemente em íntima ligação com acontecimentos que não são naturais. Assim, nosso Senhor, coloca os dedos nos ouvidos de um homem quando o curou da surdez. O por os dedos nos ouvidos do homem não foi certamente um milagre. Mas em íntima ligação com este ato perfeitamente natural se produziu um milagre. Não sabemos com exatidão onde terminou o natural e começou o milagre; mas, sim, sabemos que se produziu um milagre. Deus, neste caso, se serviu de meios naturais; mas estes meios por si mesmos não foram suficientes para produzir o efeito. Houve também, além do emprego de meios naturais, um milagre.

O mesmo ocorre, segundo a Bíblia, na criação do homem. Se utilizou o curso natural já estabelecido. A Bíblia expressa isto de uma forma simples quando diz que “Deus formou o homem do pó da terra”. Mas houve também algo além do uso do recurso da natureza já estabelecido. A Bíblia apresenta isto de várias formas. Por exemplo quando diz que Deus criou o homem à sua imagem. Parece claro que a palavra “criou” é usada no sentido mais estrito e sublime.

Mas, a Bíblia tem razão quando diz isto? Tem razão quando ensina que um ato sobrenatural de Deus interveio no começo da vida do gênero humano?

Muita gente diz que não. A ciência moderna, afirmam, tem demonstrado com clareza que o homem é produto da evolução.

Porém, eu pergunto como o tem demonstrado. Em resposta a isto, me dizem que há uma semelhança exata entre a estrutura do homem e a dos animais inferiores. Neste caso se pode estabelecer uma cadeia ininterrupta de gerações que une o homem com outras formas da vida animal.

Não vou discutir os feitos que alegam a este respeito. Não me sinto competente para isto, e, felizmente, não penso ter a obrigação de fazê-lo. O que discuto não é quanto a pertinência dos mesmos com respeito ao que realmente se ventila.

Vejamos se podemos debater a questão com clareza absoluta de modo que possamos estudá-la da melhor maneira possível.

A primeira vista não parece o suficientemente clara. Parece permanecer oculta em uma região de grande mistério. A origem do primeiro homem teve lugar há muito tempo. Não sabemos com exatidão quando foi este tempo; nem sequer a Bíblia na realidade nos diz. Nem mesmo sabemos onde foi este lugar. Parece, no entanto, algo muito distante de nós. O perceber esta distância produz em nós uma certa confusão.

Então, tomemos algo que está à mão. A origem do primeiro homem, que os que creem na Bíblia afirmam que foi um ato sobrenatural, está muito distanciado; mas a origem da vida humana de outro homem, que os crentes na Bíblia afirmam que também é um sucesso sobrenatural, recebe luz plena dos tempos históricos e ocorreu em um país que é perfeitamente conhecido.

Se uma pessoa vai a uma agência de viagem marítima nos dias de hoje pode comprar uma passagem para um pequeno país chamado Palestina, situado na parte oriental do Mar Mediterrâneo. A história deste país é bastante conhecida. Há períodos escuros na sua história – por exemplo, durante a idade Média – mas teve um período acerca do qual temos informação abundante. Foi o período civilizado e culto durante o qual a palestina esteve sob o domínio do Império Romano.

Para informar-se sobre os animais e os homens que viveram nesse período, não tira conclusões a partir de fósseis; não se adquire conhecimentos sobre a sucessão de acontecimentos baseados na forma em que os estatos da terra estão colocados.

Não, possuímos belíssimas esculturas desse período e outras ainda mais belas de um período anterior á Grécia. Temos ainda relatos históricos e muitas descrições vívidas sobre a forma de vida que os homens desta época levavam. No Egito descobriu-se muitas cartas pessoais que foram escritas nestes dias. De todas estas fontes de informação temos a impressão bastante clara que as pessoas daquela época não eram muito distintas das que vivem hoje. Eram pessoas muito parecidas com as que hoje chamamos homens.

Nesta época que é pra nós tão conhecida, viveu em um país que ainda hoje podemos visitar e em um tempo que se pode precisar tão bem, um homem que foi conhecido como Jesus de Nazaré. Nenhum historiador sério nega que este homem existiu. Viveu não em um

período antiquíssimo, porém em tempos históricos, e nos dias de hoje podemos contemplar as paisagens que ele contemplou quando andamos às margens do Lago da Galileia.

Qual foi a origem da vida humana deste homem chamado Jesus? Descendeu de homens anteriores por geração normal? Foi produto da evolução?

Bem, se tivéssemos tão somente o tipo de prova na qual se baseia a doutrina da evolução, sem dúvida responderíamos de forma afirmativa a esta pergunta; diríamos sem sombra de dúvida que Jesus de Nazaré procedeu de homens por geração. Ninguém teve a impressão de ser ele de aparência anormal. Foi surpreendentemente diferente, em realidade, de outros homens em sua índole moral e em poderes. Mas não creio que se pode duvidar que, se seu corpo tal como era quando viveu na terra, estivesse enterrado em algum lugar – o qual, de fato, não está - e se algum arqueólogo ou geólogo chegasse a descobrir esses restos em algum lugar, estes seriam sumamente similares à estrutura corpórea dos homens que o precederam.

Que conclusão se tiraria disto se se empregasse a mesma forma de raciocínio que usam os defensores do evolucionismo quando argumentam em favor da origem do primeiro homem de outras formas de vida animal? Sim, se concluiria que Jesus descendeu naturalmente por geração de homens que viveram antes dele sobre a terra. A prova de uma descendência corpórea ininterrupta, que no caso do primeiro homem não é, depois de tudo, nem muito menos completa, já que, pelo menos, existe vazão enorme entre os restos do homem e de outras formas de vida animal, no caso de Jesus homem pareceria absolutamente completa. A prova pareceria uma evidência esmagadora.

Entretanto, apesar desta evidência, nos sustentamos, embasados no testemunho do primeiro capítulo Mateus e o primeiro de Lucas, que Jesus não descendeu por uma geração normal de homens que o precederam, senão, que no começo de sua vida na terra interveio o ato criador de Deus, a concepção sobrenatural no seio da virgem Maria. Sequer o corpo de Jesus, para não mencionar sua alma, se produziu, pois, segundo nossa crença, somente por evolução ou somente por geração normal no curso normal da natureza, senão que foi reproduzido também por um ato sobrenatural de Deus. Aqui temos um exemplo de criação especial no meio da mesma história

Muita gente nega que o relato bíblico do nascimento virginal de Jesus seja verdadeiro. “Se enganam”, nos dizem, “em sustentar que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo no seio da virgem Maria. Na verdade não foi mais que o filho de José; Afinal de contas, foi produto de geração normal”.

Muito bem, já que tem gente que diz isto. Sei perfeitamente bem que muitos negam o nascimento virginal de Cristo. Mas o que eu digo é que quando se nega, e quando ao negar rejeitam a opinião que eu tenho acerca do assunto, não podem menosprezar-me por carecer de certa quantidade de conhecimentos que eles possuem. Não podem me dizer como os evolucionistas fazem em respeito à origem do primeiro homem: “Não sabem o suficiente de biologia e geologia para ter direito a opinião; nós somos peritos nestas matérias.” É óbvio que neste assunto o experto em biologia não é nem um ápice mais competente para julgar do que o é um homem simples. A aparência corporal entre Jesus e os homens que

viveram antes dele na terra é admitido por todo mundo. Mas apesar de tal aparência, com base em testemunhos adequados, sustentamos que Jesus não descendeu de homem por geração normal, senão que sua vida humana causou a intervenção do poder imediato de Deus no curso do mundo.

Mas, se houve uma intervenção imediata do poder de Deus em relação à origem da vida humana de Jesus, por que não poderia também haver uma intervenção imediata do filho de José por geração normal? Se a aparência em estrutura corpórea não exclui o milagre em um caso, por que deveria excluir em outro?

Estou perfeitamente consciente do fato de que há uma grande diferença entre os dois casos – não só uma diferença entre os homens que começaram a viver em ambos casos como resultado do ato sobrenatural de Deus (já que Adão foi somente homem e Jesus foi Deus homem), senão também uma diferença no ato sobrenatural mesmo de Deus. Nem por um momento admito que os seres que viveram antes do primeiro homem sobre a terra foram semelhantes a ele quanto ao corpo. Sustento que as lacunas que existem na prova de continuidade entre os animais inferiores e o homem são muito significativas e não creio que numa se salvarão.

O que procuro dizer é que a verdadeira decisão quanto à opinião que é preciso ter acerca da origem do primeiro homem não pode ter base na consideração das provas a que aludem biólogos e geólogos. Se se chegar à mesma baseado no estudo de ditas provas, possivelmente o homem comum nunca teria direito a formar uma opinião própria. Então, pareceria que se trata de uma questão que só os expertos podem debater, e que ao homem comum não resta mais que aceitar o veredito que os expertos emitem. Mas o fato é que a decisão se alcança baseada em outros tipos de provas que entram tanto dentro do âmbito da competência do homem comum como dos expertos.

Há um Deus, criador e senho do mundo? Ele tem poder para intervir de forma criadora no mundo que fez? Ele interveio, de fato, de forma criada no caso da pessoa de Jesus Cristo e nos milagres mencionados na Bíblia?

Se estas perguntas são respondidas de forma negativa, então não há dúvida de que se terá uma ideia revolucionária acerca da origem do homem. A prova biológica e geológica é óbvia que por si mesma não justifica tal ideia. Existem, para dizer o mínimo, lacunas assombrosas na prova e na pertinência da mesma que se pode ser colocadas em juízo. É óbvio que é preciso dar um salto no escuro para aceitar a hipótese evolucionista. Mas, este salto parecerá natural ao homem que não crê em um Deus pessoal e transcendente que é sempre livre diante do mundo que Ele mesmo criou, e ao homem que não crê que na pessoa de Jesus Cristo Deus interveio de fato no curso do mundo com um ato imediato e sobrenatural.

De outro lado, para aquele que não compartilha destes pressupostos naturalistas, o salto que comprova a hipótese evolutiva, parece ser um salto verdadeiramente ousado. Para o que não crê que Jesus Cristo foi um produto da evolução e que crê que veio a este mundo por um milagre maravilhoso, o testemunho em favor da origem igualmente sobrenatural do

primeiro homem vai lhe parecer esmagador. Esta pessoa dirá com grande confiança que o homem não é um produto da evolução, mas que Deus o criou.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1 – Para que Deus fez milagres? Explique.

2 – A criação foi realizada de uma só vez, ou em vários atos sucessivos de Deus?

3 – A explicação evolucionista é mais “científica”, ou é necessário dar um salto no escuro? Explique.

Como Deus criou o Homem?

O Homem. J. Gresham Machen.

A resposta que se dá a esta pergunta no Catecismo Menor das igrejas presbiterianas é o seguinte: “Deus criou ao homem macho e fêmea, à sua imagem quanto ao conhecimento, justiça e santidade, com domínio sobre as criaturas”. A Confissão de Fé de Westminster coloca de uma forma mais explícita um aspecto que está implícito no Catecismo Menor quando diz que Deus criou ao homem “com alma racional e imortal. Quero falar sobretudo acerca deste ponto tão importante.

Não há dúvida de que a Bíblia fala de dois princípios ou substâncias distintas no homem – o corpo e a alma.

Isto aparece com toda clareza no primeiro livro da Bíblia, onde, ao relatar a criação do homem, se diz: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Esta ideia faz parte tão íntima de toda a Bíblia que citar passagens para demonstrar isto pareceria quase supérfluo. Quando Jesus distingue entre alma e corpo com as solenes palavras: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”⁶ o que faz é expressar de forma explícita o que na realidade constitui parte essencial de todo o ensinamento da Palavra de Deus.

A Bíblia não ensina de fato que seja bom para a alma estar separada do corpo; não está de modo nenhum em favor da ideia grega de que o corpo é a prisão da alma e que o estado de separação do corpo é um estado de liberdade que deveríamos desejar. Ao contrário, ensina bem claramente que a relação entre corpo e alma é algo normal e desejável e que um estado sem corpo é um estado de desnudez do qual o cristão quer se

⁶ Mateus 10:28

ver livre. Assim pois, a doutrina cristã da ressurreição do corpo é muito diferente da doutrina grega da imortalidade da alma.

Entretanto, a Bíblia ensina que a alma é uma substância distinta do corpo e que pode subsistir e, no caso dos que morrem antes do retorno de Cristo e do juízo final, subsiste, de fato, separada do corpo.

Ao afirmar, pois, a existência da alma, a Bíblia está em conflito direto com muitas tendências poderosas da incredulidade moderna. Muitos não crentes negam não apenas a existência de um Deus pessoal, como também a da alma humana. De fato, as duas negações andam intimamente unidas. Há um ditado que afirma que se uma pessoa não crê que existe a alma no pequeno mundo da vida do homem, tão pouco é provável que creia que existe um Deus no grande mundo do universo.

A forma mais completa de negar a existência da alma está na doutrina materialista que se resume de forma tão pitoresca no aforismo que diz que o cérebro segrega o pensamento como o fígado segrega a bile.

Me pergunto se vocês tem sentido alguma vez o efeito deprimente desta doutrina, tal como aconteceu comigo num certo período da minha vida.

Existe algo misterioso na conexão íntima que vemos entre a mente e o cérebro, não é verdade?

Certas funções mentais tem demonstrado que estão em ligação com certas zonas cerebrais. Se estas zonas sofrem alguma lesão as funções mentais são interrompidas. Por acaso, isto não demonstra que todas as funções mentais não são mais que reações físicas – formas especialmente complicadas de reações físicas, claro está – mas contudo simples reações físicas?

Quando tocamos uma planta de folhas sensíveis, estas se contraem e fecham. Neste caso da planta não existe atividade nenhuma mental. Agora, certas reações dos animais e do homem não parecem ser essencialmente diferentes. Há um certo estímulo sensorial; este estímulo se transmite ao cérebro por meio dos nervos sensoriais; imediatamente é transmitido um impulso do cérebro para os músculos e, em seguida, há uma ação imediata. Parece mais como se fosse uma máquina de grande precisão e delicadeza.

No caso de alguns estímulos sensoriais a ação não se segue de imediato. Por exemplo quando os raios de luz que procedem de uma página impressa atingem a retina ocular; o nervo óptico transmite a impressão ao cérebro. No momento não parece que está acontecendo algo. Vemos o homem ler. Continua sentado tranquilamente no sofá e não parece reagir de nenhuma forma imediata a estas impressões sensoriais.

Às vezes, confesso, que é difícil pra mim reagir imediatamente. Tem certas coisas tão irritantes que quando as encontro impressas sinto a necessidade de fazer algo de imediato. Mas me contenho. Continuo sentado. Não me fecho como uma planta sensível: não dou pontapés como quando o médico dá batidinhas no joelho para ver se meus nervos estão bem. Parece que não faço nada.

Mas, diz o materialista, uma impressão foi produzida no cérebro. Essa pequena coisa irritante impressa, deixou uma marca no cérebro. Depois de tê-la lido nunca mais voltarei a ser como antes. A impressão física no cérebro é muito diminuta para que nem mesmo o microscópio mais poderoso possa descobrir. Mas a questão é que em determinado momento, talvez anos depois, é possível que afete minha conduta. O cérebro, em outras palavras, possui a faculdade de gravar impressões de forma física, igual a que se grava num disco e em determinado momento no futuro o que foi gravado pode ser reproduzir.

Muito bem, tudo isto é muito simples, Não é mesmo? Todos os fatores desconcertantes foram eliminados. Todo o universo foi colocado debaixo da única égide de uma lei de conservação de energia física.

Claro que alguns de nós, os pobres ignorantes, talvez faça certas perguntas. Esta teoria materialista tem explicado de forma tão bonita todas as ações físicas do homem. Mas, não se esquece de algo? Como se explica o pensamento? E como a consciência? Não resulta num mecanismo mais curioso depois de tudo? Tem uma máquina, por mais complicada que seja, consciência de si mesma e do mundo que a rodeia? Não deve ser, portanto, algo mais que uma máquina? Não deve ser a mente algo diferente do cérebro?

Bem, o materialista não presta atenção a perguntas tão néscias como estas. Claro, admite que existe esta curiosa associação de certos fenômenos cerebrais que chamamos consciência ou pensamento. Não se sabe muito bem como explicar. Não se pode observar num microscópio; não se pode pesar numa balança química. Mas não devemos nos preocupar muito com isto. O que não se pode ver num microscópio nem se pesar numa balança química, não merece consideração científica; não produz efeitos no poderoso processo da natureza. Este permanece sempre sob a lei da conservação da energia prescindindo estes estranhos fogos fátuos da consciência que intervêm em certas operações naturais. Não, não há com que se preocupar por minúcias intangíveis como essas. “Mal e bem, dores e alegrias”. Isto é bom para os poetas e crianças, mas não merecem a atenção do científico.

Esta é a atitude do materialista. Há nisto uma certa fascinação; possui a fascinação do simples. Me lembro, como já mencionei, que houve um tempo na minha vida que esta ideia me atraiu. Mas li *Naturalism and Agnosticism* de Ward e outros livros e pude escapar da mesma. Ou, melhor dizendo, Deus me tirou gratuitamente do abismo.

A verdade é que a simplicidade do materialismo é uma simplicidade daninha. É o tipo simplicidade que leva a ignorar certos fatos. Qualquer problema se torna tão simples se é enfocado assim, como simples, ou seja, se desconsiderarmos os fatores que não são consistentes com a ideia que se tem sobre a solução.

Os problemas de xadrez são, de certo modo, parecidos. Acredita-se ter a solução do problema: “Jogam as brancas e xeque mate em três movimentos!”. Faz os movimentos que lhe parece melhor para as brancas: depois imagina todos os movimentos que as pretas poderiam fazer; depois as neutraliza com movimentos geniais das brancas. Assim, as pobres pretas vão direto à morte. Em três movimentos das brancas as pretas aparecem inevitavelmente em xeque mate. Parece que que o problema está resolvido. Você é um

genial jogado de xadrez. Mas logo examina o problema mais detalhadamente e descobre que as pretas tem outro escape contra o primeiro movimento das brancas. Tem um bispo ou uma torre ou um cavalo que pode ser movimentado de tal modo que o xeque mate seja evitado.

Bem, o que você faz quando descobre esse possível movimento das pretas? Continua firme na mesma solução do problema? Pensa: “era uma solução muito boa, vou continuar com ela ignorando o movimento desconcertante das pretas que a desfez”. De modo nenhum”. Nos problemas de xadrez não existe o “quase acertei”. O movimento desconcertante das pretas fez cair por terra sua solução como se como se tivessem sido feitos dois movimentos em lugar de um. Só a possibilidade desse movimento das pretas já é necessário muda por completo o primeiro movimento das brancas. É preciso voltar e começar desde o princípio.

O mesmo acontece no caso dos materialistas e de sua fácil solução do problema do universo. Tem a solução completamente pronta. É uma solução muito atrativa. Tem toda a beleza do simples. Parece digna de estar entre as melhores soluções no jornal da manhã. Então eu lhe mostro o fato de que esta solução ignora a presença como um dos fatores do problema da mente ou consciência ou pensamento.

O que você me diz quando lhe mostro isto? Bem, talvez diga que não lhe agrada o que te disse. Isto é científico, me diz; e ofende sua dignidade trata de algo tão imponderável como a consciência ou mente.

Que te digo, então? Bem, temo ser um pouco teimoso sobre este assunto. Te digo: “Sim, sei que você não gosta este imponderável que se chama consciência. Não fico surpreso que não lhe agrada, porque põe por terra sua solução do problema do universo. Sinto muito, amigo. Deve ser muito desagradável ter que voltar e começar a buscar a solução do problema. Mas a verdade é que não posso evitar. Depois de tudo temos que aceitar os fatos como são. Não podemos descartar nenhum só fato que não nos agrade. Como científico deveria estar de acordo com isto.

Esta poderia ser a resposta que daria o materialista. Espero que não pensem que ao dar esta resposta também eu caia nesta mesma simplicidade inadequada da que acusei meu oponente. Nem por um momento pretendo que com a minha solução do problema do universo, que trato de por no lugar da que me apresenta o materialista, tenho respondido a todas as possíveis perguntas e eliminado todos os mistérios. Mas contudo me atrevo a afirmar com toda a confiança que qualquer que seja a solução que se dê ao problema não satisfaz nenhuma que não leve em conta a realidade da consciência ou mente.

Em realidade, quando se pensa nisso, acaso a realidade ou mente não é mais certa que a existência do mundo material? Em todo caso, não é a consciência ou mente aquilo de que com mais claridade temos consciência?

Confesso que tenho uma certa simpatia pela posição do idealista a este respeito. O materialista diz que a matéria é a única realidade. Logo vem o idealista ativo e diz: “Não, a única realidade é a mente”. Digo que tenho certa simpatia por ele quando afirma

isto. Não que esteja de acordo com ele. Mas que sinto simpatia. Vejo que se engana, mas ao menos posso entender como “se desviou”.

O fato é que o que conhecemos de forma mais imediata é nossa própria mente. Posso dizer, em realidade, que percebo outras coisas aparte de minha própria mente. Digo que percebo um microfone que está a minha frente neta estação de rádio. Para citar as palavras de Mak Twain: “parece um microfone, está colocado como um microfone, e que me matem se não creio que é um microfone”. Assim penso se penso como o simplório Mark Twain ao examinar o buraco no teto, e assim penso se penso como o americano corrente.

Mas logo vem o filósofo idealista e este pensa de forma distinta. Diz que vê um microfone diante de si. Me diz: “Bem, não vai me dizer que crê que o microfone em realidade existe”. Diante disto fico alarmado. Tem algo errado comigo? Estou tendo visões? Quase temo em responder. Mas, por fim, me atrevo a fazê-lo: “Sim, senhor”, digo, “sim, creio que é de verdade um microfone. “Como sabe que é um microfone?”, me diz ele. “Porque o vejo”, afirmo. “Aqui está, é um microfone marrom”. Meu filósofo idealista sorri zombeteiro. Está evidente que pensa que me encurralou. “O que você está me dizendo?” pergunta. Você disse que o microfone é marrom? Bem, o que quer dizer com 'marrom'? Suponha que o microfone estivesse sempre em lugar completamente escuro e suponha, também, que ninguém nunca ninguém, nem mesmo pudesse haver alguém, que visse o microfone, teria sentido dizer que o microfone é marrom, ou branco ou negro? Não é, pois, a cor do microfone em realidade algo que está na mente do que o contempla e não algo que está no microfone mesmo?

Bem, começo a refletir e pode se que chegue à conclusão de que talvez haja algo de verdade no que meu amigo filósofo diz. A cor do microfone, sim, parece algo que está na mente do que o contempla e no algo que pertence ao microfone mesmo. Mas, em seguida, vem à minha mente algo brilhante. Não estou consciente da existência do microfone por outros meios além do sentido da visão? “Como”, digo ao meu amigo idealista, “sei que o microfone existe? Porque o posso tocar. É isto. Segurei nele, é duro, tem um certo tamanho porque me leva algum tempo passar o dedo de um a outro lado. Então, meu amigo filósofo, o que você me diz disto? Não é possível que reduza algo tão duro e grande como este microfone a uma simples ideia da mente. Não se pode tropeçar com uma ideia. Se tropeço com algo ou o toco sei que não é uma ideia da minha mente, senão algo que sem dúvida existe.

Mas custa muito reduzir ao silêncio estes filósofos em uma discussão. Para tudo tem uma resposta. E por isto meu amigo filósofo idealista não se impressiona em nada com minha argumentação com base no sentido tátil. “Depois de tudo”, diz, “os sentidos do ponto de vista filosófico são todos essencialmente iguais, e todos por igual não merecem confiança. Quando digo que toco um microfone, a única coisa de que posso estar seguro é de uma certa sensação da mente. Como filósofo não posso dizer mais. Assim que, se houvesse um mundo independente da minha mente nunca poderia saber como é. Como posso, então, saber que o que é em realidade?”.

Assim fala o filósofo idealista sobre o problema da mente e a matéria. Que se pode dizer deste filósofo idealista? Temo que alguns de vocês talvez não tenham que dizer muita

coisa. Temo que alguns de vocês inclusive cheguem a dizer que está “maluco”. Por que perder tempo com “tontos” como este?

É possível que quase tenham razão sobre este filósofo idealista. Não digo que não a tenham. Mas, compreendam, quando uma forma de loucura se generaliza tanto como esta filosofia idealista, com sua escola de ascetismo acerca da existência de um mundo externo, o tem feito no curso da história humana e quando prevalece por épocas inteiras e se filtra através de filósofos e poetas até chegar à vida do homem comum em mil aspectos distintos, então, acho que é hora de dedicar certa atenção ao assunto, se amamos a nossos irmãos, os homens.

Desde então eu tenho que dizer que, na sua forma lógica – a única forma na qual se pode encontrar algo plausível acerca do assunto – se pode facilmente demonstrar que tem implicações absurdas. Parte do pressuposto que é difícil ver como se pode estar de todo seguro de qualquer realidade que exista independentemente da mente. Mas dizer que não há realidade nenhuma fora da mente é um absurdo. Significaria que a China, Japão e Índia não existiram até que se teve consciência deles. Mas, afirmam muitos filósofos idealistas, haver outras mentes além da minha e, por isto, China, Japão e Índia existiam antes de que se tivesse conhecimento deles porque existiam em outras mentes. Na realidade, existiam e todas as outras coisas existem, como eu existo e vocês existem, na mente de Deus.

Assim, chega o idealismo, a partir da ideia absurda, mas consequente, de que as coisas só existem na mente, ao deprimente, mas menos obviamente, absurdo panteísmo que sustém que as coisas existem somente na mente divina.

O problema é, sem dúvida, que ao dar este passo a filosofia idealista sacrificou tudo o que faz seu conteúdo de certo modo plausível. No momento que admito que existem outras mentes à parte da minha, admito que há uma realidade fora da minha mente; e quando admito isto dei um passo realmente difícil e não há razão nenhuma para não segui adiante e admitir a existência de todo o mundo externo como faz o homem comum.

Temo, porém, que alguns de vocês começam a ficar impacientes com esta exposição. “Não é hora” dirão, “de voltarmos ao sentido comum?” E talvez, outros queiram voltar à Bíblia. “Não é hora de voltarmos à Bíblia?” Talvez digam: “Acaso não se supunha que esta hora estava dedicada à exposição do que a Bíblia ensina? E aqui estamos perdendo tempo com uma série de sutilezas filosóficas”.

Por inclinação simpatizo muito com ambas sugestões. Estou disposto a voltar ao sentido comum e à Bíblia. E o melhor do caso é que se fazemos qualquer uma das duas coisas com respeito ao tema que nos é posto, também fazemos a outra.

A Bíblia é um livro com um sentido comum extraordinário. No meio dos excessos à direita ou à esquerda, a Bíblia segue o caminho certo do sentido comum; e não parece que é vergonhoso fazê-lo. Com uma certa segurança majestosa confirma o juízo comum do gênero humano de que a mente é uma coisa e a matéria outra e que ambas existem realmente.

Mas, talvez digam: que responderemos à nossa dificuldade inicial? Que diremos da conexão entre os fatos da consciência e as mudanças físicas que se produzem no cérebro? Vamos negar que há certa conexão?

Não, repondo. Não nego que exista certa conexão. Quando me dedico ao pouco comum exercício mental de pensar, às vezes acabo com dor de cabeça. Me atrevo a dizer que meu pensar e sentir estão sempre acompanhados de certa mudança física no cérebro.

E como explicar isto? O materialista explica esta conexão entre os processos físicos cerebrais e o pensar da mente dizendo que só existem os processos físicos e que o que chamamos mente não é mais que uma forma muito complicada de processo físico. A explicação é completamente absurda, quando se pensa bem. Mas, não há outra explicação satisfatória? Por que não explicar a conexão entre processos cerebrais e processos mentais dizendo que a mente utiliza o cérebro como instrumento? Esta tese foi defendida vigorosamente por Tompson em sua obra *Brain and Personality* que viu a luz há alguns anos. Nada pode se opor a ele.

Não há dúvidas de que a relação entre a mente e o cérebro é um grande mistério. Os processos mentais e os físicos parecem ser tão completamente opostos. Mas há muita coisa misteriosa que no entanto se aceita como fatos. Assim, com grande confiança podemos aceitar o ensino bíblico de que o homem tem corpo e alma e que nem um nem outro são simples aparências, senão que ambos realmente existem.

Perguntas para fixar a aprendizagem

- 1 – Que ensina a Bíblia sobre a alma? Explique.
- 2 - Por que os materialistas não creem na alma, que explicação são?
- 3 – Que diz o idealista? Explique.
- 4 – Como explica a conexão entre os processos cerebrais e os processos mentais?

A Imagem de Deus no Homem

O Homem. J. Gresham Machen.

Na última palestra falamos acerca da alma do homem. Deus criou o homem com um corpo, dissemos, mas também com uma alma. Penso que deveríamos sustentar não só que

o homem tem alma, mas também o quão é importante que este homem saiba que tem uma alma.

Muitas pessoas parecem pensar que isto não tem importância especial. Analisemos a conduta das pessoas, dizem; classifiquemos as observações; e, tratemos de conseguir que as pessoas obtenham tais hábitos que sua conduta seja tal que contribua para o bem estar da raça. Este, dizem tais pessoas, é o método científico genuíno. No mesmo é preciso evitar a todo custo a introspecção, todas as perguntas que o homem quiser fazer acerca de sua própria vida íntima, o falar sobre a existência da alma e coisas semelhantes. Basta considerar a conduta humana, estudá-la tal como é, e deixar as questões metafísicas ou filosóficas sobre a alma ou de Deus completamente de fora.

Tal é seu método. O estranho é que alguns que, suponho, creem na existência da alma e de Deus parecem pensar que pode seguir com toda confiança tal método. Por que não aceita os estudos psicológicos que não creem nem na alma nem em Deus e então emprega-os para propagar uma filosofia e teologia de todo diferente do ascetismo que eles professam? Por que o cristão não pode considerar as investigações destes psicólogos como adequadas em sua limitada esfera?

Esta forma de raciocínio é muito precária. De fato, não se pode separar uma esfera do conhecimento de outra em compartimentos como esse. Não, a ideia que alguém tem acerca da alma e de Deus afetará a interpretação que dos fenômenos da conduta humana; e, por outro lado. Ao observar de uma perspectiva falsa ou limitada dos fenômenos da conduta humana afetará a ideia que alguém tenha acerca da existência da alma e da existência de Deus.

Creio, pois, que é não só importante que tenha alma, senão que é importante também que saiba que a tenho.

Que significa, então, dizer que tenho alma? Que quer dizer a Bíblia quando afirma que tenho alma?

Antes de tudo quer dizer aquilo que foi dito na palestra anterior. Quer dizer que os materialistas estão enganados e que, contrariamente ao que eles pensam, a mente ou consciência é algo diferente do cérebro.

Mas também, quer dizer algo mais que isso. Quer dizer não só que o homem tem mente ou consciência, mas que, também, essa mente ou consciência é uma unidade. Não é uma simples fonte de consciência, mas a consciência de uma pessoa. Não é tão somente que dentro de mim se dá o pensamento, mas que eu penso. Fui eu há muito tempo atrás, é o mesmo eu na atualidade e será o mesmo eu toda a eternidade. Isto quer dizer a Bíblia quando me diz que tenho alma.

É algo assombroso este terrível isolamento da alma individual. Os teólogos e filósofos tem expressado isto em muitas obras eruditas; e, também, o expressa o clamor do coração humano.

Fica explicitado, por exemplo, nas palavras de uma música negra que eu gosto muito. Vocês tem escutado alguma vez com ânimo alegre como se fosse algo divertido? Bem, se

tem ouvido alguma vez assim, me parece que dirão que ainda que quisessem sair rindo saíram orando. Recordo minha mãe que costumava falar da solenidade com que a música proclama a solidão da alma na presença de Deus. “Não é meu pai”, diz a música, ainda que não me lembro bem as palavra, “não é minha mãe, não é meu irmão; sou eu, Senhor, que necessito oração”.

Eis aí o clamor da alma humana, em sua espantosa separação de tudo mais, na terrível solidão de sua existência como alma indivisível e imortal.

Essa solidão e esta natureza indivisível da alma são próprias de todos os homens, qualquer que seja sua condição. É uma das coisas que mais nos constitui como homens. Assim fomos feitos na criação de uma vez por todas. Nem mesmo o pecado a destrói, ainda que o pecado faz com que já não seja uma bênção, mas sim um horror e maldição indescritíveis.

Isso, num breve resumo, é o que a Bíblia quer dizer quando afirma que o homem tem alma.

A esta altura, temos a necessidade de nos determos por uns momentos a uma questão subsidiária, a fim de que o ensino da Bíblia com respeito á natureza do homem apareça em toda sua simplicidade.

Dissemos que segundo a Bíblia o homem tem corpo e alma. Mas muitos que leem a Bíblia – não somente eruditos mas, também, leitores piedosos – tem nos dito que isto não é tudo o que ensina a Bíblia. Não – dizem – o homem, segundo a Bíblia, está composto de corpo, alma e espírito. Defendem, pois, uma divisão não bipartida, senão tripartida da natureza do homem.

Aqueles que tem esta ideia diferem, está claro, quanto ao que constituem a diferença entre o que chamam de alma e o que chamam de espírito. Alguns consideram a “alma” como simplesmente o princípio da vida animal – o princípio de vida que o homem compartilha com os animais inferiores. Mas estou inclinado a pensar que na forma mais popular desta teoria se considera que a “alma” compreende as faculdades do homem incluindo as do intelecto, sentir e vontade, que são faculdades especificamente humanas, mas não compreende uma parte ainda mais elevada da natureza do homem pela qual entra em comunhão com Deus.

É correta ou errada esta teoria? Ensina realmente a Bíblia que o espírito do homem se distingui da alma, ou bem ensina que a alma e o espírito do homem são exatamente a mesma coisa, mas com nomes distintos?

Creio que a resposta a esta interrogação se encontra com especial clareza numa grande passagem no segundo capítulo da Primeira cara aos Corintios e no começo do terceiro.

Nesta passagem Paulo distingue várias vezes alma e espírito, e distingue ao homem a quem caracteriza a “alma” do homem a quem caracteriza “espírito”. “Mas o homem natural”, diz, “não percebe as coisas que são do espírito de Deus, porque para ele são loucura e não as pode entender porque não de se discernir espiritualmente. Entretanto o espiritual julga

todas as coisas; mas ele não é julgado por ninguém”. Acabo de citar I Cor. 2:14s. Esta tradução, como veremos em alguns momentos, é excelente, muito adequada ao texto original. Mas o que o texto grego diz em lugar de “homem natural” é “homem anímico” - adjetivo que não é apropriado neste caso.

Mas se a Bíblia contrasta o “homem anímico” ou o “homem-alma” com o “homem espírito” nesta passagem, não será isto um exemplo muito claro da divisão tripartite da natureza do homem, a divisão não só em corpo e alma, senão em corpo, alma e espírito? Não distingue esta passagem claramente o espírito do homem da alma do homem?

A resposta é um redondo NÃO. Pelo contrário, esta passagem se opõe claramente à divisão tripartite da natureza do homem em corpo, alma e espírito. E sugere a divisão dobre em corpo e alma. O fato é que a palavra “espírito” no adjetivo “espiritual” que se emprega na expressão “homem espiritual, não se refere ao espírito do homem. Mas sim ao Espírito de Deus. Não vejo como poderia dizer mais claramente o que diz a passagem. “Porque, quem dos homens sabe as coisas do homem”, diz a passagem no versículo onze, “senão o espírito do homem que está nele? Assim, também ninguém conheceu as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus”. Logo a passagem segue falando acerca do homem que conhece as coisas de Deus porque o Espírito de Deus está com ele.

Que, pois, quer dizer “homem-espírito” ou “homem espiritual” em contraposição a “homem-alma”? Está mais claro que a luz do dia. O “homem-alma” é o homem que tem somente a alma humana, e o “homem espiritual” é o homem que, além da alma humana, tem o Espírito Santo, o Espírito de Deus.

É muito diferente o uso da palavra “espiritual” na terminologia religiosa moderna. Quase cheguei a odiar esta palavra, de tão mal que se emprega. Se utiliza constantemente para designar ao homem religioso, ao homem que se supõe ter desenvolvido uma assim chamada capacidade religiosa peculiar em sua natureza em contradição a outras faculdades. Assim, às vezes, se diz de algum crente que ocupa o púlpito, se se objeta que sua pregação não está de acordo com a Palavra de Deus: “Oh, mas é tão espiritual!” Querem dizer, imagino, que não se interessa pelo dinheiro, nem pelo necessário para comer, senão que se preocupa somente por aquilo que se refere ao espírito humano. Isto está realmente longe do sentido bíblico da palavra. No sentido bíblico, o homem espiritual é o que nasceu de novo, e que não tem somente uma parte da natureza, mas, sim, toda ela transformada pela ação sobrenatural do Espírito de Deus.

Acredito, então, que a divisão tripartite do homem em corpo, alma e espírito não está de acordo com o significado genuíno desta grande passagem do segundo e terceiro capítulos de Coríntios. Mas, não tem outros textos bíblicos que parecem favorecer esta divisão tripartite?

Me parece que a única passagem à qual se pode recorrer com uma certa verossimilidade de que sugere dita divisão, é que se acha em I Ts 5:23, na qual Paulo pede que o espírito, alma e corpo de seus leitores se mantenham íntegros e sem defeito quando vier nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, sem dúvida que a passagem não pode ser utilizada para desbancar o claro ensinamento das demais cartas de Paulo e o restante da Bíblia.

Parece claro que o que Paulo faz é usar uma expressão mais plena para indicar a esperança que tem de que todo o ser dos tessalonicenses se mantenha de tal modo que possam se apresentar irrepreensíveis quando Cristo venha pela segunda vez. Acumula palavras para expressar uma ideia. Creio que podemos afirmar que se houvesse tido outras palavras além de “alma” e “espírito” para expressar esta ideia, ele teria empregado também.

Deveríamos rejeitar com firmeza, portanto, a ideia de que a natureza do homem segundo a Bíblia se divide em corpo, alma e espírito. Quanto mais reflito sobre isto, tanto mais me convenço de que a ideia de uma natureza tripartite do homem é um erro grave. É um erro que muitos cristãos sinceros têm defendido, e defendido com erudição e reverência; e, contudo, continua sendo um erro grave.

Conduz ao que se poderia chamar ideia da presença de Deus que enche um “quarto desocupado”, o homem redimido – à noção de que antes que o homem se torne um cristão tem a natureza em ordem com exceção de um quarto que está vazio, o quarto que deveria ser templo de Deus. Conduz, em outras palavras, à noção de que o que acontece quando alguém se torna um cristão é simplesmente que uma parte da natureza humana, a parte “espiritual”, uma parte descuidada, se desenvolve e dá lugar ao que deveria sempre ter na vida humana.

Esta ideia não faz justiça aos ensinamentos da Bíblia. O verdadeiro estado da natureza humana depois da queda do homem não é que uma parte da mesma ficou ilhada ou pode alcançar um crescimento raquítico, mas sim que toda ela está corrompida. O que ocorre quando alguém se converte à fé cristã não é que Deus é entronizado em uma parte da natureza humana que antes se encontrava como um quarto vazio, senão que todo o homem, corrupto antes por causa do pecado, é transformado pelo poder regenerador do Espírito de Deus.

Creio, então, que deveríamos ter bem clara a ideia de que a Bíblia não distingue o espírito humano da alma humana. Não se pode duvidar de que estas duas palavras designam o mesmo de duas maneiras diferentes, e seria interessante estudar a diferença entre elas; mas o que importa observar é que designam a mesma coisa. São simplesmente duas palavras diferentes para designar o que em castelhano chamamos “*ya alma del hombre ya espíritu del hombre*” e que a fim de evitar confusões, de agora em diante chamaremos alma humana.

Que temos feito nesta exposição? Não dedicamos a sutilezas que nos têm desviado da simplicidade da Bíblia? Pelo contrário, creio que temos eliminado as sutilezas que têm rodeado a interpretação da Bíblia, a fim de voltar à verdadeira simplicidade da Palavra de Deus. A Bíblia oferece uma ideia muito simples da natureza do homem. O homem, segundo a Bíblia tem corpo e também alma.

Creio que devemos retornar ao ensino simples da Bíblia.

Quando voltamos a ela, estamos em condições de pensar em suas implicações. Não distraídos, mas sem intenção alguma de distinguir a alma do homem do espírito do homem, podemos passar a contemplar o grande mistério que a Bíblia designa com essas duas

palavras. Esse mistério é proclamado pela Bíblia quando nos diz que Deus fez o homem à sua imagem. “E criou Deus o homem à sua imagem”, diz a Bíblia, “à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”⁷.

A “imagem de Deus” não se pode referir ao corpo do homem porque Deus é espírito; então deve referir-se, portanto, à alma do homem. A alma do homem foi feita à imagem ou semelhança de Deus.

Mas, então, o que aconteceu com a alma do homem quando foi criado, para que fosse semelhante a Deus? Um elemento importante nessa semelhança já foi mencionado. Deus é pessoa, ou melhor, três pessoas em um só Deus e o homem é pessoa. Nisto o homem é semelhante a Deus.

Que mistério tão extraordinário é este! Aqui temos o homem, criatura finita, que saiu da mão criadora de Deus, e que anda pela terra com um corpo feito do pó da terra. E contudo, este ser, tão insignificante como pode parecer à primeira vista, possui um dom estranho e terrível da liberdade pessoal e é capaz de gozar de uma relação pessoal com o Deus infinito e eterno. É isto que a Bíblia, sem dúvida alguma, quer dizer quando afirma que Deus criou o homem à sua imagem.

Mas significa só isto?

Alguns assim tem afirmado. Dizem que a imagem de Deus no homem significa não que o homem foi criado de modo algum como pessoa igual à pessoa de Deus, senão simples e somente que é pessoa. Não implica, dizem tais pessoas, nenhuma semelhança moral entre o homem como criatura e Deus.

Os que afirmam isto se dividem em duas classes.

Em primeiro lugar, há aqueles que dizem que o homem antes de cair em pecado era um ser neutro no que diz respeito ao bem e ao mal. Era homem, e isto era tudo. Não era nem bom, nem mal, e a ele correspondia decidir ser bom ou mal. Não havia distinção entre bem e mal. Se tivesse decidido algo bom, teria se tornado bom e se tivesse decidido algo mal, mal; mas, tal como Deus criou, não era nem uma coisa, nem outra. Era como Deus simplesmente porque tinha liberdade pessoal; e a liberdade pessoal, e não a bondade, é o que a Bíblia quer dizer com imagem de Deus.

Esta opinião implica num erro mortífero. Implica num erro mortal quando considera a vontade do homem como algo que oscila em uma espécie de vazio que não se pode chamar nem de bom, nem de mal porque a pessoa o seja. A Bíblia não contém tal ideia. A Bíblia diz: “Da abundância do coração fala a boca”⁸ e: “Não pode a árvore boa dar frutos maus, nem a árvore má dar bons frutos”⁹. Segundo a Bíblia as ações boas procedem da pessoa boa e as más ações da pessoa má; segundo a Bíblia, a bondade e a maldade não é algo que simplesmente pertence a ações conscientes individuais, senão que, também, a algo mais

⁷ Gen. 1:27

⁸ Mat. 12:34

⁹ Mat. 7:18

profundo que as ações individuais. Se somos fiéis à Bíblia, não podemos, de modo algum, falar de alguém que não é nem bom, nem mal; não podemos falar de alguém que é moralmente neutro, cuja qualidade moral depende só de suas ações futuras, que é boa só enquanto cada uma de suas ações concretas o são e mal só enquanto são más. Deveríamos descartar totalmente esta ideia.

Outros teólogos tem sustentado uma ideia parecida a que acabamos de expor, mas tem se esforçado para evitar algumas das implicações mais óbvias que contém.

Dizem que o homem foi criado moralmente neutro. Com isto afirmam algo muito semelhante à ideia que acabamos de expor. A imagem de Deus, segundo a qual diz a Bíblia que o homem foi criado, significa, dizem estes teólogos, somente liberdade pessoal, não bondade. Mas, continuam, Deus deu de uma vez ao homem – à parte da criação – um dom sobrenatural de bondade que foi necessário para assegurar a harmonia em seus apetites. Quando o homem caiu ao pecar contra Deus, o que aconteceu foi simplesmente que esse dom sobrenatural e agregado da bondade se perdeu, mas a imagem de Deus, que consistia tão somente na natureza do homem como pessoa livre, permaneceu intacta.

Esta ideia, também, é completamente errada. Implica numa visão superficial do pecado, e é de todo oposta ao ensino da Palavra de Deus.

Não, quando a Bíblia nos diz que o homem foi criado à imagem de Deus, quer dizer mais do que simplesmente que o homem recebeu liberdade pessoal.

Esta liberdade é, naturalmente, um elemento necessário ao que a Bíblia quer dizer por imagem de Deus; mas não é tudo o que a Bíblia quer dizer. A Bíblia quer dizer que o homem foi criado à semelhança de Deus também no que se refere à sua bondade. Não foi criado moralmente neutro – na realidade a noção mesma de uma pessoa moralmente neutra é uma monstruosidade – senão que sua natureza foi positivamente dirigida ao bom e oposta ao mal. A bondade não foi um acidente, algo que lhe foi dado depois de ter sido criado; senão que foi algo que fez parte de sua natureza no mesmo ato criador da mão de Deus. Acerca do homem como do resto da criação, a Bíblia diz: “E viu Deus tudo o que havia criado e eis que era muito bom”¹⁰.

Contudo o homem caiu. E que grande queda! Não foi simplesmente a perda de um dom que não fazia parte do ser original do homem, senão que foi a perda de algo que desde o princípio pertenceu à imagem mesma de Deus no homem. Que tristemente desfigurada ficou a imagem de Deus! Disto falaremos na palestra seguinte.

Perguntas para fixar a aprendizagem

¹⁰ Gen. 1:31

- 1 – Por que um crente não pode aceitar as postulações dos psicólogos que não creem na existência da alma? Explique.
- 2 – Que quer dizer a Bíblia quando se refere à alma?
- 3 – O homem é composto de duas ou três partes? Explique de acordo com o autor.
- 4 – Segundo o autor, a que noção errônea leva o crer na posição tripartite?
- 5 – Que significa a expressão “feito à imagem de Deus”, em que consiste?
- 6 – Qual o erro dos que creem que o homem foi criado neutro moralmente e que podia escolher entre o bem e o mal e escolheu o mal?
- 7 – Qual o erro dos que creem que o homem foi criado moralmente neutro e com uma capacidade sobrenatural divina para fazer o bem, o que lhe foi tirado com a queda?
- 8 – Então, qual é a crença correta?

A Humanidade Criada Como Homem e Mulher

Gênesis 1:26–28; 2:18–24

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

26 *Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.*

27 *Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*

28 *E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.*

Nos dias atuais é comum uma confusão acerca da identidade e obrigações que temos no meio cultural, na igreja e no lar. Esta confusão conduz a muitos problemas, a ataques de ira, ao desespero, ao abatimento e de perversão sexual ao suicídio. Muita desta confusão se deve ao fato de não se compreender a pessoa do sexo oposto. Algumas vezes, entre os cristãos, se deve à interpretação errada das Escrituras. O fundamento para entender nossa identidade e propósito é encontrado nas Escrituras, mas isto equer muito estudo, ainda que vale a pena o esforço. O entendimento claro da nossa identidade e propósito na vida nos ajuda a ter confiança, tranquilidade mental, alegria e liberdade ao nos relacionarmos com Deus e com os outros.

Criados para o matrimônio

Tanto o homem como a mulher foram igualmente criados à imagem de Deus. Ambos foram ordenados como casal para cumprir o propósito de Deus na terra, de povoá-la e governar sobre ela. O segundo relato da criação em Gênesis 2, o qual nos dá mais detalhes sobre a criação do homem e da mulher, faz a distinção bem clara entre os dois. Devemos ler os dois relatos juntamente para ver que não se contradizem um ao outro.

Gênesis 1 nos dá uma vista geral da criação, já os fundamentos do casamento são delineados no capítulo 2. “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida” (v. 7). “E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe” (v. 22). A primeira dedução desta passagem tem a ver com o casamento. “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (v. 24). A mulher, ao ser criado do homem, passa a ser com ele uma só carne no enlace do matrimônio. Eles agora se tornaram uma parte integral. A criação da mulher não foi uma ideia tardia, mas ceio a ser o cume da criação. O que fez possível cumprir a comissão de povoar a terra e exercer domínio sobre ela.

Como casamento surge a separação da autoridade sujeita na relação entre o pai e o filho. Uma nova forma de família se estabeleceu. Na criação da mulher, formada da costela do homem, também se subentende a sujeição e obediência da esposa para com seu marido, ainda que mantendo sua igualdade e ajuda mútua pelo fato de serem criados iguais à imagem de Deus¹¹. Paulo se refere a este segundo relato da criação como a base para uma série de mandamentos que se adaptam a todos para que assim haja autoridade e ordem em nossas relações.

Na tradição judaica quando um casal de casa faz-se alusão o ter sido criado à imagem de Deus, em lugar de fazê-lo quando nasce um bebê. /esta imagem é vislumbrada em um casal que chega à maturidade para tomar decisões para sua vida e procriar novas vidas¹². Ainda que ser frutíferos e multiplicar-se é parte do nosso legado como a daqueles criados à imagem de Deus, isso é somente um aspecto do tema. Aqueles que não são casados ou não podem ter filhos, ainda são considerados completamente feitos à imagem de Deus. Deus promete aos eunucos que guardem Seu pacto “nome perpétuo lhes darei e que nunca perecerá” (Isaías 56:5). Paulo diz concernente aos casados e aos solteiros, “mas cada um tem seu próprio dom de Deus, um na verdade de um modo, e outro de outro” (I Cor. 7:7). De fato Paulo esclarece dizendo: “Digo, pois, aos solteiros e às viúvas, que bom fosse ficar como eu; mas se não tem dom de continência, casem-se, pois melhor casar-se do que viver abrasado” (I Cor. 7:8,9).

¹¹ Richard N. Longenecker em Alvera Mickelsen, ed., *Women, Authority & the Bible* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986), 67.

¹² Bill Moyers, *Gênesis: A Living Conversation*, Betty Sue Flowers, ed. (New York: Doubleday, 1996), 26.

A imagem de Deus na nossa sexualidade

Quando Deus criou o homem e a mulher ele disse: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança”. Isto indica a pluralidade ou a trilogia das três pessoas em um só Deus. Há amor e entendimento entre as pessoas da Deidade. Isto se manifesta um pouco na relação homem/mulher e em nossa relação eterna com ele. Por isto, tanto o homem como sua cônjuge, refletem não só individualmente, mas também juntos, a imagem de Deus. Se a humanidade reflete a imagem de Deus, então Deus também possui os traços de homem e mulher em sua pessoa. Deus é descrito na Bíblia como um pai que ama e ao mesmo tempo disciplina como uma mãe que protege seus filhos debaixo de suas asas.

“Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gên. 2:18). O esta só não “era bom” para o homem. Isto é uma oposição aos primeiros cinco dias da criação nos quais “Deus viu que tudo era bom”. Entretanto, no sexto dia, depois de ter criado o homem e a mulher, Deus viu que na verdade “tudo era muito bom” (Gên. 1:31). Somente através da união homem e mulher, aptos para a reprodução, eles puderam cumprir como potencial humano. Ainda aqueles que se dedicam especialmente ao serviço de Deus sentem a necessidade de uma companhia feminina. A pessoa mais santa do Antigo Testamento, o sumo sacerdote, devia tomar por esposa uma mulher virgem (Lev. 21:13). Um nazireu, que foi separado para Deus, também foi capaz de casar-se (Sansão). Proibirão casar-se, diz Paulo, “escutando a doutrinas de demônios” (I Tim 4:1-3). Somente a alguns lhes é dado o dom de continência para servir a Deus (I Cor. 7:7), como ao mesmo Paulo. Entretanto, Pedro era casado, como o eram os outros apóstolos (I Cor. 9:5)

Logo que Adão nomeou a todos os animais a Bíblia nos diz: “mas para Adão não se achou uma auxiliadora idônea” (Gên. 2:20). Adão foi em busca do que ainda lhe faltava – seu par. Ele se deu conta de que lá não existia o que lhe taria satisfação e prazer.

Então Deus fez cair um profundo sono em Adão e, enquanto este dormia, tomou uma de suas costelas e fez uma mulher dessa costela. E a trouxe ao homem e Adão ficou maravilhado e assombrado. Ele disse: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne...” (Gên. 2:23). Esta era finalmente a companheira apta para ele, já que nenhum dos animais que ele havia visto e nomeado podia satisfazê-lo.

Este princípio nos ensina que não fomos criados para nos deleitarmos com os animais ou com a homossexualidade. Todos fomos criados seres heterogêneos, ou seja, de natureza diferente. O envolvimento com estas perversões se deve à nossa idolatria ao substituir a aliança com nosso criador pelo drama da criação. Ainda que possa haver causas secundárias que levam a estas perversões, como o carinho superficial com nossos pais, esses, entretanto, são atos pecaminosos pelos quais cada pessoa ainda é responsável diante de Deus. Paulo explica aos romanos como Deus os entregou às suas próprias perversões dizendo:

Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em

lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes (Romanos 1;24 – 28).

O resultado de ter essa mente ão degradada é como chamar ao bom mal e ao mal bom. Vemos que isto é o que fomenta nos dias de hoje em nossa cultura. Tal perversão não reflete a imagem de Deus em nós.

O que originalmente se subentende da mulher é que foi criada do homem em harmonia e semelhança, sendo “osso dos meus ossos e carne da minha carne”. Eles não são estranhos um ao outro. Adão viu a si mesmo quando viu Eva.

A mulher foi uma “auxiliadora”, não no sentido de ser inferior, mas porque o homem tinha imperfeições. Em geral a palavra “ajudante” é usada por Deus (Salmo 145:6). Ao fazer uma auxiliadora “apropriada” ou “comparável” ao homem, a palavra se refere a uma relação onde se complementam um ao outro. Ela era a ajudante de seu gênero. Cada um proporcionava o que ao outro faltava, mas ambos compartilhando a imagem de Deus.

Portadores da Imagem Criadora

Como portadores da imagem de Deus nos deu o mandato de povoar a terra e exercer uma administração responsável sobre ela. O nos delegou responsabilidade, permitindo tanto ao homem como à mulher a compartilhar ao ser participantes da criação. Como criadores temos o direito ao que criamos como que é de nossa propriedade. Esta propriedade é o evidente e o que não apalpamos, o que possuímos e as ideias que temos. A verdadeira comunidade se haja em compartilhar o que alguém possui.

Outro aspecto de levar a imagem está em nossa habilidade criadora. Criamos o que antes não existia. Além de criar nas artes, a ciência e os avanços tecnológicos, e encaminhar o futuro por nossas ações agora, também expressamos a criação em nossas relações humanas. O criar é a base para as relações pessoais e para a alegria mútua. Quão único os animais podem fazer é o reagir a seu meio ambiente. Udo Middelman comenta o seguinte: “Como humanos podemos criar em lugar de reagir, e isto faz possível que o humano e a comunidade vão mais à frente que a simples compatibilidade química.”¹³ Esta ação recíproca de criar, que acrescenta a nossa condição humana e dá disposições com respeito à sociedade foi possível solo pela criação da mulher que lhe concedeu ao varão.

¹³ Udo Middelman, *Pró-exist-ence* (Downers Grove: IL: InterVarsity Press, 1974), 20.

A Preeminência

A preeminência do homem como cabeça da mulher está claramente descrita nas Escrituras. Paulo diz: “Mas quero que saibam que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão é a cabeça da mulher, e a cabeça de Cristo é Deus” (1 Cor. 11:3). O significado desta preeminência ou supremacia como cabeça é às vezes controverso. Quer isso dizer a preeminência como a de um Chefe, ou como na fonte, ou a cabeceira, fora da qual Eva foi criada? – No conteúdo das passagens, nos quais se fala da preeminência, subentende-se a dignidade de liderança e autoridade. Certamente isto é o que se dá a entender ao ser Cristo a cabeça de todo homem. E isso parece ainda mais evidente ao esquadrihar Efésios 5:23, “porque o marido é cabeça da mulher, assim como Cristo é cabeça da Igreja, a qual é seu corpo, e ele é seu Salvador.” Como cabeça da Igreja, Cristo reina sobre a criação e sobre a Igreja (Ef. 1:22). Ele é a fonte de desenvolvimento espiritual e maturidade para seu corpo, a Igreja (Ef. 4:14–16). Como redentor, Cristo é o modelo exemplar de marido, que morreu por sua igreja devido ao grande amor por ela. Da mesma forma, o marido deve amar a sua esposa.

Alguns discutem a opinião comum que a mulher foi criada com o papel de sujeição e submissão, como João Calvino o sustenta. Parte do tema de Paulo - o por que a mulher não deve ensinar ou exercer autoridade sobre o homem na igreja - é pela ordem na criação. “Porque Adão foi formado primeiro, depois Eva” (1 Tim. 2:13). A opinião de Martinho Lutero sobre a criação da mulher não é que seu papel fora de sujeição por seu lugar secundário na criação, mas sim como o resultado direto pela Queda no pecado, como o ensina este verso em 1 Timóteo, “Devido ao pecado original ela foi posta sob a sujeição de seu marido, sendo em grande parte humilhada e afligida. antes da queda pelo pecado ela estava completamente livre e “não era de maneira nenhuma inferior a seu marido.”¹⁴

No Antigo Testamento, em geral, o ambiente era considerado como domínio do homem, e no ambiente privado do lar era considerado como o ambiente da mulher. O relato do Abraão e Sara demonstra isto. Enquanto Abraão atendia aos três anjos com um banquete, Sara escutava estando dentro da tenda (Gên. 18:9). Ainda em sua casa Sara governava, até o ponto que Deus advertiu ao Abraham, “em tudo o que lhe disser Sara, ouça sua voz...” (Gên. 21:12). No lar Judeu o pai instruía à família na Torá e dirigia a sua família em adoração. Quando Josué desafiou aos Israelitas a servir fielmente ao Senhor, ele disse: “mas eu e minha casa serviremos ao Senhor” (Josué 24:15). No Antigo Testamento o modelo de supremacia do homem no lar, vê-se no sinal do pacto, como foi dado ao Abraão, com a circuncisão de todos os machos varões no lar (Gên. 17:10–14).

No Novo Testamento este aspecto particular de receber o sinal da aliança troca com o sinal do batismo, o qual se administra por igual a todos, homens e mulheres.

“Porque todos os que fostes batizados em Cristo, de Cristo estão revestidos.

¹⁴ Martin Luther, *Lectures on Genesis: Chapters 1-5* (St. Louis: Concórdia Publishing House, 1958), 202, quoted in Alvera Mickelsen, ed., *Women, Authority & the Bible*, 95.

Já não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós são um em Cristo Jesus” (Gal. 3:27, 28). Paulo argumenta que não esteve que preferência legal entre os sexos ao nos unir com Cristo. Embora isto não está dizendo que não há distinções entre o homem e a mulher, claramente está dizendo que há igualdade entre o homem e a mulher em sua relação com Cristo.

Funções na Igreja

Jesus manteve uma opinião muito alta da mulher e estava perfeitamente cômodo em sua companhia. Ao ler os Evangelhos parece que Jesus assumiu com evidência própria de que havia igualdade entre os sexos. Suas respostas às mulheres foi um verdadeiro avanço na cultura desses tempos. Por exemplo, quando Jesus se dirigiu à mulher Samaritana no poço, ele rompeu a tradição honorável de que os rabinos não falavam com as mulheres, muito menos às mulheres Samaritanas. “a mulher samaritana lhe disse: Como você, sendo judeu, pede-me de beber, que sou mulher samaritana?” (João 4:9). Quando seus discípulos da cidade do Sicar, “maravilharam-se de que falava com uma mulher; entretanto, nenhum disse: Que perguntas? Ou, que falas com ela?” (João 4:27).

As mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de enfermidades seguiram ao Jesus, junto com os discípulos quando ele percorria entre Vilas e povos proclamando o evangelho. “E outras muitas que lhe serviam de seus bens” (Lucas 8:1-3). Jesus lhe serviu e falou com as mulheres de um modo que surpreendeu a seus discípulos e aos líderes religiosos. (João 8:1-11; 12:1-8; Lucas 7:36-50; 13:10-14). Embora todos os discípulos de Jesus o abandonaram no jardim do Getsêmani, as mulheres que seguiam Jesus permaneceram com ele durante toda sua crucificação (João 19:25). E as mulheres foram as primeiras em dar testemunho da ressurreição do Jesus Cristo (Marcos 16:1-8; Lucas 24:1-11; João 20:1-2, 14, 18).

Todas elas estiveram presentes durante a nomeação de Matias para tomar o apostolado de que caiu Judas entrando em orar no aposento de acima (Feitos 1:14).

Por odo Novo Testamento as mulheres são estimuladas a se envolver no serviço e ministério cristãos. Entretanto, a função de autoridade espiritual na igreja está reservada para os homens idôneos (1 Tim. 3:2; 12; Tito 1:6). A mulher não é elegível para ser ordenada como professora ou para exercer autoridade sobre os presbíteros e profetas (1 Tim 2:11–14).

Claramente à mulher se deu a função de servir na igreja, como o vemos em muitas passagens bíblicas. Embora Paulo é acusado com frequência de discriminação contra o sexo feminino por aqueles que não têm um conhecimento profundo das Escrituras por ser firme na função da mulher na igreja, muitas vezes ele faz menção da mulher em suas epístolas pelo trabalho que essa faz no ministério. Pablo roga a Evodia e ao Síntique, que sejam de um mesmo sentir no Senhor na igreja dos Filipenses. O Ihe pede à igreja que ajudem a estas mulheres que combateram junto com ele no evangelho (Filip. 4:2-3). Paulo recomenda à igreja em Roma sua irmã Febe, alguém que servia na igreja de Cencrea, ao escrever: “Recomendo-lhes além nossa irmã Febe, a qual é diaconiza da igreja na Cencrea;

que a recebam no Senhor, como é digno dos Santos, e que a ajudem em algo em que necessite de vós; porque ela ajudou a muitos, e a mim mesmo” (ROM. 16:1, 2). Febe pode ter sido a mensageira das cartas a Roma. O ser chamada “serva” ou “diaconisa” se pode referir a um cargo especial que ela desempenhou na igreja. É de notar-se que na saudação do Pablo à igreja de Roma ele deu reconhecimento ao serviço dedicado das mulheres. “Saúdem a Maria, a qual trabalhou muito entre vós” (ROM. 6:6). “Saúdem a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor” (ROM. 6:12).

Priscila e Aquila, um casal de casados que vivia em Roma, foram companheiros de trabalho com o Paulo, especialmente em Corinto e Éfeso. Em Roma eles mantiveram uma igreja em sua casa. (ROM. 16:5). Em Éfeso eles ouviram um judeu erudito Apolo, que somente conhecia o batismo de João. Priscila e Áquila, tomaram à parte e lhe expuseram mais exatamente o caminho de Deus. (Feitos 18:26). É interessante o fato de que das seis vezes que Priscila e Aquila são mencionados no Novo Testamento, Priscila é mencionada primeiro por cinco vezes, com a exceção quando Lucas descreve como Paulo conheceu por primeira vez a Áquila em Corinto (Feitos 18:1, 2). Por isso vemos que Priscila tinha uma função mais proeminente ou dos dois ela era de posição social mais distinguida. Ou ela era a melhor professora da palavra!

No relato do Paulo falando a respeito das mulheres que se cobrem a cabeça no culto, ele fala das que oram ou profetizam (1 Cor. 11:5). Mas uns capítulos mais tarde o diz: “conservem-se as mulheres caladas na igreja; porque não lhes é permitido falar, mas sim estejam sujeitas, como também a lei o diz: e se querem aprender algo, perguntem em casa a seus maridos; porque é indecoroso que uma mulher fale na congregação (1 Cor. 14:34, 35). Há muita controvérsia a respeito da interpretação destes versos, em vista do verso anterior o qual se refere às mulheres que oram e profetizam, e outras referências das funções que as mulheres desempenham na igreja. A maioria pensa que o que a passagem procura é tratar o problema de uma situação única no relato da igreja de Corinto. É difícil para que nós saibamos isso diretamente. Alguns acreditaram que Paulo não queria ser lá um mau testemunho aos judeus e à comunidade incrédula com relação à função da mulher na igreja em vista da posição inferior mantida pelo conceito popular da cultura. Ao melhor ele se referia à influência das professoras falsas que tinham assumido posições de autoridade na igreja. O que esta passagem parece indicar é alguma falta de autoridade espiritual na casa e na igreja, com liderança varonil.

Isto se enfatiza com mais detalhe na primeira epístola a Timóteo com uma exposição teológica apoiada e a criação e na Queda pelo pecado. “A mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição. Porque não permito à mulher ensinar, nem exercer domínio sobre o homem, a não ser estar em silêncio. Porque Adão foi formado primeiro, depois Eva; E Adão não foi enganado, a não ser a mulher, sendo enganada, incorreu em transgressão”. (1 Tim. 2:11–14). Isto não proíbe participação oral da mulher na igreja, mas ensinando em silêncio que respeite a doutrina autoritária e a direção dos líderes da igreja. A frase “não exercer domínio sobre” é usada sozinho aqui no Novo Testamento e se refere à parte judicial ou autoridade de governar. As mulheres foram restringidas por autoridade apostólica de certa classe de ensino e autoridade na igreja. Paulo apoia seu tema no fato de que Adão foi criado primeiro (Gên. 2:7; 21, 22). Logo ele indica que na Queda pelo pecado, foi Eva a que foi enganada

pela serpente, Satanás (Gên. 3: 1-6). O texto que Pablo usa para este ensino é que os falsos professores do Éfeso tinham confundido com relativa facilidade às mulheres na igreja (1 Tim. 5:11-15; 2 Tim. 3:6, 7). Em outras passagens Paulo com equidade atribui a culpabilidade pela Queda do pecado a Adão (ROM. 5:12-19; 1 Cor. 15:21, 22). Ele usa a Eva para validar seu tema em relação à obediência que a mulher deve adotar com relação à autoridade espiritual. O domínio do homem sobre a mulher na Queda pelo pecado é parte do castigo que ela deve levar devido à maldição pelo pecado (Gên. 3:16). O senhoreio do homem sobre a mulher não é o de um déspota, a não ser o de obediência ao homem como cabeça dela. A mulher não foi criada em estado de servidão, mas sim foi posta nessa condição devido à pecaminosidade do humano. Cristo veio para nos redimir do pecado e *suas consequências* Isso significa que Cristo veio a resgatar nossas relações, inclusive de como se devem tratar o homem e a mulher.¹⁵ Enquanto isso estamos sob as consequências pelo pecado. Devemos viver dentro da ordem da autoridade a qual fomos submetidos por Deus, até nosso resgate final. A lição para nós hoje em dia é que os líderes da igreja devem ser homens espiritualmente qualificados. As mulheres devem usar completamente os dons que Deus lhes deu para a igreja, mas devem exercer esses dons para a igreja sob a autoridade e direção dos líderes a quem Deus deu essa autoridade. As mulheres não devem usurpar o ensino autoritário dos líderes da igreja.

Vimos que ambos, tanto o homem como a mulher, foram criados à imagem de Deus, criados para enaltecer e glorificá-lo juntos. Seja em celibato ou em matrimônio, fomos criados para exercer domínio sobre a terra, por meio da investigação, determinar seus componentes, e a faculdade criadora em seu desenvolvimento para a glória de Deus.

Por meio do matrimônio o homem e a mulher demonstram que são uma carne da qual provieram e a intimidade que tiveram juntos e com Deus. Como resultado do Pecado se estabeleceu uma ordem de autoridade, no qual a mulher se submete ao marido, mas o marido deve entregar sua vida por ela com amor. Deus também estabeleceu que os homens espiritualmente qualificados devem dirigir e ter autoridade governante em sua Igreja, enquanto que as mulheres podem apoiar isso dirigindo, ensinando e servindo em sua função apropriada. Que os ensinamentos das Escrituras nos ensinem a nos respeitar totalmente uns com outros, homens e mulheres, que fomos feitos iguais à imagem de Deus, dotados de dons para Seu serviço e cheios do Espírito Santo.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Como pode a imagem de Deus ser vista em nossa sexualidade e matrimônio?
2. O que significa a preeminência do homem como cabeça nas Escrituras?

¹⁵ Ve Marianne Maye Thompson, "Response," Women, Authority & the Bible, Alvera Mickelsen, ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986), 96.

3. O que é o ensino das Escrituras sobre o papel da mulher na igreja? É diferente que seu papel no mundo?

Corpo e Alma

Gênesis 2:7

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

“Então formou Deus ao homem do pó da terra, e soprou em seu nariz fôlego de vida, e foi o homem um ser vivente.”

O que é o homem? Do que consiste? É ele uma unidade ou se compõe de várias partes? É sua existência terrestre simplesmente uma ilusão até que sejamos reunidos com a unidade da preeminência universal, como no monismo do Hinduísmo? Ou é o homem simplesmente uma material animada composta de átomos que por acaso se formou assim mesma através da evolução e chegar a ser o que hoje em dia é? Algum dia simplesmente voltaremos para pó outra vez e sem futuro para nosso corpo.

Anteriormente tínhamos estudado como o homem foi criado à imagem de Deus. Um aspecto da imagem de Deus no homem está em sua natureza dupla ao ser corpo e alma (ou espírito). Para a alma do homem, ele ou ela tem “pessoal e consciência próprias, com a capacidade semelhante a de Deus para conhecimento, pensamento, e ação.” A imagem de Deus em nosso corpo se manifesta em como “temos experiências em realidade, em como nos expressamos, e em como exercemos o domínio.”¹⁶ Esta dupla natureza do homem está descrita na criação do Adão e Eva por Deus no Paraíso.

Do Barro a Seres Viventes

Do Barro

Em Gênesis 2:7 nos diz: “Então Jehová formou ao homem do pó” e no verso 8, “e pôs ali ao homem que tinha formado.” O conjunto de imagens usado aqui é o do oleiro moldando algo da argila. Paulo se refere especificamente a esta mesma potestade de Deus, como a do oleiro ao nos formar do barro para seu propósito (ROM. 9:21). Esta é a obra de Deus. Como quando Jó se queixava ante Deus devido a seus sofrimentos, ele descreve a atividade de Deus quando era formado:

Suas mãos me fizeram e me formaram;

E logo voltas e me desfaz?

¹⁶ R. C. Sproul, ed., *New Geneva Study Bible* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1995), 9.

te lembre que como a barro deu forma;
e em pó me tem que voltar?
Não me esvaziou como leite,
e como queijo me coalhou?
Vestiu-me de pele e carne,
e me teceu com ossos e nervos.
Vida e misericórdia me concedeu,
e seu cuidado guardou meu espírito. (Jó 10:8–12)

A glória do que Deus criou deu motivo ao salmista a escrever:

Eu te louvarei; porque formidáveis, maravilhosas são suas obras.

Estou maravilhado, e minha alma sabe muito bem. (Salmo 139:14)

Nos diz em Gênesis 2:5, “não havia homem que lavrasse sobre a terra.” No idioma Hebreu existe a palavra liberdade de ação e uma conexão estreita entre o “homem” chamado “*adam*” e a terra chamada ‘*adamah*’. Este ensino é a posição que Paulo tomou mais tarde com relação ao corpo natural e ao corpo espiritual. Nosso corpo natural é para a existência terrestre. Jesus, como o Filho do Homem, descendeu do céu para assemelhar-se a nosso corpo terrestre com o fim de nos salvar de nossos pecados. Ao ressuscitar da morte Ele assegurou para nós um corpo espiritual. Como Paulo escreve:

Se houver um corpo natural, também existe um corpo espiritual. E assim também está escrito: Foi feito o primeiro homem Adão alma vivente; o último Adão, espírito vivificante. Mas o espiritual não foi primeiro, a não ser o animal; logo o espiritual. O primeiro homem é da terra, terrestre; o segundo homem, que é o Senhor, é do céu. Qual o terrestre, tais também os terrestres; e qual o celestial, tais também os celestiais. E assim como trouxemos a imagem do terrestre, traremos também a imagem do Celestial. (1 Cor. 15:44–49)

Então com Jesus como o Segundo Adão levando a semelhança espiritual, nós os que fomos redimidos também levaremos a aparência espiritual semelhante a de Jesus. Mas nossa redenção não é *fora* do corpo mas sim no corpo. Nosso corpo será ressuscitado, embora não sabemos exatamente de que forma será. Mas sim, sabemos que seremos como Jesus, como foi Ele em seu corpo de ressurreição. Haverá continuidade entre nosso corpo atual e nosso corpo transformado glorificado. Entretanto, o corpo que agora temos nesta vida terrestre retornará ao pó de onde veio. Isto foi determinado quando Adão foi amaldiçoado depois que pecou. “Com o suor de seu rosto comerá o pão até que volte para a terra, porque dela foi tomado; pois pó é, e ao pó voltará” (Gên. 3:19).

Fôlego de Vida

É uma alegria, uma maravilha quando nasce um bebê e respira pela primeira vez, gritando em alta voz. O assombroso disso é saber como esse fôlego de vida entrou no bebê. Gênesis 2:7 nos diz: “Então Deus... soprou em seu nariz fôlego de vida, e foi o homem um ser vivente”. A ação do Espírito ao soprar esse fôlego de vida o confirma o Salmista quando diz: “Envias o teu Espírito, eles são criados” (Salmo 104:30). Vejamos a visão do Ezequiel no vale dos ossos secos que não tinham vida: “Assim diz o Senhor a estes ossos: aqui eu faço entrar espírito em vós, e viverão.....e saberão que eu sou Deus” (Eze. 37:5, 6). Assim que nossa vida vem do Senhor quem nos deu esse hálito de vida. Esta vida é algo que só Deus pode criar. A vida não se produz espontaneamente do inerte ou de um nada. Note-se que “o homem se tornou um ser vivente”, em contraste à criatura vivente se converteu em homem.” O homem não foi formado de uma vida que lhe preexistam ou que existiu anteriormente.

Ao converter-se em um ser vivente ao homem lhe deu uma alma ou espírito. O homem possui duas partes, corpo e alma, como o vemos na criação de Adão, criado do pó e pelo hálito de vida de Deus. O corpo não é maligno, como algumas religiões e seitas o ensinaram, como o Gnosticismo e as religiões Orientais modernas. É através do corpo que sentimos nosso meio ou arredores, relacionamo-nos com outros, e controlamos a matéria que nos rodeia. Quando Deus criou ao homem ao princípio, não havia nada corrupto nele. O corpo do homem nunca se envelheceu nem tivesse morrido, nem se tivesse envergonhado de estar nu, se o pecado não tivesse entrado no mundo (Gen. 2:17, 25; 3:7–10, 19, 22; ROM. 5:12).

Outro aspecto da imagem de Deus no homem é que temos a capacidade dada por Deus para a vida eterna. Esta só é restabelecida na imagem degradada de Deus que o homem leva do pecado naqueles que foram regenerados pelo Espírito Santo.

O Espírito nos dá vida eterna através de seu dom da fé. Nossas almas vivem eternamente com um corpo ressuscitado e criado de novo.

Doutrina da Tricotomia (A Tricotomia ou Divisão em Três Partes)

Nossa alma e espírito não são dois termos diferentes, mas são usados intercalados ou sinonimamente. Ocasionalmente são usados no paralelismo literário (Lucas 1:46, 47, onde o segundo verso completa ao primeiro; “Então Maria disse: engrandece minha alma ao Senhor; E meu espírito se regozija em Deus meu Salvador” – e Filipenses 1:27 – “um mesmo espírito e mente” (subentendido). Alguns com engano veem o humano como formado de três partes, corpo, alma e espírito. Eles tratam de demonstrar que existe uma distinção entre o “espírito” e a “alma.” Isto está apoiado principalmente em três passagens:

Em 1 Coríntios 15 Pablo descreve os contrastes ou diferenças de nosso corpo na morte e na ressurreição, “Semeia-se em corrupção, ressuscitará em incorruptibilidade. semeia-se em desonra, ressuscitará em glória. semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual” (1 Cor. 15:42–44). Os partidários da tricotomia, (trifurcação ou divisão em três

partes) sustentam que se a gente disser que não há diferença entre a “alma” e o “espírito,” teríamos então que dizer que não há diferença entre o corpo presente (original) e o corpo ressuscitado. Mas como há diferença entre os dois, pelo mesmo deve haver diferença em existência entre a alma e o espírito. Entretanto, o tema de ambos os verbos “semear” e “ressuscitar” tratam do mesmo tema, nosso corpo. Se se estivesse falando de dois seres diferentes, então não se trataria do mesmo corpo que foi primeiro semeado e logo ressuscitado. Paulo simplesmente fazia a distinção entre o corpo apropriado para a vida neste ambiente terrestre e o corpo que vamos ter no mundo espiritual na Terra Nova.

Em segundo lugar, 1 Tessalonicenses 5:23 diz: “E o mesmo Deus de paz lhes santifique por completo. E todo seu ser, espírito, alma e corpo, sejam guardados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” Os partidários da tricotomia veem a “e” entre o espírito e a alma como indicando entes separados. Entretanto, para usar este argumento teríamos que dizer também que o amar a Deus com todo nosso ser, descrito no Lucas 10:27, o “e” entre as quatro partes de seu coração, alma, força e mente indicaria seres incorpóreos também separados. O corpo é o quinto elemento não manifestado. Outro verso análogo usa “forças” em vez de “alma” (Deut. 6:5). Sendo este o caso, por que então se escolhe a 1 Tessalonicenses 5:23 como o verso definitivo de que seres separados contêm (ou formam) uma pessoa? Também o uso de “por completo” e “tudo” neste verso definem ao Cristão em sua totalidade, como uma “pessoa completa.”

Em terceiro lugar, Hebreus 4:12 diz: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante que uma espada de dois fios; e penetra até partir a alma e o espírito, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e as intenções do coração.” Aqui os partidários da tricotomia insistem que posto que a alma e o espírito podem ser divididos, também deve haver formas distintas de existência ou vida. Entretanto isto não é o que isso significa. O verso diz que a Palavra de Deus ‘divide’ a alma, e ainda o espírito. Mas não diz que a Palavra de Deus divide entre a alma e o espírito...ou que separa a alma do espírito. O verso não tenta ir além do que expõe, quando continua dizendo que a Palavra julga os pensamentos e intenções do coração.... que os pensamentos e intenções são... coisas distintas” em nossa existência. “Claramente, as intenções são sozinho uma classe de pensamento.”¹⁷ Se a gente separar a alma do espírito, também poderíamos separar as juntas das medulas, fazendo ao homem de quatro partes em lugar de três.

Há vários problemas sérios associados com a doutrina da trifurcação Historicamente conduziu ao Apolinaris, Bispo da Laodicea na Ásia Menor, no quarto século, a desenvolver uma teoria herética da natureza encarnada de Cristo. Com a doutrina de que o homem tem corpo, alma e mente ou razão, isto último é o que distingue ao homem dos animais, ele quis resolver o conflito aparente entre a natureza divina e humana de Cristo ao lhe atribuir o Verbo divino ao elemento racional. Isto é porque ele acreditava que a parte humana de Cristo podia pecar, fazendo a salvação impossível. Mas isto faria a Cristo menos que um ser humano completo.¹⁸

¹⁷ Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998), 421, 422.

¹⁸ Kenneth Scott Latourette, *Ao History of Christianity*, Vol. 1, ed. revisão (New York: Harper & Row Publishers, 1975), 165.

Hoje em dia os partidários da tricotomia, veem a alma como aquilo que tem o conhecimento mundano, é terrestre e é comum no homem e nos animais. O espírito é ao que lhe deu vida logo depois de ser regenerado e tem conhecimento e comunhão com Deus, o que não tem o animal. Entretanto o “espírito” é usado em quatro textos referindo-se aos animais (Gen. 6:17; 7:15, 22; Eccl. 3:21). Como diz Gordon Clark, “...Se o espírito se definir como a consciência de Deus, então devemos seguir o exemplo de São Francisco e pregar o evangelho aos pássaros.”¹⁹ Um grave engano desta opinião é que conduz a um ante intelectualismo (o conhecimento inteligível), o qual separa o discernimento espiritual da reflexão teológica. A teologia é “considerada como ‘animada’ ou ‘com alma’ e sem espírito, em tanto que a percepção espiritual a veem como desligada ao trabalho de ensinar e aprender a verdade revelada de Deus.”²⁰

Esta opinião foi particularmente promulgada pelos escritos do Watchman Nee em seu livro *O Homem Espiritual*, a Bíblia de referência do Scofield, e a teologia do Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário Teológico de Dallas. Nee ministro na metade do século vinte na China e seus escritos foram bem recebidos lá e no mundo de fala inglesa. Jonathan T. Chao e outros criticaram sua tese pelos efeitos prejudiciais e as deduções práticas que elas levam, como Chao as enumera a seguir:

1. O homem se compõe de três partes, espírito, alma e corpo ontológico (em nossa existência ou ser), o qual não está respaldado pela exegese [interpretação] no Novo Testamento. Há muitas passagens nos quais o espírito e a alma são usadas intercambiadamente; além disso, o termo “alma” se usa com frequência para mostrar ao homem completo, não só no aspecto animado.
2. Isso influi na doutrina da regeneração porque Nee acredita que nascer de novo se interpreta como restauração do espírito morto (morto logo que Adão pecou), e não nas palavras que insígnia o Novo Testamento da chegada e da morada do Espírito Santo, a qual é a vida nova que recebemos de Cristo (João 3:5; Tito 3:5; 1 Cor. 6:11).
3. Isso afeta a doutrina da santificação, porque Nee acredita que o espírito do homem se comunica com Deus, e o espírito do homem governa sua alma, e a alma controla seu corpo. Este parecer conduz ao renascimento do espírito humano, e não ao renascimento da personalidade inteira do crente, especialmente, sua razão e sua vontade. Em sua opinião a alma consiste de seu modo racional, emoção e livre-arbítrio, fatores todos que são mundanos, e por conseguinte devem ser controlados pelo espírito humano regenerado ou negada. [Isto dá razão pelo esforço do cristão em viver justo ou injusto.] Isto guia a uma ponta de vista muito baixa do razão humana, das emoções e do arbítrio, a qual, falando bíblicamente, devem ser santificadas pelo Espírito vivendo em nós [ROM. 12:1, 2; 1 Entesada. 4:1-8].
4. concentra-se na vida interna ao sacrifício de negar o “mandato cultural,” assim no passado Nee e [Witness] Lee tinham uma opinião inferior da teologia, pensando que era sozinho produto da mente humana. Nee e Lee não ensinaram virtualmente nada sobre

¹⁹ Gordon H. Clark, *The Biblical Doctrine of Man*, segunda ed. (Jefferson, MD: The Trinity Foundation, 1992), 38.

²⁰ R. C. Sproul, ed., *New Geneva*

as responsabilidades cristãs na sociedade, a cultura ou a política. Eles não formaram nenhum teólogo ou um doutor na Bíblia, entretanto todos [seus seguidores] estudam os escritos destes dois homens. Finalmente os discípulos de Lee o abandonaram.²¹

Vemos que os efeitos do ponto de vista da tricotomia não só se referem à psicologia humana, a não ser às doutrinas da natureza de Cristo, o trabalho do Espírito Santo, a regeneração, a santificação, e ainda a vida cristã. A Cristandade é um sistema de doutrina porque a verdade forma o sistema, assim que as verdades doutrinárias se entrelaçam.²²

A Divisão Bifurcada (ou Dicotomia)

O ponto de vista da divisão bifurcada (dicotomia) sustenta que o homem se compõe de duas partes, o corpo material e o espírito (ou alma) imaterial. Embora as partes são diferentes, elas estão unidas misteriosamente. Por esta razão uma pessoa nem é matéria nem espírito puros. Além de Gen. 2:7, passagem que já vimos, a Escritura apoia esta opinião que se encontra nas seguintes passagens:

Eclesiastes 12:7 fala de nossa necessidade de recordar a nosso Criador antes de morrer “E o pó volta para a terra, como era, e o espírito retorna a Deus quem o deu.” Aqui as duas partes da pessoa são mencionadas e a existência do humano continua além da tumba.

Em Mateus 10:28 Jesus ensina da necessidade de temer a Deus: “Não temam aos que matam o corpo, mas a alma não podem matar; temam mas bem a aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno” (Acrescentando a ênfase). Aqui se vê muito claro que uma pessoa consiste de duas partes, especialmente a palavra “ambos” (subentendida em Português embora não está traduzida, mas existe, sim, na versão em Inglês como “both”) e a palavra “e” (*ambos os corpo e alma*) como está escrito no idioma Grego. O corpo pode ser destruído pelo homem, mas o homem não pode matar a alma. Por isso Jesus pode dizer ao ladrão que estava morrendo na cruz junto a Ele: “De certo te digo que *hoje* estará comigo no paraíso” (Lucas 23:43, acrescentando a ênfase).

Em 2 Coríntios 5:1-10 Paulo compara o corpo no que vivemos na terra como uma morada terrestre na qual gememos, desejamos nos revestir de nossa morada celestial, o corpo ressuscitado, que é eterno. Deste modo existimos em duas partes, o tabernáculo terrestre, ou o corpo, e nossa alma que não estará nua em nossa morada celestial porque estaremos revestidos da vestimenta celestial.

Em Filipenses 1:21-24 Paulo manifesta suas razões de estar, procurando engrandecer a Cristo estando vivo ou morto. “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Mais se o viver na carne resulta para mim em benefício da obra, não sei então o que escolher. Porque de ambas as coisas estou constrangido, tendo desejo de partir e estar com Cristo, o qual é muitíssimo melhor; mas ficar na carne é mais necessário por causa de vós.” Ao descrever seu dilema Paulo explica que ele podia permanecer na carne, em seu corpo

²¹ Correspondência pessoal com o autor do Jonathan T. Chao (20 de agosto de 2003).

²² Clark, 44.

terrestre, ou partir e estar com Cristo, deixando a carne. Deste modo Pablo demonstra que ele consiste de duas partes, o corpo e a alma.

A Versão Islâmica

O Islamismo também vê que o homem e a mulher se compõem de duas partes, corpo e alma. Entretanto, alguns muçulmanos têm a crença em um corpo sutil (tênuo ou delicado) que entra em uma pessoa enquanto dorme. Alguns muçulmanos acreditam que foi um corpo sutil o que engacidou à virgem Maria quando concebeu ao Jesus.

A maioria de muçulmanos têm crenças animistas (que a alma é o princípio dos fenômenos vitais), o qual se encontra no Corão e em Tradição (*Hadit*). Logo depois da morte, o nariz, os ouvidos e a boca do morto são cuidadosamente tampados para impedir que a alma escape. As almas podem residir em animais como os cães, os gatos, as gazelas e as serpentes. Dizem que as almas dos mártires vão ao bucho das aves verdes até o dia da ressurreição. O elemento da alma (a vida, o líquido, e por conseguinte a ideia material) pode estar nas imagens que formam as almas por meio da manipulação, ou em certos metais como o ferro, o ouro, a prata e o chumbo, os quais se usam para nos proteger contra os espíritos malignos e as enfermidades. Um cristão pode estar de acordo em algo com aqueles que se aderem às crenças do animismo com as palavras de Cristo que dizem: “Porque do que aproveitará ao homem se ganhar todo mundo, e perder sua alma? Ou, que recompensa dará o homem por sua alma? (Marcos 8:36,37). Aqui Jesus está falando da vida eterna a qual vão nossas almas se não o negarmos. “É a perda da alma, do espírito, o princípio invisível de vida que os crentes do animismo temem que aconteça. Este temor o leva a uma vida toda de cativo às superstições.”²³ Não obstante em Cristo temos a liberdade de toda esta escravidão, porque nossa alma está sob seu completo cuidado e amparo.

O Valor Humano

Observando o dilema de Paulo somos induzidos a perguntar: “que valor tem o homem em alma e corpo, criado à imagem de Deus”? Mateus Henry define a atitude que deveríamos ter ao refletir sobre o que Deus nos criou. “Permitam que a alma que Deus nos infundiu, exale nele; e que seja para Ele, posto que vem Dele. E em suas mãos encomendemos nossos espíritos, porque por suas mãos o tivemos.”²⁴

Nossos corpos seriam esqueletos desprezíveis e imprestáveis se não lhes desse a vida pela alma. E outra vez Mateus Henry nos recorda:

Ao Deus quem nos deu esta alma, dentro de pouco devemos lhe render conta por ela; como a destinamos, usado, formado e adaptado; e se logo se

²³ Samuel M. Zwemer, *Islã and the Cross*, Roger S. Greenway, ed. (Phillipsburg, NJ: P & R Publishing, 2002), 80.

²⁴ Mateus Henry, *An Exposition of the Old and New Testament*, Vol. 1 (Philadelphia: Towar, J. & D. M. Hogan, 1830), 31.

encontra que a perdemos, embora ganhasse o mundo completo, estaríamos perdidos ou arruinados para sempre.²⁵

Entretanto, Deus nos demonstra seu carinho compassivo quando lhe tememos e quando o adoramos. Como David o canta no Salmo 103:

Como o pai se compadece dos filhos;

compadece-se Jehová dos filhos que lhe temem.

Porque Ele conhece nossa condição;

lembra-se que somos pó. (ver. 13, 14)

Somos nada em sua presença fora do fato de que nos fez em sua imagem, ama-nos e cuida de nós.

Seu carinho por nós é por nosso corpo e alma. Jesus veio curando a muitos de diversas enfermidades e alimentava ao faminto. Jesus, no Dia do Julgamento Final, nos julgará pela forma em que respondemos às necessidades físicas de nossos irmãos (Mateus 25:31-46). Por isso não podemos estar de acordo com o Pai Basil da antiga igreja, que disse: “Desprezemos a carne porque ela perecerá. Cuidem do bem-estar de sua alma, porque ela nunca morre.”²⁶ Embora seja certo que “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1 Cor. 15:50), que é tão débil, exposta a apodrecer, pecadores humanos que sem o corpo novo e incorruptível, não poderemos ir ao céu. O ódio pelo corpo por muitos monges e ermitões do antepassado não se encontra nas Escrituras. “Mas todos seremos transformados... a última trombeta.” (1 Cor. 15:51, 52), ressuscitados com um corpo novo. A idolatria imoderada do corpo que foi muito notória na cultura Grega antiga, assim como hoje em dia, não é correto. Entretanto, devemos cuidar de nosso corpo porque é o templo do Espírito Santo e temos que usá-lo como o meio para adorar ao Senhor através de nosso serviço e sacrifício vivo para Ele (ROM. 12:1, 2).

Ao ver como fomos criados, devemos reconhecer a nosso Senhor Jesus Cristo como nosso criador também. “...Porque nele foram criadas todas as coisas” (Col. 1:16). Jesus mesmo foi criado homem, corpo e alma. O confirmou isto primeiro quando curou ao cego ao lhe lubrificar os olhos com o lodo que formou (João 9:6). Desta forma Ele demonstrou que pode dar vida e de uma vez cura com o pó. Ele é Senhor e dono de nossos corpos. Mais tarde, logo depois de ressuscitar dos mortos se apareceu a seus discípulos e soprou sobre eles dizendo: “Recebam o Espírito Santo” (João 20: 22). Ele se referiu ao feito de que foi Ele quem soprou primeiro o fôlego de vida no nariz do homem. Somente aquele que criou a alma é capaz de renová-la. Desta forma Jesus nos demonstrou que Ele criou ambos, o corpo e a alma. A confirmação desta verdade nos dirige ao grande mérito dos quais somos como indivíduos, porque em nossa criação fomos declarados que era “bom em grande maneira” (Gên. 1:31). Ao ter cansado no pecado no Adão, tanto nosso corpo como nossa alma devem ser redimidos e restituídos pela morte e ressurreição de Cristo. Assim seremos ressuscitados para ser como Ele.

²⁵ Ibid.

²⁶ Mark Water, comp., The New Encyclopedia of Christian Quotations (Grand Rapids: Baker Books, 2000), 142.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Na ressurreição, nossa redenção vai ser sozinho de nossa alma ou também de nosso corpo?
2. Que três passagens proveem os tricotomistas para apoiar seu ponto de vista da pessoa? Que argumentos pode ser feito contra sua interpretação destas passagens? O que cinco possível enganos doutriniais podem resultar da ponta de vista da pessoa como tricotomista?
3. O que quatro ou cinco passagens adicionais podem ser usados para apoiar o ponto de vista da pessoa como dicotomista? Explica-os.
4. De onde vem nosso valor? São ambos o corpo e a alma de valor para o cristão? Por que?

LIÇÃO 2

OS DECRETOS DE DEUS E A LIBERDADE DO HOMEM

O Homem. J. Gresham Machen.

Os decretos de Deus, havemos dito (*na matéria de Salvação I*), podem-se considerar como múltiplos se se contemplarem do ponto de vista de sua execução no curso infinitamente variado da relação de Deus com o mundo que criou; mas é uma verdade ainda mais profunda dizer que em realidade são um só decreto, um só propósito ou plano eterno.

Quanto abrange esse propósito eterno de Deus?

A verdadeira resposta a esta pergunta é muito simples. A verdadeira resposta é "tudo." Tudo o que acontece está incluído no propósito eterno de Deus; nada acontece que não entre neste plano eterno.

É óbvio que nada é muito grande para Deus. As distâncias assustadoras do universo, que os astrônomos medem em ano-luz mas que nem eles nem nós podemos em realidade conceber, não contêm mistério algum para Deus. O fez tudo e o governa tudo, e tudo está incluído em seu propósito eterno.

É igualmente evidente que nada é muito pequeno para Deus. Jesus expressou esta verdade com força insuperável. "Não se vendem dois por um quarto?" disse. "Contudo, nenhum deles cai a terra sem seu Pai. Pois até seus cabelos estão todos contados.²⁷" Não, nada há muito corriqueiro como para não poder entrar no plano eterno de Deus. Este plano abrange tudo, tanto o grande como o pequeno.

A ciência moderna tem descoberto maravilha novas no firmamento, e também nos falou que universo infinitesimal que contém o átomo. Pois bem, tudo isso está patente e descoberto aos olhos de Deus, e tudo isso é o produto de sua sabedoria e poder infinitos.

Um momento: dissemos que tudo o que acontece entra no plano eterno de Deus, está determinado desde toda a eternidade em um só propósito grandioso. Foi isto o que quisemos dizer? Quando dissemos "tudo," quisemos dizer realmente "tudo"? Não fizemos nenhuma exceção? Está tudo determinado e fixado no plano de Deus? Não há nada que seja livre?

O que diremos, então das ações livres dos seres pessoais, como o homem? Não será esta liberdade de eleição que tem o homem um engano se tudo está determinado no plano eterno de Deus?

²⁷ MT. 10:29

Há quem tem ficado impressionados ante tal objeção e chegaram a considerar que as eleições pessoais dos homens ficam fora do âmbito das coisas que estão determinadas no propósito eterno de Deus. Quando Deus criou às pessoas, dizem, deixou-as livres; do contrário não tivessem sido pessoas. Portanto, prosseguem, Deus se abstém voluntariamente de usar a onipotência quanto às ações de suas criaturas que são pessoas. Como criador foi suficientemente capitalista para criar seres que possuem o dom misterioso da vontade livre. mantém-se, pois, à margem, e deixa que estes seres exercitem esse dom misterioso. Suas ações concretas, portanto - assim argumentam - não estão determinadas no plano eterno de Deus mas sim dependem desse poder misterioso de eleição que Deus lhes outorgou uma vez por todas.

Este ponto de vista assume duas formas. Em primeiro lugar, os que o sustentam podem dizer que Deus nem sequer sabe de antemão o que escolherão as pessoas que Ele criou; e em segundo, podem dizer que Deus sabe de antemão o que tais pessoas escolherão embora não determine tais decisões. Conhece de antemão o que vão escolher mas não o preordena. Sabe o que suas criaturas farão, mas não determina que o façam.

A primeira forma desta teoria parece eliminar a onisciência de Deus. Digam o que digam quanto à possibilidade de que Deus se abstenha voluntariamente de fazer uso de sua onipotência, é evidente dizer que se abstém de possuir tal onisciência não é mais que cair em uma contradição. Se Deus conhece realmente todas as coisas, então conhece o que suas criaturas, incluindo o homem, farão. Não vejo em realidade como se pode evitar isto.

Se Deus não souber o que farão suas criaturas, incluindo o homem, então se faz entrar no universo um fator incerto e inexplicável. Pode-se precisar esse fator inexplicável? Podemos sustentar que embora Deus não conhece que o vão fazer as pessoas que Ele criou, contudo pode seguir governando o resto do universo de maneira ordenada? Certamente que não se pode em modo algum sustentar isto. Não, há uma maravilhosa concatenação no curso do mundo; não se pode separar, da forma que era teoria o faz, uma parte do resto. Se Deus não souber o que vão fazer os seres pessoais do universo, então o curso todo do mundo se vê envolto em uma grande confusão. A ordem da natureza então deixa de ser tal ordem.

Deus, além disso, em tal teoria, deixa de ser Deus. converte-se em um ser que tem que esperar a ver o que farão suas criaturas; converte-se em um Deus que tem que trocar de planos para acomodar-se a circunstâncias variáveis. Em outras palavras, converte-se em um Deus que está submetido a uma sequência temporária, para quem há um antes e um depois, um então e um agora. Deixa de ser o Deus eterno. Quer dizer, converte-se em um ser finito; não é Deus a não ser um deus, e embora chegássemos a conhecê-lo deveríamos seguir procurando o Deus que é de verdade Deus.

Seria difícil imaginar uma teoria menos filosófica que essa que sustenta que Deus se manteve à parte e quis depender para o resto de seus planos, pelo que suas criaturas se dignassem fazer. Além de não ser filosófico não é bíblico. Se houver algo que constitua a raiz de tudo o que ensinam as Escrituras a respeito de Deus é que Deus sabe tudo. Mas não seria assim se não soubesse o que vão fazer suas criaturas. Um Deus tal, com

limitações de conhecimento, é muito distinto do Deus da Bíblia, do Deus para o que não há secretor.

Também a outra forma que adota a teoria de que nos ocupamos é extremamente insatisfatória. Conforme dita forma, Deus não determina nem preordena as ações dos seres pessoais que criou mas sim deixa que tais atuações procedam da vontade livre, embora Ele conhece de antemão como vão atuar.

Sem muito esforço de reflexão, acredito, vê-se que esta forma da teoria em realidade não soubera a dificuldade que deveria ter superado. Esta dificuldade é que se as ações dos seres pessoais, incluindo o homem, têm que ser livres - se, em outras palavras, têm que ser ações realmente pessoais - não podem estar predeterminadas. Portanto, sustenta a teoria, Deus não as pode ter determinado de antemão; por conseguinte, Deus deve ter limitado respeito o exercício de seu poder.

Bem, mas o problema radica em que se Deus criou realmente estes seres pessoais sabendo de antemão o que foram fazer caso de que os criasse, então em realidade determinou suas ações. Suas ações eram certas antes de que as realizassem. Mas se a certeza de uma ação antes de que se realize significa que dita ação não é livre nem verdadeiramente pessoal, então tais ações, ao as conhecer Deus de antemão com absoluta certeza, não eram livres; e a teoria fica a mercê de todas as objeções que levantam contra nossa doutrina.

Fica a mercê de todas essas objeções. Sim, e se depara com objeções ainda muito mais graves.

Que classe de Deus é esse que só sabe de antemão que suas criaturas vão realizar certas ações e contudo não designa que as realizem? Não é acaso um Deus o que está consciente de que há algo necessário fora de sua própria vontade? Parece como se essa certeza das ações futuras das pessoas criadas que permite a Deus as predizer deva atribuir-se ou ao propósito de Deus ou a algum destino cego, do que Deus está consciente mas que é independente do. A segunda alternativa rebaixa a Deus. Logicamente, implica o abandono desse ponto de vista elevado que atribui a existência de todas as coisas à vontade misteriosa de uma pessoa todo-poderosa. Suporta em realidade o abandono da ideia teísta do mundo, por pouco que estejam conscientes disso os que defendem sorte alternativa.

Não, devemos descartar todos estes argumentos. São extremamente perigosos. Mas o que soluciona o problema em nosso caso é que são contrárias à Bíblia. A Bíblia não faz exceções quando fala do governo de Deus sobre o mundo. Segundo a Bíblia, Deus o governa tudo, e a Bíblia é muito clara em ensinar que Deus determina os atos voluntários de suas criaturas. Nada, segundo a Bíblia, fica fora do plano eterno de Deus.

Mas, chegados a este ponto, frequentemente propõem outra objeção. "Vocês os calvinistas se esquecem de algo," afirma o que objeta. "Se Deus preordenar inclusive as ações livres das pessoas, incluindo o homem, que Ele criou, o que dizem das ações pecaminosas? Preordenou-as? Em caso afirmativo, onde vai parar sua santidade? Não devemos acaso atribuir quando menos as ações pecaminosas, só a livre determinação dos pecadores quem as comete e não ao plano ou propósito de um Deus santo?"

Em resposta a tal objeção, é fácil recorrer às palavras da Escritura que ensinam precisamente o contrário do que o que o objeto sustenta. A crucificação de Jesus foi sem dúvida um ato pecaminoso; ninguém pode duvidá-lo. Contudo a Bíblia afirma repetidas vezes que formava parte do plano de Deus. "A este, entregue pelo determinado conselho e antecipado conhecimento de Deus, prenderam e mataram por mãos de iníquos, lhe crucificando."²⁸

A palavra que se traduz por "conselho" é uma palavra muito singela; significa "desejo" ou "propósito." Mas o que foi o que, segundo este versículo, foi feito pelo propósito rápido de Deus? Foi a entrega de Jesus. Acredito que alude à entrega de Jesus por parte de Judas, e não a entrega de Cristo a seus inimigos por parte de Deus. Então, o ato malvado de Judas, a entrega de seu Senhor, diz-se ser algo que formava parte do plano de Deus. Mas inclusive se entregar a que se refere é a entrega de Cristo a seus inimigos por parte de Deus, é muito difícil evitar as implicações diretas da passagem. Parece evidente, se se tomar o versículo em sua totalidade, que o crime total da morte de Jesus se realizou, segundo este versículo, "pelo determinado conselho e antecipado conhecimento de Deus."

O mesmo aparece, possivelmente, com maior clareza ainda, em outra passagem de Atos. No quarto capítulo se diz: "Porque verdadeiramente se uniram nesta cidade contra o santo Filho Jesus, a quem ungiu, Herodes e Pôncio Pilatos, com os gentios e o povo de Israel, para fazer tudo quanto a mão e o conselho haviam antes determinado que acontecesse."²⁹ Esses homens perversos, com sua perversa ação, não se opuseram ao plano de Deus nem fizeram nada fora dele. Não, fizeram só o que a mão de Deus e o conselho de Deus predeterminaram que se fizesse. Inclusive as ações más dos homens não constituem, portanto, exceções ao caráter absolutamente universal do propósito eterno de Deus. O Catecismo Menor está em perfeita harmonia com a Bíblia quando afirma que com esse propósito eterno Deus preordenou tudo o que acontece - não tudo o que acontece com a exceção dos atos livres ou pelo menos dos atos maus das pessoas criadas, a não ser tudo o que acontece sem exceção nenhuma.

Lembro-me de um sermão que ouvi no verão passado. Encontrava-me no Zermatt nos Alpes Suíços. Durante a semana, fazia alpinismo: o Matterhorn, o Weisshorn e outros picos famosos. Aos domingos ia à igreja.

O sermão concreto que me lembro versou sobre o texto: "Se ele assim amaldiçoar, é porque Deus lhe há dito que amaldiçoe a David."³⁰ Estas palavras pronunciou David quando fugia do Absalão. Quando o rei passava acompanhado de seu séquito, reduzido e melancólico, Simei lhe atirou pedras e o amaldiçoou, dizendo: "Fora, fora, homem sanguinário e perverso! Deus deu o pagamento de toda a casa do Saul, em lugar do qual você reinou, e Deus entregou o reino na mão do seu filho Absalão; e agora eis-te aqui na tua desgraça, porque és homem sanguinário."³¹

²⁸ Atos 2:23

²⁹ Atos 4:27s

³⁰ 2Samuel 16:10

³¹ 2 Samuel 16:7s

Esta foi a maldição do Simei. Não surpreende que Abisai filho da Zerua dissesse ao rei: "por que amaldiçoa este cão morto a meu senhor o rei? Rogo-te que me deixe passar, e lhe tirarei a cabeça."

Mas David respondeu: "O que tenho eu com vós, filhos da Zerua? Se ele assim amaldiçoar, é porque Deus lhe há dito que amaldiçoe a David. Quem, pois, dirá: por que o faz assim?".

O pregador nessa pequena capela protestante na parte católica da Suíça interpretou o incidente como exemplo da forma em que Deus utiliza as ações dos homens maus. David reconheceu uma grande verdade. Inclusive a maldição de Simei, disse David, ocupava um lugar no plano de Deus. "Deus lhe há dito que me amaldiçoe" disse David.

Certamente, disse o pregador do Zermatt, David tinha merecido maldição. Não, certamente, a que Simei lhe lançou; não foi homem sanguinário no trato com a casa do Saul, como Simei afirmou. Mas por outras coisas que fez -por ter levado a morte, movido pela luxúria ao Urias heteu - mereceu maldição.

Houve Alguém, entretanto, disse o pregador, de quem não se pôde dizer o mesmo e sobre quem, apesar de tudo, foram lançadas maldições. Houve alguém que pendeu de uma ignominiosa cruz e suportou maldições e zombarias de seus inimigos. Ao passar perto meneavam a cabeça com brincadeira e o amaldiçoavam e ludibriavam na cruz.

Essas maldições eram todas imerecidas. Foram dirigidas contra o único homem verdadeiramente inocente de entre todos os que viveram na terra; foi um pecado terrível, tenebroso, de quem as proferiu.

Contudo, não cabe dúvida de que não fizeram algo que não entrava nos planos de Deus. Em absoluto; formava parte da entranha mesma desse plano. Por essas maldições proferidas contra o Justo e Santo, e pela morte que as acompanhou, todos nós, se formarmos parte do povo de Deus, somos salvos.

Sim, sem dúvida que as ações más dos homens ocupam um lugar no propósito eterno de Deus. A Bíblia o diz com toda clareza. Os homens maus possivelmente não pensam que estão cumprindo o propósito de Deus: mas não deixam de cumpri-lo, inclusive com os atos mais perversos que realizem.

Isto, entretanto, faz que se suscitem perguntas muito graves. Se as ações más dos homens ocupam um lugar no plano de Deus, se Deus as preordenar, então é responsável o homem delas, e não é Deus o autor do pecado?

A cada uma destas perguntas a Bíblia dá uma resposta inequívoca. Sim, o homem é responsável por seus atos maus; e não, Deus não é o autor do pecado.

Que o homem é responsável por suas ações más se vê tão claro do começo da Bíblia até o fim que é desnecessário mencionar textos concretos para demonstrá-lo. Mas também está claro na Bíblia que Deus não é o autor do pecado. Isto se compreende pela natureza mesma do pecado, que é rebelião contra a lei Santa de Deus. Também se acostuma em forma explícita. "Quando algum é tentado, não diga que é tentado de parte de Deus; porque

Deus não pode ser tentado pelo mal, nem ele prova a ninguém; mas sim cada um é tentado, quando de sua própria concupiscência é atraído e seduzido.³²"

Como, pois, podemos resolver a dificuldade? Havemos dito que Deus preordenou tudo o que acontece. As ações pecaminosas dos homens são coisas que acontecem. Contudo negamos que Deus seja o autor das mesmas e atribuímos a responsabilidade delas ao homem.

Com que direito o fazemos? Acaso não nos metemos em uma contradição sem solução?

A resposta se acha no fato de que embora Deus preordena tudo o que acontece, faz que as coisas aconteçam em forma muito diferentes.

Não faz que aconteçam as ações dos seres pessoais da mesma forma que os sucessos do mundo físico. Isto é assim inclusive no caso das ações boas dos homens que são seus filhos. Inclusive quando Deus faz que esses homens realizem certa ações sob a orientação de seu Santo Espírito, não trata com eles como se fossem pedras ou paus, mas sim trata com eles como homens que são. Não lhes faz realizar essas ações contra sua vontade, mas sim determina sorte vontade, e sua vontade como pessoas fica a salvo quando realizam ditos atos. Os atos seguem sendo deles, inclusive se o Espírito de Deus os guia a realizá-los.

Quando Deus faz que aconteçam as ações más do homem, influi ainda de uma maneira distinta. Não prova aos homens para que pequem; não os induz a pecar. Mas faz que aconteçam essas ações como eleição livre e responsável por seres pessoais. criou esses seres com o dom temível da liberdade de eleição. O que fazem como fruto desse dom são ações delas. Em realidade não surpreendem a Deus quando as fazem; as fazer entra no plano eterno de Deus; mas por elas, não Deus, mas eles são responsáveis.

Onde está a verdadeira dificuldade em tudo isto? É acaso a dificuldade de harmonizar a vontade livre da criatura com a certeza das ações das criaturas como parte do propósito eterno de Deus? Não, não acredito que seja esta a verdadeira dificuldade. Parece-me que é ver como um Deus bom e todo-poderoso pode permitir que entrasse o pecado no mundo que Ele tinha criado. Esta dificuldade se enfrenta com o ensino consequente e verdadeiramente bíblico do decreto divino, ensino que tratamos que sintetizar nesta exposição, e também se opõe às opiniões inconsequentes que refutamos. Nunca se deve empregar, portanto, como argumento em favor de nenhuma das duas teorias inconsequentes nem contra o ensino consequente

O problema subsiste. Como pode um Deus santo, se for todo-poderoso, ter permitido a existência do pecado?

Como resolver o problema? Parece-me que devemos admitir algo que não lhe agrada muito a nosso orgulho. Temo-me que temos que reconhecer que é insolúvel.

³² Tg 1:13s

É tão surpreendente que haja coisas que não compreendamos! Deus nos comunicou muitas coisas. Inclusive sobre o pecado nos revelou muito. Nos diz como por um preço infinito, com o dom de seu Filho, deu-nos a forma de evitá-lo. Sim, Deus nos comunicou muitas coisas. É surpreendente que não nos tenha revelado isso tudo? Não me parece, meus amigos. Depois de tudo, não somos mais que criaturas finitas. Surpreende que haja certos mistérios que Deus em sua bondade e sabedoria infinitas nos tenha querido ocultar? Surpreende que haja certos aspectos em seus conselhos que nos pediu que nos contentemos com não conhecer mas sim nos conformemos confiando no que tudo sabe?

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Está tudo determinado e fixado no plano de Deus, as ações dos homens também? Explique.
2. Se tudo é preordenado Por Deus, Isto não faz de Deus o autor das ações pecaminosas dos homens ao preordená-las?
3. É então o homem responsável por suas ações pecaminosas e Deus não é o autor do pecado?
4. Não é uma contradição, que Deus preordena tudo, não é autor do pecado, e o homem ser o responsável por seus atos?
5. Como pode um Deus santo, se for todo-poderoso, ter permitido a existência do pecado?

O Pacto de Obras

Gênesse 2:8, 9, 15–17

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

8 E Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente; e pôs ali ao homem que tinha formado.

9 E Deus fez nascer da terra toda árvore deliciosa à vista, e boa para comer; também a árvore de vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal”.

15 “Tomou, pois, Deus ao homem, e o pôs no jardim do Éden, para que o lavrasse e o guardasse.

16 E ordenou Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente;

17 mas da árvore da ciência do bem e do mal

não comerás; porque o dia que dela comer, certamente morrerá.”

Se fomos salvos pela graça de Deus e nossos pecados foram perdoados, poderíamos viver como o demônio e ainda ser salvos no final? Não! De maneira nenhuma! No Julgamento Final seremos julgados por Deus por nossas obras. A evidência de verdadeira fé se vê em nossas obras de fé. Deus optou por mediar com a criatura racional por meio de pactos que estipulavam o que Ele requeria de nós. Ele determinou como devemos nos relacionar com Ele por meio de um pacto com fundamentos legais. Como criaturas de aliança, se observarmos o pacto ou convênio, somos bentos. Se o violarmos, somos amaldiçoados. Embora não está formalmente declarado como tal, o primeiro pacto se nomeia no segundo capítulo de Gênesis quando Deus falou com homem pela primeira vez. Este pacto ou acordo de obras não foi nem substituído nem eliminado, mas sim continua estar em efeito para nós hoje em dia. Entendamos o que isso é, e devemos saber o que isso significa para nossas vidas hoje em dia. Entendendo isto nos ajuda a interpretar corretamente muitas passagens das Escrituras e a entender o que Deus demanda de nós e o que Cristo tem feito por nós para cumprir esse pacto.

Fundamentos Bíblicos para o Pacto das Obras

Existe uma enorme diferença entre Deus nosso criador e nós os humanos como suas criaturas. Nós somos o barro do qual o oleiro tem feito uma vasilha para seus próprios propósitos (Rom. 9:20, 21). Por esta razão toda a conduta de Deus para conosco é o produto de sua vontade soberana e sua benignidade (Isaías 40:13-17). Deus não necessita nada de nós (Atos 17:25). Seus pactos com o homem são para propósito de sua glória feita realidade (Isa. 43:1,7). As condições de seus pactos são impostas sobre a humanidade por meio de suas promessas afetuosas. Nada obriga a Deus às circunstâncias a não ser a sua própria Palavra. Se Adão tivesse obedecido a Deus completamente e não tivesse pecado, ele teria sido recompensado com a vida eterna sem as maldições. Mas isto não seria concedido a Adão somente porque ele o exigisse, a não ser simplesmente porque estava dentro da grande vontade de Deus o conceder-lhe. A obediência sem pecado é simplesmente a dívida que temos com Deus.

Vemos afirmado na *Confissão de Fé de Westminster* (VII, 2), “O primeiro pacto feito com o homem foi o pacto das obras, no qual a vida eterna foi prometida a Adão, e a sua descendência, com a condição de obediência pessoal perfeita.” Esta doutrina foi esclarecida mais tarde no *Breve Catecismo de Westminster*. A segunda décima proposição pede: “Que ato de disposição especial exerceu Deus para o homem no estado no qual foi criado?” A resposta é: “Quando Deus criou ao homem, Ele entrou em um pacto de vida com ele, com a condição de que obedecesse perfeitamente, ao lhe proibir que comesse da árvore da ciência do bem e do mal, com o castigo da morte”. Vemos aqui ambos os termos “o pacto de obras” e o “pacto de vida” usados pelos teólogos de Westminster.

O primeiro pacto nas Escrituras é o pacto da graça no sentido de que Adão e Eva não pretendiam a um direito imperecível de Deus. Isto expressa a misericórdia de Deus para com eles. Algumas vezes se presume que como Adão era justo ele tinha algum direito de Deus. Como Eliú diz a Jó: “Se for justo, o que dará a Ele? Ou o que receberá Ele de sua mão? (Jó 35:7). Se nós hipoteticamente formos capazes de cumprir toda a vontade de Deus

muito bem, perfeitamente, Deus ainda não nos deveria nada. Além disso, como também o ensinou Jesus: “Assim também vós, quando tiverem feito tudo o que lhes foi ordenado, digam: Servos inúteis somos, pois o que devíamos fazer, fizemos” (Lucas 17:10).

Por outra parte, Adão tivesse merecido completamente a bênção prometida pelo pacto se ele tivesse completo com a obrigação de não comer da árvore da ciência do bem e do mal. Porque Deus lhe tivesse dado a recompensa não de Sua graça, mas sim por mérito de acordo à justiça por ter completo o convênio do pacto.³³

As partes integrantes do pacto de obras não foram declaradas formalmente mas sim estão claramente subentendidas. Deus pôs a Adão e a Eva no Paraíso Terrestre. “No meio do jardim estava a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal” (Gên. 2:9b). “E mandou Deus ao homem dizendo: De toda árvore do jardim poderá comer; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá; porque o dia que dele comer, certamente morrerá.” (Gên. 2:16,17). A árvore da ciência do bem e do mal não tinha nada que desse conhecimento especial ao homem. Do contrário não teria sido proibido. Havia uma revelação evidente da vontade de Deus, de que o homem poderia conhecer a conduta do bem e do mau. “E o que é o bem? Não era bom comer deste fruto. E o que é o mau? É mau comer desta árvore. Esta lei foi manifestada por razão da árvore. Se o homem comesse deste fruto ele teria conhecimento prático do bem ao perdê-lo, e do mau ao percebê-lo agora em vida.

Por estas duas árvores Adão tinha diante ele o bem e o mau, a bênção e a maldição, a vida e a morte. Estas duas árvores se podem ver como dois sacramentos, um sinal e um selo para o Adão como a bênção de Deus, preferência e vida eterna, ou sua maldição, sua eterna condenação e separação de Deus quem o criou.³⁴

O mandato de Deus pressupõe que o homem tem a capacidade para escolher entre o reto e a responsabilidade. Assim ao homem foi dada a escolha livre se quisesse ele viveria em felicidade em companhia de Deus o Senhor, ou desobedecer e romper essa relação, que o levaria a morte. Adão foi confrontado com o domínio de Deus sobre ele, porque o mandato de não comer dessa árvore foi uma eliminação única para seu domínio sobre a criação, particularmente aquela de lhe permitir comer do fruto de toda árvore (Gên. 1:29). Em discussão estava se Adão ia permitir que Deus determinasse o que era bom ou o que era mau, ou se Adão ia decidir isso por sua conta, prescindindo do mandato claro de Deus. Este acordo de Deus com o Adão se chama o pacto de obras, embora estas palavras não estão formalmente usadas na passagem. É o pacto de obras porque a base da relação do Adão com Deus dependia do que Adão fizesse respeito ao mandato de Deus.

Adão tinha de por si a alternativa de obedecer e viver, ou desobedecer e morrer. Deus requeria obediência perfeita. Qualquer violação das condições do pacto significava a morte. Os fundamentos do pacto sendo vigentes, Paulo os confirma ao citar ao Levíticos 18:5 e Gálatas 3:12 “O que fizer estas coisas viverá por elas.” Esta possibilidade incerta de que

³³ Meredith G. Kline, “Covenant Theology Under Attack,” 4, citado por Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith*(Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998), 433.

³⁴ Mateo Henry, *ibid.*, 32.

uma pessoa guardasse todos o que Deus impor significava que tanto ele como ela seriam recompensados com a vida eterna. Este fundamento se encontra muitas vezes nas Escrituras (Eze. 20:11, 13, 20; Lucas 10:28; Rom. 10:5).

Objeções ao Pacto de Obras

Algumas pessoas [como João Murray opõe-se ao pacto de obras como sendo um conceito bíblico porque (a) não está claramente manifestado na Escritura de ser um pacto (o termo “pacto de obras” não se nomeia); e (b) o vocábulo dá a entender que as obras de Adão puderam ter merecido as bênçãos de Deus por toda a vida; a graça não aparece a divulgação do pacto.

Entretanto estas objeções não têm fundamento. Muitas expressões são usadas na teologia para descrever os conceitos bíblicos que não se nomeiam nas Escrituras. Por exemplo, “a trindade” não se nomeia na Bíblia, mas a doutrina do *trino e um* (que contém três pessoas distintas, como Deus) foi feita bem clara através de toda a Escritura, a qual lhe damos o nome de “A Trindade”. Quanto à segunda objeção, *A Confissão de Fé do Westminster* é muito cautelosa em assinalar que como criaturas de Deus nós “nunca tivéssemos tido nenhuma complacência dele como [nossa] felicidade e galardão, mas sim como uma condescendência voluntária de parte de Deus, pela qual Ele teve gosto de expressá-lo por meio do pacto” (VII, 1). Em outras palavras, não esperaríamos o ter a realização de gozar e estar com Deus por toda a eternidade a menos que ele não tivesse feito um pacto conosco. O designação de “pacto de obras” expressa mais claramente a distinção entre o primeiro pacto com o pacto posterior de graça. Porque no pacto de obras eram as obras de obediência do homem a condição para ser recompensado com o bondoso dom de vida. Além disso, ao não ser consistente em fazer obras boas sempre por isso vemos a necessidade do pacto da graça. Paulo escreve do remanescente de Israel que permanece fiel ao Senhor ao dizer: “Assim também ainda neste tempo ficou um remanescente escolhido por graça. E se por graça, *já não é por obras*, de outra maneira a graça já não é graça. E se por obra, já não é graça; de outra maneira a obra já não é obra” (ROM. 11:5, 6 acrescentando a ênfase).³⁵ Isto quer dizer que em uma época (com o Adão) o pacto era por obras. Enquanto Adão e Eva continuassem fielmente fazendo o que se requeria (deles) sem quebrantar o único mandamento proibido, não havia necessidade pela graça.

Há cinco razões do porquê devemos considerar a relação entre Deus e Adão como a de um pacto.

1. A palavra “pacto” não tem que ser usada em realidade para que um pacto esteja vigente. Isto está claro em 2 Samuel 7 onde a palavra não é usada. Já no Salmo 89:19-37 Deus estabeleceu um pacto com o David naquele momento, de que sua descendência e seu trono seriam para sempre.

³⁵ O material acima vem do G. I. Williamson, *The Westminster Confissão of Faith for Study Classes* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing CO., 1964), 62-64.

2. Os elementos comuns de um pacto se encontram nas passagens de Gênesis 2, que inclui as duas partes (Deus e Adão); a condição (“mas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal não comerá”); a promessa de recompensa por obedecer é subentendida em que não violar o pacto significaria a continuação da vida (“A árvore da vida estava no meio do jardim”); e a sentença (“o dia que comer do fruto [da árvore da ciência do bem e do mal] de seguro morrerão”). Embora não se menciona que o homem aceitou o pacto, isto não é necessário, porque Deus e o homem não são iguais. A aceitação do pacto que Deus fez com o Noé e Abraão tampouco se menciona. Todos os pactos de Deus são soberanamente subministrados ao homem, onde Deus tem o direito absoluto de formular as condições. Na condição imaculada do homem, ele não teria problema em aceitar as condições do pacto e teria a habilidade de cumpri-lo. Era para o mesmo interesse do homem o fazê-lo.

A Escritura não está clara quanto à assinatura e selo deste pacto, como em outras assinaturas em pactos tais como na circuncisão e o batismo. Entretanto, muitos veem na árvore da vida um sinal de receber seu fruto como um dom de vida. Por isso, quando Adão e Eva quebrantaram o pacto de obras, foram expulsos do Jardim do Éden e impedidos de tocar a árvore da vida pela espada acesa do querubim (Gên. 3:22, 24). Os querubins protegiam o acesso dos pecadores ao trono de Deus (Ex. 25:18-22). Entretanto, a descrição do Paraíso no Apocalipse 22 é da árvore da vida que é para a cura das nações. Aqueles que obedecem seus mandamentos ou que lavaram suas roupas (pelo sangue de Cristo quem nos dá as roupas brancas de sua justiça (Apoc. 7:14]) podem ter o direito à árvore da vida e entrar pelas portas da cidade (Apoc. 22:14).

3. Oséias 6:7 nos diz: “Mas eles, qual Adão, transpassaram o pacto; ali prevaricaram contra mim.” Este verso claramente se refere ao pacto que Adão quebrou, tal como o fez Israel. Alguns veem este verso como referindo-se a Adão. A versão do King James [em inglês] traduz “como os homens” em lugar de “como Adão.” Mas isto significaria como em termos humanos. Entretanto, não existe o plural ao referir-se a mais de um homem. Também isto seria um termo vazio dizer que eles quebraram “como os homens,” porque não há outra forma como o homem possa transgredir a lei.

4. As comparações que há no Novo Testamento entre Adão e Cristo (Rom. 5:12-19; 1 Cor. 15:22, 45-49) mostra a Cristo como a cabeça principal do Pacto Novo, ensinado por dedução de que Adão é a figura principal (federal) na disposição de um pacto. Paulo sustenta que nossa justificação ante Deus, que é através da justiça de Cristo nos atribui sem que nenhuma obra de nossa parte o mereça. Igualmente, a culpabilidade do pecado do Adão se descarregou sobre todos seus descendentes (“o pecado entrou no mundo por um homem” [Rom. 5:12]; “em Adão todos morrem” [1 Cor. 15:22]). Isto nos mostra que Adão tem um pacto de relação com Deus que se estende a todos seus descendentes. Adão é figura de Cristo (Rom. 5:14) em que ele é a cabeça do pacto.

5. O pacto de Graça é simplesmente a satisfação do pacto de obras por Cristo, quem garante sua realização para nós. Jesus voluntariamente se condescendeu para descender do céu para tomar a forma humana para que assim pudesse cumprir perfeitamente a lei por nós. Nós não teríamos obtido a vida só por guardar a lei, porque

falhamos de contínuo. “Porque qualquer que guardar toda a lei, mas ofender em um ponto, faz-se culpado de todos” (Santiago 2:10). Cristo veio para cumprir com o que Adão falhou em fazer, cumprindo toda a justiça fazendo sempre a vontade do Pai (João 4:34; 5:30; 6:38). O que Cristo fez foi por meio de um pacto de aliança confirmado através de seu sangue. Agora que o pacto de obras se cumpriu em Cristo, todos aqueles que põem sua fé no Jesus Cristo receberão a promessa da vida eterna.

Agora há dois caminhos para a vida eterna. Primeiro, por guardar fielmente a lei de Deus. “Moisés escreve a respeito da justiça que é por lei, o homem que faça estas coisas, viverá por elas” (Rom. 10:5). A confirmação de Deus de outro pacto não anula o pacto anterior, nem invalida a promessa (Gál. 3:17). Entretanto, isto significa que é impossível para uma pessoa o viver depois da Queda. Como o expressa Paulo em Gálatas 3:10, 11: “Porque todos os que dependem das obras da lei estão sob maldição, pois escrito está: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas escritas no livro da lei, para as fazer. E que pela lei nenhum se justifica para com Deus, é evidente porque: O justo pela fé viverá.”

O segundo caminho à vida eterna com Deus é pôr a fé em Jesus Cristo quem guardou completamente toda a lei. “Cristo nos redimiou da maldição da lei, feitos por nós maldição” através de sua morte na cruz (Gál 3:13). Mas a justiça que é pela fé vem ao confessar com sua boca que Jesus é o Senhor, e acreditar em seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, será salvo. “Porque com o coração se crê para justiça, mas com a boca se confessa para salvação” (Rom. 10:6, 9, 10). Desta forma vemos que o pacto de obras que Adão não cumpriu, e por carga ou atribuição, falhou para toda sua descendência, e foi completo por Cristo que todo aquele que põe sua fé nele pode, por atribuição obter a justiça ao lhes outorgar a vida eterna. Cristo, como o segundo Adão satisfaz o pacto de obras por sua obediência perfeita ao Pai. Como assunto de pura justiça, Ele mereceu sua recompensa ao receber do Pai a todos os escolhidos no reino de Deus, lhes dando vida eterna.

A Continuidade do Pacto de Obras

Hoje em dia ainda usamos o pacto de obras? Acaso não foi eliminado logo que se prometeu o pacto de graça (Gên. 3:15)? Agora que vivemos sob o pacto novo estabelecido por Cristo, não perde sua força o pacto da lei? Como objetam alguns. Hebreus 8:13 diz: “Ao dizer: Novo pacto, deu por velho ao primeiro; e o que se dá por velho e se envelhece, está próximo a desaparecer.” Ao que este verso se refere é ao pacto antigo da lei que foi dado a Israel no Monte Sinai por meio do Moisés, o qual era insuficiente. A relação natural da humanidade com Deus estava arraigada ao primeiro pacto de vida, não ao pacto da lei dado sob Moisés. Ninguém pode argumentar que Deus não requeria nossa obediência se não fôssemos capazes de obedecer. A incapacidade da humanidade foi por conclusão geral quando Adão optou por desobedecer o mandamento categórico de Deus. Cada um de nós prefere rebelar-se contra as normas que Deus tem sobre nós. O Governante soberano do universo tem o direito de exigir o serviço de adoração e obediência que se deve só a Ele. Outra vez, a gente pode argumentar que entre mais pecamos mais nos escravizamos ao pecado e somos menos capazes de fazer o que Deus requer de nós. Por esta razão, entre

mais pecamos temos menos responsabilidade moral até que finalmente sejamos absolvidos de toda responsabilidade ante Deus por nossas ações. Isso é como dizer que um condutor ébrio é inocente de matar a toda uma família de cinco pessoas ao passar um semáforo vermelho porque estava embriagado. Isto é um absurdo. E devemos dizer “Não” à revogação do pacto de obras por três razões³⁶.

Primeiro, a humanidade deve a Deus uma obediência contínua e perfeita. Como ensinou Jesus no Sermão da Montanha, “Porque lhes digo que se sua justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrarão no reino dos céus” (Mat. 5:20). Os escribas e fariseus eram os mais atentos a guardar toda a lei Mosaica. Logo depois de ensinar o mais significativo de guardar a lei moral de Deus, Jesus continua dizendo: “Sede, pois, vós perfeitos, como seu Pai que está nos céus é perfeito” (Mat. 5:48). Pedro também escreve, “Assim como aquele que vos chamou é santo, sede Santos vós também, como está escrito: Sede Santos, porque Eu sou santo” (1 Pedro 1:15, 16). Por esta razão estamos ainda obrigados a fazer boas obras para que por elas lhe possa dar a glória a Deus (Mat. 5:16; 1 Pedro 2:12). Não troco o estado legal de uma pessoa que estava sob condenação por quebrantar a lei a ser justo pela justiça atribuída de Cristo que anula a autoridade da lei. Ainda estamos sob a obrigação de guardar os Dez Mandamentos.

Em segundo lugar, aqueles que violam o pacto de obras estão sob sua maldição e castigo. Cada um deve padecer a morte. “Porque o pagamento do pecado é a morte” (Rom. 6:23). Cada um está separado da relação justa com Deus ao continuar em seus pecados, sejam por herança e aqueles cometidos no presente e que merecem o julgamento justo de Deus. Somente porque a humanidade caiu no pecado e é incapaz de guardar a lei, não quer dizer que já Deus não exija nossa obediência. Ele a exige. Entretanto, nossa inabilidade de guardar a lei é como um tutor (professor) ou guardião que assinala nossa necessidade da graça de Deus pelo evangelho de Cristo.

Terceiro, a promessa condicional de receber a vida eterna não foi retirada. Ela ainda se aplica. Como dizíamos antes, esta promessa é repetida com frequência depois da Queda. Por exemplo, um intérprete da lei disse ao Jesus para lhe provar: “Professor o que devo fazer para herdar a vida eterna?” Jesus lhe disse: “O que está escrito na lei? Como os?” Aquele lhe respondeu: “Amará ao Senhor seu Deus com todo seu coração, e com toda sua alma, e com todas suas forças, e com toda sua mente; e a seu próximo como a ti mesmo.” E Jesus lhe disse: “Bem respondeste; faz isto e viverá” (Lucas 10:25-28). Estes dois mandamentos formam o resumo dos Dez Mandamentos e a lei completa.

Se os podemos guardar todos completamente, herdaremos a vida eterna. Note-se também que repetidamente nos diz tanto no Antigo como no Novo Testamento que seremos julgados por nossas obras (Salmo 62:12; 2 Cor. 5:10). Entretanto é plenamente evidente entre toda a humanidade da Queda do Adão e Eva, de que ninguém pode guardar a condição de receber a vida eterna por meio do pacto de obras. “Por quanto todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus” (Rom. 3:23). Embora continuemos vivendo sob o pacto de obras, estamos totalmente sujeitos ao pacto de graça para ter a capacidade de nos salvar e receber a vida eterna.

³⁶ Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing CO., 1941), 218.

Há dois modos pelos quais o pacto de obras foi eliminado. Primeiro, o pacto de obras foi revogado em sua eficácia como uma forma para que nós possamos obter a vida eterna. Depois de que a humanidade pecou, foi impossível salvar a ninguém. Todos estávamos condenados pela maldição da Lei.

Segundo, algo novo foi apresentado Por Deus no que através do pacto de graça Ele fez que o pacto de obras fosse completo pela mediação de Jesus Cristo para aqueles que estão sob o pacto de graça. Ele cumpriu toda a Lei. Ele foi santo e perfeito, como o Cordeiro Pascal sem mancha. Isto não quer dizer que o pacto de obras tenha sido desprezado. Pelo contrário, Jesus deveu completar toda a justiça” para nosso proveito (Mat. 3:15). Ele guardou completamente o pacto de obras para que pudéssemos ter vida por meio Dele. Paulo descreve o que Cristo fez por nós:

“Porque o salário do pecado é morte, mas a dom gratuito de Deus é vida eterna com Cristo Jesus nosso Senhor.”

“Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão com Cristo Jesus, os que não andam conforme à carne, a não ser conforme ao Espírito. Porque a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me livrou que a lei do pecado e da morte. Porque o que era impossível para a lei, por quanto era fraco pela carne, Deus, enviando a seu Filho em semelhança de carne de pecado e a causa do pecado, condenou ao pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos conforme à carne, a não ser conforme ao Espírito” (Rom. 6:23; 8:1-4).

depois de vir à fé em Cristo, Ele nos transforma por meio de um processo de santificação mais e mais semelhante a sua imagem em justiça e santidade verdadeiras. Legalmente, logo depois de acreditar já somos justos e Santos diante do trono de Deus através da justiça de Cristo conferida a nós. Mas por experiência em nossa vida cristã, é um processo de crescimento até a morte, pela qual seremos glorificados no céu. Enquanto isso, devemos correr a carreira para alcançar a meta a qual fomos chamados de viver pela fé que nos conduz à santidade da vida. Carlos Hodge disse: “A santidade é o fim da redenção, porque Cristo se deu assim mesmo por nós para que pudesse nos redimir de toda nossa iniquidade e nos desencardir para ele mesmo como um povo adquirido e ciumento de obras boas.”³⁷ Nossas obras boas são o produto ou resultado do trabalho do Espírito em e através de nós para cumprir tudo o que Deus nos preparou para louvor de sua graça maravilhosa. Como o há dito Martin Lloyd-Jones: “A santidade não é algo a que fomos chamados a fazer com o fim de chegar a ser alguém; é o que fazemos devido ao que já somos.”³⁸ O resultado da santidade são as obras boas.

As Obras Boas no Dia do Julgamento

Desta maneira, no dia do julgamento final, nosso Senhor Jesus Cristo chamará a cada um de nós para que prestemos conta das obras que temos feito nesta vida (Mat. 25:31-46).

³⁷ Mark Water, compilador, *The New Encyclopedia of Christian Quotations* (Grand Rapids: Baker Books, 2000), 476-477.

³⁸Ibid., 477.

“Porque é necessário que todos nós compareçamos ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tenha feito enquanto estava no corpo, seja bom ou seja mau” (2 Cor. 5:10). Porque os incrédulos que não foram justificados diante Deus, suas obras perversas, o descuido de não fazer o que era requerido, e a falta de fé os condenará. Para os crentes, seus pecados serão perdoados através do sangue expiatório de Cristo, mas suas obras boas serão recompensadas com bênçãos múltiplas. Quando os meninos não têm feito o que lhes pediu que fizessem, isso não faz que eles sejam desprezados como filhos pelos pais que os amam. Mas se eles obedecerem ao que lhes pede e se esmeram em fazê-lo então são recompensados. Talvez o pai dá um sorvete ou o deixa brincar com um amigo até mais tarde. Assim também, crentes foram adotados dentro da família de Deus. Apesar de nossos pecados e fracassos, Deus ainda nos ama, e se verdadeiramente temos fé, seremos salvos (Rom. 6:23; 8:1). Mas se formos fiéis em administrar tudo o que Deus nos confiou com nossos dons, nossas finanças, energia, nossa inteligência e nossa razão Ele nos recompensará sobre maneira dizendo: “Muito bom, servo bom e fiel; sobre pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo de seu senhor.... Porque ao que tem, lhe será dado, e terá mais” (Mat. 25:21, 23, 29; também veja-se o Lucas 19:11-27). Jesus nos pede: “não ajuntem tesouros na terra, ajuntem tesouros no céu” (Mat. 6:20).

Cada obra pessoal será exposta pelo que é no Dia do Julgamento Final. O cristão que edificar no fundamento de Jesus Cristo com madeira, feno ou palha sua obra será provada pelo fogo ao final. Mas o cristão que edifique com ouro, prata e pedras preciosas, a obra de cada um se queimará com fogo nesse Dia. “Se a obra que cada um edificou nesse fundamento permanecer, ele receberá a recompensa. Se a obra de alguém se queimar, ele sofrerá perda, embora ele mesmo será salvo, assim como que por fogo” (1 Cor. 3:12-15). Assim como haverá graus de castigo, também haverá graus de recompensa pelas obras que tenhamos feito e que glorifiquemos ao Pai. Ainda nossos motivos serão condenadas ou elogiadas no Julgamento Final. O Senhor “esclarecerá também o oculto das trevas, e manifestará as intenções dos corações; e então cada um receberá seu louvor de Deus” (1 Cor. 4:5).

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Lista cinco razões porque a relação entre o Adão e Deus dever ser considerada como um pacto.
2. Quais são os dois caminhos para vida eterna? Porque só um caminho é possível para nós?
3. Diga três razões por que o pacto das obras ainda está em efeito.
4. Quais são as duas maneiras em que o pacto das obras foi abolido?
5. Que lugar tem nossas obras no Dia do Julgamento Final?

O Pacto de Vida

O Homem. J. Gresham Machen.

Mencionamos no último bate-papo que quando a Bíblia afirma que Deus criou o homem a sua imagem quer dizer algo mais que o fato de que o homem significa isto e algo mais. Também significa que houve uma semelhança moral entre Deus e o homem. O homem assim que criado, em outras palavras, era como Deus não só por ser pessoa mas também também por ser bom.

Vimos que esta ideia da imagem de Deus no homem, embora a negam diversas formas erradas - de pensar, apoia-se em considerações muito sólidas que se deduzem de toda a forma em que a Bíblia fala da criação do homem. E também se apoia em duas passagens do Novo Testamento nos que deveríamos fixar agora a atenção. Estas passagens se acham no capítulo terceiro da Carta aos Colossenses e no quarto capítulo da Carta aos Efésios.

Em Colossenses 3:10, Paulo fala de seus leitores que se despojaram do velho homem "e revestido do novo, o qual conforme à imagem do que o criou se vai renovando até o conhecimento pleno." Aqui temos uma menção da imagem de Deus. Que luz arroja esta passagem sobre o problema do significado da imagem de Deus?

Sem dúvida que a referência neste caso não é em forma direta à primeira criação do homem, a que agora nos ocupa, a não ser à nova criação que tem lugar quando alguém se torna cristão - essa nova criação que em essência é o mesmo em outras partes da Bíblia se chama novo nascimento.

Mas embora a referência direta é à nova criação, há uma alusão evidente a primeira criação, já que se usam em parte as mesmas palavras de Gn. 1:27; e em concreto nesta passagem nos ensina algo muito importante a respeito do que significa a imagem de Deus na passagem da Gênesis. A imagem de Deus, que se menciona em Colossenses, quer ser claramente a mesma em essência que a imagem de Deus da que se fala na passagem de Gênesis.

Muito bem, então. Examinando o que Paulo diz nesta carta a respeito da imagem de Deus podemos compreender melhor o que significa tal expressão em Gn. 1:27.

O que demonstra, pois, nosso exame da passagem paulina? Mostra que a "imagem de Deus" segundo a Bíblia implica conhecimento. "Revestido do novo (homem)," diz Paulo, "o qual conforme à imagem do que o criou se vai renovando até o conhecimento pleno."

Mas essa palavra "conhecimento" é claramente um termo muito rico. O conhecimento de que Paulo fala, e que diz que forma parte da imagem de Deus no homem, não é um simples conhecimento intelectual como o que os demônios possuem quando tremem ante Deus, mas sim inclui também uma compreensão genuína de Deus que só possuem quem

vive em comunhão com Ele. Esse conhecimento portanto deve ter formado parte da imagem de Deus segundo a qual o homem foi criado no princípio de acordo com Gênesis

Não quero dizer que o povo redimido de Deus, o povo que experimentou a nova criação ou o novo nascimento, não tenha mais conhecimento de Deus que o que Adão teve quando foi criado; em realidade tem muito mais. Mas apesar de tudo, desta passagem do Colossenses tiramos a ideia bem clara de que a ideia bíblica da imagem de Deus, segundo a qual diz Gênesis que o homem foi criado, inclui um conhecimento que é um patrimônio tanto moral como espiritual.

A outra passagem do Novo Testamento que lhes quero mencionar é Efésios 4:24. Nessa passagem Paulo fala de seus leitores no sentido de que aprenderam que tal modo a Cristo que se vestiram do novo homem, "criado segundo Deus na justiça e santidade da verdade." Aqui como na passagem do Colossenses Paulo fala da nova criação, pela que os homens se tornam cristãos, e não da primeira criação do homem referida no livro de Gênesis. Mas aqui como na passagem de Colossenses há uma alusão clara a essa primeira criação do homem e a ilumina. As palavras "segundo Deus" significam "com Deus como modelo." assim, a passagem ensina claramente que o homem que é criado "com Deus como modelo," ou - para expressar a mesma ideia com outras palavras - que é criado segundo a imagem de Deus, possui necessariamente justiça e santidade. Por isso quando o livro de Gênesis diz que Deus criou ao homem a sua imagem quer dizer - se interpretarmos a Escritura com a ajuda da Escritura - que Deus criou ao homem em justiça e santidade.

Quão completamente se derrubaria o paralelismo evidente entre a nova criação e a primeira criação se a imagem de Deus se interpretasse em uma forma de tudo distinta nos dois casos - indicando justiça e santidade no caso da nova criação e o simples dom de liberdade pessoal sem qualidade moral no ato da primeira criação! Não, nada tão inconsequente se dá a entender. Quando a Bíblia fala de ser igual a Deus como ideal para o homem - como por exemplo quando Jesus disse, "Sede, pois, vós perfeitos, como seu Pai que está nos céus é perfeito"³⁹ - pensa acima de tudo na semelhança moral. Por isso não se pode aceitar que a semelhança moral se exclua quando o primeiro livro da Bíblia nos diz que Deus criou ao homem a imagem dela.

O Catecismo Menor, então, tem perfeita razão quando diz, em resposta à pergunta, "Como criou Deus ao homem?": "Deus criou ao homem varão e mulher, segundo sua própria imagem, em conhecimento, justiça e santidade, podendo sobre as criaturas."

Bem, de todos os modos até aqui chegamos em nossa exposição da relação de Deus com o homem. O homem foi criado em conhecimento, justiça e santidade.

Mas deixou Deus ao homem por sua conta depois de que o teve criado? Não, não o deixou por sua conta: fez um pacto com ele.

Esta foi, claro está, só uma das coisas que Deus fez com o homem. Com sua providência preservou e dirigiu o homem e a todas suas ações do mesmo modo que preservou e dirigiu a todas as criaturas. Mas o Catecismo Menor tem razão em escolher

³⁹ Mt. 5:48

esse pacto com o homem como "ato especial da providência" que Deus teve "com o homem, no estado em que foi criado."

A Bíblia, entretanto, não emprega em realidade a palavra "pacto" neste ato concreto. Mas o acordo que descreve se assemelha tanto a outros acordos pare os que emprega esse termo que não é possível negar aos teólogos o direito de empregar esse termo também no ato que nos ocupa. É evidente que Deus, sim, estabeleceu, segundo o livro de Gênesis, o que, segundo a forma em que a Escritura se expressa em outras passagens, chama-se um pacto.

Bem quando a Bíblia fala de "pacto" em um contexto como este, em que Deus era um dos pactantes, não significa exatamente o que nós queremos dizer quando empregamos esse termo. Por "pacto," em linguagem mais moderna "contrato," queremos dizer um acordo que cada uma das duas partes pode aceitar ou não conforme lhe agrade. A Bíblia não quer mostrar um pacto ou contrato ordinário como este quando emprega esse termo para o acordo entre Deus e o homem. A razão é que embora o homem é uma das duas partes, não pode escolher entre aceitar o acordo ou não. Pelo menos não tem em modo algum liberdade para propor outro acordo em lugar do que Deus apresenta. Não pode dizer a Deus: "Não, não quero estabelecer esse acordo contigo; o que eu proponho é isto; pode aceitar este contrato que o ofereço, ou -se não, não haverá acordo nenhum." Poderia dizer algo semelhante à outra parte contratante se se tratasse de outro homem, mas não o pode dizer a Deus.

Não, Deus segue sendo o soberano absoluto nos pactos que estabelece como em tudo o que faz. O homem não faz um contrato com Ele em nada que se pareça, nem remotamente a igualdade. O pacto é uma expressão da vontade de Deus, não do homem, e o homem deve aceitar as condições que lhe propõem, confiar em Deus em que são santas, justas e boas, e ordenar sua vida em consequência.

Por que, pois, emprega a Bíblia a palavra "pacto" para designar esses acordos bíblicos? Parece-me que a resposta é bastante singela. A razão é que esses pactos implicam uma promessa de parte de Deus - uma promessa com uma condição. Deus se compromete a cumprir com sua parte do acordo. Não estava obrigado a comprometer-se; era perfeitamente livre de não fazê-lo: mas uma vez o tem feito, uma vez estabeleceu o pacto, sua honra depende de que cumpra com sua parte.

Assim aconteceu no caso do pacto que Deus fez com o homem no estado em que o tinha criado. Deus o fez livremente: não tinha obrigação de fazê-lo, exceto no sentido em que dá as ações de Deus estão vinculadas necessariamente à, bondade infinita de seu próprio ser. Mas embora Deus o fez livremente, e não sob pressão nem obrigação da outra parte, do homem, contudo, uma vez estabelecido, o homem pode estar perfeitamente seguro de que cumprirá perfeitamente com o que lhe corresponde.

Quais foram, pois as condições do pacto que Deus fez com o homem? Foram muito singelas realmente. Se o homem cumpria perfeitamente os mandamentos de Deus, Deus lhe daria vida. Este foi o pacto.

É certo que a Bíblia não descreve o pacto nesta forma exata. Não o descreve em forma positiva a não ser negativa, não em forma general a não ser com a apresentação de um exemplo concreto da classe de conduta por parte do homem que o privaria dos benefícios do pacto. Assim se expressa a Bíblia:

"E ordenou Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim poderás comer; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás; porque no dia que dela comer, certamente morrerás." ⁴⁰

Mas embora o pacto se expressa em forma negativa, as implicações positivas são evidentes. Ao estabelecer Deus a morte como castigo da desobediência, quis dizer claramente que se o homem não desobedece teria vida. Na raiz da ameaça do castigo está claramente uma promessa.

Além disso, a única proibição que Deus mencionou em forma expressa - a proibição de comer da árvore da ciência do bem e do mal - claramente se propôs como prova da obediência do homem em geral.

O Catecismo Menor, portanto, tem plena razão em falar deste pacto como de "um pacto de vida" que Deus fez com o homem, "pelo que lhe proibiu comer da árvore da ciência do bem e do mal sob pena de morte."

Suscita-se então a pergunta do que quer dizer a "vida" que Deus prometeu ao homem neste "pacto de vida" que fez com ele, e o que significa a "morte," que ia ser o castigo da desobediência.

Em resposta a estas perguntas acredito que deveríamos dizer sem terror que a vida e a morte das que se fala incluem a vida e a morte físicas. A Bíblia parece ensinar em forma clara que se o homem não tivesse desobedecido ao mandato de Deus seu corpo não tivesse morrido, não teria passado por essa separação de alma e corpo que a morte produz. Acredito que o capítulo quinto de Romanos ao igual ao livro de Gênesis o ensinam em forma clara.

Outro assunto é em que forma se realizou essa preservação de vida. Se tivesse sido levado a cabo enquanto que o corpo do homem, tal como foi criado, -não estava absolutamente sujeito à morte - não estava absolutamente submetido a esse processo de deterioração que agora penetra toda a natureza? Não estou muito seguro de que a Bíblia queira dizer isto. É certo que na Bíblia, no oitavo capítulo da Carta aos Romanos, há algumas palavras misteriosas em relação ao que se poderiam chamar efeitos cósmicos do pecado. As poderia interpretar muito bem no sentido de que se o pecado não tivesse entrado no mundo, todo o curso do mesmo e não só a humana teriam sido muito diferentes do que são hoje em dia. Paulo fala da criação como sujeita à escravidão da corrupção e como gemendo e com dores de parto e como destinada a ver-se livre desta escravidão de corrupção pare chegar à liberdade da, glória dos filhos de Deus.⁴¹ O que vale a pena observar a respeito desta passagem em relação com o que estamos dizendo não é que

⁴⁰ Gn, 2:16-17

⁴¹ Rom. 8.19-22

prometa uma transformação gloriosa do mundo criado no futuro. Em outras passagens da Escritura se promete isto. Isaías, por exemplo, fala de quando haverá um céu novo e uma terra nova.⁴² Mas o que vale a pena observar é que Paulo parece estabelecer uma relação muito clara entre a condição imperfeita atual do mundo e o pecado. Isto está de acordo com o que diz o livro de Gênesis⁴³ de que a terra foi maldita por causa de Adão e que produziria espinhos e abrolhos pare ele, o pecador. Estas passagens, sim, parecem indicar que a história da natureza tivesse sido diferente se o pecado não tivesse entrado no mundo.

Entretanto acredito que possivelmente diríamos mais que o que está escrito se afirmássemos que a exceção do pecado, o corpo do homem tal como foi criado e tal como tivesse sido na descendência do Adão, teria tido a faculdade natural de estar livre da morte. Não há como não duvidar de certas dificuldades em um ponto de vista como este. Não direi se forem insuperáveis ou não. De todos os modos me parece que não vamos necessariamente contra o ensino da Escritura se sustentarmos que a prevenção da morte, se Adão não tivesse pecado, teria ocorrido em alguma forma que não teria sido a operação do torso da natureza. Haveria Adão sofrido possivelmente alguma classe de transformação ou transposição antes de que o corpo se tornasse imortal? Simplesmente não sabemos.

Entretanto, inclusive se opinarmos a respeito disto em alguma forma parecida com a que acabamos de apresentar como possível, parece-me que seguiremos sentindo em forma aguda a divergência entre o ensino bíblico e as ideias às que estamos acostumados. Acostumamos a uma ideia da natureza que na prática, embora não necessariamente em teoria, prescinde de Deus, que universaliza o que observamos no torso da natureza e prescinde do fato de que o Criador da natureza vive e pode fazer o que lhe pareça com a obra de suas mãos. devido a esta ideia que se feito comum, a alguns parece incrível que o homem, tal como foi criado, não vá passar por egos processos de deterioração e morte que agora vemos em qualquer lugar que se encontra vida, seja vegetal, seja animal.

Mas consideremos por um momento este problema do ponto de vista cristão. Nós, os cristãos, esperamos, certamente, a ressurreição do corpo; aguardamos uma vida que não terá fim, inclusive o corpo. Por que, então deveríamos considerar como impossível que Adão, se não tivesse pecado, teria obtido o que nós, como redimidos, esperamos firmemente alcançar? Possivelmente, de fato, alguém pode objetar que também os cristãos morrerão; seus corpos, portanto, não se veem livres dos processos de deterioração que formam parte do mundo natural. Sim, respondemos, mas não todos os cristãos morrerão; os que estejam vivos quando vier de novo nosso Senhor não morrerão. Serão transformados sem passar pela separação de corpo e alma na morte. Voltamos, pois, a nossa analogia. Por que terei que considerar incrível que Deus tivesse preservado ao Adão da morte física, de não ter pecado, se segundo sua promessa preservará da morte física a alguns, pelo menos, dos que redimiu que pecado pela morte de Cristo? Não se vê em realidade por que não tivesse podido fazê-lo.

Acredito, pois, que podemos afirmar com grande confiança que se Adão não tivesse pecado não teria passado pela experiência da morte física. Há muitos elementos misteriosos

⁴² Is. 65:17

⁴³ Gn. 3:17

quanto à forma em que se levou a cabo essa preservação da morte, mas quanto ao feito em si me parece que a Bíblia não deixa lugar a dúvidas. A Bíblia parece mas bem ensinar claramente que a morte, inclusive a morte física, foi castigo do pecado, e que a vida, inclusive a vida física, teria sido a consequência da obediência.

Dever-se-ia advertir, entretanto, com toda clareza a este respeito que embora a morte física formou parte do castigo do pecado, e embora a vida física constituía parte da vida que teria resultado da obediência, com toda a vida e morte físicas não são tudo o que vida e morte significam neste caso. Vida, segundo a Bíblia, não é só existência, a não ser existência na presença de Deus com o gozo de seu favor; e morte não é simples morte física do corpo a não ser separação de Deus e condenação que deveria encher o coração do homem de indescritível temor. Ante nossos olhos se abre um vasto horizonte de bem-aventurança a infortúnio. Terrível é, segundo a Bíblia o desenlace entre vida e morte.

Esse resultado de vida ou morte foi posto ante o homem de acordo com o que o Catecismo Menor chama "pacto de vida" que Deus fez com o Adão. Esse mesmo pacto às vezes se chama "pacto de obras." Com razão lhe chama assim porque segundo o mesmo o homem ia receber vida ou morte segundo o que fizesse. Segundo as condições do pacto o homem foi posto a prova. Não lhe fez nenhuma promessa absoluta de vida; ia receber a vida só se obedecia perfeitamente os mandamentos de Deus.

Acreditam vocês que a prova ia durar para sempre, ou acreditam que se o homem não tivesse pecado teria chegado um tempo em que se concluiu esse período de prova?

Sem dúvida que teria seguido em pé por toda a eternidade que se o homem pecasse, morreria. Isto está bem claro. Mas o problema é se teria chegado um tempo em que esse "se" tivesse perdido toda a importância prática porque a possibilidade de que o homem pecasse teria desaparecido.

Isto quero dizer quando pergunto se a prova do homem, tal como se descreve no capítulo segundo de Gênesis, foi permanente ou temporário.

Acredito que a pergunta se pode responder com toda clareza. A resposta em realidade não se encontra em forma explícita na Bíblia; mas os teólogos têm razão em sustentar que se encontra claramente em forma implícita.

Uma vez Deus tinha criado ao homem, permitiu que fosse submetido a prova. Permitiu que fosse tentado. Se o homem tivesse superado com êxito a prova, se tivesse resistido à tentação, acreditam que por toda a eternidade teria deslocado risco detrás risco? Em outras palavras, acreditam que se tivesse resistido à tentação não teria estado em melhor situação que antes? Quer dizer, teria seguido sempre vivendo com a possibilidade de cair e alguma vez com a de alcançar um estado de segurança definitiva?

A primeira alternativa parece ser contrária não só às implicações do relato da Gênesis, mas também também à analogia da forma de tratar Deus com o homem em outras ocasiões.

Sabemos, se acreditarem na Bíblia, que há homens para quem desapareceu a possibilidade de pecar. São os redimidos já na glória.

No que consiste a esperança cristã? Consiste tão somente na esperança de receber uma nova oportunidade de obedecer os mandamentos de Deus, de ver que o pecado foi eliminado, de ter outra vez ante si em outro mundo a alternativa de vida ou morte tal como foi proposta ao Adão no paraíso?

Nenhum cristão que tenha a mais mínima noção da verdadeira riqueza das promessas grandes e preciosas de Deus dirá tal coisa. Pelo contrário, a esperança cristã é a esperança de um tempo em que inclusive a possibilidade de pecar terá desaparecido. Não é pois a esperança de voltar para a situação do Adão antes da queda a não ser a esperança de estar em uma situação muito melhor.

Mas acreditam que se Adão não tivesse pecado, essa situação mais elevada lhe teria sido vedada? Acreditam que teria sido deixado em um perigo eterno no que a possibilidade temível de pecar tivesse estado para sempre frente a ele?

Não acredito que vão pensar assim se lerem a Bíblia com cuidado. Não, a prova a que foi submetido Adão não foi uma prova eterna. Foi passageira, e se a tivesse superado sem pecar teria recebido uma bem-aventurança garantida.

Assim esse pacto de obras que Deus fez com o homem foi algo gratuito. Continha, de fato, uma possibilidade de morte, mas também continha a promessa de uma vida eterna garantida. Se se cedia à tentação, haveria morte; mas se resistia, a mesma possibilidade de morte ficaria eliminada.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Que ensina a passagem de Colossenses 3:10 a respeito da expressão “a imagem de Deus”?
2. E em Efésios 4:24?
3. Deixou Deus o homem por sua conta uma vez o criou? Explique.
4. Como é o pacto de Deus com o homem? Explique
5. Foi sempre “natural” ou imprescindível a morte física? Explique.
6. Que mais além da física significa na Bíblia a morte?
7. Como foi o pacto de obras de Deus com Adão? O que aconteceria se ele tivesse obedecido?

LIÇÃO 3

O HOMEM CAÍDO E INCAPACITADO

A QUEDA DO HOMEM

O Homem. J. Gresham Machen.

No último bate-papo lhes falei sobre o pacto que Deus fez com o homem no estado em que o criou. As cláusulas do pacto foram muito singelas. Se o homem obedecia à perfeição os mandamentos de Deus viveria; se desobedecia, morreria. Esse pacto equivaleu a uma prova a que Deus submeteu ao homem.

Por volta do final do bate-papo mencionamos que a prova não ia durar para sempre, mas sim ia ser substituída, caso de que o homem a passasse com êxito, por um estado de bem-aventurança segura. Embora isto não se afirma em forma expressa na Escritura opino que os teólogos têm razão em dizer que está claramente implícito.

Se tiverem razão, então devemos completar em uma forma fundamental o que havemos dito sobre o estado original do homem.

Nos duas últimas conversas insistimos, frente a ideia errôneas de distinta natureza, que o homem foi criado bom. A imagem de Deus, segundo a qual a Bíblia nos diz que o homem foi criado, não consistiu tão somente em liberdade pessoal, mas sim incluía também conhecimento, justiça e santidade. O homem foi criado como Deus não só por ser pessoa mas também também por ser bom.

Entretanto, devemos mencionar que embora o homem foi criado justo não foi criado no estado mais elevado que era capaz de alcançar. Era justo, mas havia nele a possibilidade de chegar a ser injusto, perverso. Ficava um estado mais elevado por alcançar. Era um estado no que inclusive a possibilidade mesma de pecar não existiria.

Deus quis colocar ante esse homem um estado mais elevado como meta a alcançar por meio de um mandato concreto. "Mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá," disse Deus.⁴⁴ Essa foi a pedra de toque da obediência do homem; essa foi a prova do homem.

Se a prova tivesse sido superada com êxito, então o homem teria sido recebido de imediato na vida eterna. Essa vida já a possuía antes, mas então teria tido a segurança dela. Todos os "se" que afetavam à promessa de vida teriam sido eliminados. A vitória teria sido conquistada. Nada jamais teria podido separar a Deus de sua criatura.

O desenlace, entretanto, foi outro. O homem ficou, como diz o Catecismo Menor, a mercê de sua própria vontade, e a usou mau. Tivesse podido ter escolhido o caminho da

⁴⁴ Gên. 2:17

vida, mas de fato escolheu o da morte; ao pecar contra Deus perdeu o estado no que tinha sido criado. Foi na verdade uma decisão equivocada.

Quando dizemos que o homem era livre e que escolheu o caminho da morte, não queremos dizer que dita decisão estivesse fora dos planos eternos de Deus. Não queremos dizer que surpreendesse a Deus com seu pecado. Pelo contrário, o plano eterno de Deus, como vimos quando tratamos dos decretos de Deus, abrange-o tudo. Inclusive o pecado do homem ocorreu de acordo com o conselho da vontade de Deus.

Mas tal como observamos ao tratar desse tema, Deus faz que cada coisa aconteça em forma distinta. Por isso Deus fez que o homem caísse em uma forma que pusesse de tudo a salvo a liberdade pessoal e a responsabilidade do homem. Deus não é o autor do pecado. O tentador e o homem mesmo foram os autores do pecado do homem. A justiça de Deus é sempre irrepreensível. Contudo, Deus se serve inclusive de um mal tão terrível para seu propósito santo; Deus permitiu que o homem caísse.

Não me perguntem, entretanto, por que o fez. Não o posso dizer. Esse é o mistério eterno do mal; resulta-nos um enigma insolúvel. Devemos confiar em que a solução do mesmo está em Deus.

Uma coisa, não obstante, está clara. O homem não teve desculpas para pecar. Foi culpado ante Deus. Dono de sua própria vontade, pecou contra Deus e por isso perdeu o estado no que tinha sido criado.

Isto nos leva a um problema extremamente importante, o problema de "O que é o pecado?" É um problema que não podemos deixar de lado. Por havê-lo resolvido erroneamente lhe sobrevieram desastres sem fim ao gênero humano e à Igreja, e na solução adequada ao mesmo se acha o começo do caminho da salvação.

Onde achar a solução de problema tão importante? Tratarei disso em meu próximo bate-papo. Mas me parece que é muito conveniente começar com uma revisão do que a Bíblia diz a respeito da forma em que entrou o pecado no mundo.

O Livro de Gênesis nos descreve isso em uma forma maravilhosa. A linguagem é muito simples, quase elementar. Mas que visão tão penetrante nos oferece das profundezas da alma humana!

"E ordenou Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim poderás comer; mas da árvore da conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia que dela comeres, certamente morrerás"

Tem se observado o fato de que Deus não deu a Adão nenhuma razão do por que não deveria comer dessa árvore, e este é um fato possivelmente significativo. Comer da árvore em si mesmo certamente não era mau; o mandamento de não comer do mesmo não se apoiava 'em nenhum instinto da natureza humana'. Parece portanto muito evidente que foi uma simples prova para a obediência do homem. Obedeceria o homem os mandamentos de Deus só quando alcançasse a descobrir a razão dos mesmos, ou os obedeceria com apenas saber que se tratava de mandamentos de Deus, já que isso implicava que alguma

razão tinha tido ao dá-los e que eram Santos, justos e bons? Com que clareza e simplicidade aparece isto no relato de Gênesis!

Igualmente singela e profunda é a descrição seguinte, a da tentação e queda.

Adão e Eva se achavam no jardim. A serpente disse à mulher, "Então Deus lhes disse: Não comam de toda árvore do jardim?"

Parece-me que já nessas palavras se pode descobrir o princípio da tentação. A serpente pede à mulher que contemple o que Deus proibiu como algo desejável. Dá a entender que este mandamento é duro; se insinua que possivelmente incluíam a proibição de comer de qualquer das árvores do jardim.

Ou possivelmente se tenta fazer duvidar do fato mesmo do mandato. "Então Deus lhes disse?" diz o tentador. Mostra à mulher os mandamentos como um obstáculo que seria desejável superar. Não há escapatória? proibiu realmente isto Deus e aquilo? Quis realmente proibir comer das árvores do jardim?

A resposta da mulher deixa claro o fato - quando menos em linhas gerais - O mandato de Deus não proibia comer de qualquer árvore do jardim, mas sim de um. "E a mulher respondeu à serpente: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim disse Deus: Não comerão dele, nem lhe tocarão, para que não morram."

Então por fim chega o ataque direto à veracidade de Deus. "Não morrerão," disse o tentador. "Morrerá," disse Deus; "Não morrerão," disse o tentador. Por fim se cerca a batalha cara a cara. Deus, disse o tentador, mentiu, e o tem feito para que o homem não desfrute de algo bom. "Não morrerão," disse o tentador: "mas, sim, sabe Deus que o dia que dele comam, serão abertos seus olhos, e serão como Deus, sabendo o bem e o mal."

A este respeito possivelmente perguntemos que parte de verdade continham essas palavras do tentador. Essas palavras foram mentiras, mas as mentiras verdadeiramente diabólicas são as que contêm um elemento de verdade, ou, melhor, são as que distorcem de tal modo a verdade que a mentira parece que fosse verdade.

Sem dúvida que foi certo que de comer do fruto proibido Adão ia alcançar um conhecimento que não tinha. Esta parece ser a ideia do versículo 22 do mesmo capítulo de Gênesis, onde lemos: "E disse Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal." Sim, parece ter sido verdade que ao comer do fruto proibido o homem teve de conhecer algo que antes desconhecia.

Antes não tinha conhecido o pecado; agora o conhecia. Antes só tinha conhecido o bem; agora conhecia o bem e o mal. Mas que maldição foi esse novo conhecimento, e que perda tão imensa tanto de conhecimento como de todo o resto trouxe consigo esse novo conhecimento!

Agora conhecia o bem e o mal; mas, por desgraça, respeito a sua própria experiência, o bem só o conhecia em lembrança; e o mal que conhecia o conhecia para sua condenação eterna. Em outras palavras, a inocência se perdeu.

Com respeito a isto a pergunta que nos vem espontaneamente à mente é se a inocência era o estado mais elevado do homem. É a forma mais elevada de bondade a que é boa só porque alguma vez se conheceu o mal? Ou há uma bondade mais elevada que consiste em manter-se firme ante a investida do mal?

Bem, acredito que terá que ter muito cuidado em responder a essa pergunta, e não me parece que devemos aceitar nenhuma resposta que faça necessário fazer o mal para produzir o bem. Tal engano seria na verdade destruidor; porque se o mal é necessário para que exista o bem, se o bem não pudesse existir sem que estivesse presente o mal, então o deixaria às vezes de ser mau e deveria ser uma espécie de bem. De fato, em um caso assim - se o mal fora necessário para o bem - deveria aceitar-se que o mal teve seu lugar na vida de Deus mesmo antes da criação do mundo; e isto é uma blasfêmia horrenda.

Mas acredito que podemos dizer que no caso do homem tal como de fato foi criado, e com o mal já presente no mundo do criado, a resistência à tentação era um caminho para um nível mais elevado de perfeição que a inocência em que foi criado.

Não quero dizer que sempre seja adequado procurar a tentação para poder demonstrar quão bem a podemos resistir. O pensar em semelhante situação é uma das artimanhas que o diabo emprega mais frequentemente. O homem que sente desgosto pelo que Satanás chama inocência infantil e busca em forma deliberada a tentação já cedeu à mesma, e nesse esforço por ir além da ignorância infantil demonstrou ser no pior sentido da palavra um menino e um incauto. "Não deixe cair em tentação" - essa petição da oração que o Senhor ensinou a seus discípulos deveria ser a oração do cristão maduro, e acredito que é correto dizer que quanto mais forte e amadurecido é o cristão tanto mais fervorosamente repetirá essa oração.

É muito diferente, pelo contrário, que a tentação chegue não por vontade própria - quando a odiamos e contudo chega. Nesses casos pode ser ocasião de alcançar novos triunfos. "Tenham por supremo gozo quando lhes acharem em diversas provas", diz a Carta do Tiago;⁴⁵ e o sentido do versículo não é diferente quer seja no sentido de tentação ou no sentido de perseguição como as que tiveram que confrontar os primeiros cristãos. Essas "provas" implicam em tentação - a de desalento, a de infidelidade a Cristo e outras pelo estilo. Seja como for Tiago emprega neste caso a mesma palavra grega que figura na oração do Senhor tal como se refere no Evangelho do Mateus assim, nosso Senhor nos ensinou a orar, "Não nos ponha a prova";⁴⁶ e contudo o autor inspirado da Carta do Tiago nos convida a ter por grande alegria o ser submetidos a provas. É acaso uma contradição? Absolutamente. Procurar a tentação é mau; mas quando chega pode ser instrumento de bênção, se Deus nos der fortaleza para resistir. Seria mau, por exemplo, pedir a tentação que acompanha à perseguição por parte dos inimigos da fé; seria muito mau pedir a Deus: "Senhor, faz que esse governante tirano persiga à Igreja, retire de seu coração o freio da graça, a fim de que a Igreja possa receber as bênçãos que a perseguição poderia lhe trazer." Seria um engano muito grande orar deste modo, e seria extremamente equivocado provocar em alguma forma a um governante mau para que desate a perseguição. Mas

⁴⁵ Tiago 1:2

⁴⁶ MT. 6:13

quando a perseguição chega –apesar das orações do povo de Deus e de suas vidas aprazíveis- é certo que muito frequentemente "o sangue dos mártires é a semente da Igreja." Deus tira bem do mal.

O mesmo acontece nas tentações em nossa vida pessoal. É mau as buscar; se as buscamos já temos cedido em parte às mesmas. Deveríamos apartar por completo os olhos do mau e obedecer a recomendação do apóstolo: "e no demais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se houver alguma virtude, se algo digno de louvor, nisto pensem."⁴⁷ Mas se a tentação chegar, e se podemos dizer com toda sinceridade no mais íntimo da alma e na presença de Deus que penetra o coração que não a procuramos mas sim oramos para que não nos chegue, então, se Deus nos der a graça para resistir, a tentação pode nos servir para adquirir uma fortaleza e poder novos.

Não, não há contradição nenhuma entre a Oração do Senhor e a Carta de Tiago. Aquele que orar com toda a alma "Não nos ponha a prova," será o que terá por supremo gozo ver-se frente a qualquer classe de tentação e ter o privilégio de sofrer desonra e dor em mãos de homens perversos por amor de seu Senhor.

Muito do que acabo de dizer se pode aplicar à tentação contida no terceiro capítulo de Gênesis. Há, é certo, diferenças importantes. A situação de Adão no jardim do Éden era muito diferente em aspectos importantes da situação dos homens que viveram depois da queda. Era obviamente diferente da situação dos que não acreditaram no Jesus Cristo para salvação da alma; porque Adão antes da queda era bom enquanto esses homens são escravos do pecado. Mas também era diferente da situação dos que nasceram de novo pelo poder do Espírito Santo e foram redimidos pelo sangue precioso de Cristo. Não, nunca mais voltará a apresentar uma situação igual a de Adão antes da queda. Essa situação só se deu uma vez em toda a história do gênero humano.

Mas há certos princípios fundamentais da tentação que se podem ver tanto na luta atual do cristão contra o pecado como na prova a que foi submetido Adão segundo os primeiros capítulos de Gênesis. Em ambos os casos segue sendo certo, de acordo com o ensino da Palavra de Deus, que resistir à tentação faz progredir a alma do homem.

Que progresso teria Adão e Eva o ter resistido a essa primeira tentação?

Já assinalamos a característica básica desse progresso. Significaria, dissemos, que a possibilidade de pecar teria sido eliminada. A prova teria sido superada com êxito; o homem teria adquirido um estado de bem-aventurança e todo risco teria desaparecido.

Mas o progresso de resistir à tentação teria produzido também um progresso em conhecimento. Essa árvore se chamava árvore da ciência do bem e do mal. Bem, possivelmente em um sentido verdadeiro essa árvore tivesse sido árvore da ciência do bem e do mal para o homem embora não tivesse comido dos frutos do mesmo. Se tivesse resistido à tentação de comer do fruto dessa árvore, teria vindo a conhecer o mal além do bem que já conhecia. Não o teria conhecido por ter caído nele, mas sim porque no processo de resistir ao mesmo o teria situado na balança com o bem e o teria repudiado por vontade

⁴⁷ Fil. 4:8

própria. O estado de inocência, em outras palavras, no que se praticava o bem sem oposição por parte do mal, teria cedido o lugar a um estado de bondade garantida no que o mal não tivesse tido poder para perturbar.

Esse foi o estado bem-aventurado no que Deus quis que o homem entrasse quando fez com ele esse pacto de vida de que falamos no último bate-papo. Era um estado que incluía o que acredito podemos chamar conhecimento do bem e do mal. Sem dúvida que era um estado no que se teria discernido com toda clareza a diferença entre bem e mau.

O tentador prometeu esse discernimento. "Serão como Deus, sabendo o bem e o mal," disse. Mas havia uma forma boa e outra má de tratar de alcançar tal objetivo. A forma boa era a de resistir ao mal; a forma má era a de ceder ao mesmo e tratar de conhecê-lo por experiência.

Com que frequência se os insinua aos homens essa forma má nas tentações que lhes chegam! Como se despreza a inocência, a velha mentira de que a única forma de alcançar um estado superior ao de inocência é experimentar o pecado para ver como se o insinua ao coração do homem uma e outra vez. acredita-se que deixar-se levar pelos instintos é uma boa maneira de superar a inocência infantil e de chegar a ser homem forte e amadurecido.

Sabem vocês qual é a melhor forma de desmascarar essa mentira? Acredito, meus amigos, que é com o exemplo de Jesus Cristo. Menosprezam a inocência? Acreditam que é ser frouxo e infantil não experimentar em forma pessoal o mal? Acreditam que se não adquirir essa experiência do mal serão sempre meninos?

Se se sentem assim, convido-lhes a que contemplem a Jesus de Nazaré. Dá-lhes a impressão a infantilismo? Carecia de alguma experiência necessária para ser homem completo? Olham-no com condescendência como se não fora mais que um menino, em tanto que se veem si mesmos como homens completos por ter experiente o mal?

Se esta for a ideia que tem de Jesus, inclusive os não crentes, no caso de serem inteligentes, os corrigirão. Não, Jesus dá a impressão de maturidade absoluta e de fortaleza surpreendente a todos os que refletem. Sem piscadas contempla o mal no coração do homem. "Sabia o que havia no homem," diz o Evangelho do João.⁴⁸ E contudo nunca experimentou o pecado, isso que os néscios consideram necessário para superar a inocência e alcançar a maturidade. Ante sua pureza imaculada e sua fortaleza avassaladora essa velha mentira de que é necessário experimentar o mal para conseguir bens mais elevados é posta em evidência e retrocede envergonhada.

Essa foi a mentira que o tentador insinuou a Adão e Eva no jardim do Éden. Ele disse ao homem que procurasse o discernimento pelo caminho de Satã e não pelo de Deus.

Se o homem tivesse resistido à tentação, que alturas de conhecimento e fortaleza tivesse alcançado! Satanás se teria afastado dele cambaleante e o homem teria entrado para sempre em um estado de realeza em união com Deus.

⁴⁸ Jn. 2:25

Mas cedeu, e qual foi a consequência? Uma muito triste! Tratou de alcançar conhecimento, e perdeu o conhecimento do bem; tratou de conseguir poder, e perdeu a alma; tratou de ser como Deus, e quando Deus lhe aproximou no jardim se escondeu temeroso e envergonhado.

É na verdade uma história muito triste. Mas é o princípio e não o fim da Bíblia. Os primeiros capítulos da Bíblia nos falam do pecado do homem. A culpa desse pecado tem cansado sobre cada um de nós, sua culpa e suas terríveis consequências. Mas essa não é a última palavra da Bíblia. A Bíblia nos fala não só do pecado do homem; também nos fala de algo muito maior: fala-nos da graça do Deus ofendido.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Qual foi a meta para Adão alcançar com o mandamento do Éden? Explique.
2. O que fez Adão, danificou os planos de Deus para a humanidade? Explique.
3. Qual é o princípio da tentação? Explique.
4. O que de novo o homem conheceu e que implicação teve? Explique
5. Qual é a atitude que deve ter o crente diante das provas (tentações)? Explique.
6. Como ainda hoje se faz presente a mentira de Satanás no Éden?
7. Como Jesus prova com sua vida pura que não é assim?

O Que é o Pecado?

O Homem. J. Gresham Machen.

Chegamos agora a uma pergunta muito importante - "O que é o pecado?" Temos falado do primeiro pecado do homem. Agora perguntamos o que é no fundo o pecado.

As respostas a esta pergunta foram muito diferentes, assim como são diferentes as ideias sobre o mundo, de Deus e da vida humana.

A verdadeira resposta terá que procurá-la, como veremos, na Bíblia; mas antes de oferecer-lhes essa resposta verdadeira, quero lhes falar a respeito de um par de respostas

errôneas, a fim de que por contraste com as mesmas a verdadeira resposta se possa entender com maior clareza.

Em primeiro lugar, muitos têm uma noção do pecado que tira do homem seu caráter distintivo, ou, melhor, muitos simplesmente negam a existência de nada que se possa chamar propriamente pecado.

Segundo uma forma de pensar muito comum entre os incrédulos de nossos tempos, o que chamamos moralidade não é mais que a experiência acumulada da humanidade quanto à classe de conduta que conduz à preservação e bem-estar da raça. As tribos onde o homem procurava seu próprio prazer sem ter em conta o bem de outros, fracassaram na luta por sobrevivência, enquanto que as que freavam os impulsos de seus membros para o bem comum prosperaram e se multiplicaram. Por um processo de seleção natural, portanto, segundo esta teoria, foi convertendo-se em algo indiscutível que entre os grupos humanos os que cultivavam a solidariedade eram os que sobreviviam.

No curso dos tempos - sustenta a teoria - a origem mas bem vil destes freios sociais - perdeu-se completamente de vista, e se pensou que se apoiavam em algo peculiar que veio a chamar-se moralidade ou virtude. Só em tempos recentes se chegou a descobrir a identidade entre o que chamamos "moralidade" e o interesse próprio da sociedade.

Esta teoria é muito comum. Segundo a mesma "pecado" não é mais que uma maneira de qualificar - e por certo muito desacertada - à conduta antissocial.

O que se pode dizer dessa noção de pecado do ponto de vista cristão? A resposta é sem dúvida muito singela: devemos rejeitá-la em forma absoluta. "Contra ti, contra ti somente pequei," diz o salmista.⁴⁹ Essa é a verdade da Bíblia desde o começo até o fim. O pecado, segundo a Bíblia, não é só uma conduta contrária à experiência acumulada da raça; não é só conduta antissocial. É acima de tudo uma ofensa contra Deus.

Igualmente destruidora da ideia verdadeira de pecado é o engano dos que dizem que o fim de toda a conduta humana é, ou (como alguns dizem) deveria ser, o prazer.

Às vezes o prazer que se considera como o objetivo que terá que apresentar ao homem é o prazer do indivíduo prazer refinado e de tudo respeitável sem dúvida, mas ao fim e ao cabo prazer. Esta teoria produziu às vezes vistas levemente dignas. Mas inclusive uma dignidade superficial assim não pode durar muito, e o caráter degradante da filosofia que forma sua base tem que sair a flutuação cedo ou tarde. Além disso essa filosofia nunca pode incorporar nenhuma noção que com alguma propriedade se possa chamar uma noção genuína de pecado.

Às vezes, é certo, o prazer que se diz constituir a meta da conduta humana se considera ser o prazer, ou (para empregar uma palavra de mais categoria) a felicidade, não do indivíduo mas sim da raça. Segundo essa teoria, o altruísmo - ou seja, a consideração pela felicidade maior do maior número possível - considera-se ser a síntese da moralidade.

⁴⁹ Sal. 51:4

Uma simples reflexão nos fará ver o quão estendida e influente é tal teoria. Examinemos, por exemplo, alguns dos sistemas para educação do caráter que se apresentaram para utilizá-los nas escolas públicas ou em outras instituições. A que equivalem? Temo que devem ser um recorrer à experiência humana como base da moralidade. Este é o tipo de conduta que, de fato, funciona bem; é, pois, o tipo de conduta que os bons cidadãos deveriam observar.

O que deve dizer o cristão de semelhantes sistemas da chamada educação do caráter? Parece-me que deveria opor-se a eles com todas suas forças. Em lugar de formar o caráter a longo prazo, o impunham, porque põem à experiência humana como base da moralidade em lugar de pôr à lei de Deus.

O que muitas vezes propõem em detalhe é, em realidade, o que o cristão também proporia. Certo que a noção de que a maior felicidade do maior número possível é o que deveria ser proposto como objetivo produz muitas normas de conduta que coincidem com o que o cristão, por razões distintas, propõe. É óbvio que o homicídio e o roubo não são condizentes a maior felicidade do maior número possível, e também é óbvio que são contrários às normas cristãs. Assim, o cristão e o não cristão, embora por razões diferentes, coincidem em dizer às pessoas que não cometam crimes.

Entretanto, a diferença entre a moralidade cristã e a do mundo é muito importante.

Acima de tudo, existe diferença inclusive em detalhes. Embora em muitas coisas a moralidade que propõem os modernos utilitaristas, apoiadas em seus princípios de que a norma de moralidade tem que buscar-se na experiência da raça, coincide em muitos detalhes com a que propõem os cristãos, contudo há casos em que a diferença em princípios se manifeste em diferenças em detalhe.

Vimos, por exemplo, em tempos recentes que os jornais discutiram muito o tema da "eutanásia." Certos médicos dizem com toda franqueza que acreditam que aos inválidos despejados, que nunca podem voltar a valer-se por si mesmos e nem podem ser responsabilidade de alguém, deveria ser facilitada a morte sem dor. Tem razão?

Bem, atrevo-me a dizer que apoiados em uma ética utilitarista se poderia defender esse ponto de vista.

Não estou muito seguro - permita-me dizê-lo de passagem - de que nem sequer apoiados nesses princípios se possa defender tal coisa. É algo muito perigoso deixar que os peritos decidam de que pessoas "podem ser dispensadas." Por minha parte, não acredito na infalibilidade dos peritos, e acredito que a tirania dos peritos é a pior e mais perigosa das tiranias que se possa imaginar.

Mas, contudo, isto não é ir à raiz do problema. A raiz de tudo é que os que defendem a eutanásia se apoiam em um fundamento completamente distinto do dos cristãos. Argumentam com base no que é útil - o que produz felicidade e economiza dor aos homens. O cristão _ argumenta apoiado em um mandamento divino concreto. "Não matará," diz a questão para o cristão. Do ponto de vista cristão o médico que ajuda a morrer sem dor não é mais que um assassino. Pode muito bem ser que à larga sua ação não nasça

verdadeiramente de uma sentimento de compaixão. Mas não se discute isto agora. O que dizemos é que embora seja por compaixão, é um homicídio, e o homicídio é pecado.

As teorias sobre o pecado que consideramos até agora são claramente contrárias ao cristianismo. Nenhum cristão pode sustentar que a moralidade não é mais que o interesse próprio da raça que se foi acumulando, e que o pecado é tão somente a conduta que se opõe a esse interesse. O cristão deve obviamente sustentar que a justiça e a felicidade são duas coisas distintas e que o pecado é algo muito distinto do desatino.

Outras teorias equivocadas do pecado, entretanto, não são tão abertamente errôneas, nem tão pouco obviamente anticristãs, embora também o sejam.

Existe, por exemplo, a ideia de que o pecado é o triunfo da parte inferior da natureza humana sobre a superior, de que é o triunfo dos apetites corporais sobre o espírito humano - o espírito humano que deveria ser o que dirige as ações do homem.

Esta definição recorre - embora em forma falsa - a certas expressões bíblicas, e é uma ideia muito antiga na Igreja cristã visível.

Em sua forma extrema, concebe à matéria como má em si mesma. A alma ou espírito humano está encerrado, sustenta, no cárcere do mundo material, e o objetivo dos esforços da alma séria liberar-se. Pecado é tudo o que impede essa liberação - da alma do mundo material.

Indubitavelmente uma doutrina assim é do todo oposta à Bíblia. É uma ideia pagã, não cristã. Sobretudo acaba completamente com a ideia cristã de Deus. Se a matéria for essencialmente má, e se Deus é bom, então Deus não poderia ter criado a matéria, mas sim esta matéria deve ter existido sempre em forma independente dele. Por isso não nos surpreende achar nos tempos da Igreja primitiva que quem considerava à matéria como essencialmente má era dualistas, não teísta. Quer dizer, não acreditava em um Deus criador de tudo o que existe, mas sim acreditava que havia dois princípios últimos independentes: um bom, Deus e um princípio mau, a matéria.

Em marcado contraste com todas estas ideias, a Bíblia ensina desde o começo até o fim que o mundo material, ao igual ao alago do espírito, foi criado Por Deus, e que nenhuma das obras de Deus tem que considerar-se como má.

Além disso, a Bíblia não só combate essa ideia como teoria do universo, mas também e com muito afinco os efeitos da mesma na conduta humana. Os que consideram à matéria como essencialmente má tendem sempre ao ascetismo. Quer dizer, tendem sempre a abster-se de desfrutar do bom deste mundo como se sorte abstenção fora por si mesmo uma virtude - não um meio para um fim, a não ser um fim em si mesmo; não algo necessário às vezes, a não ser um pouco sempre necessário se quer conseguir uma verdadeira santidade.

A Bíblia se opõe em todo momento a tal ascetismo. "Não dirija, nem goste, nem mesmo toque," diziam os ascetas que menosprezavam a supremacia de Cristo na igreja

colossense.⁵⁰ Com todo vigor combate seu ensino o apóstolo Paulo. "Do Senhor é a terra e sua plenitude," diz em outra carta.⁵¹ Isto ensina a Bíblia do princípio ao fim. Em nenhuma parte da Escritura se pode achar justificação para a ideia de que o mundo material é essencialmente mau e que desfrutar dele é pecado.

A este respeito, entretanto, pode-se suscitar uma objeção. Acaso a Bíblia não chama repetidas vezes má a "a carne", e com isso acaso não ensina que o pecado depois de tudo consiste no triunfo da parte inferior ou corporal da natureza do homem sobre a superior?

Respondemos a essa objeção dizendo que sem dúvida a Bíblia chama muitas vezes má a "a carne," mas que o problema radica em saber o que quer dizer nessas passagens quando usa a palavra "a carne".

Alguns opinam que a palavra se refere à natureza corporal do homem, uma parte inferior de sua natureza assim que oposta a outra superior. Essa ideia se pode achar em várias traduções recentes da Bíblia que confundem a tantas pessoas. Uma dessas traduções emprega em vez da palavra "a carne" no capítulo oitavo de Romanos a expressão "a natureza física"; outra emprega a expressão "a natureza animal."

Veem aonde conduzem essas traduções? Conduzem à ideia de que o conflito entre a carne e o Espírito segundo as cartas do Paulo é um conflito entre a parte física e a parte espiritual do homem, e que o triunfo da natureza física ou animal nesse conflito é o que a Bíblia chama pecado.

É acertada essa ideia? Não, meus amigos, não é acertada. Pelo contrário, é um engano nefasto e de comprimento alcance. Quem sustenta essa ideia do pecado nem sequer vislumbra o que a Bíblia diz que é o pecado, e por desgraça não está em condições de vislumbrar o que a Bíblia diz a respeito da salvação do pecado.

É perfeitamente certo, certamente, que em muitos lugares a Bíblia usa a palavra "carne" simplesmente no sentido da estrutura corporal do homem ou do animal. Fala de "carne e sangue" ou de algo semelhante. Este é o sentido simplesmente físico da palavra. Sem dúvida que se encontra na Bíblia.

Mas agora estamos falando das passagens em que "a carne" apresenta-se na Bíblia como algo mau. Tem esta palavra nessas passagens um sentido só físico?

A resposta é um "não" terminante. Nessas passagens a palavra se emprega em um sentido muito alheio ao sentido original, puramente físico. Nessas passagens designa não a natureza física ou animal do homem, a não ser toda a natureza do homem, tal como se encontra agora, em sua condição queda, separada de Deus.

As fases principais pelas que passa a palavra "carne" até dever ter o significado que tem na Bíblia parecem ser bastante claras. Primeiro, o significado puramente físico. Logo "carne" no sentido do homem em sua debilidade, ato e todo isso se designa com uma palavra que assinala propriamente aquela parte do homem em que se manifesta com maior

⁵⁰ Col. 2:21

⁵¹ 1 Co. 10:26,28

clareza tal debilidade, como quando a Bíblia diz: "Toda carne é erva, e toda sua glória como flor do campo."⁵² Logo "carne" designa ao homem tal como é agora, perdido no pecado - tal como é agora até que o Espírito de Deus o transforma. Este terceiro significado da palavra é o que se acha nessas grandes passagens nas quais "a carne" apresenta-se como algo mau.

Empregada nesta forma, a palavra não designa uma parte baixa da natureza do homem assim que oposta a uma parte elevada. Designa uma parte baixa da natureza do homem pecaminoso atual, assim que oposta à santidade divina. Não designa o corpo do homem assim que oposto ao espírito do homem, a não ser a todo o homem assim que oposto ao Espírito de Deus.

Isto se vê com especial clareza em uma passagem como 1 CO. 3:3, no que Paulo diz: "Porque ainda são carnis; pois havendo entre vós ciúmes, lutas e dissensões, não são carnis e andam como homens?" A palavra que se traduz por "carnal" procede de "carne." O que significa, pois? O apóstolo mesmo nos diz isso. "Não são carnis, e andam como homens?" diz. Sem dúvida ser carnal e andar como homens têm o mesmo significado neste texto. Uma destas expressões explica a outra. Como deviam andar os cristãos coríntios? Segundo Deus. Como andavam em realidade? Segundo os homens. Mas andar segundo os homens assim que oposto a andar segundo Deus é, diz Paulo, o mesmo que ser carnal. Assim a carne não significa, como essas traduções equivocadas da Bíblia querem lhe fazer significar, a natureza animal do homem assim que oposta a uma parte mais elevada dessa mesma natureza; significa simplesmente toda a natureza humana - quer dizer, a natureza humana tal como está agora, sob o domínio do pecado, assim que oposta ao Espírito de Deus.

Paulo esclarece ainda mais a questão no versículo seguinte, segundo o texto dos melhores manuscritos: "Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?" O apóstolo considera o ser homens - quer dizer, só homens, não transformados pelo Espírito de Deus - em realidade como algo merecedor de reprovação, igual a ser carnis. "Não são carnis?" diz no versículo precedente. "Não são homens?" diz neste versículo. As duas coisas significam a mesma coisa, ou seja a natureza caída como se estivesse sob o domínio da que está sob o domínio do Espírito de Deus.

Que abismo existe entre esta maneira bíblica de considerar a natureza humana caída e o paganismo moderno, que tantos profetas proclamam em nossos dias, que assume como artigo básico de seu credo, "Acredito no homem." Que abismo existe entre a confiança pagã moderna nos recursos humanos e o ensino da Bíblia que faz equivalente o "Não são homens?" com ao "Não são carnis?" e considera ambas as perguntas como uma recriminação terrível para o povo cristão.

Assim o pecado, segundo a Bíblia, não é só "a besta em nós". Não, é algo muito mais grave que isso. Por desgraça, o pecado não é a besta que há em nós; é bem mais, o homem que há em nós. É o homem que há em nós, porque todo o homem, espírito e alma,

⁵² Isa. 40:6

como o corpo, está sob o domínio do pecado, até que seja transformado pelo poder regenerador do Espírito de Deus.

Claro que a Bíblia ensina que o pecado reside no corpo, que faz seu corpo instrumento, e que os apetites corporais não dominados constituem uma grande parte das ocasiões de queda. Tudo isto é perfeitamente certo. Mas isto é muito distinto que dizer que os apetites corporais constituem a essência do pecado. Não, quando a Bíblia nos oferece uma dessas listas terríveis de pecados que se cometem, por exemplo, em várias passagens das Cartas do Paulo, quando enumera, como no quinto capítulo do Gálatas "as obras da carne,"⁵³ inclui não só o que estamos acostumados a chamar pecados carnis mas também, e em forma muito destacada, pecados como o orgulho e o ódio, que não são em modo algum carnis em nosso sentido. De fato esses pecados de orgulho e outros parecidos, e não o que chamamos pecados carnis, são precisamente os pecados dos que Paulo fala nessa passagem de 1 Coríntios no que acusa a seus leitores de ser carnis.

A Bíblia encontra o pecado, além do mundo espiritual - fala de hostes espirituais de maldade nas regiões celestes⁵⁴ - da mesma forma que encontra o pecado, por desgraça, no espírito do homem caído. Se desejamos ser fiéis à Bíblia, devemos descartar toda esta noção de que a essência do pecado se acha na rebelião da parte inferior de nossa natureza contra a parte superior.

O que é, pois, o pecado? Havemos dito o que não é. Agora deveríamos dizer o que é.

Por fortuna não temos que procurar muito na Bíblia para achar a resposta a essa pergunta. A Bíblia dá a resposta no começo mesma do relato do primeiro pecado do homem -esse relato que estudamos juntos em um de nossos bate-papos precedentes.

O que foi o primeiro pecado do homem, segundo a Bíblia? Foi a satisfação de um apetite corporal? Sim, foi. A mulher viu que os frutos da árvore eram boas para comer e agradáveis à vista, nos diz. Mas foi o pecado tão somente a satisfação de um apetite corporal? Certamente que não. Não, foi algo muito intelectual, espiritual. A serpente disse que o comer do fruto dessa árvore os faria sábios. Isso não foi absolutamente um apetite corporal.

Qual foi, pois o primeiro pecado do homem? Não está bem clara a resposta? Sim, foi desobediência ao mandato de Deus. Deus disse: "Não comerá do fruto da árvore"; o homem comeu o fruto da árvore; e isso foi o pecado. Aqui temos por fim nossa definição de pecado: "Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus ou transgressão da mesma." Essas são as palavras do Catecismo Menor, não da Bíblia; mas estão de acordo com o que a Bíblia ensina desde Gênesis até Apocalipse.

Perguntas para fixar a aprendizagem

⁵³ Ga. 5:19-21

⁵⁴ Ef. 6:12

1. Quais são as duas teorias humanistas do que é o pecado, e por que são errôneas? Explique.
2. Qual é a diferença de princípio entre as normas do bem comum que tem as sociedades e a norma da lei de Deus? Explique.
3. Por que a ideia que o pecado é a vitória da natureza baixa, animal, sobre a natureza alta, a alma, é uma ideia errônea? Explique.
4. Por que então a Bíblia repetidas vezes exorta contra a "Carne"? Explique
5. O que é o pecado?

A Majestade da Lei de Deus

O Homem. J. Gresham Machen.

No último bate-papo falamos da importante questão, "O que é o pecado?" deram-se várias respostas à mesma, mas a verdadeira resposta, dissemos, é a que se contém no Catecismo Menor. "Pecado," diz o Catecismo Menor, "é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus ou transgressão da mesma."

O significado cabal de dita definição se verá com maior claridade, espero, à medida que falamos das consequências do pecado de Adão para a humanidade.

De momento, entretanto, tomamos só na forma mais singela e óbvia. O mais elementar sobre o pecado é que se trata de algo que vai contra a lei de Deus. Não se pode acreditar na existência do pecado a não ser que se cria na existência da lei de Deus. A ideia de pecado e a ideia de lei vão juntas. Se se pensar no pecado, no sentido bíblico da palavra, pensa-se na lei; se se pensar na lei, pensa-se -pelo menos tal como é agora a humanidade -no pecado.

Sendo isto assim, só lhes peço que recordem o que diz a Bíblia e que pensem que constante é a Bíblia em ensinar a lei de Deus.

Já observamos quão clara é esse ensino no relato do primeiro pecado do homem. Deus disse, "Não comerá do fruto da árvore." Essa era a lei de Deus; era um mandato concreto. O homem desobedeceu dito mandato; o homem fez o que Deus lhe havia dito que não fizesse; e isso foi o pecado.

Mas a lei de Deus figura em toda a Bíblia. Não se acha só em algum que outra passagem, mas sim constitui a cortina de fundo de tudo o que a Bíblia diz a respeito das relações entre Deus e o homem.

Pensem por um momento na parte tão considerável do Antigo Testamento que ocupa a lei de Deus - a lei que foi promulgada por meio do Moisés. Acreditam que isso foi uma casualidade? Não. Foi assim porque a lei é uma parte fundamental do que a Bíblia tem que dizer.

Em todo o Antigo Testamento destaca um pensamento básico - Deus é o legislador, e o homem lhe deve obediência.

E o que se pode dizer do Novo Testamento? Obscurece o Novo esse Testamento pensamento? Rebaixa o Novo Testamento em algum modo a lei de Deus?

Há quem assim acredita. O engano chamado "antinomianismo" há sustentado que a dispensa de graça que Cristo inaugurou anulou a lei de Deus para os cristãos.

Que engano tão horrível! É sem dúvida certo, em um sentido, que os cristãos não estão, como diz Paulo, sob a lei a não ser sob a graça. Não estão sujeitos à maldição que a lei pronuncia contra o pecado; Cristo os liberou que essa maldição ao levar ele na cruz a maldição que lhes correspondia. Não se acham sob nenhuma dispensa em que sua aceitação por parte de Deus dependa de sua obediência à lei de Deus; em lugar disso, sua aceitação por parte de Deus depende da obediência que Cristo teve por eles. Tudo isto é de tudo certo. Mas significa isto que para o cristão a lei de Deus já não é a expressão da vontade de Deus que têm obrigação absoluta de obedecer; significa que se acham livres de fazer o que lhes agrade e que já não se acham atados pelos mandamentos de Deus?

Procuremos a resposta na Bíblia toda, sobretudo no Novo Testamento.

"Não pensem," disse Jesus, "que vim para anular a lei ou os profetas; não vim para anular a não ser para cumprir."⁵⁵ Logo continua pondo sua justiça em contraste com a justiça de escribas e fariseus. É mais fácil que a destes? Não, ele mesmo nos diz que é mais difícil. "Porque lhes digo que se sua justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrarão no reino dos céus." Acaso sua justiça participa menos da natureza de lei que as normas que os escribas e fariseus tinham estabelecido? É sua justiça algo que o homem pode tomar conforme lhe pareça; é algo que pode lhe convir escutar? Meus amigos, o que posso dizer é que se lerem deste modo as palavras de Jesus que figuram nos Evangelhos, nem sequer começaram às entender. "Se o olho direito," diz Jesus, "e dá ocasião de cair, arranca-o, e aira pra longe de ti; pois melhor é que se perca um de seus membros, do que todo o corpo seja jogado no inferno."⁵⁶ "Mas eu lhes digo," afirma em outra passagem, "que de toda palavra ociosa que falem os homens, dela darão conta no dia do julgamento."⁵⁷ São estas as palavras de alguém que em lugar do reino da lei de Deus põe outro reino? São estas as palavras de alguém que acreditava que os homens podiam brincar com a lei de Deus?

Sei que algumas pessoas sustentam - em um delírio de loucura, parece-me - que as palavras de Jesus pertencem à dispensação da lei que concluiu com sua morte e

⁵⁵ Mt. 5:17

⁵⁶ Mt. 3:29

⁵⁷ Mt. 12:36

ressurreição e que por isso o ensino do Sermão do Monte, por exemplo, não pertence à dispensa de grátis em que nos achamos agora.

Bem, me permitam voltar para apóstolo Paulo, ao apóstolo que nos há dito que não estamos sob a lei a não ser sob a grátis. O que diz a respeito disto? apresenta à lei de Deus como algo que já não tem validade nesta dispensa da graça divina?

Não. No segundo capítulo de Romanos, como (por implicação) em muitas outras partes de suas Cartas, insiste na universalidade da lei de Deus. Inclusive os gentis, embora não conhecem essa clara manifestação da lei de Deus que se encontrava no Antigo Testamento, tem a lei de Deus escrita no coração e não tem desculpa se desobedecerem. Os cristãos, sobre tudo, insiste Paulo, estão muito longe de estar emancipados do dever de obedecer os mandatos de Deus. O apóstolo considera que uma ideia tal é um engano dos mais nefastos. "E manifestas som as obras da carne," diz Paulo, "que são: adultério, fornicção, imundície, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, pleitos, ciúmes, iras, lutas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas; a respeito das quais lhes admoesto, como já lhes hei isso dito antes, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus."⁵⁸

Grande, em realidade, segundo Paulo, é a vantagem do cristão, com respeito inclusive aos que antes que Cristo viesse foram salvos pelo mérito do sacrifício que ia oferecer na cruz sendo salvos, como o são os cristãos, pela graça de Deus por meio da fé. Os cristãos não se acham sob a maldição da lei; nesse sentido terrível não se acham sob a lei a não ser sob a graça. Cristo levou o justo castigo da lei em seu lugar. Tem dentro de si um poder novo, o poder do Espírito Santo, que a lei pela mesma não poderia dar.

Mas esse poder novo não os emancipa da obediência aos mandamentos Santos de Deus. Não, mas sim os capacita para obedecer esses mandamentos em uma forma que não lhes tivesse sido possível antes.

Pensem por um momento, meus amigos, na majestade da lei de Deus tal como a, Bíblia a apresenta. Uma lei por cima de tudo - válida para os cristãos, válida para os não cristãos, válida agora e válida por toda a eternidade. Com que grandiosidade se proclama sorte lei no meio do retumbar de trovões no Sinai! Com quanta mais grandiosidade e com muito maior seriedade se proclama no ensino de Jesus - em seu ensino e em seu exemplo! Com que terror estamos dispostos a dizer, com o Pedro, na presença dessa pureza assustadora: "Retira-te de mim, Senhor, porque sou homem pecador."⁵⁹ Em nenhuma parte da Bíblia, nem no ensino de Jesus nosso Salvador, podemos evitar a terrível majestade da lei de Deus - escrita na constituição do universo, que penetra as dobras mais recônditas da alma, que abrange toda palavra ociosa, toda ação e todo pensamento secreto do coração, que não se ilude, exaustiva, Santa, terrível. Deus é o legislador, o homem o sujeito; Deus o que governa, o homem o governado. O serviço de Deus é um serviço que é liberdade perfeita, um dever o que é o major dos gozos; mas sempre é um serviço. Não o

⁵⁸ Gá. 5:19-21

⁵⁹ Lc. 5:8

esquecemos. Deus foi sempre e é para sempre o Rei soberano; todo o universo está sob sua lei Santa.

Esta é a atmosfera em que a Bíblia se move; essa é a rocha em que se apoia. A lei de Deus que tudo abrange! É a promulgação arbitrária de um tirano cruel, um entretenimento sem sentido de alguém cujo poder é maior que sua sabedoria ou bondade? Não, esta lei se apoia na perfeição infinita do ser de Deus mesmo. "Sede, pois, vós perfeitos," disse Jesus, "como perfeito é vosso Pai que está nos céus."⁶⁰ Essa é a norma. A lei de Deus não é uma lei arbitrária ou sem sentido; é uma lei Santa, como Deus mesmo é Santo.

Se essa for a lei de Deus, que terrível é o pecado! Que língua pode contar quão horroroso é? Não é uma ofensa contra uma norma temporária ou arbitrária que procede de autoridade temporária ou que se faz cumprir com castigos temporários, a não ser uma ofensa contra o Deus infinito e eterno! Que terror tão indescritível se abate sobre nós quando contemplamos realmente uma culpa semelhante!

Mas a contemplamos em realidade? Esta é a pergunta que se deve formular. Sei que alguns de meus ouvintes consideram o que vim dizendo como algo que não merece mais atenção que os duendes e fantasmas com que as babás estavam acostumadas assustar aos meninos maus. Uma característica destacada da idade em que vivemos é a incredulidade com respeito a algo que se possa chamar lei de Deus e sobre tudo a incredulidade com respeito a algo que se pode chamar propriamente pecado. O fato patente é que os homens de nossos tempos vivem em sua maioria em um mundo de pensamento, sentir e vida de tudo diferente do mundo no que vive o cristão. A diferença não se refere a um que outro detalhe; refere-se à base inteira da vida; refere-se a toda a atmosfera em que os homens se vivem e movem e tem o ser. Na raiz de tudo o que a Bíblia diz há duas grandes verdades, de tudo inseparáveis: a majestade da lei de Deus e o pecado como ofensa contra essa lei. Estas duas verdades básicas se negam na sociedade moderna, e na negação das mesmas está a característica principal da idade em que vivemos.

Bem, em que classe de idade nos encontramos? Que classe de idade é esta em que a lei de Deus se considera como passada de moda e em que não há consciência de pecado?

Vou responder: É uma idade em que a sociedade se está desintegrando a ritmo acelerado. Olhem a seu redor e o que veem? em qualquer parte se contempla um relaxamento de restrições, um abandono de normas, uma volta à barbárie.

Mas, dirão, acaso não se alcançou por fim a liberdade? Agora que a moralidade foi abandonada - as convenções tradicionais e todo o resto - é evidente que a liberdade tem que ter alcançado um grande apogeu. Mas eu pergunto, meus amigos, alcançou-o seriamente? Terá que ser cego para dizer que sim. Antes ao contrário, não há liberdade nem na Rússia, nem na Alemanha, nem na Itália, nem em muitos outros países.⁶¹ Que lenta foi a transição na Europa da tirania à democracia e liberdade! E agora essa liberdade alcançada a costa de tantos sacrifícios se está deteriorando rapidamente.

⁶⁰ Mt. 5.48

⁶¹ Se refere à segunda guerra Mundial 1939 - 1945

Há sem dúvida um oásis de resistência à invasão do tirano. Faz poucos dias lemos que a gente de Grã-Bretanha ficou muda ao receber a notícia de que seu rei - símbolo de liberdade - tinha morrido. Pareceu que o silêncio se apoderava da nação e que as lutas egoístas cessavam. Foi um silêncio eloquente de verdade - que falava do amor de um grande povo pelo que o dinheiro jamais poderá comprar, que falava de séculos de história gloriosa. Mas acreditam que Grã-Bretanha se encontra a salvo - a salvo, quero dizer, não dos couraçados e aviões e exércitos inimigos, a não ser a salvo dos inimigos muito mais perigosos que estão dentro de suas fronteiras?

Não acredito, meus amigos. Acha-se a salvo, sem dúvida, se houver algum lugar da terra que o esteja; mas contudo não está a salvo. Se repassarmos a história de Grã-Bretanha acredito que se pode ver que até agora sempre possuiu algo que está a ponto de perder. Teve o convencimento de que existe um princípio transcendental de justiça ao que todos os povos da terra estão sujeitos. Sei que houve tempos em que esse princípio eterno de justiça se perdeu quase por completo de vista. Houve tempos de muito desenfreamento. Houve tempos na história do Império Britânico em que se cometeram crimes nacionais terríveis. Mas sempre houve um núcleo considerável de Britânicos que tinham uma convicção forte e sólida que os atava à lei de Deus. Esse foi o sal precioso que preservou à nação e lhe deu essa estabilidade maravilhosa que deveria ser objeto de emulação para todo mundo civilizado. A liberdade sob a lei de Deus - isto e não vastos frentes de batalha nem um Império no que nunca ficava o sol - é o que fez grande a Grã-Bretanha.

Hoje em dia esse princípio corre perigo em Grã-Bretanha tanto como no resto do mundo. Também nela há multidão de pessoas que não acreditam que haja uma lei de Deus, e o número dos que sim acreditam que existe é menor e muito menos influente - na vida nacional que nunca antes. Não sei, se estiverem de acordo comigo, meus amigos, mas acredito, devo dizer que temo por Grã-Bretanha, e mais ainda pelo resto do mundo. A tirania está à espreita por toda parte, e a decadência anda solta sob o disfarce de cem nomes pomposos e de marca recente.

Bem, e o que se pode fazer? Muitos não cristãos estão de acordo conosco de que terá que fazer algo. Inclusive há materialistas e ateus que o veem. Algo terá que fazer sem dúvida inclusive para manter à parte animal do homem em condições saudáveis - para impedir que se destrua, por exemplo, com outra guerra mundial.

Tem-se feito, pois, muitas sugestões para impedir os estragos do crime. Alguém tem proposto que tomem a todos as impressões digitais e que nos trate como criminosos em liberdade provisória a quem, a capricho da polícia, pede-se a identificação quando circulam pelas ruas e a quem não permita dedicar-se livremente a seus assuntos a não ser que existam suspeitas fundadas de que são réus de algum crime. Outros propõem que se considere os professores, inclusive aos de escolas privadas e cristãs como funcionários do governo, e que lhes exija um juramento de fidelidade como o que se requer na Alemanha nazista. Mil panaceias se sugeriram, diferentes quanto a detalhes mas semelhantes assim que destroem essa liberdade civil e religiosa que nossos pais ganharam com tantos esforços.

Tais medidas jamais poderão conseguir o fim que se propõem. Nunca se pode implantar pela força o patriotismo no coração das pessoas. Tentá-lo só serve para suprimi-lo se já está presente. O progresso do comunismo ou de qualquer outra forma de escravidão nunca se pode impedir com a supressão da liberdade de expressão.

Tal supressão só serve para voltar mais perigoso o progresso das ideias destruidoras.

Qual é então o remédio para o ameaçador descalabro da sociedade e para o rápido e progressivo da liberdade?

Só há um remédio. É a volta à lei de Deus.

Se queremos restaurar o respeito às leis humanas, devemos acabar com essa ideia de que os juizes e os jurados só existem para o propósito utilitário de proteger à sociedade, e devemos restaurar a noção de que existem para defender a justiça. É certo que não são mais que expoentes imperfeitos da justiça. Há muitos aspectos da vida com os que não tem nada a ver. Abusariam da função que Deus lhes deu se tratassem de obrigar a uma pureza íntima da vida pessoal, já que lhes corresponde só obrigar - e inclusive isto em uma forma imperfeita - a essa parte da justiça que corresponde às relações entre homem e homem. Mas sempre são instrumentos da justiça, e se não se reconhece assim, o estado vai caminho do desastre. A sociedade não se pode preservar impondo castigos violentos a ofensas menores porque o exija assim o interesse utilitário da sociedade; não se pode preservar com a prática perversa (que alguns juizes seguem) de "castigar" a alguns de uma forma anárquica e injusta por acreditar que deste modo se pode apartar a outros do crime. Não, dizemos, não terá que perder nunca de vista à justiça - a justiça abstrata, Santa, transcendente - sejam quais forem as consequências imediatas que disso se vai produzir. Só assim se poderá voltar a respeitar a toga do juiz a impedir que a decadência progrida.

Entretanto, tudo isto não toca o ponto mais importante. No fundo de todas estas razões a respeito das nações e da sociedade está o grande problema da relação da alma com Deus. A não ser que os homens sejam justos ante Deus, nunca serão justos em suas relações mútuas.

Como, pois, podem ser justos ante Deus? Oh, lá está o evangelho, dirão. Está o doce e consolador ensino de Jesus cristo.

Sim, mas buscam os homens por Jesus cristo? Vão a ele para a salvação da alma? Não, tem-no por um magnífico professor religioso, e logo passam de comprimento.

Como, pois, levá-los a ele? A Bíblia nos dá a resposta. "De maneira," diz, "que a lei foi nosso tutor, para nos levar a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé."⁶² Assim foi no caso dos hebreus do Antigo Testamento, a respeito de quem Paulo fala nessa passagem; mas assim é também no caso de todos os que real e sinceramente busca Jesus Cristo como a seu Salvador do pecado. Só a consciência de pecado faz que os homens vão ao Salvador do pecado, e a consciência de pecado acordada só quando o homem se acha frente a frente à lei de Deus.

⁶² Gál. 3:24

Mas os homens não tem consciência de pecado hoje em dia; o que fazer, pois? Lembro-me que faz um tempo ouvi apresentar esse problema em uma forma comovedora a um pregador que se sentia tristemente confundido. Aqui estamos, dizia. Vivemos no século vinte. Temos que tomar as coisas tal como nos apresentam; e de fato, nós gostemos ou não, se falarmos com os jovens de hoje sobre o pecado e da culpa não saberão do que falamos; ir-se-ão de nós aborrecidos, e se separarão do Cristo que pregamos. Não é realmente uma calamidade? continuou. Não é uma calamidade que se percam as bênçãos que Cristo tem dispostas - para eles se fossem a ele? Se, pois, não vão ir a Cristo a nosso modo, não deveríamos convidá-los a que vão a ele de sua maneira? Se não ir a Cristo através da consciência de pecado que nasceria do terror da lei de Deus, não poderíamos fazê-los chegar a Cristo por meio do atrativo dos ensinamentos éticos de Jesus e a utilidade de seu ensino para a solução dos problemas da sociedade?

Temo que em resposta a tal proposição devemos responder que não. Temo termos que afirmar que ser cristão é muito mais trágico que o que tais pessoas supõem. Temo que temos que lhes dizer que não se pode chegar à vida cristã por nenhum atalho. Temo que temos que lhes indicar a porta estreita e lhes dizer que procurem o Salvador enquanto o podem encontrar a fim de que os resgate do dia da ira.

Mas não é um caso perdido? Não é um caso perdido tratar de que a gente do século vinte tome a lei de Deus com toda seriedade e tema os pecados?

Minha resposta é que sim é um caso perdido. De tudo perdido. Tão perdido como o é que um camelo passe pelo fundo de uma agulha.

Mas, não esquecemos que há Alguém que pode fazer o que parece impossível. É o Espírito do Deus vivo. Não temam, cristãos. O Espírito de Deus não perdeu seu poder. Quando o cria conveniente, enviará a seus mensageiros inclusive a uma geração perversa, adúltera e negligente. Fará que o Monte Sinai despeça chamas; convencerá aos homens de pecado; aniquilará seu orgulho; derreterá seus corações de pedra. Logo os conduzirá ao Salvador das almas.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Significa que o crente não está “sob a lei a não ser sob a graça”, que já não deve cumprir os mandamentos de Deus? Explique.
2. O que significa então? Explique.
3. Que manifesta a lei quanto ao ser de Deus? Explique.
4. Se for assim, qual é pois a gravidade do pecado? Explique
5. O que acontecerá na sociedade atual que não atende nem entende nem honra a lei de Deus?

6. O que acontece nas nações que tem uma boa percentagem de crentes atuando como o sal (o autor tomou como exemplo Grã-Bretanha)?
7. Como se pode levar a pessoa a sujeitar-se à lei, se não querer nem tampouco pode, e se não existir medidas do governo para lhes obrigar sem fazer-se tiranos?
8. Mas, não é um caso perdido falar de Cristo a uma sociedade que não acredita no pecado e suas consequências, não é melhor usar outras maneiras de expor o evangelho então? Explique.

Incapacidade Total

Efésios 2:1-3; Romanos 3:10-12

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

E Ele lhes deu vida a vós, quando estavam mortos em seus delitos e pecados nos quais andaram em outro tempo, seguindo a corrente deste mundo, conforme ao príncipe da potestade do ar, o espírito que agora obra nos filhos de desobediência, entre os quais todos nós vivemos em outro tempo nos desejos da carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos, e fomos por natureza filhos de ira, quão mesmo outros. (Efésios 2:1-3)

...E que, pois? Somos nós melhores que eles? De nenhuma maneira; pois já acusamos a judeus e a gentios, que todos estão sob pecado.

...Como está escrito: "Não há justo, nem mesmo um; não há quem entenda,

não há quem procura Deus. Todos se desviaram, a uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer." (Romanos 3:9b-12)

Toda religião e filosofia humana no mundo, salvo a evangélica cristã, sustenta que o homem é naturalmente bom e completo por seus próprios esforços. O filósofo Britânico do século XVII, John Locke (1632-1704), acreditava que o homem nasce em estado de inocência com a mente como uma lousa limpa. Jean Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo Francês do século XVIII, acreditou que o homem era bom, começando a filosofia humanista que põe o homem primeiro diante que Deus. Disse, "O homem nasce bom, e a sociedade o corrompe." Os Islâmicos ensinam que todos nascemos Muçulmanos, mas que logo o meio ambiente nos desvia. O homem se observa perfeito quando é guiado corretamente e faz presente a unidade de Alá.

Mas somente pela sabedoria de Deus, em sua Palavra, é que entendemos de nossa incapacidade natural, e de nossa incapacidade de nos salvar a nós mesmos fazendo as obras que nos vão salvar. Esta foi uma verdade confirmada na Bíblia, e revelada na Reforma no século XVI, e que após transformo a todo mundo. Infelizmente os ensinamentos danosos do Arminianismo, tiveram um papel preponderante nas Igrejas Evangélicas nos tempos modernos, ao fazer ao homem o centro de veneração em lugar de Deus.

Esses ensinamentos foram popularizados pelos ensinamentos Wesleyanos e as reuniões de avivamento no século XIX na América por pregadores como Charles Finney. Ele ensinou que se podia usar meios para convencer as pessoas a acreditar no evangelho por seu próprio poder, em vez de somente por meio do Espírito Santo operando no coração pela palavra de Deus. Isto resultou em que muitas pessoas acreditaram que eram cristãos quando em realidade não o eram. Este tipo de ensino de uma vez influenciou às denominações a enviar missionários para fundar igrejas evangélicas por todo mundo. Logo, com o ressurgimento da teologia liberal se rebaixou a condição pecaminosa do homem, pensando que o progresso social, a educação e o potencial do homem criariam uma sociedade moderna de amor, justiça, de igualdade e irmandade. Mas pelas terríveis guerras do século XX e a destruição e mortes horrendas causadas pela luta entre as chamadas “Nações Cristãs”, essas esperanças se desvaneceram.

Apesar disto, as pessoas ainda pensam que o pode fazer tudo por seu próprio esforço e um pouquinho da ajuda de Deus. A teologia de libertação, muito popular na América Latina, adotou o conceito de uma sociedade Marxista. Sob este conceito, o homem não se vê totalmente corrompido pelo pecado mas sim pela opressão econômica.

Isso resultou na deterioração pecaminosa da sociedade. Mas ao liberar-se destes poderes opressivos então a gente ficaria livre para evoluir em uma sociedade de igualdade e justiça. O que inevitavelmente ocorre é quando, os que foram oprimidos chegam ao poder, então eles se voltam os opressores. Tudo porque o coração do humano não se transforma simplesmente por uma mudança em uma sociedade em evolução.

Mas a glória seja para o Senhor porque já vem a mudança de direção nas igrejas que procuram ser fiéis às Escrituras e ao entendimento de que o evangelho é todo o trabalho soberano de Deus. A Bíblia nos diz que o homem não contribui com nada para sua salvação; esse é um dom ou um presente de Deus (Efésios 2:8-9).

Contexto Histórico

Em 1619 um grupo de teólogos publicou um documento de cinco capítulos como resposta aos cinco artigos de protesto escrito pelos discípulos de um professor de um seminário na Holanda, chamado Jacobo Arminius (1560-1609). Oitenta e quatro membros e 18 comissionados seculares vieram não só da Holanda, mas também da Alemanha, Bavária, Suíça e Inglaterra. Reuniram-se por sete meses e formularam o que se conhece pelos cinco artigos do Calvinismo, nomeados em honra ao reformista João Calvino (que viveu 1509-1560) que tinha expandido essas doutrinas no século anterior. O Sínodo

reafirmou as doutrinas às que todos os Reformistas e o patriarca da Igreja, Agostinho de Hipona (354-430 DC) tinham mantido, mil e duzentos anos atrás.

Os líderes reformistas do século 16 sustentaram a mesma opinião do Agostinho, que o homem é totalmente pecaminoso e incapacitado em seu estado natural, afastado da graça de Deus. Todos os primeiros Reformistas estavam unidos em sua opinião de que o homem é totalmente incapacitado em sua condição pecaminosa e só pode depender do poder de Deus para sua salvação. O dilema para os Reformistas não só era que Deus é o autor da justificação mas também da fé. O dilema era se a cristandade é uma relação com Deus, a qual depende totalmente de Deus para salvação, ou de nosso próprio esforço. Para responder a essa pergunta era essencial ter um conceito básico da natureza do homem e sua capacidade ou incapacidade. portanto o primeiro artigo dos líderes eclesiásticos reunidos no Sínodo do Dort, na Holanda em 1618-1619 para responder aos Arminios, foi o do pecado e seus efeitos na natureza humana. Esta doutrina é fundamental às doutrinas que lhe seguem, porque os cinco artigos do Calvinismo são inseparáveis. Todos eles ensinam que Deus salva aos pecadores. Os pecadores não se salvam se por acaso mesmos, de nenhum sentido, nem eles compartilham a glória de salvação com Deus. A Deus só seja toda a glória. Amém.

Mortos ao Pecado

Quando Paulo explica aos Efésios os passos que Deus tomou para seu propósito de salvar a seus escolhidos, ele lhes recorda o que isso eram antes de ser redimidos pela graça de Cristo. “Antes vocês estavam mortos por causa das maldades e pecados...” (Ef. 2:1). Paulo fala aqui de sua condição espiritual antes de nascer de novo. Para poder ter vida logo depois de estar mortos ao pecado, devemos nascer de acima pelo Espírito de Deus ao ser lavados pela palavra de Deus (João 3:5; 1Cor. 6:11; Ef. 5:26).

A morte espiritual que temos a herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Deus os criou corretos e bons, em comunhão com ele. No jardim do Éden, Deus pôs a árvore do bem e do mal e ordenou ao homem, “pode comer de todo fruto do jardim; mas da árvore do bem e do mal não deve comer, porque no dia em que dela comer, certamente morrerão” (Gên. 2:16-17). Adão e Eva desafiaram abertamente ao Senhor e comeram do fruto proibido. Ao ser enganados por Satanás e comer do fruto proibido eles deixaram de estar com Deus e morreram espiritualmente e logo fisicamente.

Adão representa a cabeça do gênero humano. O cair em pecado fez que toda a humanidade herdasse a natureza pecaminosa. Pode-se comparar este caso como quando um jogador está desconjurado, toda a equipe é castigada. O pecado do Adão culpa ao resto da humanidade. Paulo explica em Romanos como isto aconteceu. “assim, por meio de um só homem entrou o pecado no mundo e trouxe consigo a morte, e a morte passou a todos porque todos pecaram” (Rom. 5:12, DHH). Poderia comparar o efeito do pecado do Adão sobre a humanidade, como o de jogar veneno em um copo de água pura. O veneno poluiu toda a água e não podemos agarrar nenhuma porção dessa água que seja pura. Assim igualmente o pecado do Adão poluiu todo o gênero humano do momento da concepção.

A verdade se faz evidente através das Escrituras. O rei David confessou a Deus logo depois de ser ter visto claramente seu adultério dizendo: “Na verdade, sou mau desde que nasci; sou pecador do seio de minha mãe” (Salmo 51:5). Sua natureza pecadora estava presente desde seu nascimento. David o confessou assim no Salmo 58:3, “o ímpio se perde do nascimento; e até do ventre já fala mentiras.” Jó (14:4) e seus amigos Elifaz e Bildade (24: 4-6) todos declaram que o homem não é puro. Elifaz diz: “Que é o homem que poderia ser puro ou a gente nascido de mulher que possa ser justo? Se Deus não confiar em seu Santos ou se até os céus não são puros ante seus olhos, quanto menos o homem que é vil e corrupto, que bebe água como o demônio” (Jó 15: 14-16). Paulo nos diz isto: “Por causa dessa *natureza* merecíamos o terrível castigo de Deus, igual a outros” (Ef. 2:3). Em outras palavras, nossa condição espiritual não se deve ao que fizemos, a não ser ao que fazemos por natureza do nascimento.

Isto quer dizer que o único caminho para escapar de nossa natureza morta em que nos encontramos é quando Deus nos olhe com misericórdia e radicalmente nos transforma com o nascer de novo. Jesus mesmo disse ao Nicodemos o líder religioso: “Em verdade te digo que nenhum que não nascer da água e do Espírito não poderá entrar no reino de Deus” (João 3:5-7). João ensina que os que acreditam no nome de Jesus serão chamados filhos de Deus. “Mas a quem o recebeu e acreditaram nele, concedeu-lhes o privilégio de chegar a ser filhos de Deus. E são filhos de Deus, não pela natureza nem os desejos humanos, mas sim porque Deus os engendrou” (João 1:12-13, DHH). Em outras palavras, a transformação à nova vida só acontece pelo poder e a vontade de Deus. Nós somos incapazes de fazê-lo por nosso poder ou desejo próprio, sem a intervenção de Deus.

Aqueles que sustentam a teoria Arminiana, incluindo os Católicos e Ortodoxos, eles veem o homem afogando-se no mar aberto. Ele move suas extremidades tratando de manter-se a flutuação. Ele necessita ajuda; embora seus pulmões se encham de água, ainda sobrevive e poderia fazer algo ajudando-se assim mesmo. Como se o mesmo Jesus aparecesse em um bote e lhe entregasse o salva-vidas a um homem que se esta afogando. O pobre estira o braço e se agarra por salva-vidas por sua grande fé e confiança. E Jesus o puxaria ao bote para salvá-lo.

Mas a teoria Calvinista vê o homem completamente afogado e morto no fundo do mar. Tem um coração petrificado pela morte. O não pode ver quando Jesus vem a salvá-lo, porque esta morto e totalmente cego nessa dimensão espiritual. Assim como Jesus chamou o Lázaro que saísse da tumba logo depois de estar morto por quatro dias, assim também Ele dá a vida a nossos corpos putrefatos. Com grande amor e misericórdia Ele nos chama à ressurreição na qual ouvimos sua voz pois fomos levantados a vida, apesar de que antes estávamos mortos. Assim não podemos dizer que tivemos alguma participação em nossa salvação, pois tudo veio de Deus. Como o explica Paulo aos Colossenses: “Vocês, em outro tempo, estavam *mortos* espiritualmente por causa de seus pecados e por não ter sido circuncidados; mas agora *Deus lhes deu vida* junto com Cristo...” (Couve 2:13, DHH).

Escravos do Pecado

Tendo nascido com natureza pecaminosa, temos a tendência inata a criar pensamentos maus, falar coisas más e cometer atos demoníacos. Ou seja essa é a capacidade que temos de fazer à vista de Deus. Porque somos escravos do pecado e prisioneiros das garras de Satanás.

Não é porque ninguém careça de boas obras. Todos temos relativamente “boas obras.” Inclusive o pior criminoso que conheçamos faz algumas obra boas. Ele pode ter amor por sua própria mãe ou pode levar doces aos meninos da vizinhança. Ou o mafioso do bairro pode fazer milhões traficando em drogas em uma vizinhança pobre mas arruinar a muitas famílias e matar uns quantos. Mas quando faz caridade com as famílias dos pobres marginados, no dia de Natal por exemplo, então é elogiado e seu nome sai na mídia.

Toda obra boa que fazemos é na verdade pecaminosa ante Deus se não o fizemos com a motivação correta de dar glória a Deus e não por nosso próprio egoísmo. O catecismo do Heidelberg define muito bem o que são “boas obras.” “Somente aquelas obras que se fazem por verdadeira fé, de acordo à lei de Deus e para Sua glória” (Resposta 91). Edwin Palmer o explica assim: “De acordo ao Catecismo, há três elementos que constituem ou formam boas obras: verdadeira fé, aceitação da lei de Deus e motivação própria. Uma boa obra, por outro lado, pode ter uma aparência sincera se não se fizer por fé autêntica ou para a glória de Deus. Assim os pagãos podem fazer relativamente boas obras, mas assim mesmo são totalmente depravados.”⁶³

A depravação total não significa que somos totalmente ímpios. Ninguém comete todo o pecado que pode. Jesus inclusive referiu que até o ímpio faz algo bom quando disse: “E se fazeis bem aos que lhes fazem bem, que mérito tem? Porque também os pecadores fazem o mesmo” (Lu. 6:33). É pela graça de Deus que Ele controla ao demônio em cada um (2Tes 2:17) e os capacita para fazer algo bom. E até muitos que não acreditam, reconhecem a pecaminosidade do homem. Um velho provérbio Chinês diz: “Existem dois homens bons; um esta morto e o outro inclusive não nasceu.”

Paulo recorda aos Efésios de sua condição anterior dizendo: “...pois seguiam o exemplo deste mundo e faziam a vontade daquele espírito que domina no ar e que anima aos que desobedecem a Deus” (Ef. 2:2). Ele diz que eles viviam nos passos de Satanás e suas vidas estavam sob seu controle. Jesus dizia aos judeus que se opunham ao, “Asseguro-lhes que todos os que pecam são escravos do pecado” (João 8:34). O continuou em lhes dizer, “O Pai de vocês é o diabo; vocês lhe pertencem, e tratam de fazer o que ele quer” (João 8:44). Aqueles escravos do pecado estão sob o controle de Satanás. Esta é a condição de cada um de nós antes de reconhecer a Cristo como Senhor, por fé. Assim como diz João “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro está sob o poder do maligno” (1 João 5:19).

⁶³ Edwin H. Palmer, *Os Cinco Pontos do Calvinismo* (Grand Rapids: Baker Book House, 1972), 11.

Instrumentos do Castigo de Deus

Nosso pecado Deus não o considera como algo passageiro. Não, nosso Deus é um Deus Santo que não o pode passar de comprimento ou tolerá-lo em sua presença. Como o diz o profeta Habacuque: “Você é muito puro para consentir o mal, para contemplar com agrado a iniquidade...” (Hab. 1:13). Como Deus é justo, o pecado deve ser castigado. Cada um de nós merece ir ao inferno. Paulo explica como os cristãos do Éfeso viviam antes. “...Entre os quais também nós vivíamos em outro tempo nos desejos de nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos e fomos por natureza filhos de ira, quão mesmo outros” (2:3). A ira de Deus está contra nós devido a nossa natureza pecaminosa. Porque tudo deve fazer-se somente para sua glória. Desde que nascemos falamos mentiras e somos egoístas. A Escritura nos diz que “É justo diante de Deus pagar com tribulação aos que lhes afligem, e a vós que são afligidos, lhes dar repouso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus do céu, com os anjos de seu poder, em chama de fogo radiante, para dar retribuição aos que desconhecem a Deus e não obedecem o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Eles sofrerão pena de eterna perdição, e afastados da presença do Senhor e da majestade de seu poder quando vier naquele dia para ser glorificado em seus Santos e ser admirado em todos os que acreditaram (por quanto nosso testemunho foi crido entre vós)” (2 Tess. 1:6-10).

Reinado Universal do Pecado

Assim Paulo explica aos Romanos o por que de necessitamos a justiça de Cristo para cobrir nossos pecados, ao recitar do Salmo 14 e 53 dizendo: “Como está escrito: não há justo, nem sequer um; não há quem entende, não há quem procura Deus” (Rom. 3:10-11).

Esta passagem declara primeiro, que não há nenhum justo ante os olhos de Deus. Segundo, ninguém entende o bem. Terceiro, todos somos incapazes de procurar Deus. Expliquemos um pouco mais nestes pontos. Outra forma de descrever nossa raiz depravada é nossa inabilidade completa. Isto significa que o homem é incapaz de entender o bem, ou melhor de desejar o que é bom.

Primeiro, cada um é um pecador que necessita a graça de Deus, porque nenhum é justo. A perversidade do homem se pulverizou por toda a humanidade depois da queda de Adão. Paulo assim diz: “Porque como pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores...” (Rom. 5:19). Antes do dilúvio: “E viu Deus que a maldade dos homens era muita na terra, e que todo intuito dos pensamentos do coração deles era de contínuo somente para o mal” (Gên. 6:5). Até depois do dilúvio o Senhor disse do homem: “porque o intento do coração do homem é mau desde sua juventude” (Gên. 8:21). Jesus nos ensina que é do coração de onde sai toda forma de pecado (Marcos 7:20). “Nada sai do corpo do homem que é prazeroso. Assim também nada bom sai do coração que seja prazeroso diante de Deus (para a salvação).”⁶⁴ Paulo diz em Romanos 3:12, “Não há quem faz o bem, não há nem um sequer.”

⁶⁴ Green, op. cit., 102.

Mentes Cegadas pelo Pecado

Segundo, ninguém entende o bem. Não somente está o homem morto pelo pecado mas sim também é escravo do pecado e sua esta mente cegada pelo pecado. O homem não redimido não entende as coisas de Deus. São tolice. Paulo afirma que o homem não redimido “está cego em seu entendimento e separado da vida de Deus, pela ignorância deles e a dureza de seu coração (Ef. 4:18). Concernente aos judeus incrédulos Paulo diz: “Porque o entendimento deles se embotou; porque até o dia de hoje, quando leem o antigo pacto, fica o mesmo véu não descoberto, o qual por Cristo é tirado. E até até o dia de hoje, quando se lê Moisés, está o véu posto sobre o coração deles, mas quando se converterem ao Senhor, o véu se tirará” (2 Cor. 3:14-16).

O Evangelho de João descreve a vinda de Jesus ao mundo como uma luz que ilumina ao homem. Sua introdução diz: “A luz nas trevas resplandece, e as trevas não prevaleceram contra ela” (João 1:5). Mas adiante diz: “No mundo estava, e o mundo por Ele foi feito; mas o mundo não lhe conheceu. Veio para os seus, e os seus não lhe receberam” (João 1:10-11). O problema que Jesus teve não foi em sua apresentação, ou estilo ou sua habilidade de comunicar-se. Ninguém podia ter feito um trabalho melhor ao declarar a verdade. Mas bem foi a dureza, os corações incrédulos que eram incapazes de entender a verdade. Jesus disse aos judeus: “E se disser a verdade, por que não me acreditam? Quem é de Deus, escuta as palavras de Deus; mas como vocês não são de Deus, não querem escutar” (João 8:46-47, DHH).

João explica que devido à dureza e á cegueira do coração dos incrédulos eles evitam a luz da verdade de Deus. “Os que não acreditam, já foram condenados, pois, como faziam coisas más, quando a luz veio ao mundo preferiram a escuridão à luz. Todos os que fazem o mau odeiam a luz, e não se aproximam dela para que não descubra o que estão fazendo” (João 3:19-20, DHH). Quando Paulo falou do poder e a glória da cruz de Cristo, ele explicou o por que muitos a rejeitam: “Porque a palavra da cruz é loucura aos que se perdem; mas aos que se salvam, isto é, a nós, é poder de Deus” (1 Cor. 1:18). Mas adiante acrescenta: “Mas o homem natural não percebe as coisas que são do Espírito de Deus, porque para ele são loucura, e não as pode entender, porque se têm que discernir espiritualmente” (1 Cor. 2:14).

Há muitos teólogos e pastores que dedicam sua vida estudando a Bíblia, mas mesmo assim não são crentes. Não podem acreditar porque o Espírito Santo não reviveu seus corações. São capazes de explicar com segurança o evangelho e as verdades da Bíblia mas assim rejeitam as histórias em torno dos eventos que não se entendiam antes da era científica. É sozinho pelo poder e iluminação do Espírito Santo que uma pessoa pode entender as verdades do evangelho.

Incapacidade do Homem para Arrepende-se e Acreditar

Terceiro, somos totalmente incapazes de até procurar Deus. Assim diz Paulo: “Não há... nenhum que procure Deus.” De fato, o homem odeia a Deus e o que Ele significa. O

homem odeia o bom e não lhe preocupa. Somente o trabalho milagroso de Deus faz que uma pessoa chegue à fé de salvação. Como disse Jesus: “ninguém vem até mim a menos que meu Pai que me enviou não o traga (João 6:44). E mais tarde Jesus repete o mesmo princípio dizendo, “ninguém pode vir até mim, se não fosse dado do Pai” (João 6:65). Isso significa que ninguém escolhe o seguir ao Jesus; todos estamos atados ao pecado.

A vontade é livre de escolher o que alguém acredita que é o melhor, mas o que um naturalmente acredita que é o melhor não é procurar ou escolher a Deus. O homem natural não deseja submeter-se ou lhe servir a Deus. Ele prefere sua vida em lugar da soberania de Deus. Acredita que a felicidade e o êxito na vida não se encontram na justiça de Deus. Apesar de que o livre-arbítrio do homem séria escolher para “gostar e ver que Deus é bom” (Sal 34:8), ele “odeia” o pão vivo que descendeu do céu (João 6:51). A vontade do homem natural está atada ao pecado, o qual o afeta seu entendimento e visão. por que o homem natural não pode vir a Deus? Como diz Jeremias: “Enganoso é o coração mais que todas as coisas, e *perverso*; Quem o conhecerá?” (Jer. 17:9). Só aos que tem o Espírito de Deus, que trabalha em seus corações, é permitido vir a Jesus. Quando Paulo falou com um grupo de mulheres reunidas em Filipos junto ao rio, Lídia foi salva. Nos diz que “*o Senhor* abriu o coração dela para que estivesse atenta ao que Paulo dizia” (Hei 16:14). Ela não abriu seu coração. Deus lhe abriu o coração.

Jeremias que era um grande amigo do africano Ebede-Meleque, e quem o resgatou com depósito de lixo da cisterna (Jer 38:7-13), usou a um negro para ilustrar a verdade espiritual. “Trocará o etíope sua pele, e o leopardo suas manchas? Assim também, vós poderão fazer bem, estando habituados a fazer mau?” (Jer. 13:23). A pergunta retórica do Jeremias confirma o fato de quão impossível é para alguém trocar uma vida de pecado para fazer bem, muito menos alcançar a justiça de Deus.

O grande pregador do século dezanove, Charles Spurgeon o descreveu assim:

Não pode trocar um homem de negro a branco, ou a um branco tornar-se negro. Pode fazer o que te agrada destruindo, mas nada pode fazer para repará-lo. Pode-te fazer impuro pelo pecado, mas não te pode desencardir espiritualmente como o quisesse. Há certo dilema ao cair: pode te lançar a um precipício rapidamente, mas quem poderia parar-se no fundo de um penhasco se esta pacote? O homem pode cair contra sua vontade, mas não pode levantar-se até por sua vontade. Pode fazer todo o mal com facilidade; pode-o fazer com as duas mãos, vorazmente, e fazê-lo uma e outra vez, e não te cansar disso; mas voltar para atalho reto aí está a dificuldade.

O que pode fazer o homem para trocar sua natureza e transformar-se em um homem novo? Nada! Escutando sermões, indo à igreja, dando dinheiro ao pobre, ajudando às viúvas reparando suas casas, isso não vai trocar ao coração do pecador. Qualquer obra manual que façamos de nada servirá. É sozinho o trabalho do Espírito Santo o que pode trocar o coração de pedra a um coração de carne que responda ao chamado de Deus.

O homem de contínuo pensa que alguém pode contribuir com algo para sua salvação. Alguns admitem que a salvação é pela graça de Deus, mas ainda pensam que é porque são eles quem escolhe a Deus e contribuem por sua fé para acreditar. A pergunta que

confrontamos sobre o problema da depravação total do homem Edwin Palmer a explica assim:

É Deus o originador só da redenção ou só da fé? Permitiu Deus o sacrifício parcial de Jesus Cristo e o homem coopera com sua fé? Ou é a Fé também um dom de Deus? (Ef. 2:8). Depende a salvação parcialmente de Deus (ao dar a Cristo na cruz) ou totalmente de Deus (ao deixar que Cristo morrera na cruz mas a fé de nós)? Guarda o homem um pouco de glória para si mesmo a esperança de acreditar? Ou para Deus é toda a glória? O ensino da incapacidade total é que para Deus é toda a glória, e nenhuma para o homem.

Aplicação

O que aprendemos do ensino da incapacidade total é a explicação para todos os problemas que encontramos no mundo de ódio, guerra, pobreza, avareza, drogas e anarquia. Até se todo mundo for convertido, isso não resolveria todos nossos problemas, porque até os cristãos são pecadores. Mas vemos que o evangelho nos ajuda a resolver os problemas no mundo até quando Jesus retorne e todas as coisas sejam renovadas.

Em segundo lugar, sabemos que estamos em condição terrível por nossa depravação. Dá-nos esse afã de procurar o Senhor. Damo-nos conta que não há esperança além da graça sobrenatural e imerecida de Deus. Isto onos impulsionaria a pedir a Deus por sua misericórdia. Deveríamos invocar o nome de Jesus, para que nos resgate de nossa condição miserável.

Em terceiro lugar, sabemos que se procurarmos a ajuda e misericórdia de Deus, é sozinho porque Deus começou a trabalhar primeiro com seu Espírito para que nossos corações lhe invoquem. “Porque Deus é o que em vós produz assim o querer como o fazer, por sua boa vontade” (Fil. 2:13).

Em quarto lugar, entender que o homem é totalmente incapaz de buscar a Deus, afeta as decisões que se tomam nos lares, no colégio, nos cargos públicos e de governo. Entender a natureza pecaminosa do homem afeta a forma como disciplinamos nossos filhos. Isso, também, afeta as regras sobre o crime e o castigo. A incapacidade do homem teve grande influencia para que os fundadores da constituição Americana desenvolvessem um sistema de fiscalização dos três ramos do governo (executivo, legislativo e judicial), entendendo que há a tendência inata do homem de dominar a outros se lhes permitisse fazer isso.

Mas o centro desta doutrina é a necessidade de entender que estamos totalmente arruinados diante de Deus. Se sustentarmos a ideia que temos um pouco de dom espiritual, mesmo que seja pequeno, jamais nos preocuparíamos de nossa condição espiritual. Geralmente pensamos que vamos viver muito tempo e ainda há tempo para acreditar em Cristo mais tarde. Mas se conhecêssemos nossa verdadeira condição de estar mortos ao pecado, estaríamos totalmente se desesperados e procurando cristo.

Teríamos esse afã de nos arrepender e acreditar em Cristo. Porque não temos nenhum dom que lhe oferecer a Deus para receber a salvação. A salvação vem somente de Deus, através de Cristo, somente pela graça, só pela fé que nos é dada como um presente de Deus, para a glória de Deus. Amém.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Qual é o conceito que a filosofia tem do homem? E os muçulmanos?
2. Qual é sua expressão dessa filosofia nas Igrejas cristãs?
3. Qual é a expressão bíblica do conceito do homem? (Que o autor chama calvinista)
4. Por que toda obra “boa” é realmente pecaminosa frente a Deus?
5. Quais são pois as obras boas?
6. Como Deus é justo, o que Ele deve fazer ao pecador?
7. O que significa estar cegos pelo pecado?
8. Por que somos incapazes de acreditar?
9. Contribui o homem em algo para sua salvação, assim seja em acreditar? Explique. Que aplicações tem para sua vida todo o aprendido?

A Incapacidade Humana

Um sermão pregado em 7 de Março de 1858, Pelo C.H. Spurgeon, Na Câmara de Música, Royal Surrey Gardens, Inglaterra

"Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o touxer" (João 6:44).

"Vir a Cristo" é uma frase muito comum na Sagrada Escritura, e se usa para expressar aquelas ações da alma pelas que, abandonando totalmente nossa própria justiça e pecados, corremos para o Senhor Jesus Cristo para receber sua justiça, como nossa coberta, e seu sangue como nossa expiação. O vir a Cristo, pois, entranha o arrependimento, a negação da gente mesmo e a fé nele; e compendia todas aquelas coisas que são o necessário

acompanhamento destas extraordinárias condições do coração, tais como a crença na verdade, a diligência na oração a Deus, a submissão da alma aos preceitos de seu Evangelho, e todo aquilo que concorre na salvação do pecador. Aquele que não venha a Cristo, faça o que faça e cria o que cria, está ainda em "fel de amargura e na prisão de maldade". O vir a Cristo é o primeiro efeito da regeneração. Logo que a alma é vivificada descobre sua condição perdida, horroriza-se ante seu estado, procura refúgio, e acreditando encontrá-lo em Cristo, corre apressada para achar nele seu repouso. Onde não há esse vir a Cristo, certamente tampouco houve nova vida; e onde não há nova vida, a alma está morta em delitos e pecados, e como está morta não pode entrar no reino dos céus. Temos ante nós uma declaração muito surpreendente que muitos catalogam de molesta. Nosso texto diz que o vir a Cristo é algo completamente impossível para o homem, a menos que o Pai o traga; bem, há quem afirme que isso é o mais fácil do mundo. Este será nosso desafio: de nos estender sobre esta declaração. Não duvidamos que sempre será ofensiva para a natureza carnal, mas sabemos, não obstante, que esta ofensa à natureza humana foi muitas vezes o primeiro passo para trazê-la humilhada aos pés do Senhor. E se este é o resultado, não pensemos na ofensa e nos gozemos nas gloriosas consequências.

Esta manhã tratarei antes de mais nada fazer ressaltar no que consiste a incapacidade do homem. Em segundo lugar, quais são as formas empregadas pelo Pai para nos trazer para Cristo, e como as utiliza sobre a alma. E finalmente concluirei considerando o doce consolo que emana deste texto aparentemente tão árido e terrível.

I. Primeiro, pois, A INCAPACIDADE DO HOMEM. O texto diz: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer". Onde reside esta incapacidade? Não em defeito físico algum. Se para vir a Cristo fosse necessário mover nosso corpo ou caminhar com nossos pés, certamente o homem teria poder físico para vir ao nesse sentido. Lembro de ter ouvido dizer a um néscio antinomiano que o não acreditava que nenhum homem tivesse poder para ir à casa de Deus a menos que o Pai o traga. Aquilo era uma solene tolice, porque pode ter reparado que, enquanto o homem tem vida e pernas, é tão fácil para ele ir à casa de Deus como a de Satanás. Se o vir a Cristo é o pronunciar uma oração, o homem não tem defeito físico algum sobre este articular, se não for mudo, e pode dizê-la tão facilmente como proferir a mais horrenda blasfêmia; o mesmo pode cantar um dos hinos do Sião, que a mais profana e obscena canção. Não existe falta de poder físico para vir a Cristo. Tudo que é necessário referente à capacidade corporal, o homem, na verdade o tem; e se a salvação consistisse nisto, estaria total e completamente a seu alcance sem ajuda alguma do Espírito de Deus. A incapacidade não reside tampouco em alguma deficiência mental. Eu posso acreditar que a Bíblia é a verdade tão facilmente quanto o é qualquer outro livro. Considerando acreditar em Cristo como um mero ato mental, eu posso acreditar nele tanto como em qualquer outro. Admitindo que sua declaração seja verdade é infundado que me diga que não posso acreditá-la. Posso admitir como certo o que Cristo diz tanto como as manifestações de qualquer outra pessoa. Não há nenhuma deficiência de capacidade na mente: o homem pode apreciar como um mero feito intelectual a culpa do pecado tanto como a responsabilidade de um assassinato. Eu vejo que é tão possível exercitar a ideia mental de procurar Deus, como exercitar o pensamento da ambição. Se o poder e a força da mente, considerados como simples fatores intelectuais, fossem

necessários para a salvação, eu possuo quanto desse poder e dessa força pudesse necessitar. É mais, acredito que não há nenhum homem tão ignorante que presente sua deficiência mental como desculpa para rejeitar o Evangelho. O defeito, pois, não reside no corpo ou no que, falando teologicamente, nós chamamos a mente. Não há deficiência ou insuficiência nela, embora a inutilidade da mente, sua corrupção e ruína, é, depois de tudo, a mesma essência da incapacidade humana.

Me permitam que lhes mostre onde reside realmente a incapacidade do homem: no mais profundo de sua natureza. Pela queda e por nosso próprio pecado, a natureza humana ficou tão degradada, depravada e corrompida, que para o homem é impossível vir a Cristo sem o auxílio do Espírito Santo de Deus. Para lhes ilustrar em que forma a natureza humana impossibilitou ao homem para ir a Cristo, falarei por meio de uma figura. Contemplem uma ovelha: com que fruição come a erva! Nunca a terão visto suspirar pela carniça. Não poderia alimentar-se do que come o leão. Agora me tragam um lobo; me perguntem se pode comer erva ou ser tão dócil e manso como um cordeiro. Eu lhes responderei que não, porque sua natureza é contrária a isso. "Bem", dizem-me, "mas se tiver orelhas e patas, não poderia ouvir a voz do pastor e lhe seguir em qualquer lugar que lhe leve?" Claro que poderia; não há nenhuma causa física pela que não possa fazê-lo, mas sua natureza o impede e portanto não pode. Não poderia ser domesticado e fazer-se desaparecer sua ferocidade? Provavelmente fora dominado de forma que aparentasse ser manso, mas sempre existiria uma marcada distinção entre ele e a ovelha pelo díspar de suas naturezas.

Assim, a razão pela que o homem não pode vir a Cristo não é porque haja incapacidade em sua mente ou corpo, mas sim porque sua natureza está tão corrompida que não tem nem o querer nem o poder para vir, a menos que seja gasto pelo Espírito Mas lhes darei outra ilustração muito mais clara. Temos a uma mãe com seu bebê nos braços. Ponham uma faca em suas mãos e lhe peçam que a crave no coração da criança. Verdadeiramente lhes dirá que não pode. Por isso se refere ao poder físico, sim que poderia fazê-lo se quisesse: tem a faca e tem o menino. O pequeno não pode defender-se e ela possui suficiente vigor em seu braço para cravar a adaga em seu coração. Mas está no certo quando diz que não pode fazê-lo. Ela pode pensar em matar a seu filho como um simples ato da mente, e mesmo assim diz que lhe é impossível pensar tal coisa; e não diz mentira quando assim fala, porque sua natureza de mãe não lhe permite fazer algo ante o qual toda sua alma se rebela. Pelo fato de ser a mãe daquele menino, sente que não pode matá-lo. Assim ocorre com o pecador. O vir a Cristo é tão odioso à natureza humana que, embora no que diz respeito a forças mentais e físicas (e estas não têm a não ser uma muito pequena ação na salvação), os homens poderiam vir se quisessem, é estritamente correto dizer que nem podem nem querem, a menos que o Pai que enviou a Cristo traga. Aprofundemos um pouco mais neste aspecto da questão, e tratemos de descobrir no que consiste esta incapacidade humana em seus mais minuciosos detalhes.

1. Primeiro, na rebeldia da humanidade do homem. "Oh!", diz o arminiano, "os homens podem salvar-se se quiserem." Meu querido amigo, todos nós estamos de acordo com isso; mas é precisamente em se quiserem onde está a dificuldade. Afirmamos que ninguém quer

vir a Cristo, a menos que seja trazido; ou mais, não somos nós os que fazemos tal asseveração, a não ser o mesmo Cristo quando diz: "E não querem vir para mim para que tenham vida"; e enquanto este não querem vir esteja escrito na Santa Escritura, não nos sentiremos inclinados a acreditar em doutrina alguma que nos fale da liberdade da vontade humana. É estranho como a gente, quando fala do livre-arbítrio, fala de um tema do que não tem nem ideia. "Eu acredito", diz um, "que os homens poderiam salvar-se se quisessem." Não, querido amigo, não é esta a questão nem muito menos. O problema é se os homens estão bem dispostos, por natureza, a aceitar as humilhantes condições do Evangelho de Cristo. Nós declaramos, com a autoridade da Escritura, que a vontade humana está tão corrompida, tão depravada, tão inclinada a todo o mau, e tão oposta a todo o bem, que sem a poderosa, sobrenatural e irresistível influencia do Espírito Santo, nenhum ser humano quererá jamais ser constrangido a ir a Cristo. Você diz, querido amigo, que algumas vezes as pessoas vão a Deus sem a ajuda do Espírito Santo. Já encontrou alguma vez com alguma pessoa que foi a Cristo? De dúzias e centenas, e até milhares de cristãos de diferentes opiniões com os que conversei, jovens e velhos, jamais tive a sorte de me tropeçar com um que pudesse afirmar ter vindo a Cristo por si mesmo, sem ter sido trazido. A confissão universal de todo crente verdadeiro é esta: "Eu sei que se Jesus Cristo não me tivesse procurado quando eu era um errante peregrino afastado do redil de Deus, agora estaria longe, muito longe Dele, e amando cada vez mais essa distância". Todos os crentes afirmam a uma verdade de que os homens não virão a Cristo a menos que o Pai que Lhe enviou os trouxesse.

2. Não somente é a obstinação da vontade, mas também o obscurecimento da inteligência. Disto temos abundantes prova na Escritura. Não estou fazendo meras afirmações, a não ser declarando doutrinas que são ensinadas autoritariamente nas Santas Escrituras e gravadas na consciência de cada cristão; nelas nos ensina que o entendimento do homem está tão entrevado que, a menos que receba a luz, não poderá compreender de maneira nenhuma as coisas de Deus. O homem é cego por natureza. A cruz de Cristo, tão cheia de glórias e de esplendores atrativos, nunca atrai ao pecador, porque é cego e não pode ver suas belezas. Lhe falem das maravilhas da criação, Lhe mostrem o arco multicolorido que cruzamento os céus, Lhe ensinem a grandeza de uma paisagem, e verá tudo isto; mas Lhe falem das maravilhas do pacto da graça, Lhe falem da segurança do crente em Cristo, Lhe contem as perfeições da pessoa do Redentor, e será completamente surdo a todas suas descrições; seriam, na verdade, como um que tocasse uma bela melodia, mas ele não emprestaria atenção porque é surdo e não pode ouvi-la, nem compreendê-la. Ou como nos diz a Escritura: "O homem natural não percebe as coisas que são do Espírito de Deus, porque Lhe são loucura, e não as pode entender, porque se têm que examinar espiritualmente"; e posto que é homem natural, não está nele o poder de discernir as coisas que são de Deus. Alguém diz: "Eu acredito que cheguei a um grau bastante elevado de discernimento em assuntos teológicos, e não encontro dificuldade em entender quase todos seus pontos". Certo; pode ter chegado, mas só na letra; porque o espírito dela, o verdadeiramente assimilável para a alma, e uma compreensão real é completamente impossível que o tenha obtido a menos que tenha sido trazido pelo Espírito. A mente carnal não pode perceber as coisas espirituais, e a menos que tenha sido regenerado e feito criatura espiritual em Cristo Jesus, enquanto isso que esta Escritura seja verdade deve admitir como certo que você não as percebeste. A vontade, pois, e o

entendimento são dois grandes leva muradas até pelas que não podemos sair para ir a Cristo; e enquanto não sejam abertas pela doce influencia do Espírito Santo, permanecerão fechadas para tudo o que seja ir a Cristo.

3. Consideraremos agora esta incapacidade nos afetos, que constituem uma grande parte do indivíduo e que estão também depravados. O homem, tal como é antes de receber a graça de Deus, ama todas e cada uma das coisas mais que o espiritual. Se querem comprová-lo, olhem a seu redor. Não é necessário que procurem a depravação dos afetos humanos em um lugar particular. Dirijam seu olhar a qualquer lugar; não há rua, nem casa, nem, o que é pior, coração, que não possa mostrar a triste evidencia desta terrível verdade. Por que os homens não estão universalmente reunidos na casa de Deus no domingo?, por que não lemos mais assiduamente nossas Bíblias?, por que a oração é descuidada quase geralmente?, qual é a causa de que Jesus Cristo seja tão pouco amado?, por que os que professam ser seus seguidores sentem tão pouco afeto para Ele?, de onde procedem estas coisas? É bem certo, amados irmãos, que não podemos as atribuir a nenhuma outra fonte que não seja a corrupção e invalidação dos afetos. Amamos o que deveríamos odiar e odiamos o que deveríamos amar. Não se deve a outra coisa que à natureza caída a que amemos mais esta vida que a vindoura. Não é mais que pelo efeito da queda que amamos mais ao pecado que a justiça, e os caminhos deste mundo mais que os de Deus. E, repetimo-lo de novo, enquanto estes afetos não sejam renovados e convertidos em correnteza de água viva pela misericordiosa influência do Pai, ninguém poderá amar ao Senhor Jesus Cristo.

4. Falemos agora sobre a consciência, também subjugada pela queda. Acredito que não há maior engano entre os teólogos que o que cometem quando ensinam às pessoas que a consciência é o vicário de Deus na alma, e um dos poderes que conservam sua primitiva dignidade elevando-se entre seus cansados companheiros. Meus irmãos, quando o homem caiu no Éden, toda a humanidade foi derrubada. Não ficou em pé nem um só pilar do templo humano. É certo, a consciência não foi destruída. Não foi feita pedacinhos; caiu em uma peça, e ali ficou estendida como o mais poderoso vestígio do que fora obra perfeita de Deus no homem. Mas de que a consciência caiu, estou plenamente seguro. Contemplem a humanidade. Quem de entre os homens tem "uma boa consciência diante de Deus", a não ser o que é regenerado? Imaginam que os homens poderiam viver cometendo cada dia esses atos que são tão contrários à justiça como as trevas à luz, se suas consciências lhes gritassem continuamente de forma clara e potente? Não, amados, a consciência me diz que sou um pecador; mas não pode fazer me sentir isso. A consciência pode me dizer que tal ou qual coisa é má, mas nem ela mesma sabe até que ponto pode ser má. advertiu a consciência alguma vez ao homem que seus pecados mereciam a condenação, se não ter sido pela iluminação do Espírito Santo? E se o fez, levou-o a sentir aborrecimento do pecado como tal? Ou dito mais claramente: levou a consciência alguma vez a alguém à renúncia de si mesmo, de forma que se detestasse a ele e a todas suas obras e se entregasse a Cristo? Não, embora a consciência não está morta, está arruinada, seu poder foi prejudicado, já não tem aquela acuidade de vista, aquela mão poderosa, nem aquela voz de trovão que teve antes da queda, mas sim deixou em grande maneira de exercer sua supremacia na cidade de Alma humana. assim, amados, por esta mesma razão de que a

consciência está depravada, é de todo ponto necessário que o Espírito Santo intervenha para nos mostrar a necessidade de um Salvador e nos levar a Senhor Jesus Cristo.

"Então", dirá alguém, "pelo que foi dito até agora, parece-me entender que você considera que a razão pela qual os homens não vem a Cristo é a de não querer em lugar de não poder." Certo, mais que certo. Eu acredito que a razão mais poderosa da incapacidade humana reside na rebeldia de sua vontade. Uma vez superado isto, acredito que está tirada a pedra do sepulcro, e a parte mais difícil da batalha já está ganha. Mas me permitam que vá um pouco mais longe. O texto não diz: "Ninguém quer vir", a não ser: "Ninguém pode vir". Agora bem, muitos intérpretes acreditam que a palavra pode não é mais que uma expressão enfática que não expressa mais que o significado de querer. Estou firmemente seguro que esta interpretação não é correta. No homem não achamos somente oposição a ser salvo, mas também impotência espiritual para vir a Cristo. E isto o demonstrarei ao menos aos cristãos. Amados, falo-lhes com vós que fostes já vivificados pela graça divina: Não vos ensina sua experiência que há vezes que querem servir a Deus e não tem o poder para fazê-lo?; não houve ocasiões nas que lhes viram obrigados a dizer que queriam acreditar e tivestes que orar: "Senhor, ajuda minha incredulidade"? Porque embora hajam recebido suficiente testemunho de Deus, sua natureza carnal era muito poderosa para suas forças, e sentiram a necessidade de ajuda sobrenatural. São capazes de entrar em sua habitação a qualquer hora que queiram e cair sobre seus joelhos dizendo: "Quero ser diligente na oração para estar perto de Deus"? Encontram seu poder parecido com seu querer? Poderão dizer até diante do mesmo tribunal de Deus que são sinceros em sua boa vontade. Desejam lhes absorver em sua devoção, e é seu desejo que sua alma não se além de uma perfeita contemplação do Senhor Jesus Cristo; mas veem que, mesmo que estão dispostos, não podem fazê-lo sem a ajuda do Espírito. Agora bem, se os reavivados filhos de Deus encontram esta incapacidade espiritual, quanto mais não a encontrará o pecador que está morto em delitos e pecados? Se até o cristão amadurecido, depois de trinta ou quarenta anos, encontra-se disposto mas sem poder, se tal for sua experiência, não parecerá mais lógico que o pobre pecador que ainda não acreditou necessite o poder tanto como o querer?

Mas até há outro argumento. Se o pecador tem poder para vir a Cristo, eu gostaria de saber como vamos interpretar as contínuas descrições que nos fazem na Santa Palavra de Deus sobre a situação do inconverso. Nos diz que o que não foi regenerado está morto em delitos e pecados. Afirmarão que a morte implica somente a ausência da vontade? Podem estar seguros de que um cadáver é tão impotente como resistente. Mas, por outra parte é que não vê a gente que existe uma clara distinção entre querer e poder? Não poderia ser vivificado esse cadáver o suficiente para ter um desejo, e apesar disso seguir tão impotente que não movesse nem sequer um pé ou uma mão?; é que não presenciemos casos de pessoas que foram o bastante reanimadas para dar sinais de vida, e não obstante estiveram tão quase mortas que não puderam fazer o mais ligeiro movimento?; não existe uma clara diferença entre a manifestação do querer e a manifestação do poder? Entretanto, é totalmente certo que a vontade precede ao poder. Façam a um homem diligente e será feito poderoso, porque, quando Deus dá a vontade, não atormenta à pessoa fazendo-a desejar algo que não pode efetuar; porém, Ele faz tal separação entre a vontade e a capacidade, que ambas as coisas se tornam de ver claramente como dons completamente distintos do Senhor nosso Deus.

Até temos outra pergunta que fazer: Se tudo que o homem necessitar que lhe seja dado é o querer, não fica com isso degradado o Espírito Santo? Se estamos acostumados a dar toda a glória a Deus Espírito Santo pela salvação operada em nós, mas ao mesmo tempo afirmamos que tudo que necessitamos do é o querer para obrar estas coisas por nós mesmos, não nos fazemos participantes de sua glória? E sendo assim, poderíamos dizer ousadamente: "É certo que o Espírito me infundiu a vontade para fazer estas coisas, mas fui eu quem a exerceu por si mesmo, e portanto posso me glorificar; e não arrojarei minha coroa a seus pés, porque fui eu quem as operou sem nenhuma ajuda do alto; minha é, eu a ganhei e ninguém me usurpará isso". Enquanto na Escritura se diga que é sempre a pessoa do Espírito Santo a que opera em nós o querer e o fazer por sua boa vontade, manteremos como legítima inferência que sua obra consiste em algo mais que nos outorgar o querer; e que portanto, o Pecador; não Só precisa a vontade, mas também também necessita o poder, já que carece verdadeira e totalmente dele.

Agora, antes de abandonar esta consideração, me permitam que dirija a vós um momento. frequentemente me acusa de pregar doutrinas que podem fazer muito dano. Pois bem, não vou negar tal acusação, porque não me preocupa muito o respondê-la. Aqui presente estão minhas testemunhas que provarão que, efetivamente, quanto preguei tem feito grande dano, mas não à moralidade ou à igreja de Deus, a não ser a Satanás e sua causa. Esta manhã não são um nem dois os que se alegram de ter sido trazidos a Deus, são centenas; de ser profanos quebrantadores do domingo, bêbados ou pessoas mundanas, foram chamados a conhecer e amar ao Senhor Jesus Cristo; e se isto é fazer mal, queira Deus em sua infinita misericórdia nos maltratar desta maneira milhares e milhares de vezes mais. Mas há mais ainda: Que verdade não ferirá o que faça mau uso dela? Os que pregam a redenção geral gostam de proclamar a grande verdade da misericórdia de Deus até o último momento da vida. Mas, como ousam pregar isso? Muitas pessoas se inferem dano ao pospor o dia da graça acreditando que a última hora é tão boa como a primeira. Se tivéssemos que pregar somente aquilo que o homem não pudesse denegrir nem utilizar imperfeitamente, deveríamos sujeitar nossa língua para sempre. Também há quem diz: "assim, se eu não posso me salvar por mim mesmo, se eu não posso ir a Cristo, não me preocuparei absolutamente nem tentarei fazer nada". Os que assim falam com pleno conhecimento, estão assinando sua sentença. Muitas vezes havemos dito com toda claridade que há muitas coisas que vós podem fazer. O vir à casa de Deus está em sua mão; o estudar sua Palavra com diligência está a seu alcance; o renunciar a sua carnalidade, o abandonar os vícios aos quais lhes entregam, o viver uma vida honrada, sóbria e virtuosa, está em seu poder. Para isso não necessitam nenhuma ajuda do Espírito Santo, pois tudo isto o podem fazer por vós mesmos; mas o vir a Cristo, certamente, não está em sua capacidade se antes não fostes renovados pelo Espírito Santo. E não esqueçam que sua falta de poder não vos desculpa, dado que não querem vir e que vivem em contínua e voluntária rebelião contra Deus. Sua falta de poder radica principalmente na obstinação da natureza. Imagine que uma pessoa mentirosa se lamentasse de não poder falar verdade por causa do tempo que está envolvida na mentira, e dissesse que lhe é impossível deixar seu vício; poderia isto desculpá-la? Se um homem que esteve entregue a suas paixões por muito tempo lhes dissesse que se sente aprisionado por elas como por uma rede de ferro, e que não pode desfazer-se de seus desejos, aceitariam esta razão como uma desculpa? Sinceramente não há justificação alguma. Se um viciado em bebida

chegasse a estar tão alcoolizado que o fora impossível passar por diante de um botequim sem entrar nele, seria desculpado por isso? Não, porque sua incapacidade para mudar reside em sua natureza, que não sente o desejo de refrear ou superar. O efeito e a causa, ao proceder ambos da mesma raiz de pecado, não podem desculpar o um ao outro. Qual é a causa de que o etíope não possa mudar sua pele, nem o leopardo suas manchas? É pelo fato de ter aprendido a fazer o mal, por isso agora não podem fazer o bem; e portanto, em lugar de não lhes preocupar e tratar de lhes desculpar a vós mesmos, deveriam lhes espantar e lhes inquietar por isso. Recordem que o permanecer sem fazer nada é estar condenados para toda a eternidade. Queira o Espírito Santo de Deus fazer uso desta verdade em um sentido muito diferente! Confio em que antes de terminar serei capacitado para lhes mostrar como esta verdade, que aparentemente condena aos homens e lhes fecha a porta, é, depois de tudo, a grande verdade que foi abençoada para a conversão de muitos.

II. Nosso segundo ponto é AS FORMAS DE TRAZER DO PAI.

"Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer." Como, pois, traz o Pai os homens? Os teólogos arminianos ensinam, geralmente, que Deus traz os homens por meio da pregação do Evangelho. Muito certo: o Evangelho é o instrumento para trazer os homens, mas deve haver algo mais. A quem dirigiu Cristo as palavras de nosso texto? Ao povo de Cafarnaum onde tinha pregado com frequência, onde tinha anunciado com tristeza e dor as maldições da Lei e os convites do Evangelho. Naquela cidade tinha feito grandes sinais e operado muitos milagres. Em efeito, tais ensinamentos e testemunhos milagrosos lhes foram mostrados, e Ele declarou que se Tiro e Sidon tivessem há algum tempo sentadas em silício e cinza, tinham se arrependido, se tivessem sido abençoados com tais privilégios. Assim, se apegamento do próprio Cristo não bastou para trazer aqueles homens a Ele, é impossível acreditar que o Pai tentará lhes trazer simples e totalmente por meio da pregação. Não, irmãos, devem notar que Ele não diz que nenhum pode vir se o ministro não o trouxer, mas sim se o Pai não o trouxer. Certamente, existe tal coisa como ser trazido pelo Evangelho e ser trazido pelo ministro sem havê-lo sido Por Deus. Mas certamente é uma atração divina a que quer indicar com isto; ser trazido pelo Altíssimo Deus - a Primeira Pessoa da Santíssima Trindade enviando à Terceira, o Espírito Santo, para induzir aos homens a vir a Cristo. Há outros que trocam de postura e dizem valorosamente: "Então, você crê que Cristo arrasta aos homens para Ele apesar de que não queiram?" Lembro-me de haver encontrado uma vez com um que me disse: "Senhor; você prega que Cristo agarra às pessoas pelos cabelos e a força a ir até Ele". Quando lhe disse que lhe agradeceria se me dissesse a data do sermão no qual ouviu tão extraordinária doutrina, não a recordava. Mas eu lhe disse que Cristo não trazia às pessoas agarrada pelos cabelos da cabeça, mas sim a arrastava agarrada pelo coração tão poderosamente como poderia sugerir o exemplo que ele mesmo me tinha posto. Notem que no trazer do Pai não há compulsão de nenhuma classe; Cristo nunca constrangeu a ninguém a vir contra sua vontade. Se um homem não estivesse disposto a ser salvo, Cristo não o salvaria contra seu desejo. Como lhe traz, pois, o Espírito Santo? lhe fazendo disposto. O Espírito não se vale da "persuasão moral",

mas sim emprega um método muito mais certo para tocar o coração. Introduce-se no mais profundo e secreto da alma e, Ele saberá como, por alguma misteriosa operação volta o sentir da vontade na direção contrária, de maneira que, como Ralph Erskine diz paradoxalmente, o homem é salvo "com pleno assentimento contra sua vontade"; quer dizer, contra sua velha vontade. Mas é salvo com pleno assentimento, porque foi feito desejoso no dia do poder de Deus. Não pensem que ninguém vai ao céu esperneando por todo o caminho e lutando contra a mão daquele que o leva. Não imaginem que alguém vai ser lavado no sangue do Salvador procurando apartar-se de seu lado. Oh, não. É completamente certo que, ao princípio, todo homem se opõe a ser salvo. Quando o Espírito Santo deixa sentir sua influência no coração, cumpre-se a Escritura: "me leve ao encontro de ti. Corremos, prosseguimos atrás Dele e Ele nos leva, contentes de obedecer a voz que uma vez desprezamos". Mas a essência da questão está na mudança da vontade. Como ocorre isto, nenhuma carne sabe; é um desses grandes mistérios que são claramente recebidos por seus resultados, mas cuja causa nenhuma língua poderia dizer, nem nenhum coração adivinhar. Entretanto, por sua forma aparente, eu posso lhes dizer como opera o Espírito Santo. O primeiro que o Espírito encontra quando entra no coração do homem é isto: que a pessoa está paga de si mesmo; e não há nada que impeça tanto ao homem vir a Cristo como o ter uma excelente opinião de si mesmo. Diz o homem: "Eu não preciso ir a Cristo. Minha justiça é tão boa como qualquer pudesse desejar, e estou convencido de que posso entrar no céu por meus próprios méritos". O Espírito Santo desentope seu coração, mostra-lhe o repugnante câncer que está carcomendo sua vida pouco a pouco, descobre-lhe toda a negrume e imundície daquele esgoto do inferno - o coração humano -, e então o homem treme horrorizado. "Jamais pensei que eu fosse assim. Oh!, aqueles pecados que eu considerava como minúcias elevaram seus ramos a grande altura. O que eu tinha por colina, converteu-se em montanha; o que antes era mancha sobre a parede, chegou a ser agora como cedro do Líbano." "Oh!", diz para si, "tratarei de me emendar; farei tantas boas obras que apague todas minhas negras ações." É então quando chega o Espírito Santo e lhe mostra que não pode fazer tal coisa; despoja-lhe de todo seu fantasioso poder e força de tal forma que, lhe fazendo cair em agonia sobre seus joelhos, diz: "Oh!, uma vez acreditei me poder salvar por minhas boas obras, mas agora vejo que "Toda uma eternidade chorar poderia, Poderia em vivo zelo me desvelar; Mas isto meu pecado não expiaria. Só Você, meu Senhor, deve me salvar".

Então o coração se desfaz e o homem se encontra ao bordo do desespero. E clama: "Jamais poderei ser salvo. Nada pode me salvar". Mas eis que se aproxima o Espírito Santo, mostra ao pecador a cruz de Cristo, e ungiendo seus olhos com colírio celestial lhe diz: "Olhe aquela cruz, aquele Homem morreu por salvar aos pecadores; você sabe que o é, Ele morreu por ti!" E faz que o coração possa acreditar e vir a Cristo. E quando vem, trazido pelo doce influxo do Espírito, encontra "a paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento, a qual guardou seu coração e pensamentos em Cristo Jesus". Agora pois, podem perceber que tudo isto pode ocorrer sem nenhuma compulsão. O homem é trazido tão voluntariamente que parece como se não fora trazido; e vem a Cristo com pleno consentimento, com tão pleno consentimento como se nenhum influxo secreto tivesse sido exercido em seu coração. Mas é completamente necessário que essa influência tenha tido lugar, ou de outro modo nunca tivesse havido nem haveria ninguém que quisesse ou pudesse vir ao Senhor Jesus Cristo.

III. E agora, quando estamos próximos a terminar, concluiremos nosso sermão fazendo uma aplicação prática da doutrina, e confiamos em que sirva para consolo. "Bem", dirá alguém, "se o que este homem prega é verdade, o que vou fazer com minha religião? Porque, sabe você?, levo muitos anos me esforçando, e me desgosta ouvir dizer que ninguém pode salvar-se por si mesmo. Eu acredito que sim, se é que se persevera; e sim, tenho que admitir o que você diz, terei que abandonar tudo e começar de novo. Meus queridos amigos, seria algo maravilhoso se assim o fizessem. Não criam que eu me alarmaria se tomassem essa decisão. Tenham consciência que o que estão fazendo é edificar sua casa sobre a areia, e é uma obra de caridade a que lhes faço ao sacudi-la um pouco. Aviso-lhes no nome de Deus que, se sua religião não tiver bases mais firmes que sua própria força e poder, não resistirão o julgamento de Deus. Nada perdurará por toda a eternidade, a não ser aquilo que procede da eternidade. A menos que o eterno Deus tenha feito sua boa obra em seus corações, todos seus atos terão que prestar contas naquele grande dia do julgamento. É em vão que sejam assíduos visitantes de igrejas ou capelas, guardadores do domingo, e observantes em suas orações; é inútil que aconteçam boas pessoas ante seus vizinhos e que sua conversação seja irrepreensível; é em vão que confiem nestas coisas, se forem toda sua esperança de salvação. Continuem, sede tão virtuosos como querem, guardem perpetuamente no domingo, vivam tão santamente como podem. Eu não lhes dissuadirei disso. Deus não o queira; cresçam em boas obras, mas, por amor a vós mesmos, não ponham nelas sua confiança: porque se confiarem nelas, descobrirão, quando mais as necessitarem, que não lhes servem para nada. E se houver algo mais para o que lhes hajam sentido capazes sem o auxílio da divina graça, quanto antes lhes desembarquem da esperança que foi engendrada por isso, tão melhor para vós; porque é vã ilusão o confiar nas obras da carne. Um céu espiritual deve ser habitado por homens espirituais, e a preparação para entrar nele tem que ser operada pelo Espírito de Deus. "Mas", diz algum outro, "eu segui as doutrinas de uma religião em que, por boca de seus ministros, me ensinou que podia me arrepender e acreditar quando quisesse; e eis que eu o demorei dia após dia. Acreditei que poderia fazê-lo em qualquer momento, que só teria que dizer: Senhor, tenha misericórdia de mim, e acreditar, e assim ser salvo. Você me despojou que toda minha esperança, e sinto que o horror e o espanto se apoderaram de mim." te digo também, meu querido amigo: Me alegro disso. Este era o efeito que eu esperava obter. E oro para que este sentimento te seja multiplicado. Quando desespera para te salvar a ti mesmo, confio em que Deus começou já a fazê-lo. Me alegrarei quando te ouvir dizer: não posso ir a Cristo. Senhor, me leve, me ajude"; porque se alguém sente o desejo, embora não tenha o poder, é sinal de que a graça começou a operar em seu coração, e Deus não lhe deixará até que sua obra seja acabada. Mas não esqueça, descuidado pecador, que sua salvação depende da mão de Deus. Oh!, recorda que está completamente em suas mãos. Você pecou contra Ele e, se quer te condenar, condenado está. Não pode resistir a sua vontade nem frustrar seu propósito. Mereceste sua ira, e se Ele quer derramar sobre sua cabeça toda a abundância de sua cólera, você não pode fazer nada para evitá-lo. Mas se por outra parte decide te salvar, Ele é poderoso para fazê-lo até o supremo. Você é em suas mãos o que uma indefesa mariposa seria entre seus dedos. Ele é o Deus a quem você ofendeu a cada dia. Não te faz estremecer o pensamento de que seu destino eterno

está nas mãos daquele a quem zangaste e enfureceu?, não tremem seus joelhos e o sangue te gela nas veias? Se assim for me alegro nisso, porque isto pode ser o primeiro efeito da ação do Espírito em sua alma. Oh!, treme ao pensar que o Deus ao que você encolerizou é o Deus de quem depende completamente sua salvação ou condenação. Tremam e "beijem ao Filho, porque não se zangue e pereçam no caminho, quando se acender um pouco seu furor".

E eis aqui agora o pensamento que servirá de consolo: Muitos de vós são conscientes de estar se aproximando de Cristo esta manhã. Não começaram a derramar lágrimas de arrependimento? Não se fecharam a sós em seu quarto antes de vir orando em devota preparação para ouvir a Palavra de Deus? E durante o culto desta manhã, não clamou seu coração do mais profundo: "Senhor, me salve ou pereço, porque eu não posso me salvar a mim mesmo"? E não poderiam lhes elevar agora de seus assentos e cantar: "Oh, graça soberana, rendo-te o coração; Cativo sou, de bom grado, de meu amado Senhor. Eu quero ser levado em asas de triunfo a cantar a vitória do Verbo Redentor"?

E não ouvi eu mesmo que tem dito em seu coração: "Jesus, Jesus, toda minha confiança está em ti. Eu sei que nenhuma de minhas justiça e virtudes pode me salvar; somente o Senhor, oh Cristo, pode fazê-lo; aconteça o que acontecer me entrego completamente a ti"? Oh, irmão!; está sendo trazido pelo Pai, porque não poderia vir se Ele não o trouxesse. Doce pensamento! E se tiver sido trazido, sabe qual é a maravilhosa conclusão? Deixe-me dizer isso com palavras da Escritura, e oxalá lhe sirvam de consolo: "Deus se manifestou para mim há muito tempo, dizendo: Com amor eterno te amei; portanto, te suportarei com misericórdia". Se, irmão meu que chora, posto que vem a Cristo, Deus te trouxe; e posto que Ele te trouxe, isso é a prova de que te amou antes da fundação do mundo. É um dos seus, deixa que seu coração salte dentro de ti. Seu nome foi escrito nas mãos do Salvador quando foram cravadas no maldito madeiro. Seu nome brilha hoje no peitoral do Supremo Sacerdote; sim, ali estava antes que o luzeiro do alvorecer fosse convocado no firmamento, ou os planetas iniciassem seu ciclo. Alegre-se no Senhor, você que veio a Cristo; e deem saltos de alegria todos os que fostes trazidos pelo Pai. Porque esta é sua prova, seu solene testemunho, de que fostes escolhidos de entre todos os homens em eterna eleição, e que serão guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para alcançar a salvação que está preparada para ser manifestada.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Onde reside e onde não reside a incapacidade do homem? Explique.
17. No que consiste o primeiro ponto dessa incapacidade? Explique.
18. O segundo? Explique.
19. E o terceiro? Explique.
20. Qual é o quarto? Porquê?

21. Se o homem pode vir a Cristo por si mesmo, não fica com isso degradado o Espírito Santo? Explique.
22. Não é daninho esse ensino que o homem não pode vir a Cristo ele sozinho? Explique.
23. Ao não poder fazer nada contra seus desejos pecaminosos Não estamos desculpando e promovendo o pecado? Explique.
24. Como traz o Pai, com a só pregação do evangelho? Explique
25. Arrasta então Cristo aos homens a ele ainda quando não querem? Como o faz então?
26. O que mais impede a um homem vir a Cristo? O que acontece quando o E.S. atua?
27. O que fazer com todo esse esforço religioso de tantos anos e sacrifícios? Por que?
28. Então não se deve fazer boas obras? Explique.
29. Se não encontra a salvação ao me arrepender, essa notícia me enche de terror. O que faço?
30. Por que é bom estar apavorado de ter ofendido ao único que te pode salvar?
31. Qual é o resultado de saber-se salvo por Cristo?

LIÇÃO 4

O HOMEM REDIMIDO

ESTÁ O GÊNERO HUMANO PERDIDO NO PECADO?

O Homem. J. Gresham Machen.

Temos falado do primeiro pecado do homem e também do problema, "e o que é o pecado?" Agora se suscita a pergunta de que consequências teve esse primeiro pecado do homem para todos nós, toda a humanidade.

Alguns pensam que teve consequências muito ligeiras - caso pensem que esse primeiro pecado existiu, no sentido em que se descreve no terceiro capítulo de Gênesis.

Lembro-me que faz alguns anos, quando dirigia meu automóvel de volta pra casa depois das férias do verão, passei um domingo em uma cidade sem nenhuma razão especial a não ser a de que eu não gosto de viajar de domingo. Como não conhecia ninguém em dita cidade, entrei na que me pareceu ser a igreja principal do centro da cidade.

O que ouvi nessa igreja é o que se ouve em muitas igrejas de nossos dias. Nada me chamou a atenção. Em realidade não sei nem por que sigo recordando disto, já que ouvi o mesmo em muitos lugares e de muitas maneiras.

Esse domingo os novos professores de Escola Dominical tomavam posse de seus cargos. O pastor pregou um sermão adequado para a ocasião. Há duas ideias a respeito do que se terá que ensinar às crianças na Igreja, disse. Segundo uma, às crianças deverá ser ensinado são pecadoras e que necessitam um Salvador. Esta é a ideia antiga, afirmou; na Igreja moderna já se descartou. Segundo a outra ideia, disse, que é a que nós os modernos temos, ao professor lhe corresponde alimentar a tenra planta da natureza religiosa da criança a fim de que produza o fruto de uma vida religiosa normal e saudável.

Teve razão esse pregador, ou o que ele chamou ideia antiga é a certa? As crianças nascem boas ou más? Necessitam, para crescer e converter-se em adultos cristãos, tão somente servir-se dos recursos com os que nascem ou necessitam um novo nascimento e um Salvador?

Trata-se de um problema importante. Podemos resolver de uma forma ou outra, mas não acredito que ninguém possa duvidar de que se trata de algo muito importante. Esse pregador, na igreja da que falei, reconhecia a importância do problema. Por isso me interessei em seu sermão. Respondeu à pergunta que ele mesmo se expôs de uma forma equivocada, mas pelo menos acertou em enfrentar-se diretamente com o problema.

Neste bate-papo e no seguinte, proponho que imitemos esse pregador enfrentando ao problema com clareza, embora nossa conclusão possivelmente resulte ser diferente da

sua. As crianças nascem boas ou más? É o homem dono de sua alma, capaz de dirigir-se a se mesmo, ou está o gênero humano perdido no pecado?

Quando abrimos a Bíblia com essa interrogação em mente, uma coisa se apresenta imediatamente com toda claridade. É que a Bíblia desde Gênesis até Apocalipse ensina que todos os homens (com a única exceção de Jesus Cristo) são de fato pecadores diante Deus. Como chegaram a ser pecadores é outro problema do que nos ocuparemos na conversa seguinte, mas o que nos corresponde agora é observar que segundo a Bíblia são de fato pecadores.

Em uma grande passagem, sobre tudo, essa verdade, que todos os homens são pecadores, é objeto de uma exposição e prova bem concretas. Essa passagem se acha em Romanos 1:18-3:20. Nele o apóstolo Paulo, antes de passar a proclamar o evangelho, proclama a necessidade absoluta e universal do evangelho. Todos necessitamos o evangelho, diz, porque todos sem exceção somos pecadores. Os gentios são pecadores, desobedeceram à lei de Deus, embora seja verdade que não possuem essa lei na forma muito claro em que foi apresentada ao povo escolhido de Deus por meio do Moisés. Por ter desobedecido à lei de Deus, e como castigo por isso, afundaram-se cada vez mais no abismo do pecado. Também os judeus, diz Paulo, são pecadores. Tem muitas vantagens; possuem uma revelação especial de Deus; sobretudo receberam uma revelação sobrenatural da lei de Deus. Mas não é o ouvir que existe a lei o que faz que o homem seja justo a não ser o cumpri-la; e os judeus, por desgraça, embora a tinham ouvido, não a cumpriram. Também eles são transgressores.

Assim que todos pecamos, segundo Paulo. Prova esta verdade com uma série de entrevistas do Antigo Testamento começando com as palavras "Como está escrito; Não há justo, nem mesmo um; não há quem entenda, não há quem busque a Deus, todos se desviaram, a uma se fizeram inúteis; não há quem faz o bem, não há nem um sequer."⁶⁵

Acredito que não quer dizer muito afirmar que, se este ensino paulino a respeito da condição pecadora de todo o gênero humano não é certa, todo o resto dessa gloriosa Carta, a Carta aos Romanos, cai por terra. Imaginemos por um momento que Paulo admitisse que um homem ao menos desde a queda fora justo ante Deus e que não necessitasse, portanto, a redenção pelo sangue precioso de Cristo; vê-se imediatamente que esse Paulo seria um Paulo em tudo diferente do que fala em cada uma das páginas da Carta aos Romanos e em todas as demais Cartas paulinas que figuram no Novo Testamento. A luz do evangelho, no ensino de Paulo, destaca sempre em contraste com a tenebrosa cortina de fundo de uma raça perdida universalmente no pecado.

Há algo diferente no resto da Bíblia? Bem, não temos tempo de passar revista aos sessenta e seis livros da Bíblia, mas se pensarmos neles em conjunto, veremos, estou seguro, que o caráter universal do pecado forma parte da alma, da medula da mensagem que contém. Não me preocupa que vão ao Antigo Testamento ou ao Novo. Nos dois encontramos o mesmo diagnóstico terrível da enfermidade do gênero humano. A Bíblia nos ensina a descartar as desculpas e a nos ver como Deus nos vê, e como consequência disso a nos golpear o peito e a clamar a Deus: " Pecador, pecador !"

⁶⁵ Ro. 3:10-12

Sei que alguns sustentam que terá que fazer uma exceção neste coro sombrio dos livros bíblicos. Paulo, dizem, acreditava que todos somos pecadores e precisamos nos lavar os pecados no sangue de uma vítima Santa, mas Jesus, afirmam, recorreu com confiança ao bem que se encontra nos corações dos homens.

Meus amigos, saibam que não me surpreendo quando ouço às pessoas dizer isto. Não me surpreende porque com isso demonstram que não tem consciência de pecado. Por desgraça, a ausência de consciência de pecado é muito comum entre aqueles cujos corações não receberam nunca o contato da graça salvadora do Espírito Santo. Mas o que sim me surpreende é que homens cultos, que vivem no igualmente culto século vinte, tenham tão pouco sentido histórico para atribuir sua própria confiança pagã na humanidade ao Jesus do Nazaré. Não me surpreende que eles tenham tanta confiança no homem, senão que me surpreende muito que creiam que Jesus a teve.

Certamente que se acreditam devem descartar os quatro Evangelhos tal como chegaram a nós no Novo Testamento. Isto está bem claro; porque no quarto Evangelho se diz em forma expressa que Jesus não confiava no homem. "Estando em Jerusalém", diz o quarto Evangelho, "na festa da páscoa, muitos acreditaram em seu nome, vendo os sinais que fazia. Mas Jesus mesmo não se confiava neles, porque conhecia todos, e não tinha necessidade de que ninguém lhe desse testemunho do homem, pois ele sabia o que havia no homem"⁶⁶. Por desgraça, Jesus sabia muito bem o que havia no homem. Outros, que se fixavam só na aparência exterior, podiam ter crido na bondade do homem; mas Jesus conhecia as profundidades do coração, e conhecendo essas a profundezas não se decidia a confiar nos que pareciam, ao menos externamente, confiar nele.

Sem dúvida que esta passagem não significa que a opinião que Jesus tinha de todos os homens era como a que lhe mereciam os que foram a ele nessa primeira páscoa em Jerusalém. Significa mas bem que dado seu profundo conhecimento do coração humano estava em condições de distinguir entre os que mereciam confiança e os que não; não necessitava que ninguém lhe dissesse, "Tome cuidado de tal ou qual homem," mas sim ele mesmo podia dizer em quem não se devia confiar.

De todos os modos, essa passagem apresenta a um Jesus que não é nem de longe o que nos apresentam os que fazem dele um seguidor do credo moderno, "Acredito no homem." Este Jesus do quarto Evangelho não advoga por esse otimismo incorrigível em relação à natureza humana que tantos pregadores de hoje em dia consideram como uma virtude.

Em realidade, segundo o quarto Evangelho, Jesus disse a Nicodemos, "É necessário nascer de novo,"⁶⁷ e "que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus." Tudo o que os homens chamam bondade, em outras palavras, de nada serve ante a presença de Deus. Devem antes nascer de novo se quer ser recebido. A condição universal de pecado o gênero humano se acostuma nessas passagens com uma claridade que é difícil superar.

⁶⁶ Jo. 2:23-25

⁶⁷ Jo. 3:3,7

Certamente que os pregadores da classe que mencionei não aceitam o quarto Evangelho. A maioria deles não admitem que o escreveu João, o apóstolo de Jesus Cristo, nem que oferece um relato fiel do que Jesus realmente ensinou.

O que achamos, pois, ao ter outros três Evangelhos? Apresentam uma atitude de Jesus frente às pretensões humanas de bondade distinta da que vimos no Evangelho segundo João?

Não, apresentam exatamente a mesma atitude. Examinemo-lo com cuidado e sinceridade.

Antes que Jesus começasse o ministério público, segundo os três Evangelhos sinóticos, tinha aparecido um profeta chamado João o Batista.

Bem, pois, o que pregou este grande profeta? Convidou ao povo a que se batizasse para a redimir de pecados. Por isso o povo ia a ele confessando que eram pecadores.

Convidou a algumas pessoas a que confessassem os pecados e se batizassem ou convidou a todos a que fossem a ele? A resposta é simples. Sem dúvida que os convidava a todos - a todos exceto ao homem sem pecado, ao Jesus do Nazaré. Isto indica, pois, que considerava que todos, exceto esse sozinho, eram pecadores.

Em realidade, nesta chamada universal ao arrependimento João o Batista nem sequer se excetuou a si mesmo. "Eu preciso ser batizado por ti," disse ao Jesus quando este foi a ele para ser batizado, "e você vem para mim?" Que testemunho tão claro da condição pecadora universal o gênero humano! Nem sequer João o Batista era uma exceção. Pregava a justiça; chamava o povo ao arrependimento. Mas antes de fazê-lo ele mesmo se arrependia. Na presença da santidade o Filho de Deus João o Batista, o maior dos profetas, confessava-se pecador como outros.

Foi a pregação de Jesus distinta da de João Batista a este respeito? João Batista, ensinou a condição pecadora universal o gênero humano. Repudiou Jesus tal ensino?

Também neste caso a resposta é simples. longe de repudiar o ministério do João Batista, Jesus lhe pôs o selo inconfundível de aprovação. "O que saíram a ver o deserto?" pergunta. "Uma cana sacudida pelo vento?... O que saíram a ver? A um profeta? Sim, digo-lhes, e mais que profeta... De certo lhes digo: Entre os que nascem de mulher não se levantou outro maior que João Batista..."⁶⁸ Não há dúvida de que Jesus considerou o austero pregador da justiça como a seu verdadeiro precursor. A preparação necessária para o ministério de Jesus foi, segundo o mesmo Jesus, o reconhecimento da condição pecadora universal que João o Batista proclamou com tanto vigor.

Mas não podemos nos deter aí. Jesus não ensinou a condição pecadora universal do gênero humano (e a necessidade universal conseguinte do arrependimento) só como aprovação de João Batista que ensinou tais coisas. Não, Jesus também o ensinou. Recordam como se refere no Evangelho de Mateus a pregação com a qual Jesus chegou a Galileia depois de que João Batista foi encarcerado? Bem, refere-a com as mesmas

⁶⁸ MT. 11:7-11

palavras que emprega para apresentar a pregação de João Batista. "Arrependei-vos" dizia Jesus, "porque o reino dos céus se aproxima."⁶⁹ Isto é palavra por palavra o que João o Batista havia dito.⁷⁰ Igual ao seu precursor, Jesus chamava ao arrependimento do pecado.

Dirigiu Jesus essa chamada a todo o povo ou só a alguns? Disse: "Arrependei-vos os que são pecadores, embora alguns dentre vós não precisam arrepender-se"?

Há um dito de Jesus nos Evangelhos que, se tomamos isoladamente, e fechamos os olhos por completo ao contexto no que se disse, poderia nos levar a dizer que Jesus fez exceções nessa chamada ao arrependimento. "Não vim," disse, "a chamar justos, a não ser a pecadores."⁷¹ Entretanto, meus amigos, quando examinamos este texto em seu contexto e em relação com tudo o ensino de Jesus, vemos que precisamente aqueles de entre os ouvintes de Jesus que se consideravam justos e que não necessitavam arrependimento, foram os que Jesus considerou que necessitavam mais que ninguém arrepender-se.

"Dois homens," disse Jesus, "subiram ao templo a orar: um era fariseu, e o outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava consigo mesmo desta maneira: Deus, te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este publicano; jejuo duas vezes na semana, dou dízimos de tudo o que ganho. Mas o publicano, estando longe, não queria nem mesmo elevar os olhos ao céu, mas esmurrava o peito, dizendo: Deus, sê propício a mim, pecador."⁷²

Qual desses dois homens recebeu o favor de Deus enquanto orava no templo, que se acreditou que era uma exceção quanto à chamada de Deus ao arrependimento ou o que se golpeou o peito e se confessou pecador? Jesus nos diz isso com toda claridade. O publicano e não o fariseu retornou a sua casa justificado. Meus amigos, que terrível é a recriminação repetida de Jesus para quem se acredita ser exceções à condição pecadora universal do gênero humano.

Um jovem rico foi correndo para Jesus um dia, e lhe perguntou: "Bom mestre, o que farei para herdar a vida eterna?" Jesus lhe mencionou uma série de mandamentos. O jovem respondeu, "Tudo isto tenho guardado desde minha juventude." Jesus lhe disse: "Uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tem, e dá aos pobres." O jovem se afastou triste.⁷³

Acreditam que era mau esse jovem? Não, era bom – do jeito que o homem pode ser. Nos diz expressamente que quando Jesus o olhou o amou. Mas lhe faltava algo; não era bom no sentido em que Deus olhe a bondade.

Não acredito que o mais importante do relato seja isso do que o jovem carecia. O ponto básico é que a todos os homens falta algo. Ninguém alcança o nível que Deus

⁶⁹ MT. 4:17

⁷⁰ MT. 3:2

⁷¹ Mc. 2:17

⁷² Lc. 18:10-13

⁷³ Mc. 10.17-22

estabelece; ninguém pode herdar o reino de Deus se depender de sua própria obediência à lei de Deus.

Já observaram alguma vez o incidente que precede imediatamente a este episódio do jovem rico nos três Sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas? É o episódio que conduzem à Jesus as crianças, quando Jesus disse aos discípulos, tal como refere Marcos e também Lucas: "aquele que não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nele."⁷⁴ Há uma relação profunda entre estes dois incidentes, igual ao que há entre os mesmos e a parábola do fariseu e o publicano que em Lucas está imediatamente antes.

Há alguns anos ouvi um sermão sobre o episódio do jovem rico. Suponho que no curso de minha vida terei ouvido outros sermões sobre o mesmo, mas os esqueci por completo. Quais são os sermões que são fáceis de recordar? Acredito que há sermões em que o pregador mesmo não prega mas sim explica o significado de alguma grande passagem da Palavra de Deus. Depois de ter ouvido um sermão assim, quando voltamos a nos tropeçar com dita passagem na leitura da Bíblia, pensamos na forma como o mensageiro de Deus nos esclareceu o significado e voltamos a dar graças a Deus por isso.

O sermão no que estou pensando neste momento é um que meu colega, o professor R. B. Kuiper, pregou faz algum tempo em uma igreja da Filadélfia. Tomou o incidente do jovem rico junto com as crianças que foram levada a Jesus, e mostrou como ambos ensinam a mesma lição – a lição da impotência total do homem pecador e a necessidade absoluta de la graça gratuita de Deus. Para entrar no reino de Deus no se pode depender de nada que façamos ou sejamos: se deve ser pobre ou ser criança; ser completamente pobre ou indefeso como uma criança. Não se pode confiar na própria bondade, porque ninguém é bom o suficiente. Só se pode confiar na misteriosa graça de Deus.

Devo lhes dizer, meus amigos, que esse ensino não é algo que está na periferia de Jesus; forma parte do coração de sua mensagem. A grande mensagem central de Jesus Cristo, mais ainda, também sua obra básica de seu dom inefável pelos pecadores na cruz, carecem por completo de significado a não ser que todos os homens sem exceção mereçam a ira e maldição de Deus.

Não, o ensino de Jesus não é em forma alguma uma exceção ao ensino da Bíblia em relação à condição pecadora universal do gênero humano. Segundo a Bíblia toda, e em especial segundo Jesus, o gênero humano está perdido no pecado.

A. Bíblia não diz isso só em certos termos gerais, longínquos. O diz de cada homem. O diz de cada um de nós. Segundo a Bíblia, estamos perdidos no pecado neste momento - a não ser que a graça de Deus nos tenha salvado.

Sim, nosso próprio coração nos condena. Sabemos disto, a não ser que tenhamos a consciência cauterizada como a fogo. Mas também há outro que nos diz que todos somos pecadores. Nosso próprio coração nos condena, mas Deus é maior que nosso coração.⁷⁵ Deus disse que somos pecadores; Tem nos dito em sua Santa Palavra desde o começo até

⁷⁴ Mc. 10:15

⁷⁵ I Jo. 3:20

o fim. Por isso pode dizer o apóstolo João, diante do ensino geral da Bíblia: "Se dissermos que não pecamos, fazemos a ele mentiroso, e sua palavra não está em nós."⁷⁶

Deus não menea, meus amigos. A Bíblia tem razão. Este mundo está perdido no pecado, e também nós estamos perdidos no pecado a não ser que o Espírito Santo nos tenha guiado ou nos esteja guiando nestes momentos a recorrer à graça de Deus que nos foi oferecida livre e maravilhosamente em Jesus Cristo nosso Senhor.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. As crianças nascem boas ou algumas nascem más? Explique.
5. Que engano cometem os que dizem que Jesus recorreu ao que há de bom nos corações dos homens? Explique.
6. O que ensinam as passagens das crianças que vem a Jesus e o do jovem rico? Explique.
7. Se todo homem for pecador, quem tem que estar operando e como para nos levar a Cristo? Explique

Consequências da Queda do Homem

O Homem. J. Gresham Machen.

Na lição anterior mencionamos que de acordo com a Bíblia todos os homens são pecadores observamos sobretudo que o ensino de Jesus não é uma exceção respeito a esta condenação bíblica do gênero humano. Tanto no ensino de Jesus como no resto da Bíblia nos diz que o gênero humano está perdido no pecado.

Entretanto, segundo Jesus, essa condição pecadora universal do gênero humano não é algo que seja próprio do homem por ser homem. Não é em forma alguma uma parte necessária da natureza humana como tal.

Há pelo menos duas maneiras em que podemos demonstrar pelo ensino de Jesus que não o é.

⁷⁶ 1 Jo. 1:10

Em primeiro lugar, Jesus manda a seus discípulos que sejam perfeitos como seu Pai celestial é perfeito.⁷⁷ Não lhes mandaria que fossem algo que Deus nunca teve a intenção que fossem. Portanto o pecado não é uma parte necessária da natureza humana.

Em segundo lugar, Jesus mesmo oferece um exemplo de homem sem pecado - uma pessoa que tem a natureza humana e contudo não tem pecado. Isto também demonstra com clareza que o pecado não pertence por necessidade à natureza humana como tal.

O exemplo de um homem sem pecado que Jesus oferece é o de sua própria vida. Nas palavras de Jesus tal como figuram nos Evangelhos não há vestígio nenhum de consciência de pecado. Jesus ensinou a seus discípulos a orar, "Perdoe nossas dívidas,"⁷⁸ mas ele não orou assim. Disse a seus discípulos, "Pois se vós, sendo maus,"⁷⁹ mas não disse, "Se nós, sendo maus." Não se incluiu a si mesmo nessa condição pecadora que atribui a outros homens. Temos nisto só um exemplo de um pouco muito estranho que se percebe ao longo de todas as palavras de Jesus tal como se refere nos Evangelhos - ou seja, a estranha separação que Jesus sempre mantém entre si mesmo e seus ouvintes no assunto da relação com Deus e em particular no assunto do pecado. Jesus nunca diz "Nosso pai" a Deus, ficando no mesmo nível que seus discípulos com esse "nosso," e certamente que nunca fica a si mesmo ao nível que os discípulos em nenhuma confissão de pecado. Acredito que às vezes falhamos em não emprestar atenção suficiente a esse fato estupendo. Imaginemos a algum outro professor que diga a seus ouvintes, "Pois se vós, sendo maus"! Que abominável pareceria em outros lábios que não fossem os de Jesus! Qualquer outro professor religioso diria, "Se todos nós - vós e eu -, sendo maus, sabemos dar boas dádivas a nossos filhos." Mas Jesus diz, "Pois se vós, sendo maus. "

Neste caso como sempre, Jesus se dissocia com clareza absoluta da humanidade pecadora. Todo o gênero humano, ensina Jesus, está perdido no pecado, mas ele está sem pecado. Não há dúvida de que é um fato muito estranho.

Será que é pelo fato de Jesus não ter sido homem? Não, essa explicação é absurda. Os Evangelhos em todas suas partes apresentam Jesus como verdadeiro homem, e Jesus também se apresenta assim. Bem, então, em Jesus temos a um homem sem pecado. Isto mostra com clareza soma que o pecado não forma parte necessária da natureza humana. Não é algo que constitua a natureza do homem como tal.

Mas então se suscita um problema muito grave. Se o pecado não for parte necessária da natureza humana, como pode ser que todo o gênero humano, com uma só exceção, esteja composto de pecadores? Como se pode explicar esta soberania extremamente uniforme do pecado?

O mesmo problema se expõe pelo que havemos dito em bate-papos anteriores desta série. observamos que o homem foi criado bom. Deus criou ao homem a sua imagem, em conhecimento, justiça e santidade. Bem, então, se Deus criou ao homem bom, como se

⁷⁷ MT. 5:18

⁷⁸ MT. 6:12

⁷⁹ MT. 7:11

explica que digamos agora que todos os homens são maus? Como entrou o pecado no gênero humano?

Este problema não é puramente teórico; não é algo que nasça de simples curiosidade. Pelo contrário, é um assunto da maior importância. Das respostas equivocadas a essa pergunta de como os homens se tornaram pecadores nascem respostas equivocadas à pergunta do que é o pecado e de respostas equivocadas à pergunta do que é o pecado procede o continuar no pecado e o apartar-se da graça de Deus. Acredito que é algo de soma importância para nossas almas que esclareçamos de uma vez por todas este assunto em nossas cabeças.

Repitamos qual é o problema. O homem foi criado bom. Como se explica então que todos os homens da terra sejam agora maus? O que produziu esta mudança surpreendente de bondade a maldade?

Parece certamente que deveríamos ter pelo menos um indício da resposta adequada no que havemos dito nos bate-papos precedentes desta série. Vimos como entrou o pecado no mundo. Entrou pelo pecado do Adão. Se pois a Bíblia nos diz que todos os homens, que descendem do Adão por geração física normal, são pecadores, sem dúvida que é lógico que digamos que essa condição pecadora universal dos descendentes do Adão se deveu ao pecado do Adão. É lógico que digamos que os descendentes do Adão não começam a viver sem pecado como Adão começou, mas sim começam a vida manchados em alguma forma a outra com o pecado que Adão cometeu. Um efeito uniforme parece exigir uma causa única.

Quanto ao modo exato em que todo o gênero humano participa do pecado de Adão, houve opiniões diferentes na Igreja. Alguns tem sustentado que o gênero humano forma uma unidade tão compacta que o que Adão fez o fizeram em realidade todos os homens. O gênero humano, afirmam essas pessoas, estava como concentrado em Adão, de modo que o ato de Adão foi o ato de cada um de nós.

É perfeitamente evidente que esta ideia contradiz tanto o sentido comum como a Bíblia. O gênero humano, tanto de acordo com o sentido comum como segundo a Bíblia, está composto de infinidade de pessoas, não de uma pessoa; portanto não se pode dizer que o que Adão fez o fez de fato cada um dos seus descendentes. Eu tenho cometido muitos erros durante a minha vida, mas claro que não comi do fruto proibido no jardim do Éden. Isto eu não fiz; outra pessoa fez isto: Adão.

Como se explica, então, que todo o gênero humano e não tão somente Adão esteja comprometido no primeiro pecado de Adão?

Vou citar lhes o que diz o Catecismo Menor a este respeito, e logo lhes vou perguntar se o que o Catecismo diz está de acordo ou não com a Bíblia.

"Caiu todo o gênero humano na primeira transgressão do Adão?" Esta é a pergunta. Vejamos a resposta. "Já que o pacto foi feito com o Adão, não só em benefício dele mas também de toda sua descendência, todo o gênero humano, que descende dele por geração ordinária, pecou nele, e caiu com ele, em sua primeira transgressão."

Recordarão o que significa a palavra pacto. É o pacto de obras ou de vida, que vimos, que continha requisitos tão singelos. Se Adão guardasse com perfeição os mandamentos de Deus - dizia o pacto - viveria; se desobedecesse, morreria.

Mas agora o Catecismo Menor diz que o pacto se fez com o Adão não só em benefício dele mas também ao de sua posteridade. Que fundamento bíblico tem para afirmar isto?

Acredito que já o livro de Gênesis, no que se refere a queda de Adão, indica com bastante clareza que o Catecismo Menor tem um bom fundamento bíblico. Se Adão transgredisse, morreria. A morte ia ser o castigo da desobediência. E transgrediu. O que aconteceu então? Foi Adão o único que morreu? Começaram seus descendentes onde ele começou? ficou ante eles de novo a mesma alternativa entre vida e morte que Adão teve ante si? Absolutamente. O livro de Gênesis indica o contrário com toda clareza. Não, os descendentes do Adão, antes que se decidissem em forma individual, já tinham recebido o castigo da morte. O livro de Gênesis parece considerar isto como um fato óbvio.

O que significa, pois, isto? Significa que quando se fez esse pacto de vida com o Adão se fez com o que Deus tinha constituído representante da raça humana. Se obedecia os mandamentos de Deus, todos seus descendentes viveriam; se desobedecia, toda a raça morreria. Não vejo como o relato, se se tomar em conjunto, possa significar algo distinto.

Esta forma de ver o fato, que está implícita no livro de Gênesis, volta-se mais explícita em certas passagens importantes do Novo Testamento. Na parte final do quinto capítulo de Romanos, sobretudo, o apóstolo Paulo o esclarece bem. "Pela transgressão de um," diz, "veio a condenação a todos os homens."⁸⁰ "Pela desobediência de um homem," diz no versículo seguinte, "muitos foram constituídos pecadores."⁸¹ Nestas palavras e em toda esta passagem temos a grande doutrina de que quando Adão pecou o fez como representante da raça humana, de modo que é totalmente correto dizer que todo o gênero humano pecou nele e caiu com ele nessa sua primeira transgressão.

Todo o gênero humano não pecou de fato quando Adão pecou, porque o gênero humano ainda não existia. Não podemos dizer que os descendentes de Adão comeram o fruto proibido com algum ato pessoal, porque quando esse fruto foi comido não existiam ainda nem suas vontades nem suas pessoas. Não se pode falar, em sentido estrito, que uma vontade coletiva da humanidade levou a cabo esse ato pecaminoso.

Mas que rápido é o engano dos que afirmam que sim, existe uma vontade coletiva da humanidade e que essa vontade coletiva realizou esse ato pecaminoso em comparação com o engano dos que dizem que a humanidade não participou de modo algum no pecado do Adão! Que superficial é o engano dos que dizem que todo o gênero humano pecou de fato quando Adão caiu em comparação com o engano dos que afirmam que o gênero humano não pecou absolutamente, não pecou em nenhum sentido, quando Adão caiu! A Bíblia ensina claramente que Adão pecou como representante de todo o gênero humano, e que as mesmas consequências que esse pecado teve para ele, teve também para toda sua posteridade.

⁸⁰ Rom. 5:18

⁸¹ Rom. 5:19

Adão foi o representante de todo o gênero humano por vontade de Deus. Não podemos compreender o suficiente os conselhos divinos como pare dizer com exatidão por que Deus o quis assim, mas podemos ver que nisso houve uma conveniência grande. Há um vínculo profundo e misterioso entre o pai e o filho. Assim também há um vínculo profundo e misterioso entre o Adão e a toda raça de seus descendentes. Se tivesse sido feito representante dos anjos ou de alguma outra classe de seres distintos, então, sim, seria difícil achar alguma conveniência em tal decisão. Mas que fora feito representante de seus próprios descendentes, tem uma certa analogia com outras coisas que Deus faz, e ao considerá-lo podemos descobrir algo da sabedoria e harmonia perfeitas que se encontram sempre no trato de Deus com suas criaturas.

Quando Adão pecou, pois, todo o gênero humano pecou nele e caiu com ele. Todas as consequências que essa sua primeira transgressão teve pare ele as teve também para sua posteridade.

É acertado, portanto, que a seguinte pergunta do Catecismo Menor não diga "Em que estado colocou a queda a Adão?" a não ser "Em que estado colocou a queda ao gênero humano?" Devemos estudar as consequências do primeiro pecado de Adão para toda a humanidade.

O Catecismo Menor diz em sua resposta à pergunta que acabamos de citar que as consequências do primeiro pecado do Adão se podem sintetizar dizendo que a queda conduziu ao gênero humano a um estado de pecado e miséria.

No que consiste, então, a condição pecaminosa desse estado em que a queda colocou ao gênero humano?

A resposta do Catecismo Menor a essa pergunta é uma das mais importantes dessa maravilhosa síntese do ensino bíblico. Confio que me vão dar toda atenção agora e se ficarem dificuldades a respeito disso confio que me permitirão tentar lhes demonstrar no próximo bate-papo como, apesar dessas interrogantes e dificuldades, o ensino da Bíblia a respeito deste tema supera com triunfo e majestade os ataques das ideias contrárias. Desejo sobretudo que vejam que estes problemas não são simples sutilezas teológicas, mas sim são de grande importância para todos e cada um, homens, mulheres e meninos.

Tomemos como base de nossa exposição essa importante resposta do Catecismo Menor à pergunta referente à condição pecaminosa do estado em que a queda colocou ao gênero humano. "A condição pecaminosa desse estado em que os homens caíram," diz o Catecismo Menor, "consiste na culpa do primeiro pecado de Adão, a carência de justiça original, e a corrupção de toda sua natureza, o qual se está acostumado a chamar pecado original; além disso todas as transgressões de fato que procedem do mesmo."

O primeiro que diz essa resposta é que a culpa do primeiro pecado de Adão recaiu sobre todos seus descendentes. Todo homem que descende de Adão por geração natural vem ao mundo com a carga do terrível castigo que Deus lançou sobre a desobediência.

Possivelmente alguns cheios de horror elevem as mãos ante o dito. Como, possivelmente digam, pode uma pessoa levar a culpa do pecado de outra? Como se pode

supor que antes de que um menino tenha feito nada bom ou mau tenha sido já castigado pelo que Adão fez há tanto tempo?

Bem, eu gostaria de lhes indicar que se for impossível pela natureza mesma das coisas que uma pessoa leve a culpa dos pecados de outra, então nenhum de nós tem nem a mais mínima esperança de salvar-se e o evangelho é todo ele um engano e uma armadilha. Nas entranhas do evangelho está o ensino da Bíblia de que Jesus Cristo, quem não teve pecado, levou a culpa de nossos pecados na cruz. Se isso for verdade, então não podemos dizer que seja impossível que uma pessoa carregue com a culpa dos pecados de outra.

O apóstolo Paulo insiste nesta analogia na parte final do quinto capítulo de Romanos. Nessa parte do dito capítulo achamos a grande doutrina bíblica que se chama doutrina bíblica da imputação.

Essa doutrina, se se tomar tal como a Bíblia em conjunto a proclama, implica três grandes atos de imputação. Primeiro, o primeiro pecado do Adão se imputa a seus descendentes. Segundo, os pecados dos que são salvos se imputam a Cristo. Terceiro, a justiça de Cristo se imputa aos que são salvos.

Quando a Bíblia ensina que os pecados dos que são salvos se imputam a Cristo, isto significa que Cristo na cruz levou o castigo que com razão pertence aos que são salvos. Cristo não merecia a morte; não tinha pecado. Contudo sofreu como se tivesse pecado. Deus o tratou como se tivesse pecado, embora não era pecador. O pecado pelo que morreu não foi um pecado que ele tivesse cometido; foi nosso pecado o que lhe imputou.

Assim, quando a Bíblia ensina que a justiça de Cristo se impute aos que são salvos, isto não significa que os que são salvos sejam de fato justos. Pelo contrário, são pecadores. Mas recebem a recompensa bendita da vida que a justiça de Cristo mereceu. A justiça de Cristo não é de fato deles, mas sim se lhes impute.

Logo, por fim, quando a Bíblia ensina que a primeira transgressão de Adão se imputou a seus descendentes, isto não significa que esses descendentes tivessem cometido de fato essa primeira transgressão. Mas o castigo que Deus impôs por esse pecado de Adão caiu sobre eles. Adão cometeu essa primeira transgressão como representante dele. Tanto eles como ele levaram o castigo.

Escutemos a forma maravilhosamente clara em que se costuma isto no capítulo quinto de Romanos

"Assim, como pela transgressão de um veio a condenação a todos os homens, da mesma maneira pela justiça de um, muitos serão constituídos justos. Porque assim como pela desobediência de um homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um, muitos serão constituídos justos."⁸²

"Pela transgressão de um veio a condenação a todos os homens... pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores" - aqui temos, expressa, com uma

⁸² Ro. 5:18s.

clareza difícil de superar, a doutrina da imputação do pecado de Adão a sua posteridade. Todo o gênero humano, que descende de Adão por geração ordinária, levou o castigo que Deus impôs pela primeira transgressão de Adão.

Significa, então, essa doutrina da imputação do pecado de Adão a sua posteridade que os descendentes de Adão, embora sejam bons em si mesmos, contudo sofrem o castigo do pecado de Adão? Significa que as pessoas boas, devido ao que Adão fez tanto tempo, recebem de Deus o mesmo trato que se fossem más, sofrendo, embora sejam boas, muitas desgraças nesta vida e os dores do inferno para sempre?

Não, não significa não isto. Pelo contrário, todo o que sofre o castigo do pecado de Adão é também mau em si mesmo. Em realidade, a maldade vai necessariamente implicada nesse mesmo castigo.

Deus disse ao Adão que se desobedecesse morreria. O que significado tem essa morte? Bem, inclusive a morte física; disto não cabe dúvida. Mas, por desgraça, também inclui muito mais que a morte física. Inclui a morte espiritual; inclui a morte da alma para o que é bom; inclui a morte da alma para Deus. O terrível castigo desse pecado de Adão foi que Adão e seus descendentes morreram em transgressões e pecados.

Quando digo isto, não quero dizer que Deus é o autor do pecado, nem do pecado que procede de outro pecado anterior nem de nenhuma outra classe de pecado. Mas sim quero dizer que como justo castigo do pecado de Adão, Deus retirou seu favor e as almas de todo o gênero humano ficaram espiritualmente mortas.

Essa morte espiritual se descreve no Catecismo Menor nas palavras que seguem às palavras, "a culpa do primeiro pecado de Adão," que tratamos de explicar. "A condição pecadora desse estado em que o homem caiu," diz o Catecismo Menor, "consiste na culpa do primeiro pecado de Adão, a carência de justiça original, e a corrupção de toda sua natureza, o qual se está acostumado a chamar pecado original; além disso todas as transgressões de fato procedem do mesmo." O desejo de justiça original e a corrupção de toda sua natureza, em que a queda colocou ao gênero humano, constituem a morte espiritual.

Essa carência de justiça original, essa corrupção de toda a natureza do homem, essa morte espiritual, é em si mesmo pecado. Não é só a base do pecado, o substrato do pecado, a raiz da que procede o pecado. É, na verdade, tudo isto. Todas as transgressões de fato procedem dele. Mas é mais que a base ou substrato do pecado. É o pecado mesmo. A alma que está espiritualmente morta, a alma que está corrompida com essa corrupção horrenda, já não é pecador só pela culpa imputada da primeira transgressão de Adão. Não, é pecador por, direito próprio. Não é culpado só pela culpa de Adão mas sim pela de seu próprio pecado. Merece castigo eterno porque ela mesma é agora pecadora.

Muitas perguntas brotam na mente de muitas pessoas com respeito a essa doutrina Bíblica do pecado original. "É o homem realmente responsável?," perguntam, "de uma corrupção de sua natureza que não pode evitar, de uma corrupção da natureza com a que nasceu? Lhe pode em realidade mandar que faça algo que não tem a capacidade de fazer? Pode, realmente lhe ordenar que seja algo que não pode ser?"

Se tais interrogantes brotarem em sua mente, rogo-lhes que esperem à próxima aula em que trataremos de respondê-los.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Que exemplo temos de que o pecado não faz parte da natureza humana necessariamente? Explique.
2. Como é então que todo homem exceto Cristo, é pecador? Explique.
3. Como está o gênero humano comprometido no primeiro pecado de Adão? Explique.
4. No que consiste, então, a condição pecaminosa desse estado em que a queda colocou o gênero humano? Explique.
5. Por que negar a representação de Adão no pecado nos deixa fora de toda esperança de redenção?

A Doutrina Bíblica do Homem

O Homem. J. Gresham Machen.

No último bate-papo falamos da forma em que todos os homens se tornaram pecadores. Deus fez um pacto com o Adão. Se obedecesse perfeitamente os mandamentos de Deus, viveria. Se desobedecesse, morreria. A morte com a que ia morrer era mais que morte física. Era também morte espiritual. Significava a morte da alma ao bom e, a Deus, uma profunda corrupção da natureza toda do homem.

Esse pacto, dissemos também, foi feito com o Adão e não só para ele mas também para sua posteridade. Foi feito com o Adão como representante de toda a raça humana, e o que significou para o Adão, significou-o portanto também para todo o gênero humano. Se tivesse observado o pacto, não só ele mas também todo o gênero humano teria vivido. Já não teria havido mais provas; já não teria havido mais perigos. O gênero humano teria tido não só a justiça que tinha sido sua quando Adão foi criado, mas também haveria uma justiça garantida: a possibilidade mesma teria sido eliminada.

De fato, entretanto, Adão não guardou o pacto: pecou contra Deus ao comer do fruto proibido. A consequência foi que não só ele mas também todo o gênero humano recebeu o

castigo terrível imposto à desobediência. O castigo foi a morte - a morte física e além disso a muito mais terrível morte espiritual, a morte da alma ao bom, a morte da alma a Deus.

Assim todo o gênero humano pela queda se corrompeu e ficou totalmente incapacitado para agradar a Deus. Os pecados individuais que os homens cometem não são a não ser manifestações dessa corrupção profunda da natureza humana. O fruto está corrompido porque a árvore o está.

Nisto consiste, segundo o Catecismo Menor, e segundo a Bíblia, a condição pecadora do estado em que o homem caiu.

Mas o Catecismo Menor, sempre de acordo com a Bíblia, diz que o estado no qual o homem caiu foi um estado não só de pecado mas também também de calamidade.

Qual, pois, é a calamidade desse estado em que o homem caiu? O Catecismo Menor responde com palavras que pelo menos são extremamente fáceis de entender. "Todo o gênero humano," diz, "com a queda, perdeu a comunhão com Deus, encontra-se sob sua ira e maldição, e se tornou vulnerável a todas as calamidades desta vida, à morte mesma, e às torturas do inferno para sempre."

Acreditam que é necessária uma exposição minuciosa para demonstrar que esta resposta está de acordo com a Bíblia? Inclino-me a pensar que não, meus amigos. Basta repassar de cor a Bíblia para dar-se conta de que o Catecismo Menor acerta por completo.

"Todo o gênero humano com a queda, perdeu a comunhão com Deus." No livro de Gênesis temos uma descrição muito vívida dessa perda:

"Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim."⁸³ Havia dias em que Deus conversava com o Adão como com um filho; e agora tinha desaparecido a alegria que Adão encontrava antes na presença de Deus. Agora se escondia de Deus, e muito em breve uma espada de fogo o separou do jardim no qual tinha se alegrado em comunhão com seu Pai celestial. A Bíblia não perde certamente tempo em deixar bem claro que todo o gênero humano pela queda perdeu a comunhão com Deus.

A Bíblia deixa igualmente claro que todo o gênero humano com a queda veio a colocar-se sob a ira e maldição de Deus. A doutrina da ira de Deus não é popular, mas não há outra doutrina que esteja tão onipresente na Bíblia como esta. Paulo dedica uma parte considerável de três dos oito capítulos da grande Carta aos Romanos que consagra à exposição da mensagem de salvação, e trata por todos os meios de demonstrar que todos os homens estão sob a ira de Deus a não ser que tenham sido salvos por sua graça. Mas nessa passagem dos três primeiros capítulos de Romanos não há nada que seja alheio ao resto da Bíblia. Dita passagem só expõe em uma forma exhaustiva o que se pressupõe desde Gênesis até Apocalipse e está explícito em inumeráveis passagens.

Constitui o ensino de Jesus uma exceção a essa presença constante da ira de Deus na Bíblia? Bem, poderíamos acreditar que assim é se escutássemos só o que o

⁸³ Gên. 3:8

sentimentalismo moderno diz a respeito de Jesus do Nazaré. Os homens do mundo, que não nasceram nunca de novo, que nunca chegaram à, convicção de pecado, fabricaram um Jesus que lhes convém, um sentimental frágil que pregou só o amor de Deus e nada disse a respeito da ira de Deus. Mas o Jesus real foi muito diferente; esse é o Jesus que encontramos em nossas fontes históricas de informação. O Jesus real certamente proclamou a um Deus que, como dizia o Antigo Testamento que ele reverenciava como Palavra de Deus, é "fogo consumidor."⁸⁴ Terrível foi também a ira de Jesus tal como a descrevem os Evangelhos, uma indignação funda e abrasadora contra o pecado; e terrível é na verdade a ira do Deus que pregou como Senhor de céus e terra. Não, não se pode evitar o ensino da Bíblia a respeito da ira de Deus apelando ao Jesus do Nazaré. As exposições mais terríveis da Bíblia a respeito da ira de Deus são as que se acham nas palavras de nosso bendito Salvador.

Por fim o Catecismo Menor diz que todo o gênero humano pela queda "fez-se vulnerável a todas as calamidades desta vida, à morte mesma, e aos torturas do inferno para sempre." Também nisto é perfeitamente evidente à base bíblica, e na entranha mesma dessa base bíblica encontramos o que Jesus disse. Onde se encontram as descrições mais terríveis do inferno em toda a Bíblia? Em Apocalipse, possivelmente digam. Bem, não estou muito seguro. Pelo menos são igualmente terríveis as que se encontram no ensino de Jesus. Jesus é quem fala do pecado que não será perdoado nem neste mundo nem o mundo vindouro; Jesus é quem fala do verme que não morre e do fogo que não se extingue;⁸⁵ Jesus é quem nos ex-põe o relato do rico e do Lázaro⁸⁶ e do abismo que os separava; Jesus é quem diz que é mais proveitoso ao homem entrar na vida com um olho que ir parar com os dois no fogo do inferno.⁸⁷

Repassemos com a mente o ensino de Jesus, e acredito que ficaremos realmente surpreendidos de ver quão onipresente está em seu o pensamento do inferno. Aparece no Sermão do Monte; aparece certamente no grande capítulo sobre o julgamento; o vinte e cinco de Mateus; aparece em passagens muito numerosas para mencioná-los todas. Não é algo que esteja na periferia de seu ensino, mas sim está na medula e entranha da mesma.

Não acredito que entendemos sempre com a devida claridade quão grande é a divergência a este respeito entre o ensino de Jesus atual. Aos homens de hoje interessa este mundo. Perderam a consciência de pecado, e com isso perderam o temor do inferno. Trataram que fazer do Cristianismo uma religião deste mundo. Elaboraram o chamado "evangelho social." Vieram a considerar o Cristianismo como um simples programa que ajuda a introduzir as condições do reino de Deus na terra, e se mostram tremendamente impaciente quando alguém o considera como um meio para entrar no céu e evitar o inferno.

O estranho nessa maneira de pensar não é que os homens a adotem. O pensamento do inferno certamente que não é do agrado de homens que não nasceram de novo; é uma

⁸⁴ Dt. 4:24 Compare com Atos. 12:79

⁸⁵ Mt. 9:48

⁸⁶ Lc. 16:19-31

⁸⁷ Mt. 18:9

ofensa para o homem natural. Mas o que é realmente estranho é que em apoio desta forma mundana de pensar recorram ao Jesus do Nazaré.

De fato o ensino de Jesus se centra por completo no pensamento do céu e do inferno

"Não ajuntem tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corrompem, e onde ladrões furtam; porém ajuntem tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corrompem, e onde ladrões não minam nem furtam. Porque onde está seu tesouro, ali também estará sua coração."⁸⁸

"Mas lhes digo, meus amigos: Não temam aos que matam o corpo, e depois nada mas podem fazer. Mas lhes ensinarei a quem devem temer: Temam a aquele que depois de ter tirado a vida, tem poder de jogar no inferno; sim, digo-lhes, a este temam."⁸⁹

Estas palavras são típicas do ensino de Jesus. O ensino de Jesus é sobre tudo de outro mundo. Quem acredita que é essencialmente um programa para este mundo não tem nem um vislumbre do que significa. Que ninguém que crê que o temor do inferno deva ser excluído da mente dos não regenerados pense que entende o mínimo possível o que Jesus veio dizer e fazer neste mundo.

Mas por favor tratem de entender com exatidão por que me refiro agora a este tema. Não o faço com a intenção de expor o que a Bíblia diz a respeito da vida futura. Isto formaria parte de outra série de estudos. Meu propósito não é este. Mencionei o ensino bíblico sobre o inferno simplesmente porque é necessário para entender o que a Bíblia ensina acerca do pecado. O que é terrível no castigo do pecado é que mostra o quanto ele é odioso aos olhos do Senhor

Tratei que lhes apresentar em simples síntese algo assim como o quadro completo da culpa do homem por imputação da culpa do primeiro pecado de Adão, o homem que sofre portanto a morte como castigo de dito pecado, não só morte física mas também a morte espiritual que consiste na corrupção de toda a natureza do homem e em sua total incapacidade de agradar a Deus, o homem que cai em transgressões pessoais sem fim como consequência da corrupção do coração, o homem que vai caminho do castigo eterno no inferno. Esse é o quadro que oferece a Bíblia. O gênero humano, segundo a Bíblia, é uma raça perdida, perdida em pecado; e o pecado não é só uma desgraça, algo que clama o ardor da divina indignação. Nada impuro pode resistir a terrível justiça de Deus; e o homem é impuro, transgrediu a Santa lei de Deus, está sujeito a seu horrendo castigo.

Nesta apresentação do quadro completo acredito que tanto vocês como eu ficamos impressionados com o fato de que os homens de hoje em sua maioria não aceitam nada do mesmo. Não admitem que todo o gênero humano esteja perdido no pecado. Lembro-me de um culto que assisti faz alguns anos em uma igreja de um formoso povo. O pregador era fora do comum tanto em cultura como em ardor moral. Não recordei seu sermão (exceto que foi uma glorificação do homem); mas me lembro de algo que disse em oração. Citou um versículo de Jeremias que diz que o coração do homem é "enganoso... mais que todas as

⁸⁸ Mt. 6:19-21

⁸⁹ Lc. 12:4a.

coisas, e perverso,"⁹⁰ e logo disse na oração, mais ou menos isto: "Oh Senhor, você sabe que já não aceitamos esta interpretação; mas sim acreditamos que o homem faz o bem sempre que sabe como fazê-lo." Bem, pelo menos era sincero. Nestes tempos temos muito boa opinião de nós mesmos, e portanto, por que não fazer saber ao Senhor? Por que seguiríamos citando com ar compungido confissões de pecados da Bíblia se em realidade não acreditamos nenhuma só palavra das mesmas? Acredito que a oração desse pregador foi equivocada - muito equivocada - mas também acredito que possivelmente não foi tão equivocada como as daqueles pregadores que descartaram a mensagem central da Bíblia tanto como aquele e com todo o escondem com o emprego da linguagem tradicional. Pelo menos essa oração expôs com clareza a diferença entre a ideia bíblica de pecado e o paganismo do credo moderno: "Acredito no homem."

Na raiz de tudo o que a Bíblia diz está a triste verdade de que o gênero humano está perdido no pecado.

Antes de passar a falar da salvação do pecado quero lhes dizer algo mais a respeito dessa verdade.

A Bíblia ensina, como dissemos, que todos os homens vem a este mundo como pecadores, com a natureza corrompida, da qual procedem todas as transgressões pessoais. Esta é a doutrina do pecado original. Os principais ataques modernos foram precisamente contra essa doutrina do pecado original; e quero lhes dizer algo a respeito desses ataques a fim de que a doutrina bíblica atacada fique ainda mais clara.

O ataque contra a doutrina do pecado original ficou vinculada ao nome de um monge britânico que viveu nos finais do quarto século e princípios do quinto depois de Cristo. Seu nome foi Pelágio. Dele recebeu o nome toda a família de pelagianos. Há milhões deles hoje em dia, e a maioria dos mesmos nem sequer sabem que Pelágio existiu.

Igual a muitas outras pessoas que prejudicaram muito às almas dos homens, Pelágio parece ter sido um homem muito respeitável. Seu grande adversário tomou cuidado em dizer, acredito, que reconhecia o atrativo da vida de Pelágio em muitos sentidos e que nada pessoal tinha contra ele.

O adversário do Pelágio foi um dos homens mais importantes de toda a história da Igreja. Seu nome foi Agostinho. A controvérsia entre o Agostinho e Pelágio é uma das mais famosas da história da humanidade. E com razão. Nessa controvérsia pelagiana se discutiu um dos pontos nevrálgicos da Igreja cristã.

Por fortuna a história da controvérsia nos foi descrita pela pena de um dos grandes historiadores da teologia, o defunto professor Benjamin Breckinridge Warfield, em um ensaio titulado "*Agostinho e a Controvérsia Pelagiana*," com o que contribuiu em forma original a *Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers* e que foi editado no volume titulado *Studies in Tertullian and Augustine* de suas obras completas. Do Dr. Warfield tirei muito do que vou dizer a respeito de Pelágio. Isto me conduz a reconhecer em geral com respeito a esta série de bate-papos que não pretendo ser original, e que na preparação de cada um destes me aproveitou muito, por exemplo, a leitura da seção pertinente da Teologia Sistemática do

⁹⁰ Jer. 17:9

Charles Hodge. Acredito que é um grande engano supor que ninguém antes de agora tenha entendido nada do que a Bíblia ensina; e quanto a mim tenho grande alegria permanecer na grande corrente da Fé Reformada. Se consigo lhes mostrar algo do que contém esse grande sistema doutrinal e algo da base que tem na Palavra de Deus, o propósito destes encontros se alcançou plenamente.

Mas já é hora de que voltemos para Pelágio e a seu ataque contra a doutrina Bíblica do pecado original.

Diante dessa doutrina - embora certamente, supôs, ainda que equivocadamente, que seu ensino estava de acordo com a Bíblia - Pelágio disse que o homem, longe de nascer com uma natureza corrompida, vem à vida tal como era Adão ao começar a sua, perfeitamente capaz de escolher entre o bem e o mal. Em realidade, dizia, se o homem não tivesse a capacidade para escolher entre o bem e o mal, não o poderia considerar responsável por seus atos. Não é nada que não possa evitar. Assim, se o homem nascesse - embora não foi assim, dizia Pelágio - com uma natureza corrompida, essa corrupção não seria pecado. O pecado é algo próprio de atos pessoais; só se dá quando o homem pode escolher entre o bem e o mal e quando de fato escolhe o mal.

Parece evidente que essa doutrina de Pelágio implica pelo menos duas coisas. Em primeiro lugar, implica uma ideia determinada do que é o pecado; e em segundo lugar, implica uma negação de qualquer efeito notável do pecado de Adão em sua posteridade.

Consideremos por uns momentos estas duas coisas.

Em primeiro lugar, consideremos esta noção pelagiana de que o pecado só se dá em atos pecaminosos e que ao homem não lhe pode imputar uma corrupção da natureza que não pode evitar.

Quando se considera, percebe-se que em realidade é tudo um absurdo. Suponhamos que alguém cometeu um homicídio ou um roubo. Suponhamos que somos o suficientemente antiquados para lhe dizer que que não deveria tê-lo feito. O que nos responderá se, de acordo com o ensino do Pelágio, supõe que não se pode reprovar o homem por essa corrupção da natureza que forma o substrato de seus atos pessoais?

Bem, diz-nos que estamos muito equivocados em censurá-lo. "Censuram-me," diz, "por cometer esse homicídio ou roubo?" Não deveriam fazê-lo. Admito que esses atos parecem maus; mas, compreendam que sou mau e portanto não posso evitar fazer estas coisas más. E se não o posso evitar, não me pode censurar. Não tenho feito mais que atuar de acordo com minha natureza. Se alguém bom fizesse coisas más o poderiam censurar, mas que as faça alguém mau é o lógico; não faz mais que atuar de acordo com sua natureza, e nunca terei que censurá-lo por isso."

Bem, possivelmente me impressione o que me diz esse amigo assassino; mas apesar disso não posso deixar de sentir que o homicídio e o roubo são repreensíveis, e que ninguém deveria dedicar-se a isso. Digo, pois, que deveria poder censurar a alguém por cometer homicídios e roubos. Mas esse amigo assassino me há dito que se pode censurar aos bons se cometerem homicídios ou roubos. Saio, pois, a procurar a tais pessoas. Mas

então descobro algo surpreendente, ou seja, que os bons não cometem homicídios nem roubos. portanto a ninguém posso censurar por esses atos. Não posso censurar aos maus, porque não podem evitar cometer ditos atos; cometem-nos como consequência de sua natureza má. Nem posso censurar aos bons por cometê-los, porque os bons não fazem tais coisas. Ao parecer, pois, estava equivocado em pensar que tais atos mereçam uma censura moral. Parece, então, depois de tudo, que nem o homicídio nem o roubo merecem censura.

Possivelmente digam que tal conclusão é absurda. Possivelmente o seja. Mas é exatamente a conclusão que prepondera em forma alarmante na mentalidade atual. Multidão de pessoas negam a noção de obrigação moral; negam que se possa censurar a alguém por homicídio, roubo, adultério ou qualquer outro pecado. E por que pensam assim? Simplesmente porque não aceitam nem a noção pelagiana nem a noção bíblica de pecado; e por isso simplesmente negam que exista o pecado.

Não aceitam, em primeiro lugar, a noção pelagiana de que as ações más se devam simplesmente a uma eleição má de uma vontade que estava em perfeitas condições de escolher entre o mal ou o bem. Os fatos desmentem esta noção pelagiana. O mais elementar estudo da criminologia mostra que na raiz da ação má está a natureza má do criminoso e, em realidade - embora nos adiantamos a sugerir outro ponto - a natureza má com a que o criminoso veio a este mundo.

Mas estas pessoas das que estou falando também rejeitam a doutrina bíblica, a doutrina de que as ações más que procedem de uma natureza má, e em realidade a mesma natureza má, mereçam censura.

Bem, então, se as ações más que procederem da natureza má dos criminosos não merecem condenação moral, e se a natureza má mesma tampouco é algo pelo que se possa censurar ao criminoso, e se os bons, os que tem uma natureza boa, não cometem ações más, segue-se que nada, nem ninguém merece condenação, e chegamos portanto à doutrina profundamente amoral da criminologia moderna de que não existe isso que se chama obrigação moral e que o crime é uma enfermidade.

A Bíblia ensina com clareza em primeiro lugar que as ações pecaminosas procedem da natureza corrompida do homem que as comete, e em segundo lugar que essa mesma corrupção da natureza é pecado. Mas vou pedir lhes que pense nisto em uma forma um pouco mais completa no começo da próxima conversa, a fim de que então, uma vez que temos falado do pecado, possamos passar a falar da salvação.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Qual, pois, é a calamidade desse estado em que o homem caiu? Explique.
2. Se Deus for um Deus de amor, por que a Bíblia fala tanto da ira de Deus? Explique.
3. Constitui o ensino de Jesus uma exceção a essa presença constante da ira de Deus na Bíblia? Explique.

4. Quem foi um dos primeiros a atacar a doutrina do pecado original e o que disse? Explique.
5. Pode Deus condenar as ações más dos homens ainda quando estes, por sua natureza pecaminosa, não podem deixar de as fazer? Porquê?

Pecadores Salvos Pela Graça

O Homem. J. Gresham Machen.

Na conclusão do assunto anterior, falamos do grande ataque que se lançou contra a doutrina bíblica do pecado original.

O ataque começou a princípios do primeiro século com Pelágio, o competidor do Agostinho, mas de uma forma ou outra prosseguiu ao longo da era cristã, e hoje em dia reveste especial intensidade.

O pelagianismo, dissemos, implica uma certa ideia, primeiro, pelo que é o pecado, e, segundo, dos efeitos do pecado de Adão em sua descendência. Ao final do último bate-papo lhes falei do primeiro destes dois temas - ou seja, da ideia pelagiana da natureza do pecado.

Segundo o conceito pelagiano, de acordo com a lógica dessa maneira de pensar, o pecado é algo próprio dos atos pessoais; não é algo como o estado permanente da alma. A vontade, segundo Pelágio, tem poder para decidir em todo momento, e o mau uso desse poder de auto determinação é o que se chama pecado.

A responsabilidade moral, dizem os pelagianos, depende desse poder de auto determinação. O homem, afirmam, não pode ser considerado responsável pelo que não pode evitar, portanto se seus atos pessoais procedessem em forma inevitável do estado permanente de sua natureza, não seria responsável nem desses atos pessoais nem do estado permanente de sua natureza do qual aqueles procedem. De fato, sustentam os pelagianos, não existe tal estado de coisas, já que o homem é perfeitamente capaz de escolher em todo momento entre o bem e o mal.

Segundo a noção agostiniana do pecado, pelo contrário, as decisões pessoais equivocadas se procederem do estado permanente da pessoa que toma. A vontade não é em modo algum livre no sentido de que possa escolher o que quiser seja qual for a natureza da pessoa que toma a decisão.

Até aqui a ideia agostiniana de pecado está de acordo, suponho, com o que dizem a maioria dos psicólogos e criminologistas de nossos tempos.

Mas difere do que esses mesmos psicólogos e criminologistas afirmam quando sustentam que o homem é certamente responsável pelas decisões equivocadas, as quais procedem de sua natureza má, e é também moralmente responsável pela natureza má da qual procedem tais decisões. O agostinianismo difere, em outras palavras, tanto do pelagianismo como da psicologia moderna, sustentando que o homem é responsável pelo

que não pode evitar. Se for mau, se possuir uma natureza má, é responsável por essa natureza má seja como for que tenha chegado a ser mau. O pecado, segundo o agostinianismo, não é uma simples questão de atos pessoais; também é inerente ao estado de que procedem os atos. Quem comete uma ação má não pode desculpar-se, segundo o agostinianismo, apoiado em que é e foi sempre mau; pelo contrário, o homem mau, inclusive prescindindo de qualquer ação má, está, com razão, sujeito a reprovação e aversão por parte do homem e por parte de Deus.

Possivelmente alguns de vocês se perguntem, chegados a este ponto, se tal ideia não anula a liberdade e responsabilidade pessoais.

Tanto as ações más como também o estado de perversão de que procedem tais ações são, segundo Agostinho, " pecado.

É esta noção agostiniana a noção bíblica? Acredito que com apenas expor a pergunta já fica respondida. Vou me limitar a citar uma passagem e logo vou perguntar se essa passagem sintetiza ou não o ensino da Bíblia a este respeito. A passagem que vou citar não está não aquelas que às vezes se consideram como as seções mais filosóficas ou teológicas da Bíblia. Está dentro do ensino de Jesus tal como figura nos Evangelhos Sinóticos. Contudo é uma negação completa de toda a ideia pelagiana da liberdade da vontade, de toda a noção pelagiana de que o pecado só se dá em ações pessoais; e nega toda essa ideia de modo muito mais eficaz que volumes inteiros de filosofia. Esta é a passagem a que me refiro:

Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.⁹¹

À luz destas palavras de Jesus, tão singelas e tão profundas, como se mostra completamente superficial toda a noção pelagiana da vontade e o pecado! Segundo Jesus, as ações más procedem de um coração mau, e tanto as ações como o coração de que procedem são pecaminosos.

Esta ideia é a ideia de toda a Bíblia. Desde o começo até o fim da Bíblia não há nem a mais mínima sombra de consolo para a superficial noção de que o pecado só se dá nas ações pessoais e de que um homem mau pode, sem ser trocado por dentro, realizar de repente boas ações. Não, a Bíblia acha sempre as raízes do mal no coração, e por coração entende não só os sentimentos mas também também toda a vida interior do homem. O coração do homem, diz-nos, é enganador acima de tudo e desesperadamente perverso, e devido a isto o homem é pecador ante os olhos de Deus.

O que quer dizer liberdade pessoal? Queremos dizer uma liberdade da vontade como alguma coisa imprevisível que está dentro do homem e que oscila de um lado a outro sem relação com o resto do homem e sobretudo sem relação com o problema de ser a natureza do homem boa ou má? Se queremos dizer isto, queremos dizer algo que não só é completamente absurdo mas também destrói também essa liberdade pessoal que quer

⁹¹ Mt. 12:33-35

defender. O que faz que uma ação seja pessoal é o fato que proceda da natureza toda do homem que a realiza. Se a vontade fora realmente livre no sentido de que nada tem que ver com o ser do homem que quer, então, as decisões que tomasse não seriam decisões pessoais mas sim seria como um pêndulo que oscila sem sentido e ao que guia só o destino cego. De fato, não existe 'tal vontade como que separado dentro do homem. O que chamamos a vontade é só "o-homem-todo que quer", como ao que chamamos inteligência é "o-homem-todo que pensa" e o sentimento é "o-homem-todo que sente". O que deveríamos, portanto, querer dizer, quando falamos da liberdade da vontade, é bem mais a liberdade do homem. O homem é livre e por isso moralmente responsável quando suas ações procedem de sua própria natureza e quando está consciente do fato de que são suas próprias ações. Se, em realidade, o homem se vê forçado, por impulso físico direto e real, a fazer algo, contra sua vontade, então isso não é um ato pessoal dele e não é moralmente responsável pelo mesmo; mas se sua vontade está determinada por sua própria natureza, então, por inevitável que seja o que faz é certamente um ato pessoal dele e tem uma responsabilidade moral absoluta por isso. O homem mau realiza indevidamente ações más; isto é tão certo quanto a árvore podre produzirá frutos podres. Mas o homem mau realiza essas ações más porque quer; são seus atos pessoais livres e é responsável por eles ante Deus.

Isto é não só filosofia cabal e sentido comum profundo, mas também o ensino evidente da, Bíblia desde Gênesis a Apocalipse.

Entretanto, possivelmente ainda fique uma objeção: pode-se realmente censurar a alguém pelo que não pode evitar? Pode ser censurado por uma natureza humana que possui necessariamente e com a que nasceu?

Com respeito a esta objeção gostaria de mencionar só isto - que se não se pode censurar a ninguém por sua natureza má, então se segue com lógica inelutável que tampouco lhe pode elogiar por sua natureza boa.

Diz alguém que não se pode condenar a uma pessoa por uma natureza que sempre teve, uma natureza que forma a base de seus atos pessoais? Bem, então, se esse princípio for verdadeiro para a condenação também o é para o louvor. Pode-se elogiar alguém por uma natureza que sempre teve, por uma natureza da que ele mesmo não é responsável? Dizem que não? Bem, então, o que dizer de Deus? Suas ações boas procedem de sua natureza imensamente boa. Não merece então louvor? Perguntem às hostes celestiais que sentem prazer em cantar constantemente seus louvores ante seu trono; perguntem a todos os Santos que bendizem seu nome excelso. Assim diz o último salmo

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o no firmamento, obra do seu poder.
Louvai-o pelos seus poderosos feitos;
louvai-o consoante a sua muita grandeza.
Louvai-o ao som da trombeta;
louvai-o com saltério e com harpa.
Louvai-o com adufes e danças;
louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas.
Louvai-o com címbalos sonoros;

louvai-o com címbalos retumbantes.
Todo ser que respira louve ao SENHOR. Aleluia!

Segundo a teoria pelagiana esse coro de louvor teria sido reduzido ao silêncio. Deus não se fez a si mesmo bom; sempre foi; suas ações boas procedem, com uma certeza maior que nenhuma outra, de sua natureza boa; portanto, segundo a teoria pelagiana, não lhe elogie!

Mas possivelmente digam que a natureza de Deus é tão diferente da nossa que não se pode argumentar a base do que é certo no caso de Deus ao que é certo em nosso caso. Bem, então, o que terá que dizer dos anjos? Suas ações boas procedem da bondade de sua natureza, e eles não criaram sua própria natureza, mas sim Deus. Não terá que elogiá-los então? O que dizer dos Santos que já foram receber a recompensa? Certamente que já não lhes é possível pecar; são tão perfeitamente bons como os anjos; em seu caso, igual aos anjos, as ações boas procedem da bondade de sua natureza. E em seu caso também, a não ser que a Bíblia esteja de todo equivocada, a bondade de sua natureza não é produto de seus próprios esforços a não ser dom de Deus. Lhes deu no novo nascimento. Entretanto não há dúvida de que terá que considerá-los bem-aventurados e gloriosamente livres.

Não veem, meus amigos, quão absurda é esta noção pelagiana de que não terá que coletar esse louvor ou censura moral à natureza das pessoas a não ser só a suas ações pessoais? A situação real é que as ações pessoais adquirem qualidade moral sobretudo devido à conexão que tem com a natureza da pessoa que as realiza. Uma pessoa é boa se sua natureza o for e má se sua natureza for má, seja como for que tenha chegado a ser má. Por isso os homens maus são pecadores aos olhos de Deus, e estão sujeitos a sua justa ira e a sua maldição, embora tenham nascido maus.

Isto nos conduz à segunda parte da ideia pelagiana. Se o pelagianismo tiver uma noção superficial do que é o pecado, tem uma ideia igualmente superficial do pecado da natureza humana. Nega que o pecado de Adão tivesse nenhum efeito considerável para sua posteridade. Todo homem, afirma, começa a vida virtualmente onde Adão a começou, com completa capacidade para escolher entre o bem e o mal. Assim, nega a doutrina do pecado original; nega a doutrina de que os homens descendentes de Adão por geração ordinária vêm ao mundo com a natureza corrompida o qual conduz indevidamente a atos pessoais pecaminosos.

Certamente que essa ideia pelagiana se enfrenta com uma dificuldade óbvia. Se todos os homens que descenderem de Adão por geração ordinária vêm ao mundo sem ter a natureza corrompida e com capacidade plena de escolher o bem antes que o mal, como se explica que todos os homens sem exceção escolham o mal, que todos os homens sejam pecadores? Se o problema de se os homens forem justos ou pecadores depende da decisão de cada um, e se todo homem tem capacidade plena de escolher o que quiser, parece extremamente estranho que todos os homens tenham escolhido o mesmo caminho. As probabilidades segundo as leis matemática de que isto aconteça seriam muito mais de cem trilhões de vezes, cem trilhões contra uma.

Não estou seguro se Pelágio respondeu ou não a esta objeção dizendo que de fato alguns homens escolheram o bem. Não estou muito seguro se negou ou não a condição pecadora universal do gênero humano. Se a negou, sem dúvida que se colocou claramente contra toda a Bíblia, como já vimos. Mas seja como for, o pelagianismo só pode explicar o predomínio geral do pecado pelo exemplo mau que Adão deu. Adão, segundo os pelagianos, deu um mau exemplo à raça humana; Cristo deu um bom exemplo. Os homens são perfeitamente capazes de seguir seja o exemplo de Adão seja o de Cristo. É simplesmente uma questão de eleição da vontade humana pessoal.

Estes são os limites aos que ficam reduzidos tanto o pecado como a salvação segundo o sistema pelagiano.

É necessário dizer que dito sistema é radicalmente contrário à Bíblia? A Bíblia do início a fim ensina que os pecados pessoais procedem da natureza pecadora, e que a natureza do homem é pecaminosa desde o nascimento. "Em maldade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe" - estas palavras do salmo cinquenta e um sintetizam, no clamor de um pecador arrependido, a doutrina do pecado que a Bíblia ensina desde Gênesis até Apocalipse. Desta ideia bíblica de pecado depende também a ideia bíblica de salvação. Ensina a Bíblia que tudo o que Cristo fez por nós foi nos dar um bom exemplo que somos perfeitamente capazes de seguir sem necessidade de que troque o coração? Quem assim pense é alguém que nem sequer chegou à soleira da grande verdade central da Escritura. "É Ihes necessário nascer de novo," disse Jesus Cristo.⁹² Aquele que acredita que Jesus falou a verdade quando disse isto deve romper de forma clara com o pelagianismo em todas as suas formas. Não, meus amigos, apesar de Pelágio e de seus milhões de seguidores, não temos esperança nenhuma, até que nasçamos de novo por meio de uma ação que não é nossa; não há esperança de que possamos escolher o bem, até que tenhamos passado da morte à vida por meio da ação do Espírito do Deus vivo. Para quem não vê isto a Bíblia segue sendo um livro fechado. Na base mesma do ensino da Bíblia está a grande doutrina bíblica do pecado original.

Esta doutrina significa que todo o gênero humano, desde a queda, está totalmente corrompido e é totalmente incapaz de agradar a Deus. Acredito que deveríamos nos deter nisto por um par de minutos.

A doutrina que se chama "depravação total" é um dos cinco pontos básicos do Calvinismo. Mas não só isto. É também uma das ideias nas quais a Bíblia insiste mais. Acredito que é muito importante que saibamos exatamente o que significa.

Não significa que todos os homens que não são cristãos sejam em todo momento piores do podem ser. Pelo contrário está perfeitamente em harmonia com o que também ensina claramente na Escritura - que o Espírito de Deus, por meio de sua graça comum, refreia, inclusive aos não regenerados, da manifestação plena do poder do mal que os domina. O que significa então a doutrina da depravação total?

Significa, em primeiro lugar, que a corrupção do homem caído afeta todas e cada uma das partes de sua natureza. Suas faculdades subsistem, é certo; segue sendo homem, e por

⁹² Jo. 3:7

sê-lo é também responsável. Mas todas suas faculdades, todas as partes de sua natureza, estão minadas pela corrupção em que tem cansado. O pecado não reside tão somente no corpo; nem reside tão somente nos sentimentos, nem na inteligência, nem no que às vezes por engano se separou do resto da natureza humana sob o nome da vontade. Reside em tudo isto. Toda a vida do homem, e não somente uma parte da mesma, está corrompida.

Em segundo lugar, a doutrina bíblica da depravação total significa que nada do que o homem caído e não regenerado faça é realmente agradável a Deus. Muitas coisas das que faz podem nos agradar a nós, com nossas normas imperfeitas, mas nada do que faz pode agradar a Deus; nada do que faz pode resistir a luz escrutinadora de seu tribunal. Algumas de suas ações podem ser relativamente boas, mas nenhuma delas é realmente boa. Todas elas são afetadas pela profunda depravação da natureza humana caída da qual procedem.⁹² Jn. 3:7

Esta doutrina pode parecer dura, mas se acostuma com clareza na Palavra de Deus. Além disso, aceitam-na de coração os Santos mais autênticos. Perguntem aos de vida realmente Santa na história da Igreja cristã, e lhes dirão ao recordar suas vidas antes de fazer-se cristãos - inclusive em casos em que essas vidas pareceram a outros boas e sacrificadas - que tudo o que parecia bondade não era mais que desperdiço ante os olhos de Deus. Não, meus amigos, o gênero humano, até que a ação misteriosa do Espírito Santo o regenera, é incapaz de viver nem sequer por um instante em forma agradável a Deus.

Isto conduz a outro aspecto da grande doutrina bíblica da depravação total. É a incapacidade total do homem caído para sair dessa condição. O homem caído, segundo a Bíblia, é incapaz de contribuir no mais mínimo ao grande mudança por meio do qual passa da morte à vida. Todo aquele em quem essa mudança se produz tem certamente fé no Jesus Cristo; por meio desse ato pessoal de fé se une ao Senhor Jesus Cristo. Mas o detalhe está em que essa fé é produzida nele pelo Espírito Santo de Deus. Os homens que estão mortos em transgressões e pecados são totalmente incapazes de ter fé salvadora, tão incapazes como o é o morto que jaz na tumba de contribuir no mais mínimo a sua ressurreição. Quando o homem nasce de novo, o Espírito Santo põe a fé nele, e sua contribuição pessoal a este resultado maravilhoso é nula. Depois de que nasceu de novo, sim coopera com o Espírito de Deus na luta cotidiana contra o pecado; depois de que Deus lhe deu a vida, passa a demonstrar que está vivo com a realização de boas obras; mas até que recebe a vida nada realmente bom pode fazer; e a ação do Espírito de Deus pela que recebe a vida é um ato soberano e irresistível.

Isto é tão fundamental na Bíblia, a Bíblia insiste tanto nisso, que parece na verdade estranho que pessoas que acreditam na Bíblia o neguem. De fato, entretanto, na história da Igreja tem feito sua aparição em muitas formas diferentes, o qual atribui ao homem um papel na consecução da salvação.

Recordarão sem dúvida o que é o pelagianismo puro. Segundo o pelagianismo sem disfarces, o homem não necessita que troque sua natureza para poder compreender o evangelho, aceitá-lo e salvar-se; de fato, o evangelho não é em realidade de tudo necessário para a salvação; simplesmente adiciona uma certa persuasão a fim de induzir ao

homem a fazer o que é justo, e este é perfeitamente capaz de fazer o bom segundo a liberdade de sua própria vontade.

A ideia semipelagiana é uma espécie de Meia Via entre o pelagianismo estrito e a ideia agostiniana que se acostuma tão claramente na Bíblia. Segundo a ideia semipelagiana, a natureza do homem ficou debilitada com a queda; e embora essa debilitação que o homem sofre como consequência da queda de Adão não é pecado em se conduzir indevidamente ao pecado a não ser que a graça de Deus intervenha.

Logo, além deste semipelagianismo, houve uma grande quantidade de pelagianismo em cinquenta por cento, pelagianismo em quarenta por cento e pelagianismo em todas as proporções imagináveis. Alguns hão sustentado que embora o homem caído não pode fazer nada positivo para salvar-se, se pode escolher entre resistir e aceitar a graça que Deus lhe oferece. Deste modo o homem, sim, tem uma parte que desempenhar, embora só seja negativa, na obra de salvação.

Diante de todas estas Meias Vias a Bíblia ensina com claridade meridiana a doutrina da incapacidade total do homem caído e a absoluta da graça divina. O homem, segundo a Bíblia, não está tão somente doente em suas transgressões e pecados; não está tão somente em uma condição de debilitação de modo que necessita a ajuda divina; está realmente morto em suas transgressões e pecados. Não pode fazer absolutamente nada para salvar-se, e Deus o salva com o ato gratuito e soberano do novo nascimento. A Bíblia é um livro extremamente intransigente neste assunto do pecado do homem e da graça de Deus.

A doutrina bíblica da graça de Deus não significa, como às vezes a caricaturaram, que alguém se salve contra sua vontade. Não, significa que a vontade mesma do homem é renovada. O ato de fé pelo qual se une ao Senhor Jesus Cristo é um ato seu próprio. Realiza-o com gozo, e está seguro de que nunca esteve tão livre como quando o realizou. Mas a capacidade para lhe realizá-lo vem simplesmente da ação gratuita e soberana do Espírito de Deus.

Meus amigos, que preciosa é essa doutrina da graça de Deus! Não harmoniza com o orgulho humano. Não é uma doutrina que nós os homens tivéssemos sido jamais capazes de produzir. Mas quando a Palavra de Deus a revela, os corações dos redimidos exclamam, Amém. Aos pecadores salvos pela graça lhes agrada tributar não só um pouco mas também todo louvor a Deus.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Segundo são Agostinho, por que o homem peca? É bíblica essa afirmação? Explique.
2. Tal ideia não anula a liberdade e responsabilidade do homem? Explique.
3. Pode-se realmente censurar a alguém pelo que não pode evitar? Explique.

4. Pode realmente ser verdade a teoria pelagiana que todo homem nasce moralmente neutro? Explique.
5. Como pode então o homem, naturalmente mau, escolher algo bom, como acreditar em Cristo? Por que?
6. O que significa a doutrina da depravação total?
7. Como pode então sair o homem dessa incapacidade total em que está?
8. Que ensina o semi pelagianismo? Explique.
9. Que ensina a Bíblia?
10. O que faz a graça de Deus no homem?

Mortos pelo pecado

Gálatas 5:13–26

Bruce A. McDowell, D. Min., Ph.D.

“Mas os que são de Cristo, crucificaram a carne com seus desejos e paixões.” (Gálatas. 5:24)

Os recém convertidos a Cristo desenvolvem sua vida cristã, não permanecem no mesmo estado espiritual do começo de sua fé até ao final. Eles devem continuar crescendo na fé pela qual chegam a ser como Cristo em todos os aspectos de sua vida. Chamamos a este processo a santificação. Definiremos o termo mais adiante, pois é um conceito muito importante que devemos entender em nossa luta diária com o pecado. Logo explicarei como devemos lutar com o pecado que mora de contínuo em nossas vidas.

O entender a santificação provê a base requerida para entender a importância da disciplina na vida cristã, a qual exercitamos para que o Espírito Santo que trabalha em nos ajude no processo da santificação. Devemos manter a disciplina de guardar nossa mente em Cristo, de pensar em tudo o que é verdadeiro, nobre, correto, no puro, em todo o amável, admirável, excelente, e digno de louvor (Fil. 4:8). Devemos entender a importância da Bíblia para nossa edificação cristã, Por que lhe dedicar tempo diariamente na mesma forma que necessitamos de nosso alimento diário. Através da Bíblia Deus nos fala. E além disso devemos orar adorando a Deus, confessando a Ele os nossos pecados, lhe agradecendo, e lhe apresentando nossas súplicas (usando o acrônimo do ACAS). Tampouco podemos nos esquecer de nos reunir em confraternidade com os filhos de Deus para nos estimularmos uns aos outros no amor e nas boas obras (Hb. 10:24), participando do culto de adoração, exercitando responsabilidade mútua, suportando as faltas de outros, e instruindo às pessoas. Estes ensinamentos nos ajudam na santificação de nossas vidas.

A Santificação

A santificação é a transformação das qualidades espirituais da pessoa que se converteu ao cristianismo pela qual chega a ser como Cristo partindo para a perfeição. Paulo em sua Segunda carta aos Coríntios descreve essa mudança assim: “De modo que se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas passaram; eis que se fizeram novas” (2 Cor. 5:17). As mudanças que experimentamos em nossa santificação não significam que nossa relação com Deus muda, porque isso foi estabelecido quando fomos escolhidos, justificados ante Deus no momento que viemos ao arrependimento, à fé e fomos salvos. Na santificação nós mudamos gradualmente do começo, e progredimos até o final quando nos encontramos com Cristo ao morrer. Nesse momento somos santificados por completo. Como explica Paulo aos Coríntios, “e todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.” (2 Cor. 3:18; ver também Salmo 84:7). “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.” (2 Cor. 4:16).

A santificação é a mudança real que o crente experimenta ao nos converter de nossa natureza pecaminosa à pureza da imagem de Deus. Ao escrever aos Efésios Paulo diz: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.” (Efésios 4:22-24). Nós somos tirados da mancha do pecado e obtemos a pureza da imagem de Deus restaurada em nós, criados no conhecimento (Col. 3:10), justiça e santidade (Ef. 4:24). Nossa santificação não se refere a nossa separação do comum como alguma coisa que se usa no Santuário de adoração. Não depende em converter-se em um monge ermitão isolado no deserto. Ali podemos pecar com a mente e o coração tanto como em um bar. “O vocábulo se subentende melhor como essa mudança no crente ao que foi concedida a justiça e santidade estabelecidos nele.”⁹³

Nossa santificação é a obra da Trindade de Deus e a responsabilidade de seus filhos. Deus Pai é o autor da santificação. Jesus ora ao Pai: “Santifica-os na verdade; a sua palavra é a verdade” (João 17:17). Deus nos disciplina para que participemos de sua santidade (Hebreus 12: 10). A santificação pode vir em forma de sofrimento, adversidade, perseguição e dor. Jesus cristo é o mesmo quem nos santifica. O batismo e a comunhão são o meio de nossa santificação. Através da Palavra de Deus Jesus purifica a sua igreja. (F. 5:26–27). Jesus mesmo é nossa santidade (1 Cor. 1:30) e ele purifica para si mesmo a aqueles que são deles (Tito 2:14). E a santificação é a obra do Espírito Santo. Paulo fala disto ao descrever a obra de Deus no Tessalonicenses: “Mas nós devemos dar sempre graças a Deus a respeito a vós, irmãos amados pelo Senhor, de que Deus lhes tenha

⁹³ William Ames, *The Marrow of Theology*, traducido del tercer edición Latino, 1629 (Durham, NC: The Labyrinth Press, 1983), 168.

escolhido desde o começo para salvação, mediante a *santificação pelo Espírito* e a fé na verdade” (2 Entesada. 2:13). De modo que é o Espírito quem nos santifica. E nesta forma vemos que todas as três pessoas da Trindade Divina trabalham para nossa santificação.

A santificação chega de duas maneiras. A primeira é nesta vida onde a gente pode crescer da infância à idade adulta na maturidade do espírito. Diz-se meninos àqueles que participam do leite da Palavra com seus ensinamentos elementares. Mas os que espiritualmente são bem amadurecidos participam do alimento mais sólido da Palavra. Eles cresceram e aprenderam desde início da idade as lições da vida Cristã. Nesta primeira etapa de santificação temos humilhado (ou castigado) ou amortecido o pecado.

A segunda etapa de santificação é aquela de maturidade, e perfeição a qual obteremos na vida eterna. Esta segunda parte da santificação se chama vivificação (com vida) ou ressurreição. Este é o objetivo da santificação. Então sim estaremos em santidade, perfeição e pureza. Isto coincide com nossa glorificação.

Nesta vida estamos em um estado de santificação contínua. Nesta vida não podemos obter um estado de impecabilidade. Os que acreditam tê-la alcançado são vítimas do engano e interpretaram mal os ensinamentos das Escrituras. Houve uma ênfase no ensino pelo Grupo de Pureza dos Metodistas quem sustenta que nesta vida um cristão pode obter um estado de perfeição levando uma vida sã. Embora este nem é o ensino da Escritura nem a experiência de nenhum que vive com outros cristãos, a perfeição é nossa meta à qual todos aspiramos. Nossa perfeição não se obterá até que sejamos glorificados na presença do Senhor.

O Reinado do Pecado Terminou

Para entender nossa santificação precisamos saber quem somos em Jesus Cristo. Qual é nossa posição agora mesmo como crentes? Paulo ensinou em sua carta aos Romanos como fomos justificados, e feitos retos em nossa relação com Deus por meio de nossa fé. A lei de Deus mostrou nosso grande pecado. Mas onde houve muito pecado, a graça de Deus foi maior para cobri-lo. Por isso alguns então perguntaram: “O que pois diremos? Perseveraremos no pecado para que a graça abunde? – Em nenhuma maneira. *Porque os que morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?*” (Rom. 6:1, 2). Seria uma deturpação colossal da verdade se alguns pensarem que poderiam pecar tudo o que queiram sendo cristãos, já que a graça de Deus lhes daria em maior proporção para salvá-los! De maneira nenhuma! A mesma graça que salva ao cristão também os salva a eles. A graça que nos une em amor com Cristo em salvação também une a Cristo de um modo que estamos mortos ao pecado. Se tivermos morrido para o pecado, não podemos viver mais nele. Por isso é uma contradição que alguém diga que eles são cristãos mas vivem como o demônio. Não podemos dizer que temos a Cristo como nosso Salvador mas não como o nosso Senhor. O cristão é o que tem a Cristo como seu Salvador e seu Senhor. Por esta razão o cristão não pode viver mais no pecado.

O ponto primordial aqui é que “morremos para o pecado”. O que Paulo quer dizer aqui é: “Nós que somos certa classe de pessoas morremos....” Sinclair Ferguson explica assim,

“quando nos decepcionamos muito com alguém lhe dizemos: 'Como é possível que você, a pessoa que menos esperávamos que fizesse tal coisa — como foi isso,?’ só estamos usando a mesma linguagem. É a expressão a que chega à contradição mais elementar do que a pessoa é em termos de sua posição legal e suas relações, e o que tem feito. O cristão, pelo simples fato de ser cristão, não pode viver em pecado. ao fazê-lo contradiz o que é.”⁹⁴ Como escreve João em sua primeira carta, “Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.” (1 João 3:6, 9). Porque sendo quem sou e o fato de que temos a semente de Deus, com o Espírito santo que mora em nós, não podemos continuar em pecado.

Em nosso batismo nos identificamos com a morte e sepultura de Jesus. Paulo continua dizendo, “Porque se fomos plantados junto com ele na semelhança de sua morte, assim também o seremos na de sua ressurreição; sabendo isto, que nosso velho homem foi crucificado junto com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque o que morreu, foi justificado do pecado” (Rom. 6:5-7). Como crentes já não somos mais escravos do pecado, sob seu domínio, mas sim fomos tirados dele. Nosso homem velho morreu. Em nosso nascimento novo em Cristo, identificamo-nos com a morte de Cristo. Visto que a morte de Cristo foi morte ao pecado, também nós morremos para ele. A tragédia é que muitos cristãos não entendem isto ou não vivem em vista disso.

Muitos de nós conhecemos bem o conto infantil “O patinho Feio.” É a história de um pequeno patinho um pouco complexado, o qual ao unir-se aos outros bichinhos se sentia desprezado devido a que suas “penas eram disformes e escuras”. Era sempre isolado e desprezado por seus companheiros, e se sentia um fracassado, especialmente quando dava uma olhada ao lado e via a formosura de seus companheiros. Mas um dia, o “patinho feio” olhou para baixo e viu algo maravilhoso. Percebeu que já não era escuro, de plumagem disforme, mas sim estava enfeitado com as esplendorosas plumas brancas de um cisne! – E feliz saiu correndo e gritando: “Sou um cisne, sou um cisne!” Embora antes acreditava ser um patinho, nunca o tinha sido em realidade. Tinha sido um cisne a vida toda. Mas a diferença real veio quando se deu conta do que ele era na realidade. O começo de sua verdadeira identidade foi o começo de um gozo novo!

Precisamente o mesmo é verdade o que ensina Romanos 6. O grande engano que muitos de nós cometemos é que solo olhamos nosso pecado e fracasso, e então perguntamos, um pouco desesperados, o que pode podemos fazer. Nossa necessidade não é o que fazer, a não ser primeiro que tudo entender o que Deus tem feito; é o ver no que ele nos transformou por meio de seu Filho, assim seja um homem ou uma mulher que morreram para o domínio do pecado e foram levantados com Cristo a uma nova vida. Somos aqueles sobre os quais o pecado não tem mais domínio. Igual ao patinho feio, agora posso dizer: “Não estou sob o domínio do pecado! Sou uma criatura nova! Não sou o que pensava que era, nem o que antes era! Já não sou o “patinho cristão feio.” Sou um filho de Deus!”

⁹⁴ Sinclair B. Ferguson, *The Christian Life: A Doutrinal Introduction* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1989), 135.

Somos o tipo de filhos que morreram para o pecado com Cristo. E somos o tipo de filhos que foram levantados com vida (eterna) em Cristo. Então, como nós, entre todas as pessoas, continuamos vivendo como se o pecado seguisse nos governando?⁹⁵

Lutando com o Pecado

Ao seguir nossa vida cristã temos uma batalha de contínuo devido à presença do pecado que ainda mora dentro de nós. Entretanto, “a diferença interior surge entre o pecado que permanece nos crentes e o pecado que permanece nos outros. Nos outros o pecado governa, prevalece e domina; nos crentes é domado, submetido e mortificado.”⁹⁶ Como crentes já não somos escravos ao pecado e ele já não reina em nossas vidas. Pelo fato de que a semente de Deus está em nós podemos entrar na batalha espiritual com uma perspectiva otimista. Entretanto, não devemos nos enganar em pensar que a batalha com o pecado não suporta sangue, fadiga e lágrimas. O pecado na vida do cristão é ainda algo real. O cristão tem uma luta contínua entre a “carne” e o Espírito. A carne não significa nosso corpo, a não ser a pessoa total em sua debilidade e pecaminosidade. Os pecados da carne são aqueles que envolvem ambos, a mente e o corpo, tal como o ódio, o ciúmes, a ambição desmedida, a feitiçaria e a imoralidade sexual.

Como crentes agora não somos controlados pela carne ou a natureza pecaminosa, mas sim pelo Espírito de Deus que vive em nós (Rom. 8:9). A natureza pecaminosa está em conflito com o Espírito. “Mas os que são de Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos” (Gál 5:24). Isto descreve nossa decisão de rejeitar o pecado uma vez unidos com Cristo por fé. Através do caminho de nossa vida cristã confirmamos isto cada vez que seguimos a Cristo em lugar de seguir o caminho do pecado.

Estamos em uma batalha espiritual e a vitória nos é assegurada. Entretanto o cúmulo da batalha é dar morte ao pecado. A forma completa com que devemos tratar o pecado está descrito por Jesus Cristo no Sermão do Monte:

“Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.” (Mateus 5:29, 30)

Jesus usa a hipérbole e o exagero para nos indicar a seriedade de nos separar do pecado. Porque se Deus é santo nós devemos ser Santos. Jesus ensina a respeito da condição natural da tentação quando diz: “se seu olho direito te induzir a pecar...”

A causa e circunstâncias do que nos induz a pecar são diferentes em cada caso e em cada pessoa. “De modo que Deus usa as provas e problemas de nossa vida cristã para nos despojar dos costumes ou hábitos inúteis e contrários de nossa natureza velha e

⁹⁵ Ibid., 140, 141.

⁹⁶ Ame, op. cit., 170.

pecaminosa. Isto permite que a nova e gloriosa natureza, o amor mesmo de Deus e seu caráter santo floresçam e triunfem através de nós.”⁹⁷

Ao morrer ao pecado (mortificação), existe entre aqueles que são santificados uma negativa de si mesmos e do mundo. Ninguém pode ser discípulo de Cristo a menos que leve sua cruz. Jesus disse: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lucas 9:23). Isto quer dizer que devemos morrer para o pecado diariamente, assim como Jesus morreu na cruz por nossos pecados. Em Gálatas está escrito: “Mas os que são de Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos” (5:24). Estas paixões e desejos na natureza pecaminosa são as do mundo. Devemos morrer a elas. Gálatas continua dizendo: “Mas longe esteja de mim me glorificar, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo me é crucificado, e eu ao mundo” (6:14).

Razões para Morrer para o Pecado

Paulo escreveu aos crentes Colossenses, “Olhem que ninguém lhes engane por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo as tradições dos homens, conforme aos rudimentos do mundo, e não segundo a Cristo” (Col. 2:8). Paulo escreveu isto porque professores falsos ensinavam aos Colossenses que eles podiam morrer para o pecado em uma forma diferente da que nos ensina o evangelho de Cristo. Eles estavam tentando obter a santidade por meio de ensinamentos humanos e pelas obras boas. Eles não dependiam do Espírito de Deus. João Owen faz uma observação magnífica deste tema: “Humilhação por esforço próprio, levado a cabo da própria invenção, até terminar em justificação própria, são a alma e a substância de toda religião falsa no mundo.”⁹⁸ Isto se pode ver na igreja Católica Romana que repete cinquenta “Ave Marias” e “Pai Nosso”, ou sobe uma montanha de joelhos para orar a uma estátua do santuário. E isso se vê também nos muçulmanos que jejuam no mês do Ramadã (o nono mês do ano lunar muçulmano, consagrado ao jejum), ou morre pelo *jihad*, a guerra Santa, pensando que desta maneira podem agradar ao Alá e que seus pecados sejam perdoados. Os hindus acreditam que por jejuar as quintas-feiras, não comendo carne, e realizando certas práticas de ioga podem chegar mais perto à Deidade, escapando do *carma* (ou lei de retribuição) e entrar em *moksha*. Ainda o Presbiteriano que lutou com seu pecado ao ir à igreja, dando a oferta, e memorizando o Catecismo simplificado depende das obras boas para justificação. Se tratarmos de morrer ou renunciar ao pecado por meio de regulamentos humanos como as de: não faça isto, ou não vá ali, ou não toque estas coisas, ou afaste-se de certos lugares, seremos enganados pensando que em realidade estamos lutando com o pecado enraizado em nós. De fato, tudo o que estamos fazendo é renovar os hábitos externos. Assim não podemos edificar nesta fundação feita pelo homem. Do contrário, quando a tentação vier, não seremos capazes de resisti-la e de certo cairemos.

A verdadeira base para lutar com o pecado é nossa união com Cristo. Nossa união com Cristo nos dá uma nova identidade que é a base para um modo novo de viver. Nossa relação com o pecado troca por completo. Com a nova identidade temos o incentivo para

⁹⁷ Michael P. Green, *Illustrations for Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker Book House, 1989), 322.

⁹⁸ John Owen, *The Works of John Owen*, Vol. VI (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1967), 7.

lutar com o pecado porque nossas afeições estão completamente em Cristo, como as da esposa para o marido.

O que significa morrer para o pecado? – “É a batalha constante contra o pecado pela qual lutamos diariamente — a negativa de permitir que o olho se perca, que a mente se distraia e as emoções corram detrás de algo que nos separe de Cristo. É a rejeição deliberada de qualquer pensamento pecaminoso, uma sugestão, desejo, obra, circunstância ou excitação ao momento que chegamos a ter conhecimento de sua existência.”⁹⁹ Morrer para o pecado consiste em debilitar a garra que o pecado tem em nossas vidas. Isto se faz não somente dizendo “não” ao que é mau, mas também ao receber com alegria os maravilhosos ensinamentos espirituais do evangelho. Se você vê o seu coração como se fosse um jardim, não só vai lhe remover a erva má, mas, também, o cultivar, umedecer e fertilizar com coisas espirituais, produzindo frutos do Espírito como a bondade, justiça e verdade (Ef. 5:9). Quando nossos corações estão cheios da graça de Deus, então haverá menos espaço para que o joio do pecado cresça.

Que Áreas do Pecado Devemos Tratar

Já se deram conta de que, quando uma pessoa se converte, quando se torna um cristão, sua vida muda radicalmente? Todos ao redor notam sua mudança. Outros entretanto, com o tempo, mudam mais gradualmente em aspectos diferentes de sua vida.

Deus age com algumas pessoas como nós com as uvas. Parece que Ele as toma de uma bocada, para apoderar-se por completo de sua vida de uma vez. Com outros, muitas vezes, age como com cebola. Deus parece apossar-se delas camada por camada.¹⁰⁰

O processo da santificação pode ser comparado a um iceberg de gelo flutuante, que está quase noventa por cento sob a água. Quando o sol brilha sobre o iceberg, a parte sobressalente se derrete, fazendo subir à parte inferior.

Na mesma forma, usualmente somos conscientes somente de uma pequena parte de nossa pecaminosidade e necessidade, que é único que podemos lutar em todo momento. Entretanto, quando a luz da Palavra de Deus em nossas vidas transforma as áreas que conhecemos, damos-nos conta então das outras áreas que necessitam do trabalho de Deus.¹⁰¹

Morrer para o pecado em nossas vidas é como deter-se nos três círculos concêntricos de nossa própria experiência: em nossa vida privada; em nossas experiências diárias e na confraternidade na igreja.

⁹⁹ Ferguson, op. cit., 162.

¹⁰⁰ Green, op. cit., 321.

Primeiro, devemos morrer para o pecado em nossa vida privada. Nossos pecados incluem tanto os desejos internos como a conduta exterior. Os desejos e ações pecaminosas procedem do coração, do qual poucas vezes falamos, e verdadeiramente certo (Efe.4:29). A impureza sexual e a luxúria são as áreas em que muitos cristãos tem verdadeiro problema. Isto é muito certo hoje em dia com o acesso privado à pornografia pela rede eletrônica chamada a Internet. A inclinação pelo sujo, a luxúria e a avareza devem ser crucificadas na cruz. Essa é uma forma de idolatria. A falta de alegria, e a impiedade suportam ao rancor. Não podemos permitir que nenhuma razão de ódio controle nossas vidas. Devemos estar agradecidos em todas as circunstâncias e manter em nossa mente as coisas de acima com Cristo em lugar das coisas mundanas.

Segundo, devemos morrer para o pecado em nossas experiências cotidianas. Tanto na casa como no trabalho desdobramos uma conduta pecaminosa como o mau gênio, a ira, malícia, calúnia, ciúmes, vocabulário sujo e fala vulgar. Mas bem devemos ser amáveis e compassivos o um ao outro, nos perdoar mutuamente, assim como Cristo nos perdoou (Ef. 4:32). Nossa palavra deve ser proveitosa para instruir-nos mutuamente de acordo a nossa necessidade para que beneficie a aqueles que nos ouvem.

Terceiro, devemos morrer para o pecado na confraternidade da igreja. Devemos recusar toda coisa que em nossos corações possam causar separação, luta e desunião dentro do corpo fraternal. Falar a verdade a todos, e para isso precisamos viver sincera e honestamente o um para o outro. Devemos aguentar as faltas de outros e deixar que o amor cubra uma multidão de pecados. Nos dias de Paulo a igreja era multiforme com judeus e gentios, ilustrados e incultos, escravos e livres. Nossas igrejas deveriam refletir essa variedade de comunidade. Devemos estar unidos como um corpo completo para servir à causa do evangelho, o ministério de piedade, e de adoração a Deus. Ele não faz acepção de pessoas. Assim não podemos assumir uma atitude de superioridade na igreja por ser inteligentes, ser ilustrados, viver em boas casas, no vestir, pelo sotaque, ser aleijados, pelas riquezas ou pela família de onde vamos. Qualquer destas tendências pecaminosas devem morrer na cruz de Cristo.

Como Morrer ao Pecado Congênito

Como cristãos que desejam viver para o Senhor, como poderemos lutar com o pecado inato que continua nos importunando?

Primeiro devemos reconhecer o que é pecado. Antes de nos converter ao Cristianismo não nos dávamos conta que muitas das coisas que pensávamos, dizíamos, e as que fazíamos ou que não eram pecados. Através da Palavra de Deus o Espírito Santo traz para nossos corações a convicção a respeito dos requisitos da lei de Deus. Então nos damos conta de nosso próprio pecado.

A Bíblia nos dá uma lista numerosa de pecados. A lista de Paulo aos Gálatas 5:19–21 e aos Coríntios em 3:5, 8, 11.

Segundo, reconhecer o que o pecado significa uma vez que haja o trazido à luz da presença de Deus. Deus é um Deus santo que não tolera o pecado. Deus mesmo se deve separar dele. De modo que ao nos salvar ele nos faz Santos para que possamos vir a sua presença. Deus nos ordenou “sede Santos; porque sem santidade ninguém pode ver o Senhor” (Hebreus 12:14). Não podemos ter associação com Deus se continuarmos em pecado.

Note como Deus responde àqueles que continuam em seu pecado: “como já lhes tenho dito antes, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus” (Gál. 5:19).

“Coisas pelas quais a ira de Deus vem sobre os filhos de desobediência” (Col. 3:6).

“Porque a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que detêm com injustiça a verdade” (Rom. 1:18).

Terceiro, recordar a vergonha de nosso pecado no passado. “Nos quais vós também andaram em outro tempo quando viviam nelas” (Col. 3:7). Notem o contraste do que vocês eram antes e o que agora são andando na vida renovada. “Mas que fruto tinham daquelas coisas das quais agora lhes envergonham? Porque o fim delas é a morte!” (Rom. 6:21). Damos-nos conta que no momento em que damos rédea solta ao pecado parece bom, mais agora vemos que não conseguimos nenhum benefício dele. De fato, isso nos leva a separação eterna de Deus.

Quarto, recordar que agora estamos unidos com Cristo. Morremos para a vida antiga de pecado com a morte de Cristo e agora erguidos pela renovação da vida em sua ressurreição. Já não somos a pessoa que antes fomos. Ver (Col. 3:1–4, 9, 10)

Quinto, nos aproximemos do Senhor em oração, pedindo que ele desenvolva em nós em medida abundante o fruto do Espírito. A lista os frutos do Espírito foram jogado aos cristãos do Gálatas. “Mas o fruto do Espírito é amor, gozo, paz, paciência, benignidade, bondade, fé mansidão, moderação, contra tais coisas não há lei” (Gal. 5:22,23). Em Colossenses Paulo acrescenta também “compaixão, humildade, perdão mútuo, gratidão e cantando com graça em seus corações ao Senhor. E tudo o que façam, façam no nome do Senhor” (Col. 3:12–17).

De modo que o trabalho de nossa santificação é a obra de Deus em nossa vida, e por isso devemos procurá-la e lutar por ela. Assim devemos renunciar a nossa natureza pecaminosa diariamente; reconhecer que agora estamos em Cristo Jesus, e unimos a ele; e procurar que a graça do Senhor Jesus Cristo aumente em nossos corações através dessa graça que produz o fruto do Espírito. “... Porque se viverem conforme à carne, morrerão; mais se pelo Espírito fazem morrer as obras da carne, viverão” (Rom. 8:13). Deus nos deu os meios para obter isso; o estudo Bíblico, a oração, a fraternidade e o atestar. Também entre os recursos de graça que Deus nos deu para aumentar nossa santidade por meio do culto é participar dos sacramentos do batismo e a ceia do Senhor. O batismo nos inicia na graça pela qual perduramos por meio do selo e símbolo. A Última Ceia nos recorda a morte de Cristo por nossos pecados e o perdão que recebemos por fé em seu sacrifício por nós. Ao nos aproximar com frequência à Mesa do Senhor confessamos nossos pecados e procuramos como podemos viver por Ele quem deu sua vida para nos fazer justos. Nos

concentrando no significado dos elementos da Comunhão e o escutar a Palavra do Evangelho, a graça de Deus é subministrada a nossos corações para aumentar nossa fé e santificação. Queira Deus que sejamos achados fiéis para que usemos com frequência esses meios de graça e possamos crescer em nossa própria santificação. Desejamos ser achados sem mancha logo que venha nosso Senhor.

Bênção: “E o mesmo Deus de paz lhes santifique por completo; e todo seu ser, espírito, alma e corpo seja guardado irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que lhes chama, o qual também o fará (1 Lhes. 5:23).

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Como se chama o processo que Deus inicia no recém convertido, e que dura toda a vida?
2. Por meio do que se dá esse crescimento?
3. O que é a santificação?
4. Quem é o autor da santificação e como o faz?
5. É indispensável, ou existem crentes em quem não se percebe?
6. Quais são as duas etapas da santificação?
7. Pode-se chegar ao estado de perfeição nesta vida? Explique.
8. Explique a expressão “Mortos para o pecado”
9. Qual é a batalha que o crente sempre tem?
10. Explique “negue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga”
11. Como se lutou no mundo, e ainda a igreja, para vencer o pecado? Por que é um fracasso?
12. Como ensina a Bíblia a lutar contra o pecado?
13. Que áreas do pecado devemos tratar, como faz Deus em nós?
14. Como lutar com o pecado congênito, com essa inclinação pecaminosa que herdamos?

APÊNDICE

O HOMEM REDIMIDO

FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ

James MONTGOMERY BOICE

A Criação do Homem

EXISTEM TRÊS RAZÕES PELAS QUAIS SE DEVE CONSIDERAR A criação do homem quando estudamos o conhecimento de Deus: uma razão geral, uma razão específica, e uma razão teológica. A razão geral é que a criação em sua totalidade nos revela algo sobre o Criador, de maneira que, como vimos no Capítulo dois, embora o homem ou a mulher não adorem e sirvam a Deus, o que a natureza nos revela sobre Deus aflora para confundir e condenar a essa pessoa. A razão específica é que o homem, como uma parte singular dessa criação foi criado a imagem de Deus, de acordo com o testemunho bíblico. A humanidade nos revela aspectos sobre o ser divino que não podemos apreciar em nenhuma outra parte da ordem criada, mas que devem ser considerados se tivermos que entender a Deus. A razão teológica é que como não é possível ter um conhecimento genuíno sobre Deus se este conhecimento não vem acompanhado de um correspondente conhecimento sobre nós mesmos, devemos ao menos conhecermos nós mesmos — criados a imagem de Deus, cansados, e entretanto redimidos — se é que temos que conhecer verdadeiramente e reverenciar a nosso Criador.

O lugar para começar o estudo da criação de Deus é com a humanidade em geral, porque os homens e as mulheres são a parte mais importante da criação. Dizer que a humanidade é a parte mais importante da criação pode parecer uma afirmação provinciana ou chauvinista (em outras palavras, se fôssemos peixes, obviamente diríamos que os peixes são o mais importante).

Mas, em realidade, os homens e as mulheres são, e eles sentem que o são, formas superiores ao resto da criação. Por um lado, eles governam sobre a criação e não pela força bruta tampouco, já que há muitos animais que são muito mais fortes. Em realidade governam pelo poder de suas mentes e sua personalidade. Por outro lado, os homens e as mulheres tem "consciência de Deus", algo que os animais não tem. Esta consciência de Deus provoca a culpabilidade que as pessoas sentem sob o olhar de Deus quando se negam a adorá-lo. Nenhum animal é culpado de um pecado moral ou espiritual. E além disso, esta consciência de Deus é também nossa glória, já que não há nenhuma outra

criatura que possa "glorificar a Deus, e regozijar-se com ele para sempre" no mesmo sentido que os seres humanos.

A Bíblia enfatiza nossa posição superior para o final do primeiro relato da criação. "Então disse Deus: Façamos ao homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e senhoreie nos peixes do mar, nas aves dos céus, nas bestas, em toda a terra, e em todo animal que se arrasta sobre a terra. E criou Deus ao homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; varão e fêmea os criou" (Gn. 1:26-27).

Nestes versículos, nossa singularidade e nossa superioridade sobre o resto da criação estão expressas de três maneiras. Primeiro, nos diz que fomos feitos "a imagem de Deus", algo que não se diz nem dos objetos, nem dos animais. Segundo, nos dá o domínio sobre os peixes, as aves, os animais, e até mesmo sobre a terra. Terceiro, a palavra criou se repete três vezes. Esta mesma palavra se usa só em outras três oportunidades no relato da criação: primeiro, quando Deus criou a matéria a partir de um nada (vs. 1); segundo, quando Deus criou a vida consciente (vs. 2); e terceiro, quando Deus criou à humanidade (vs. 27). A progressão é do corpo (ou a matéria) à alma (ou a personalidade) e ao espírito (ou a vida com consciência de Deus). Portanto, a humanidade descansa sobre o topo da criação. Como escreve Francis Schaeffer, ao repetir a palavra criou "é como se Deus pusesse signos de exclamação para indicar que há algo especial na criação do homem".

A imagem de Deus

Estudemos agora com maior detalhe o que significa ter sido criados a imagem de Deus. Uma das coisas que significa é que as mulheres e os homens compartilham esses atributos da personalidade que Deus mesmo possui, mas que os animais, as plantas e a matéria não possuem. Para ter personalidade é necessário possuir conhecimento, sentimentos (incluindo o sentimento religioso), e vontade. Deus tem uma personalidade, e nós também. Dizer que os animais tem algo similar à personalidade humana é só significativo até certa medida. A personalidade, no sentido que a estamos definindo aqui, é algo que relaciona a idade, nem a Deus, com o resto da criação.

Outro segundo elemento implícito ao ter sido criados a imagem de Deus é a moral. A moral inclui, além disso, dois elementos adicionais: a liberdade e a responsabilidade. Para ser exatos, os homens e as mulheres não possuem uma liberdade absoluta. Já no começo, o primeiro homem, Adão, e a primeira mulher, Eva, não eram autônomos. Eram criaturas e eram responsáveis por reconhecer sua estado na obediência. Depois da Queda, essa liberdade foi ainda mais restringida, de modo que como o expressou Agostinho, o original *posse non peccare* ("possibilidade de não pecar") converteu-se em *non posse non peccare* ("impossibilidade de não pecar"). Mas ainda existe uma liberdade limitada para as mulheres e os homens apesar de seu estado cansado, uma liberdade que suporta uma responsabilidade moral. Em resumidas contas, não precisamos pecar sempre, como o fazemos, ou como tão frequentemente o fazemos. E mesmo que pecarmos sob obrigação (como pode ser o caso), sabemos que está errado — e inadvertidamente confessamos

assim nossa semelhança (embora hajamos caído) com Deus na área da moral, semelhança que também se dá em outras áreas.

O terceiro elemento presente por ter sido criados a imagem de Deus é a espiritualidade. A humanidade existe para estar em comunhão com Deus que é Espírito (Jo. 4:24). Esta comunhão deveria ser eterna, como Deus é eterno.

Aqui, poderíamos dizer que embora tenhamos corpos físicos, como as plantas e os animais, somente os seres humanos possuem espíritos. E é só neste nível do espírito que podemos tomar consciência de Deus e estar em comunhão com ele.

Existe uma polêmica entre os que acreditam em uma construção tripartida de nosso ser e os que acreditam que é possível considerar adequadamente ao homem em dois níveis unicamente. Esta polêmica não tem que nos concernir. Todas as partes nesta polêmica reconhecem que o ser humano consiste pelo menos de uma parte física que morre e que precisa ser ressuscitada, e de uma parte imaterial que vive além da morte, a parte propriamente chamada pessoa.

A única questão é se podem diferenciar-se duas partes na parte imaterial, uma parte que os homens e as mulheres compartilhariam com os animais —a personalidade em um sentido limitado— e o espírito, que os vincularia com Deus.

Neste ponto, a informação linguística deveria ser determinante, embora não é tão clara como seria de desejar. Em ocasiões, em particular nas primeiras partes do Antigo Testamento, tanto alma (*nephesh*) como espírito (*ruach*) são usados indistintamente, o que introduziu certa confusão. Entretanto, com o transcurso do tempo, *ruach* começou a designar o elemento pelo qual os homens e as mulheres se relacionam com Deus, diferenciando o de *nephesh*, que significa então simplesmente o princípio vital. De acordo com esta distinção, usa-se "alma" e não "espírito" com referência aos animais. De igual modo, nos diz que os profetas, que ouviram a voz de Deus e estiveram em comunhão com ele em um sentido especial, foram animados pelo "espírito" de Deus (mas não se menciona o "alma"). No Novo Testamento, a informação linguística é similar. É assim enquanto alma (*psyche*) e espírito (*pneuma*) são às vezes usadas indistintamente, como no Antigo Testamento, *pneuma* entretanto serve para expressar essa capacidade especial de relação com Deus, que é a glória de uma pessoa redimida, em contraposição com *psyche* que até os que não foram salvos possuem (1 Co. 2:9-16). É possível, embora não está totalmente determinado, que nos escritos paulinos o espírito do homem e a mulher se consideram perdidos ou mortos como resultado da Queda, e que só é restaurado naqueles que foram regenerados.

Entretanto, não devemos perder de vista o seguinte. Quer falemos de duas ou de três partes que compõem o ser do homem, um indivíduo é uma unidade. Sua salvação consiste na redenção de todo seu ser, não só de sua alma ou de seu espírito, do mesmo modo que (estabelecendo um paralelismo em sentido oposto) cada parte é afetada pelo pecado.

Nesta área as palavras usadas em cada caso em particular são menos importantes que as verdades que transmitem. Até aqueles que mais insistem sobre a unidade do homem acreditam que o homem é mais que só matéria. Ou, se se aderirem a um esquema de duas

partes, reconhecem, entretanto, que o homem possui algo que serve para diferenciar o dos animais. E isto é tudo o que implica a diferença entre espírito e alma no esquema de três partes. Espírito, alma e corpo são simplesmente termos úteis para falar do que realmente significa ser um ser humano.

O corpo, então, é a parte visível da pessoa, a parte que tem vida física. A primeira vista, pareceria que é esta parte a que nos diferencia de Deus, e neste sentido é assim. Temos um corpo; Deus não tem um corpo. Mas se continuarmos nossa consideração do tema, esta diferença não resulta tão óbvia como parecia ser em um primeiro momento. Como explicar a Encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo, por exemplo? Ou também, o que foi o primeiro na mente de Deus, o corpo de Cristo ou o corpo de Adão? Cristo se fez como nós pela Encarnação, ou nos convertemos como ele por meio de um ato criativo de Deus? Calvino, que brevemente considera este tema em sua Instituta, não acredita que Adão tenha sido modelado de acordo com o padrão do Messias que tinha que vir. Calvino não aceita a ideia de que Cristo tivesse vindo se Adão não tivesse pecado. Mas estas duas ideias não são necessariamente contraditórias. Poderia se especular que quando Deus caminhava no jardim com o Adão e Eva antes da Queda, o fazia como a segunda pessoa da Trindade, em uma forma preencarnada mas, de todos os modos, corporal.

O que importa desta discussão é que nossos corpos são de grande valor e deveriam ser honrados pela maneira como os tratamos. Como homens e mulheres redimidos, deveríamos considerar nossos corpos como "templos" de Deus (1Co.6:19).

A alma é a parte do homem que chamamos sua "personalidade". Tampouco é um tema fácil de tratar. É evidente que a alma está relacionada com o corpo através do cérebro, e constitui uma parte do corpo. É difícil, além disso, pensar na alma desligada das propriedades que associamos com o espírito.

Entretanto, em termos gerais, a alma se refere pelo menos a isso que faz dos indivíduos um indivíduo único, singular. Poderíamos dizer que a alma se concentra na mente e que inclui tudo o que nós gostamos e o que nós não gostamos, nossas habilidades especiais e nossas debilidades, nossas emoções, nossas aspirações e todo o resto que diferencia ao indivíduo de outros membros de sua espécie. Porque temos alma é que podemos ter comunhão, amor e comunicação entre uns e outros.

Mas não só temos comunhão, amor e comunicação com os membros de nossa espécie.

Também amamos e temos comunhão com Deus, para o qual necessitamos um espírito. O espírito é, portanto, a parte da natureza humana que entra em comunhão com Deus e participa de certa medida da essência mesma de Deus. Em nenhum lugar nos diz que Deus seja corpo ou alma, embora pode possuir cada um destes aspectos em algum de quão sentidos acabamos de mencionar. Mas Deus está definido como espírito. "Deus é espírito", disse Jesus, portanto, "os que o adoram, é necessário que o adorem em espírito e em verdade" (Jo. 4:24). Como o homem é espírito (ou chega a possuir um espírito por meio de um novo nascimento) pode ter comunhão com Deus e amá-lo.

É aqui onde reside todo nosso valor. Fomos feitos à imagem de Deus, e portanto somos valiosos para Deus e para outros. Deus ama aos homens e às mulheres, mais que aos animais, as plantas e o resto da matéria inanimada. Mais ainda, tem sentimentos para o homem e a mulher, identifica-se com eles em Cristo, sofre por eles e intervém na história para fazer de nós o que ele se propôs que sejamos. Podemos ter uma ideia da natureza especial desta relação quando recordamos como a mulher, Eva, de maneira similar, foi feita a imagem do homem, embora diferente. Adão pôde observar-se nela e amá-la como sua companheira e o membro correspondente no universo. Não é um equívoco dizer que os homens e as mulheres são para Deus algo similar ao que a mulher é para o homem. São os companheiros valiosos e únicos de Deus. Como prova desta ideia podemos recordar o ensino do Novo Testamento com respeito a Cristo como o noivo e a igreja como sua esposa.

Agentes morais

Outra parte de ter sido feitos a imagem de Deus é que somos agentes morais responsáveis dentro do universo divino. A responsabilidade moral está implícita nos atributos de nosso ser (o conhecimento, os sentimentos, a vontade, e a consciência de Deus) e na prova posterior de obediência a Deus (Gn. 2:16-17). Este conceito já está presente no relato da criação. No mesmo versículo que nos fala sobre a decisão de Deus de fazer o homem à sua imagem, também nos diz que ele tem que dominar sobre "os peixes do mar, as aves dos céus, as bestas, em toda a terra, e sobre todo animal que se arrasta sobre a terra" (Gn. 1:26). Qualquer classe de domínio, mas este domínio por seu alcance em particular, envolve a habilidade de atuar com responsabilidade.

Na atualidade no mundo ocidental há uma forte tendência a negar a responsabilidade moral humana sobre a base de alguma classe de determinismo.

Dita possibilidade não é aceitável na Bíblia. Hoje em dia, o determinismo toma uma das seguintes duas formas. Pode assumir a forma de um determinismo físico e mecânico ("os seres humanos são o produto de seus genes e da química orgânica") ou a forma de um determinismo psicológico ("os seres humanos são o produto do meio ambiente e de sua história passada"). Em ambos os casos, o indivíduo está livre de responsabilidade por seus atos. É assim como vimos transcender um período em que a conduta criminal a concebia como uma enfermidade, e ao criminoso o considerava mais uma vítima do entorno que um vitimizador. (Nos últimos tempos, existe uma tendência para reverter o tema.) Atos menos chamativos mas igualmente censuráveis moralmente ainda são desculpados com afirmações deste teor: "Suponho que não pôde fazer outra coisa". O ponto de vista bíblico não poderia ser mais contrário a isto Schaeffer aponta que "como Deus fez o homem à sua imagem não está preso nas rodas do determinismo. Pelo contrário, o homem é tão grande que pode influenciar a história para si e para outros, para esta vida e para a vida futura".

Temos caído, mas até em nosso estado como caídos somos responsáveis. Podemos fazer grandes coisas, ou podemos fazer coisas terríveis, coisas pelas quais algum dia deveremos prestar contas à Deus.

Existem quatro áreas nas quais deveríamos exercer nossa responsabilidade. Primeiro, deveríamos exercê-la diante Deus. Deus é o Ser que criou o homem e a mulher e lhes deu o domínio sobre toda a criação. Como consequência, eles são responsáveis diante de Deus pelo que fazem com a criação. Quando o homem peca, como o relato de Gênesis nos mostra que peca, é Deus quem deve solicitar um ajuste de contas: "Onde está você?... Quem te ensinou que estava nu?... O que é o que tem feito?" (Gn. 3:9,11,13). Nos milhares de anos que transcorreram desde o Éden, há muitos que se convenceram que não são responsáveis diante de ninguém. Mas o testemunho das Escrituras é que este âmbito de responsabilidade ainda está vigente e que todos terão que responder ante Deus no julgamento, diante do grande trono branco, "...e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras" (Ap. 20:12).

Segundo, somos responsáveis por nossos atos diante das demais pessoas.

Este é o motivo das afirmações bíblicas que instituem a pena capital como resposta aos assassinatos, por exemplo: "quem derramar sangue de homem, pelo homem seu sangue será derramado" (Gn. 9:6). Estes versículos não se encontram na Bíblia como relíquias de uma era mais Bárbara ou porque da perspectiva bíblica as pessoas não são valiosas. Pelo contrário, o motivo é que as pessoas são muito valiosas para serem destruídas caprichosamente, e portanto se reservam as penas mais duras para quem comete sorte destruição.

Tiago 3:9-10 pode ser também trazido com este aspecto, já que proíbe o uso da língua para amaldiçoar a outros, pela singela razão que os outros também foram feitos a imagem de Deus. "Com ela benzemos ao Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos aos homens, que estão feitos à semelhança de Deus. De uma mesma boca procedem bênção e maldição. Meus irmãos, isto não deve ser assim". Nestas passagens se os assassinatos e as maldições sobre a base que a outra pessoa (até depois da Queda) retém algo da imagem de Deus e portanto deveria ser valorizada por nós, do mesmo modo que Deus também a valoriza.

Terceiro, temos uma responsabilidade diante da natureza (que discutiremos com mais detalhe no seguinte capítulo). É necessário ver que a maneira como nos comportamos diante da natureza, se a cultivamos e a desenvolvemos, ou se a utilizamos e a destruímos, tem uma dimensão moral. Tampouco Deus é indiferente a este tema. Podemos apreciar a importância desta responsabilidade se considerarmos a maneira como Deus mesmo fala sobre a natureza, assinalando que "a criação foi sujeita a vaidade" por causa do pecado do homem, mas que será "libertada da escravidão de corrupção à liberdade gloriosa dos filhos de Deus" (Rom.)

A quarta área onde deveríamos exercer nossa responsabilidade é ante cada um de nós mesmos. A Bíblia descreve o homem e a mulher, nos dizendo que foram feitos "pouco menor que os anjos" (Sal. 8:5); o que quer dizer que fomos colocados entre os seres mais superiores e os mais inferiores, entre os anjos e as bestas. O que é significativo é que se diga que fomos colocados um pouco por debaixo dos anjos, em lugar de dizer que fomos colocados um pouco por cima das bestas. Nosso lugar e nosso privilégio é ser uma figura intermediária, mas uma figura que olhe para cima e não para baixo. Quando rompemos

essa ligadura que ata a Deus e tratamos de despojamos do governo de Deus, não nos elevamos para ocupar o lugar de Deus, como é nosso desejo, mas sim nos afundamos ao nível das bestas. Chegamos a nos considerar como bestas ("o macaco nu") ou, o que é inclusive pior, como máquinas.

Pelo contrário, o homem ou a mulher redimidos (em quem se restabeleceu o vínculo com Deus) podem olhar para cima e exercer plena responsabilidade com respeito a si mesmos em cada nível de seu ser. Todos temos um corpo, e devemos usá-lo como o que em realidade é, "o templo do espírito de Deus".

Não devemos deixar que seja corrompido pela ociosidade física, a gulodice, por drogas que produzam dependência, pelo álcool, nem por nenhuma outra prática que debilite nosso físico. Todos temos uma alma, e devemos usá-la plenamente — permitindo que nossa mente e nossa personalidade se desenvolvam enquanto Deus nos abençoa e nos instrui—. Todos temos um espírito, que devemos exercitar na adoração e o serviço do Deus verdadeiro.

Os cristãos em particular devem usar e desenvolver suas mentes. Hoje em dia existe uma forte tendência para um cristianismo anti-intelectual ou que prescinde da mente, como assinala John R. W. Stott em seu livro *Your Mind Matters*. Este anti intelectualismo é desafortunado, já que Deus nos fala principalmente pela mente (ao ler sua Palavra e meditar nela); a mente nos permite crescer em sua graça ("pela renovação de seu entendimento" Rom. 12:2), e nos permite ganhar em outros (apresentando uma "defesa" de nossa esperança cristã, 1P.3:15).

Este ânimo anti intelectualista (cultivado em alguns grupos cristãos)... não é a verdadeira piedade a não ser parte da moda do mundo, e portanto, é uma forma de mundanidade. Denegrir a mente é minar as doutrinas cristãs institucionais. Se Deus nos criou como seres racionais, negaremos a humanidade que nos concedeu? Se Deus nos falou, seremos surdos às suas palavras? Se Deus tiver renovado nossa mente por meio de Cristo, por que não a utilizaremos para pensar? Acaso Deus não nos tem que julgar por sua Palavra? por que não temos que ser sábios e edificar nossa casa sobre a rocha?

Evidentemente, os cristãos deveriam permitir que Deus nos desenvolva intelectualmente ao máximo, para que sejamos conhecidos como homens e mulheres que pensam. Como Stott demonstra a seguir, se não respeitarmos a mente não há verdadeira adoração, nem fé, nem santidade, nem guia, nem evangelismo, nem ministério cristão.

Uma imagem feita pedacinhos

Neste capítulo consideramos ao homem como Deus o criou e como foi sua intenção que o homem fora — quer dizer, antes da Queda —, ou como eventualmente será em Cristo. Entretanto, não seria correto ignorar o fato que, embora os homens e as mulheres tenham sido feitos a imagem de Deus, essa imagem foi, entretanto, empanada e feita pedacinhos como resultado de seu pecado. É certo, ainda ficam vestígios da imagem. Mas hoje não somos o que Deus quis que fôssemos. Somos seres caídos e os efeitos da Queda podem ver-se em cada um dos níveis de nosso ser: o corpo, a alma e o espírito.

Quando Deus pôs Adão e Eva diante da prova da árvore proibida, que devia servir como uma medida de sua obediência e responsabilidade para Aquele que os tinha criado, Deus disse: "De toda árvore do jardim poderá comer; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá; porque no dia em que dela comer, certamente morrerá" (Gn. 2:16-17). Adão e Eva comeram da árvore proibida, e morreram. Seus espíritos, essa parte que podia estabelecer uma comunhão com Deus, morreu instantaneamente. Sua morte espiritual é óbvia do fato de que fugiram de Deus quando Deus veio a eles no jardim. Os homens e as mulheres estiveram fugindo e escondendo-se desde então. Além disso, também começou a morrer a alma, o assento do intelecto, os sentimentos e a identidade. É assim como os homens e as mulheres começaram a perder o sentido de sua própria identidade, a dar rédea solta aos maus sentimentos e a sofrer a decomposição de seu intelecto. Ao descrever este tipo de decomposição, Paulo nos diz que, tendo rejeitado a Deus, as pessoas indevidamente "envaideceram-se em seus raciocínios, e seu néscio coração foi entrevado. Professando ser sábios, fizeram-se néscios, e trocaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem de homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis" (Rom. 1:21-23). Eventualmente, o corpo também morre. Assim está escrito: "Pó é, e ao pó voltará" (Gn. 3:19).

Donaid Grei Barnhouse comparou este resultado com um edifício de três andares que foi bombardeado durante a guerra e severamente prejudicado. A bomba destruiu todo o último piso. O escombros se acumulou sobre o segundo piso, danificando a este. O peso dos dois andares derrubados mais a detonação produziram rachaduras nas paredes do primeiro andar, o qual, cedo ou tarde, deverá ser derrubado. Isto foi o que aconteceu com o Adão. Seu corpo era a habitação da alma, e o espírito estava por cima desta habitação.

Quando caiu, o espírito foi totalmente destruído, a alma se arruinou e o corpo ficou destinado ao desmoronamento e à ruína subsequente. Entretanto, é precisamente aqui onde podemos apreciar a glória e a plenitude do evangelho cristão. Porque quando Deus salva a um indivíduo, salva a toda a pessoa, começando pelo espírito, continuando com a alma e terminando com o corpo. A salvação do espírito está em primeiro lugar; Deus estabelece contato com a pessoa que se rebelou contra ele. Isto é o que se chama a regeneração ou o novo nascimento. Continuando, Deus começa sua obra com a alma, renovando-a para que se assemelhe à imagem do homem perfeito, o Senhor Jesus Cristo. Esta obra se conhece como a santificação. Por último, terá lugar a ressurreição, onde até o mesmo corpo será redimido da destruição.

Mas além disso, como assinala Paulo em 2 Coríntios 5:17, Deus faz da pessoa redimida uma nova criatura. Não se trata somente de pôr remendos ao espírito velho, à alma velha e ao corpo velho; como se fora possível reparar a casa, em processo de desmoronamento, escorando-a por aqui e por lá e lhe dando uma mão de pintura. O que Ele faz é criar um novo espírito, uma nova alma (conhecida como o homem novo) e um novo corpo. Este corpo é da mesma ordem que o corpo ressuscitado de nosso Senhor Jesus Cristo. Hoje fomos salvos como cristãos, mas também estamos em processo de salvação, o que implica que o presente também é importante. E, além disso, mantemos nosso olhar para o futuro, porque só na ressurreição futura se completará a redenção começada nesta

vida e poderemos erguemos aperfeiçoados diante da presença de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Quais são as três razões para estudar a criação do homem quando estudamos o conhecimento de Deus? Explique.
2. De que três maneiras expressa a Bíblia que somos os homens superiores na criação? Explique.
3. Quais atributos compreendem ter sido feitos “a imagem de Deus”? Explique.
4. Qual poderia ser a confusão no uso das palavras alma e espírito e qual é a distinção que devemos ter em conta? Explique.
5. Ao falar das duas partes do homem, em que devemos ser cuidadosos? Por que?
6. O que é o corpo, como devemos tratá-lo? Explique.
7. O que é a alma? Explique.
8. O que significa que somos agentes morais? Explique.
9. Quais são as 4 áreas em que exercemos nossa responsabilidade? Explique.
10. É o crente alguém anti-intelectual? por que?
11. Descreva os efeitos da queda.
12. Descreva agora os efeitos da salvação de Deus

A NATUREZA

O ESTUDO DA NATUREZA HUMANA NÃO É SUFICIENTE para aprender tudo sobre Deus na criação, porque a humanidade não constitui toda a ordem criada. Tão pouco teria por que motivo estar em primeiro lugar, exceto em importância. Em realidade, o homem e a mulher ocuparam o último lugar na criação de Deus, sendo feitos no sexto dia. Quando o homem e a mulher foram criados já Deus tinha estabelecido um universo formoso e variado para recebê-los. Deveríamos concluir que a natureza será estudada pelo simples fato de que existe, existiu em primeiro termo, e constitui nosso entorno, do qual não podemos fugir.

Mas há também outros motivos mais importantes. Por um lado, a natureza por si só também revela a Deus. Trata-se de uma revelação restringida, como assinalamos várias vezes com antecedência. Mas, de todos os modos, trata-se de uma revelação, e é uma revelação mais completa para os que foram redimidos. Este pensamento constitui a base do salmo dezenove. "Os céus manifestam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos" (vs. 1). Além disso, os homens e as mulheres não só estão na natureza no sentido que a natureza constitui seu entorno. Estão relacionados com a natureza no sentido que também são finitos e criados. Embora é certo que existe uma diferença entre a humanidade e o resto da natureza. Só os homens e as mulheres foram criados a imagem de Deus. Mas os propósitos de Deus em um nível humano só ocorrerão plenamente quando também incluirmos neste panorama os propósitos de Deus na natureza.

A origem do universo

A grande interrogação com respeito à natureza é a seguinte: de onde surgiu o universo? Existe algo aí - algo imenso, intrincado e ordenado. Estava aí antes que nós fôssemos. É impossível imaginar nossa existência sem esse algo. Mas como chegou a estar ali? E como chegou a ser como nós o percebemos?

Como com todas as grandes interrogações, só umas poucas respostas são possíveis. O primeiro ponto de vista considera que o universo não tem nenhuma origem. Quer dizer, o universo não tem nenhuma origem porque de algum jeito o universo sempre existiu; a matéria sempre existiu. O segundo considera que tudo proveio de algo pessoal e que esse algo pessoal é bom (o que corresponde com o ponto de vista cristão). O terceiro considera que tudo proveio de algo pessoal e que esse algo pessoal era mau. E o quarto considera que sempre houve e sempre haverá um dualismo. Este último ponto de vista pode assumir distintas modalidades, que dependerão de se se estiver considerando um dualismo pessoal e impessoal, ou um moral e amoral; mas sempre estarão relacionados.

Existe a possibilidade de reduzir o número destas perspectivas. Não teria muito sentido considerar o terceiro ponto de vista, que lhe outorga ao universo uma origem pessoal mas maligno, ainda que seja uma possibilidade filosófica, ninguém a sustenta. Embora é possível pensar que o mal é uma corrupção do bem, não é possível pensar no bem como surto do mal. O mal pode ser a má utilização de habilidades ou propriedades boas, mas não é possível que surja o bem unicamente a partir da existência do mal.

O quarto ponto de vista tampouco é muito satisfatório, embora suas deficiências não são tão aparentes. A crença em um dualismo sempre foi muito popular e perdurou por compridos períodos históricos, mas não suporta uma análise detalhada; já que uma vez que se proposto um dualismo, o seguinte passo é ir mais atrás para encontrar algum tipo de unidade que inclua esse dualismo. Ou se escolhe uma das partes deste dualismo e a faz mais proeminente que a outra, mas em dito caso o que se estaria fazendo seria assumir o segundo ou o terceiro ponto de vista.

C. S. Lewis mostrou onde está a armadilha neste sistema. De acordo ao ponto de vista dualista, supõe-se que os dois poderes (espíritos ou deuses), o bem e o mal, são eternos e

independentes. Nenhum é responsável ante o outro e ambos tem igual direito a chamar-se Deus. Possivelmente, ambos criam que são o bem e o outro é o mal. Mas o que significa exatamente dizer que um poder é o bem e o outro é o mal? É só uma maneira de expressar que preferimos um deles e não o outro? Se isto for tudo o que significa, então não tem sentido falar seriamente do bem e do mal. E se tomarmos este caminho, a dimensão moral do universo se desvanece completamente, e só fica a matéria operando de distintas maneiras. Não é possível sustentar este último e aderir-se ainda a uma noção dualista.

Se, pelo contrário, o que quer significar é que um poder realmente é o bem e o outro realmente é o mal, estamos introduzindo um terceiro elemento no universo, "uma lei ou um padrão ou uma regra do que é o bem, uma norma a que um dos poderes se conforma e a que o outro poder não se conforma". E este padrão, mais que nenhum dos outros dois, resultará ser Deus. Lewis conclui dizendo: "Como ambos os poderes são julgados por este padrão, então este padrão, ou o Ser que criou este padrão, está antes e acima de ambos os poderes, e será o verdadeiro Deus. Em realidade, o que significa chamar um o bem e ao outro o mal é que um deles tem uma relação correta com o Deus real e o outro tem uma relação incorreta com ele."

Novamente, podemos dizer que para que o poder do mal seja maligno deve possuir os atributos de inteligência e vontade. Mas como estes atributos são em si mesmos bons, deve estar obtendo-os a partir do poder do bem e portanto depende deste poder.

Não é possível explicar a realidade tal como a conhecemos partindo de uma origem maligna do universo, do qual surgiu o bem, nem a partir de um dualismo.

Portanto, a única alternativa é entre o ponto de vista que argumenta a eternidade da matéria e o ponto de vista que considera que tudo existe pela vontade de um Deus eterno, pessoal e moral.

A filosofia predominante na civilização ocidental moderna adere ao primeiro ponto de vista. Este ponto de vista não nega que exista algo semelhante à personalidade no mundo atual, mas o concebe como surto de uma substância impessoal. Não nega a complexidade do universo, mas supõe que essa complexidade proveio de algo menos complexo, que por sua vez proveio de algo até menos complexo, até que finalmente se eleva à primitiva simplicidade, ou seja, a matéria. Supõe-se que a matéria sempre existiu - porque não há outra explicação possível. Este ponto de vista é a base filosófica da maior parte da ciência moderna e das ideias evolutivas.

Mas esta descrição sobre a origem do universo já está introduzindo problemas que a teoria mesmo aparentemente não tem forma de resolver.

Primeiro, falamos que uma forma de matéria e logo depois de forma mais complexas. Mas, de onde provém a forma? A forma implica organização, e possivelmente também propósito. Mas como pode surgir a organização e o propósito a partir da simples matéria? Alguns insistem que a organização e o propósito são inerentes à matéria, como a informação genética em um ovo ou em um espermatozoide. Mas, além de cair esta teoria em um contrassenso — já que esta matéria não é mais simplesmente matéria —, a interrogante básica segue em pé e permanece sem responder, porque o problema agora é

responder a como surgiram a organização e o propósito. Então, cedo ou tarde, chegamos a um determinado nível onde devemos encontrar uma explicação para a forma; e logo nos encontramos procurando o Formador, ao Organizador e ao Doador do Propósito.

Mas, além disso, introduzimos a ideia do pessoal; se partirmos de um universo impessoal, não há nenhuma explicação certa para o surgimento da personalidade. Francis Schaeffer escreve: "O supor um começo impessoal nunca pode explicar adequadamente a existência dos seres pessoais que vemos nosso redor, e quando os homens tentam explicar ao homem sobre a base de origens impessoais, o homem logo desaparece".

O cristianismo começa com a resposta restante. O cristianismo sustenta que o universo existe com forma e personalidade, como sabemos que existe, porque foi criado por um Deus pessoal e ordenado. Em outras palavras. Deus estava ali antes que o universo entrasse em existência, e era e é pessoal. Ele criou tudo o que conhecemos, nos incluindo a nós, e como consequência o universo naturalmente leva seu rastro.

No princípio

O que é o que encontramos quando abrimos a Bíblia nos primeiros capítulos de Gênesis? Aqui, pela primeira vez e em forma definitiva, temos o ponto expresso de vista cristão. É uma afirmação teológica, entretanto; e é importante que reconheçamos isto porque do contrário indevidamente estaremos procurando explicações científicas e poderemos equivocamos. Isto não quer dizer que o relato de Gênesis seja contrário à informação científica; o que é verdade em um campo, se realmente for verdadeiro, nunca poderá contradizer a verdade de outro campo. O que terá que ter presente é que Gênesis 1 não é uma descrição onde encontrar respostas às perguntas especificamente científicas. É uma afirmação das origens quanto a seu significado, propósito e a relação de todas as coisas com Deus.

O capítulo apresenta três pontos principais. O primeiro e o mais óbvio: ensina-nos que Deus estava no princípio de todas as coisas e que é o Ser pelo qual todas as coisas entraram em existência. O capítulo captura este ensino eloquentemente nas primeiras cinco palavras: "No princípio criou Deus...".

Desde o começo, então, nosso pensamento é dirigido à existência e a natureza de Deus.

Na língua hebraica o nome de Deus neste versículo é Elohim, uma forma plural. Que seja plural nos está sugerindo uma dimensão plural de seu ser. No Capítulo dez expomos como esta e outra evidência bíblica nos está demonstrando que os três membros da Trindade estavam presentes no princípio, tendo existido antes que nada. Portanto, os elementos que acostumamos associar com a Trindade —o amor, a personalidade, e a comunicação também são eternos e tem valor. Esta é a resposta cristã ao temor humano de perder-se em um universo impessoal e sem amor.

O segundo ponto principal de Gênesis 1 é que a criação se desenvolveu de acordo com a manifestação ordenada da mente e os propósitos de Deus. Quer dizer, foi uma

progressão passo a passo, marcada por uma sequência de seis dias significativos. Ao ler este relato, imediatamente vêm a nossa mente perguntas científicas que desejaríamos que tivessem resposta: pode-se comparar a sequência dos dias em Gênesis com a sequência dos assim chamados períodos geológicos? Está este relato verificado pela informação proporcionada pelos fósseis? Que duração tem os "dias" —períodos de vinte e quatro horas ou foi indefinidas—? E, possivelmente a pergunta mais importante: há lugar no relato de Gênesis para um desenvolvimento evolutivo (guiado Por Deus) ou se requer de uma intervenção divina e uma criação foto instantânea para cada caso? O capítulo não responde a nossas perguntas. Assinalamos há pouco que o relato de Gênesis é uma afirmação teológica e não científica, e é agora quando mais temos que ter isto presente. É certo que nos proporciona um terreno fértil para a especulação construtiva e em alguns pontos é bastante explícito, mas não foi escrito para responder a ditas perguntas; devemos recordar isto.

Em realidade, não há nenhuma razão bíblica substancial para rejeitar algumas formas da teoria evolutiva, sempre e quando se realizarem algumas elucidações em determinados pontos chave. Por exemplo, não há nenhuma razão para negar que uma espécie de peixes tenha evoluído de outra forma, ou que uma espécie de animal terrestre tenha evoluído de uma criatura maligna. O termo hebreu que foi traduzido como produzam, e que aparece em todo o relato da criação, permitiria tal possibilidade.

Entretanto, há três pontos significativos nos que a palavra hebreia *bara*, que se traduz para "criou", utiliza-se para assinalar a ação única de Deus para criar em um sentido especial. *Bara* geralmente significa criar a partir de um nada, o que implica que a atividade descrita é uma prerrogativa de Deus. E, como já o assinalei no Capítulo quinze, utiliza-se em Gênesis 1 para marcar a criação da matéria, a personalidade e a consciência de Deus. O que isto está implicando é que, embora pode haver algo semelhante a um desenvolvimento evolutivo tendo lugar nos períodos separados pela palavra *bara*, não cabe esta possibilidade para estes três casos em particular. Além disso, o capítulo nos ensina que a criação não foi um desenvolvimento ao azar a não ser o resultado da orientação direta de Deus.

Devemos tomar nota que o mundo científico atual pode estar sendo testemunha dos começos de um movimento que se afasta da evolução naturalista, em particular do darwinismo, para explicar o universo. Para dar só um exemplo, a edição correspondente a fevereiro de 1976 do Harper's Magazine trazia um importante artigo do Thomas Bethell, o editor do The Washington Monthly, sob o título "O erro de Darwin". Substancialmente consistia em uma resenha de estudos recentes sobre a evolução, e seu propósito era assinalar como os cientistas estavam no processo de abandonar silenciosamente a teoria de Darwin. Por que? Segundo Bethell, a teoria de Darwin não explicava o que supostamente a evolução diz explicar: a enorme variedade de plantas, peixes, animais e outras formas de vida.

No enfoque darwiniano o elemento chave para explicar a existência da diversidade de espécies é a seleção natural. Mas quando os cientistas se apoiam nesta teoria, encontram-se com que a seleção natural só proporciona uma explicação ao feito de que alguns organismos tiveram mais descendência que outros e portanto sobreviveram, mas não

explica por que há diversos organismos (alguns dos quais sobreviveram e outros não). Bethell observa que "a natureza, portanto, não realiza nenhuma 'seleção'. A natureza tampouco 'atua' como nos diz em vários livros de biologia. Um organismo pode ser 'mais forte' ou 'mais apto' que outro do ponto de vista evolutivo, mas o único evento que determina sua aptidão é a morte (ou a infertilidade).

Isto, é obvio, não é algo que ajude a criar ao organismo, mas sim é algo que acaba com o organismo". O autor do artigo conclui: "Eu sugiro que Darwin está em processo de ser descartado, mas possivelmente em deferência ao venerável cavalheiro que descansa na Abadia do Westminster, ao lado do Sir Isaac Newton, este processo está tendo lugar discreta e silenciosamente, com o mínimo de publicidade".

O terceiro ponto do relato da criação de Gênesis é o pronunciamento moral de Deus sobre o que realizou. Aparece na frase que tanto se repete, "E viu Deus que era bom". Este pronunciamento não está se referido a um objeto ao qual pragmaticamente podemos assinalar e dizer: "Esse objeto me resulta útil".

Este pronunciamento divino sobre a bondade do resto de sua criação foi anterior a nossa existência. E isto significa que uma árvore, para dar um exemplo, não é boa porque podemos destruí-la e construir uma casa, ou porque podemos queimar sua lenha e nos esquentar. Uma árvore é boa porque Deus a criou e declarou isto como bom. É bom porque, como todo o resto que foi criado, conforma-se à natureza divina. Com respeito a esta bênção divina Schaeffer escreve o seguinte: "Não se trata de um julgamento relativo, a não ser um julgamento do Deus santo que tem um caráter e cujo caráter é a norma do universo.

Sua conclusão: Cada etapa e cada área da criação, e tudo em seu conjunto - o homem mesmo e todo seu meio ambiente, os céus e a terra - estão em conformidade comigo.

A avaliação de Deus em Gênesis 1 está confirmada pelo pacto de Deus com a raça humana e a terra nos tempos do Noé logo depois da Queda. Ali Deus diz: "Eis aqui que eu estabeleço meu pacto com vós, e com seus descendentes depois de vós; e com todo ser vivente que está com vós; aves, animais e toda besta da terra que está com vós, desde todos os que saíram do arca até todo animal da terra... Meu arco pus nas nuvens, o qual será por sinal do pacto entre mim e a terra" (Gn. 9:9-10,13).

O interesse de Deus se expressa não só pelo Noé e pelos seres humanos que lhe acompanhavam no arca, mas também pelas aves e os animais e até a terra mesma. Toda sua criação é "boa".

De maneira similar, Romanos 8 nos expressa o valor de tudo o que Deus tem feito. Sua intenção é redimir a toda a terra que foi afetada pela Queda. "Porque também a criação mesma será libertada da escravidão de corrupção, à liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme a uma, e a uma está com dores de parto até agora; e não só ela, mas também também nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, nós também gememos dentro de nós mesmos, esperando a adoção, a redenção de nosso corpo" (Rom. 8:21-23).

A resposta à natureza

O valor da criação nos faz chegar a uma conclusão natural: se Deus vê que o universo em suas partes e em seu conjunto é bom, então nós também devemos vê-lo bom. Isto não significa que nos neguemos ver como a natureza foi danificada pelo pecado. Sem dúvida os versículos de Gênesis 9 e de Romanos 8 não podem ser explicados sem tomar em consideração que a natureza sofreu como resultado da Queda da humanidade. Está danificada por, enfermidade e morte. Mas inclusive neste estado, tão danificada, tem valor, do mesmo modo que a humanidade caída também tem valor.

Portanto, devemos ser agradecidos a Deus pelo mundo que criou e lhe exaltar por havê-lo criado. Em algumas expressões do pensamento e a piedade cristãos só a alma é valiosa. Mas esta visão não é nem correta nem cristã.

Em realidade, o elevar o valor da alma e diminuir o valor do corpo e as demais coisas materiais tem uma origem pagã - a ideia grega apoiada sobre uma interpretação errônea da criação. Se Deus tivesse feito unicamente à alma (ou ao espírito), então os gregos tivessem acertado. Mas a visão cristã é que Deus criou tudo o que nos rodeia e, portanto, tudo isto é valioso e nós deveríamos apreciar o valor que sua origem lhe outorga.

Em segunda instância, devemos deleitamos na criação. O deleite está estreitamente ligado ao agradecimento, mas vai um pouco mais à frente. É um passo a mais que muitos cristãos nunca deram. Com muita frequência os cristãos observam a natureza só como uma prova clássica da existência de Deus. Em realidade, o que teriam que fazer é desfrutar do que veem. Deveríamos ser capazes de apreciar as belezas naturais. E inclusive, deveríamos nos regozijar nelas mais que os que não são cristãos, porque nos revelam ao Deus que está por trás da natureza.

Terceiro, os cristãos deveriam mostrar uma responsabilidade frente à natureza. Não deveríamos destruí-la gratuitamente a não ser procurar que se desenvolva ao máximo de seu potencial. Existe um paralelismo entre a responsabilidade dos homens e as mulheres para a criação e a responsabilidade de um homem para uma mulher no matrimônio. Em ambos os casos a responsabilidade se apoia sobre um domínio outorgado por Deus (embora ambos os domínios não são de caráter idêntico). "Maridos, amem a suas mulheres, assim como Cristo amou à igreja, e se entregou a si mesmo por ela, para santificá-la, havendo-a purificado da água pela palavra, a fim de apresentar-lhe a si mesmo, uma igreja gloriosa, que não tivesse mancha nem ruga nem coisa semelhantes, mas sim fosse Santa e sem mancha" (Ef. 5:25-27). De igual forma, os homens e as mulheres conjuntamente deveriam procurar santificar e purificar a terra para que seja mais como Deus quis que fora, antecipando assim a redenção futura.

É evidente que o universo deve ser utilizado pelas pessoas de uma maneira apropriada. Onde abundam os bosques, alguns podem ser destruídos para fazer madeira para uma casa. Mas não deveriam ser destruídos só pelo prazer de destruí-los ou porque é a maneira mais rápida de aumentar o valor do terreno. Em todas as áreas se deve estudar

cuidadosamente o valor e o propósito de cada objeto, e nosso enfoque deveria ser cristão e não simplesmente utilitário.

Por último, depois que os cristãos contemplaram a natureza e chegaram a valorizá-la, deveriam voltar-se outra vez ao Deus que a criou e a sustenta a cada momento, e deveriam aprender a confiar nele. Deus cuida da natureza, apesar de ter sido castigada por nosso pecado. Mas se cuidar da natureza, então podemos confiar em que ele também cuidará de cada um de nós. Este argumento ocorre no meio do Sermão do Monte, onde Cristo nos chama a atenção sobre o fato de como Deus cuida das aves (a vida animal) e dos lírios (a vida vegetal) e logo pergunta: "Não valeis vós muito mais que elas?... E se a erva do campo que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, Deus a veste assim, não fará muito mais a vós, homens de pouca fé?" (MT. 6:26,30).

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. por que a natureza é também importante? Explique.
2. Quais são os pontos de vista sobre a origem da criação? Explique cada um brevemente.
3. Por que a explicação dualista é perigosa, Por que é falsa biblicamente?
4. Qual é o mais popular no ocidente e Por que não é verdade? Explique.
5. Com qual começa o crenete? Por que é a verdadeira?
6. Qual é o primeiro ponto principal que ensina Gênesis 1? Explique.
7. Explique o segundo
8. Agora o terceiro
9. É o pacto com o Adão, e o pacto de redenção, somente para o homem? Explique
10. Qual é então deve ser nossa reação por isso? Por que?
11. Qual nossa responsabilidade?

A QUEDA

O TEMPLO DO APOLO NO DELFOS, ENCRAVADO SOBRE UMA MONTANHA escarpada em uma remota região da Grécia, tinha uma inscrição que resumia a sabedoria

do mundo antigo: *gnóthi seauton* ("conheça-te ti mesmo"), Estas palavras contem a opinião profundamente sentida que, como mais tarde o expressasse Alexander Pope, "o estudo devido da humanidade é o homem". Quer dizer, nossa sabedoria consiste em quão preciso e profundo seja nosso conhecimento.

Em um certo nível, o cristianismo não tem nada que argumentar contra esta análise, se se tiver em mente que o conhecimento da gente mesmo sempre suporta um conhecimento recíproco e pessoal com o Deus que nos fez. E esse conhecimento de Deus sempre envolverá o reconhecimento de nossa necessidade pessoal e da salvação que só ele traz. O que o cristianismo nega é que seja possível conhecermos nós mesmos sem tomar em consideração a Deus; em outras palavras, sem ter em conta a revelação que Deus tem feito de si mesmo a nossas mentes e consciências. É certo que podemos conhecer muito sobre o homem, entendendo como tal tanto ao varão como à mulher.

Podemos estudar nossa composição química e emocional. Podemos observar como funcionamos. Mas não podemos conhecer como é o homem em si mesmo. Não podemos determinar o que é o que temos que ser ou por que repetidas vezes ficamos certos de obter esse ideal, prescindindo de sua revelação. Por isso é que, como bem o expressou Reinhold Niebuhr, no começo do *The Nature and Destiny of Man*, "o problema mais urgente do homem sempre foi o homem".

Neste capítulo o que nos deverá concernir fundamentalmente será a perspectiva bíblica sobre a raça humana. Esta será mais compreensível se se contrapõe às duas concepções mais importantes que preponderam em nossa cultura.

Concepções sobre a humanidade

A primeira destas concepções sobre o homem é o ponto de vista dos clássicos, ou seja, o enfoque predominante no mundo greco-romano. Estas concepções do homem, embora com algumas variantes entre os distintos pensadores, tinham entretanto uma ideia subjacente: como a característica mais elevada do ser humano consiste no *nous* ou sua faculdade de raciocínio, a pessoa deverá ser entendida em primeiro lugar a partir dessa particularidade. O ser humano pensa ou raciocina; mas como, de acordo com o Platão, Aristóteles e outros pensadores gregos, é o que o diferencia do resto do mundo visível. Em Aristóteles o *nous* é algo que nos chega principalmente de fora. Em Platão, o *nous* é a característica mais elevada da alma. Mas em ambos os pensadores a razão é o elemento crucial, onde radica a singularidade das mulheres e os homens.

As consequências de ter outorgado tal valor singular à razão são bem conhecidas. Primeiro, essa ênfase tende a deificar a razão, convertendo-a no elemento divino no ser humano. A justificação para dita descansa na característica essencial da razão: sua habilidade para elevar-se por cima do que observa, para avaliar, criticar, formar, criar. Cada uma destas características pode visualizar-se como tendo um caráter "semelhante a Deus". Uma segunda consequência da supremacia clássica da razão é o dualismo resultante, onde o corpo se converte em algo mau. Se a mente for boa, a matéria é má; surgindo assim o

eterno conflito entre o espírito e a mente por um lado, e a carne e a matéria pelo outro; dando forma às expressões mais claras da arte, o teatro e a filosofia grega.

Outra vertente do pensamento grego se manifesta mais claramente nas religiões de mistério, concebe a natureza humana em termos mecanicistas ou materialistas — mas não era esta a visão predominante da antiguidade.

Há outros dois fatos que se podem apreciar na concepção clássica, como o assinala Niebuhr em sua análise. Primeiro, que existe um otimismo básico no enfoque clássico. Se a razão for boa e o homem é essencialmente razão, então o homem é essencialmente bom. Está vinculado ao divino no nível mais fundamental de sua personalidade e não há nenhum defeito possível ali.

E segundo, que existe uma estranha mas inegável nota trágica nesta concepção clássica. É assim na *Ilíada* do Homero aparece Zeus dizendo que "de entre todas as coisas que se arrastam e respiram sobre a terra, não há nada, a meu entender, mais piedoso que o homem". Ou como afirma Aristóteles que "não ter nascido é o melhor, e a morte é melhor que a vida". Este pessimismo que tudo invade está particularmente marcado nas tragédias gregas. Elas retratam ao homem como vítima das circunstâncias ou de sua própria e trágica debilidade, nenhuma das quais pode trocar. O mundo clássico não vislumbrou nenhum significado na história.

Uma variante da concepção clássica está dada por uma das concepções do homem que rivalizam na cultura moderna: o racionalismo. Em concordância com os principais pensadores gregos, os modernos expositores desta concepção põem a ênfase na supremacia da razão para diferenciarmos do resto da criação e supõem que no profundo de nosso ser somos essencialmente bons. Mas o elemento trágico, tão claramente recebido pelos gregos e os Romanos está ausente. Esta falta não significa que os modernos considerem o homem realmente melhor que acreditavam os antigos nem que o homem se tornou melhor através dos séculos, mas sim os pensadores modernos são relutantes a enfrentar-se à realidade. A teoria do Georg Friedrich Hegel sobre o suceder da história, passando pela tese, a antítese e a síntese, não dá capacidade para nenhuma detenção ou regressão por causa do pecado humano. O mesmo é certo sobre o materialismo dialético do Kari Marx e a evolução biológica do Charles Darwin. Cada uma destas teorias supõe uma progressão sem fim e inevitável. Logo depois de duas guerras mundiais e na atual situação de instabilidade internacional, existe uma enorme dificuldade para manter um otimismo ilimitado. faz-se necessário tomar em consideração as guerras, o ódio, a fome, a enfermidade e as revoltas sociais.

Entretanto, a concepção moderna predominante é que todos estes problemas seriam factíveis de resolução se a razão tivesse a oportunidade de ser utilizada em toda sua capacidade.

Só uns poucos pensadores perceptivos estão conscientes que o problema radical, desta e de todas as idades, não está sozinho nas circunstâncias ou na falta de educação a não ser na natureza mesma do ser humano. A faculdade racional é importante, como o

entenderam os gregos, mas não é nem divina, nem perfeita. E o corpo, embora caído, é como a mente de um valor inestimável.

Estes pensadores entendem que em todas as partes de nosso ser somos simplesmente menos que o que poderíamos ser.

No mundo moderno entretanto, há outra perspectiva sobre o homem que compete, e com crescente êxito, com a concepção clássica. Está relacionada com a já mencionada concepção minoritária dos antigos, refletida nas religiões de mistério e em pensadores tais como Heráclito, Pitágoras e Epicureu. Segundo esta concepção, o homem é essencialmente corpo ou matéria mais que mente ou espírito. Isto significa que o universo em sua totalidade, incluindo a nós, é mecanicista. Não existe nada que não seja matéria.

Não há nenhuma mente universal, nem nenhuma razão suprema com a que relacionamos e que dê forma e direção à vida humana. Em consequência, a vida é inevitavelmente o suceder de umas leis básicas mas impessoais.

O mundo moderno tem diversas expressões desta concepção mecanicista. Uma é a posição determinista do Charles Darwin segundo a qual a evolução se desenvolve segundo as leis de seleção natural. Outro exemplo é o comunismo, que percebe a história como o suceder de umas leis econômicas e rígidas e a luta de classes. A psicologia apoiada na terapia do comportamento de B F Skinner da Universidade do Harvard também jaz nesta categoria.

Obviamente, como no mundo da antiguidade, existem muitas e diversas variantes entre aqueles que sustentam uma natureza materialista das coisas, mas estão juntos em seu apego a um naturalismo essencial e amoral. O homem é esse animal é o argumento— e um animal é só uma maquinaria excessivamente complexa.

Muitas pessoas não podem contentar-se com este tipo de naturalismo, assim como não podem contentar-se com a versão moderna da perspectiva clássica.

E mais, estão apanhadas em um dilema que os leva a uma profunda perplexidade. Niebuhr o analisa assim:

Se o homem insistir em que é um animal da natureza e que não deveria pretender ser mais que um animal, que obviamente o é, de qualquer modo está tacitamente admitindo que é uma classe de animal muito curioso que tem tanto a tendência como a capacidade para tais pretensões. Se, pelo contrário, insiste em seu lugar singular e diferenciado na natureza, assinalando suas faculdades racionais como prova de sua especial supremacia, geralmente existe em seus votos de singularidade uma nota de ansiedade que reflete um sentimento inconsciente de parentesco com os animais.

Nada na vida moderna pode explicar nossa natureza a não ser as verdades do cristianismo, já que tanto a grandeza como a tragédia do homem excedem o entendimento de nossa cultura. Sentimos que somos mais que matéria. Sentimos que fomos feitos a imagem de Deus, para ser seus acompanhantes. Mas também estamos conscientes que perdemos essa imagem e que o vínculo que deveria existir entre nós e o Criador foi

quebrado. É por isso que "debaixo do sorriso perpétuo da modernidade jaz uma careta de desilusão e cinismo".

Onde deveríamos começar nosso esforço por alcançar nosso conhecimento? Formalmente, devemos começar com a Bíblia, porque é ali onde Deus nos revela nossa verdadeira condição (ao menos de acordo com as convicções do cristianismo). Mais especificamente, devemos começar com a análise bíblica da Queda do homem, porque ali, acima de tudo, não só vemos o homem em sua intenção primária mas também vemos no que se converteu logo pelo pecado.

A infidelidade

De acordo com os capítulos iniciais de Gênesis, quando Deus colocou o homem e a mulher no Éden para ser os regentes da terra, entregou o máximo de liberdade, de autoridade e de domínio possível que podia dar a uns seres criados. Confiou-lhes o governo da terra. E não havia nenhuma limitação sobre como o tinham que exercer, com exceção do tema da árvore da ciência do bem e do mal, do qual não tinham que provar — como símbolo de sua dependência de Deus. Muitas tolices se imaginaram a propósito de dita árvore. Foi chamada de macieira e a maçã chamaram de fruta proibida, sem nenhuma justificação bíblica. Um autor até conjecturou que o fruto era a uva e o pecado era ter feito vinho. Isto é ridículo. Outros concebem o fruto como o sexo, um ponto de vista que mostra às claras a culpa logo que reprimida com que muitos de nossos contemporâneos encaram este tema, mas que não serve não para compreender o livro de Gênesis. Sabemos que esse não era o significado da árvore, já que Deus mesmo instruiu à primeiro casal para que se frutificassem e multiplicassem até antes de lhes advertir sobre o fruto da ciência do bem e do mal (Gn. 1:28). E mais, a ordem de multiplicar-se formava parte do dom original dado ao homem e à mulher para que dominassem sobre toda a terra.

O que simboliza, então, o fruto? Não é difícil responder. O fruto é o símbolo tangível do fato que o homem e a mulher, mesmo que tinham uma enorme autoridade e domínio sobre a terra, eram entretanto criaturas de Deus; desfrutavam de sua liberdade e exerciam seu domínio como resultado de um dom gratuito de Deus. O fruto era uma limitação, para lhes recordar que não eram Deus mas que eram responsáveis ante ele. Que tipo de fruto era não tem nenhuma importância.

Não sabemos durante quanto tempo Adão e Eva viveram no jardim do Éden antes da Queda, embora Gênesis parecesse dar a impressão que o ataque de Satanás foi muito cedo, antes de que se afirmaram determinados padrões de obediência. Indubitavelmente Satanás tinha ouvido a advertência divina, "De toda árvore do horta poderá comer; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá; porque o dia que dele comer, certamente morrerá" (Gn. 2:16-17). Irrompe agora Satanás — aparentemente em forma imediata — para sugerir que Deus não é benevolente e que não é possível confiar em sua palavra.

O que está em jogo na tentação de Satanás a Eva é a palavra de Deus. As primeiras palavras de Satanás terminam com um ponto de interrogação procurando arrojear dúvidas sobre a veracidade de Deus: "De maneira que Deus lhes disse...?" (Gn. 3:1). São os

primeiros pontos de interrogação na Bíblia. É obvio que no original hebreu não há nenhum tipo de sinal de pontuação mas a pergunta no pensamento fazem com que os pontos de interrogação sejam apropriados em nossas Bíblias. "De maneira que Deus lhes disse...? Deus realmente disse que...?" A natureza do pecado está nesta especulação.

É interessante tomar nota das palavras exatas de Satanás, porque a oração continua especificando qual é o assunto que Satanás está questionando.

"De maneira que Deus lhes disse: Não comam de toda árvore do jardim?" Mas, é obvio, isso não foi o que Deus havia dito. Deus lhes havia dito: "De toda árvore do jardim poderá comer; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá; porque o dia que dele comer, certamente morrerá" (Gn. 2:16-17).

Satanás troca o convite positivo de Deus a comer de qualquer árvore (com uma só exceção) em uma proibição negativa que faz duvidar sobre a bondade de Deus. Podemos entender o que está acontecendo aqui? Deus dá ao homem e à mulher a possibilidade de desfrutar de toda a criação, com uma exceção — e ainda essa proibição é explícita ao fazer referência à pena que suporta.

Satanás sugere que Deus é essencialmente proibicionista, que não é bondoso e que não deseja o melhor para suas criaturas.

A mulher a princípio não concorda com este argumento. Mas a pergunta ardilosa de Satanás a coloca à defensiva e lhe responde com uma correta (ou essencialmente correta) reiteração do que Deus havia dito, concluindo com a advertência: "mas do fruto da árvore que está no meio do jardim disse Deus: Não comerão dele, nem lhe tocarão, para que não morram" (Gn. 3:3). A esta altura Satanás responde com uma negativa cortante: "Não morrerão; mas Deus sabe que no dia que dele comerem serão abertos seus olhos, e serão como Deus, sabendo o bem e o mal" (Gn. 3:4-5). O que é o que está em jogo nesta negativa? É a comida? São as maçãs? São as bebedeiras? É o sexo? É a liberdade? Não é nenhuma destas coisas. O ponto medular nesta primeira parte da tentação é simplesmente a integridade da palavra de Deus.

Tendo começado arrojando dúvidas sobre a benevolência de Deus, da qual o primeiro casal não tinha por que duvidar, Satanás agora abertamente contradiz a veracidade de Deus. O ponto central é se Deus diz a verdade. Logo nos diz que a mulher olhou o fruto e "era agradável aos olhos, e árvore cobiçável para alcançar a sabedoria", e comeu dele. E mais, deu a seu marido, e ele também comeu.

Aqui temos, então, a primeira revelação da natureza do pecado e do que é o que basicamente está mal com a humanidade. O pecado é infidelidade. É duvidar da boa vontade e a veracidade de Deus, nos conduzindo indevidamente a um ato de rejeição cortante. Hoje em dia vemos isto com clareza em duas instâncias: primeiro, na multidão de negativas absolutas do registro da palavra de Deus na Bíblia, até por parte de teólogos e pastores; e segundo, no quase instintivo intento do homem e a mulher por culpar a Deus pela tragédia humana.

Em um episódio do All in the Family, (Programa de televisão norte-americano) Archie Bunker está discutindo sobre o cristianismo com o Michael, seu genro, que é ateu, porque Archie quer batizar ao filho do Michael e este não quer saber nada disso. Estão discutindo sobre vários pontos não muito relevantes. Finalmente, Michael lhe pergunta: "me responda isto, Archie. Se Deus existe, por que o mundo está neste estado tão calamitoso?".

Archie não sabe o que responder. Por um momento fica sem palavras e logo trata de evitar responder lhe dando um giro mais leve à conversação. Dirigindo-se a sua esposa, Edith, diz-lhe: "por que tenho que responder sempre eu, Edith? Diga a este tonto por que, se Deus criou o mundo, o mundo está como está".

Edith responde: "Bom, suponho que é para que apreciemos mais o céu quando chegarmos aí". Qualquer pensador honesto admitirá que o problema da maldade é crucial e de que surgem algumas interrogantes que nunca poderemos responder cabalmente neste mundo. Como pôde entrar a maldade em um mundo criado por um Deus que é bondade, é difícil de responder. Por que Deus permite que a maldade exista até por um curto tempo, como obviamente o permite, também escapa a nosso entender. Mas há algo que sim podemos dizer e é que a maldade é nossa culpa, não importa quais sejam os motivos que Deus tenha para tolerá-la. No incidente do All in the Family parece que nunca ocorre ao Michael, Archie ou Edith (nem a nenhum dos roteiristas) que isto é assim.

Antes de admitir esta verdade singela mas incômoda, a gente diz, como já o havia dito H. G. Wells, que vista a maldade que existe no mundo devemos chegar à conclusão que Deus tem o poder mas nós não lhe importamos, ou que lhe importamos mas não tem suficiente poder. Ou possivelmente não existe. Estas asseverações não alcançam a perceber que a causa do problema está em nós, cegam-nos e não nos permitem ver a solução de Deus para o pecado por meio do Senhor Jesus Cristo.

A rebeldia

Nada do que havemos dito até agora, entretanto, chega ao feito mais importante sobre o pecado. O mais importante sobre o pecado o aprendemos na queda do homem. Adão, onde nunca sugere que a queda foi devida ao engano de Satanás. A queda da mulher foi o resultado dos argumentos de Satanás. Ela caiu de boa fé, tinha conseguido acreditar que a árvore da ciência do bem e do mal a fariam sábia, e queria que ela e seu marido desfrutassem dessa bênção. Eva se equivocou e pecou em seu engano. Mas seu equívoco, embora sério, não foi tão repreensível nem chegou a quão extremos vemos no caso de Adão. Adão pecou por sua atitude de aberta rebeldia contra Deus. Esta diferença é assinalada pelo apóstolo Paulo em sua interpretação da Queda. "E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, sendo enganada, incorreu na transgressão" (I Tim.2:14).

Deus tinha colocado ao Adão e Eva no jardim para que dominassem sobre a criação (Gn. 1:28) e lhes tinha dado os frutos de todas as árvores para que comessem com exceção de um. Se o comessem, morreriam. Adão, entretanto, com plena consciência do que estava fazendo, olhou a essa única árvore e disse: "Não me importa se posso comer de todas as árvores ao norte, ao leste, ao sul e ao oeste. Enquanto esta árvore esteja aqui para me

recordar que não sou Deus, e que não sou plenamente autônomo — enquanto esteja aqui, odeio-o! Assim vou comer dele e morrerrei, não importa o que isso signifique". Se Adão não foi enganado, como o afirma claramente a Timóteo 2:14, então pecou com pleno conhecimento do que estava fazendo. Quer dizer, escolheu comer em desobediência deliberada a Deus. E a morte - primeiro a morte de seu espírito mas logo a morte de sua alma e seu corpo - passaram a toda a raça humana.

A Bíblia nunca culpa à mulher pela Queda do ser humano. Nossas brincadeiras e muita de nossa literatura popular culpam a Eva por nos haver feito pecar — é um exemplo de machismo — mas nas Escrituras não há nenhuma palavra culpando a Eva. Pelo contrário, lemos que "Por quanto a morte entrou por um homem... em Adão todos morreram" (1 Co. 15:21-22), e "como o pecado entrou no mundo por um homem (Adão), e pelo pecado a morte... Se pela transgressão de um só reinou a morte... Como pela desobediência de um homem muitos foram constituídos pecadores" (Rom. 5:12,17,19).

A natureza da Queda de Adão nos ensina algo mais que também é importante. O pecado é apostasia, quer dizer, o não alcançar algo que já existia com antecedência e que era bom. É o oposto às intenções que Deus tem para a raça humana. Isto se vê em quase todos os sinônimos de pecado que encontramos nas Escrituras: *pesha* ("transgressão"), *chata* ("errar ao branco"), *shagah* ("desencaminhar-se"), *hamartia* ("insuficiência") e *paraptóma* ("ofensa"). Este conceito mostra um afastamento de uma pauta superior ou de um estado desfrutado com antecedência.

Como já assinalamos, na concepção grega a essência da maldade está na matéria, ou expresso com mais palavras, na vida dos sentidos. Ou seja, como indica Emil Brunner: "A concepção do pecado na filosofia grega... apoia-se no fato que os instintos sensoriais paralisam a vontade, ou ao menos a estorvam ou a suprimem. O mal se deve à natureza dual do homem". Este raciocínio não é de todo errado, já que não é possível controlar os instintos sensoriais com rapidez. Mas a maldade está no elemento inferior. Diz Brunner: "A maldade em relação ao tempo deve ser descrita como aquilo que 'ainda não é bom' ou que 'ainda não alcançou o plano do espírito' ou que 'ainda não' foi dominado pelo espírito". O ponto de vista bíblico substitui ao "ainda não" pelo "já não mais". O homem como a criação, estava livre de pecado. Deus criou todas as coisas perfeitas. Mas o homem se rebelou contra Deus e a perfeição, caindo fora dessa natureza e destino sublime que Deus lhe tinha reservado.

Esta é a nota bíblica essencial do pecado. Diz Brunner:

Quando os profetas reprovam o pecado de Israel, esta é a concepção decisiva: "tem caído, desencaminharam-se, foram infiéis, desprezaram a Deus, tem quebrado o pacto, deixaram-no para ir atrás de outros deuses, deram-lhe as costas!". De maneira similar, as parábolas de Jesus nos falam do pecado como rebelião, como deixando a Deus. O Filho Pródigo abandona seu lar, e deixa a seu Pai, dá-lhe as costas. Os Lavradores Malvados usurpam os direitos de seu senhor e tomam a terra que somente lhes tinha sido dada em arrendamento. Em realidade são rebeldes, usurpadores. A Ovelha Perdida se desencaminhou do rebanho e do Pastor, perdeu-se.

O pecado é rebeldia porque não é o elemento primário. É sozinho um elemento secundário. O elemento primário é "a boa e aceitável e perfeita" vontade de Deus da que nos apartamos e a que só temos que ser restabelecidos pelo poder assombroso da graça de Deus no Jesus cristo.

O orgulho

Em nossa análise de Gênesis 3 tomamos tempo para diferenciar o pecado da mulher do pecado do homem com o propósito de definir os dois elementos radicais do pecado, "a infidelidade" e "a rebelião". Quando comparamos o pecado da mulher e do homem para procurar similitudes logo descobrimos outro elemento radical na natureza do pecado: o orgulho.

O que subjazia na raiz da determinação da mulher para comer do fruto proibido e dar a provar a seu marido Adão se não o orgulho? E, o que subjazia na raiz da determinação de Adão para seguir seu próprio atalho em lugar do caminho que Deus lhe tinha indicado, se não o orgulho? No caso da mulher era a convicção de que ela sabia mais que Deus o que era o melhor para ela e seu marido. Deus lhes havia dito que o comer do fruto de árvore da ciência do bem e do mal lhes traria sérias consequências. Traria a morte.

Mas Eva estava convencida de sua própria observação empírica depois que Satanás semeou a dúvida— que a árvore seria boa para ela e que Deus estava enganado. Que arrogância! No caso do homem o mesmo elemento está presente. Em seu orgulho repetiu o pecado original de Satanás, dizendo "serei semelhante ao Muito alto" (comparar com o Isaías 14:14).

Que terrível é o orgulho! Como invade tudo! —porque não desapareceu com a morte do primeiro homem e a primeira mulher. O orgulho descansa na raiz do pecado e da raça humana. É o "centro" da imoralidade, "o mal maior"; que "conduz a todo vício", como nos adverte C. S. Lewis: Faz-nos querer ser mais dos que somos ou o que poderíamos ser e, em consequência, faz-nos impossível alcançar o grande destino para o que fomos criados.

Então, somos caídos. Não estamos avançando, como os atuais expoentes otimistas da concepção clássica nos assinalam. Não somos pecaminosos pela própria natureza das coisas, como os antigos gregos argumentavam. Não somos meramente máquinas, como se sujeitos a dita análise pudéssemos estar isentos de culpa. Somos caídos. Somos infiéis, rebeldes, e cheios de orgulho.

Como resultado, nossa única esperança está na graça de Deus que envia um redentor que em vez de ser infiel foi fiel, em vez de ser rebelde foi obediente, em vez de estar cheio de orgulho se humilhou a si mesmo "até a morte e morte de cruz" (Fil. 2:8).

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. por que não podemos conhecer bem ao homem a não ser a partir do conhecimento de Deus? Explique.
2. Qual é o enfoque para explicar o homem do mundo grego? Explique Por que não é correto.
3. No que consistia o otimismo clássico e por que não é verdadeiro?
4. E o racionalismo, Por que tão pouco é verdadeiro?
5. O que falta ao racionalismo atual que tinha o greco-romano?
6. No que consiste a concepção mecanicista e por que é errônea? Explique.
7. Por que a explicação cristã é satisfatória?
8. O que simbolizava o fruto da árvore da ciência do bem e do mal de Gênesis 1?
9. O que é que estava em jogo na tentação de Satanás? Explique
10. O que é então o pecado? Por que?
11. Qual foi o pecado de Adão? Por que?
12. Por que é o pecado de Adão e não o da Eva o que trouxe todas as consequências da queda?
13. Explique o orgulho como o terceiro pecado no Éden e por que é pecado
14. O que faço então?

OS RESULTADOS DA QUEDA

LOGO QUE COMEÇAMOS A FALAR SOBRE O PECADO nos deparamos com um problema. O tema do pecado não nos atrai e além disso desejamos vermos a nós mesmos sob uma perspectiva melhor que a que nos apresenta a Bíblia. Como resultado, imediatamente procuramos nos desculpar e à nossa conduta. Em um nível pessoal, quando somos criticados por fazer algo, instintivamente apresentamos uma defesa, inclusive quando estamos evidentemente errados. Dizemos: "Você não tem nenhum direito a dizer tal coisa", ou, "Não foi minha culpa". Possivelmente, até haja muitas pessoas que nunca reconhecerão que estão erradas sobre nada absolutamente.

Antes de prosseguir, devemos deter-nos e enfrentar esta tendência inerente a nossa natureza. Devemos vencê-la se tivermos que nos conhecer a nós mesmos e a Deus. Sem um conhecimento de nossa infidelidade e rebelião, nunca poderemos chegar a conhecer Deus como o Deus da verdade e a graça. Sem um conhecimento de nossa arrogância, nunca poderemos chegar a conhecer Deus em sua grandeza. Nem tampouco chegaremos a ele para que nos proveja com a medicina que necessitamos. Quando estamos doentes fisicamente e sabemos que estamos doentes, consultamos um médico e seguimos suas prescrições para sermos curados. Entretanto, quando não sabemos que estamos doentes, não procuramos essa ajuda e a enfermidade nos pode conduzir à morte. O mesmo acontece no campo espiritual. Enquanto pensamos que estamos bem, nunca poderemos aceitar a cura divina; acreditaremos que não a necessitamos.

Ao contrário disso, se pela graça de Deus, tomamos consciência de nossa enfermidade – e na realidade, trata-se de algo muito mais sério que uma enfermidade, trata-se da morte espiritual no que concerne a nossa resposta significativa a Deus -, então temos a base para um entendimento do que a obra de Deus significa para nós, e podemos aceitá-lo como nosso Salvador e ser transformados por ele.

O grau e o alcance do pecado

Quando fazemos frente a esta tendência da natureza humana e tentamos compreender o pecado, devemos nos colocar em vigilância contra dois tipos de argumento. Estes argumentos estão relacionados com o grau e o alcance do pecado. Quer dizer, que tão mau é o pecado, em realidade? E, a quem ou aos quais afeta? Com frequência ouvimos dizer — e é possível que às vezes o hajamos dito nós mesmos — que, embora alguma coisa não vá tão bem, a natureza humana não pode ser tão má como a descreve na Bíblia. Além disto, nos diz, os escritores bíblicos eram profetas melancólicos que estavam vivendo uma época muito amarga; naturalmente, eram pessimistas. Seu mundo estava cheio de guerras, fomes, enfermidade e diversos tipos de penúrias econômicas.

Mas agora não estamos no ano 2000 a.C. Falta muito pouco para o ano 2000 D.C. Temos motivos de sobra para ser mais otimistas. Não somos perfeitos; isso o podemos reconhecer. Mas, acaso nossas imperfeições não são apenas isso, imperfeições, que deveriam ser consideradas simplesmente como falhas, defeitos e pecadinhos de nossa raça?

Uma resposta possível é que, se a natureza humana somente tiver estas pequenas falhas, como expõe este argumento, então, estas falhas já deveriam ter sido corrigidas a esta altura. Uma resposta mais séria é que este conceito de "pequenas falhas" não concorda com a realidade. A Bíblia mostra que nosso estado é desesperado, e isto qualquer um pode constatar. Na perspectiva bíblica, o pecado está estreitamente ligado com a morte, e a morte é o inimigo maior e o vencedor inevitável sobretudo. Se tivermos o pressentimento que a imortalidade é o destino que nos corresponde por direito, devemos escapar à morte. Mas, ainda mais, além desta consideração, a tragédia da existência humana é claramente visível para qualquer que contemple o aumento das fomes, o sofrimento, o ódio, o egoísmo

e a indiferença que imperam em nosso planeta. A fé cristã não permanece insensível a estas tragédias, embora alguns cristãos pareçam ser insensíveis.

Quando o cristianismo põe a ênfase sobre como o pecado permeabiliza todos os aspectos de nosso ser, o que está fazendo é avaliando realisticamente a situação.

A singularidade da posição bíblica se torna evidente quando observamos que durante a longa história da raça somente houve três concepções básicas sobre a natureza humana. Estas podem ser resumidas na postura que entende que o homem está bem, que o homem está doente e que o homem está morto. (É obvio que existem diversos matizes nas primeiras duas concepções. Os otimistas concordam em dizer que o homem está bem, embora alguns podem admitir que possivelmente não esteja tão bem como poderia estar. Os observadores mais realistas diferem com respeito à gravidade da enfermidade do homem: aguda, grave, crítica, ou fatal.)

Os que sustentam a primeira postura, que o homem está bem, concordam que tudo o que o homem necessita, se é que em realidade necessita algo, é um pouco de exercício, algumas vitaminas, revisões médicas anuais, e algumas outras pequenas coisas mais. "Estou muito bem, João" é o que apregoam os otimistas.

Os que sustentam a segunda postura concordam sobre a enfermidade do homem. Alguns até chegarão a dizer que padecem uma enfermidade fatal mas que entretanto sua situação não é desesperadora; se é submetido aos tratamentos adequados, às drogas prescritas, aos milagres da medicina espiritual moderna e à vontade de viver, quem é capaz de afirmar o que tem que ocorrer?

O que deve fazer-se é trabalhar com esforço para curar nossas enfermidades. Além disso, nos dizem, se ainda não se encontrou a cura para algumas enfermidades, não todas são incuráveis, e os problemas que ainda não foram superados poderiam ser resolvidos em um futuro próximo. A situação pode ser grave, mas — enfim, "enquanto há vida, há esperança"— não é necessário chamar à empresa funerária.

A postura bíblica é que o homem não está simplesmente doente. Em realidade, já está morto — no que diz respeito à sua relação com Deus—. Os homens estão "mortos em (seus) delitos e pecados" (Ef. 2:1), como advertiu Deus que estaria quando predisse as consequências do pecado antes da Queda. "Mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerá; porque no dia em que dele comer, certamente morrerá" (Gn. 2:17).

A morte do espírito, a alma e o corpo

Qual é o grau do nosso pecado? Ao considerar esta pergunta seria de muita ajuda recordar a natureza tripartida de nosso ser, como vimos no primeiro volume. Ali assinali que quando a Bíblia nos diz que fomos criados à imagem de Deus, o que quer significar é que fomos criados como uma trindade, de maneira análoga a como Deus é uma Trindade. Deus existe em três pessoas: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. Entretanto. Deus é Um.

Da mesma forma, cada um de nós somos uma trindade, criados como um corpo, uma alma e um espírito. Entretanto, cada um somos também uma só coisa.

O ser humano criado Por Deus era perfeito com respeito a seu espírito, sua alma e seu corpo, era o ponto mais elevado de toda a criação. Mas a Queda afetou cada uma das partes de sua magnífica natureza tripartida. Para ser mais específicos, seu espírito morreu, porque se interrompeu a comunhão com Deus; sua alma começou a morrer, porque começou a mentir, a enganar e a matar; e seu corpo finalmente tem que morrer, porque, como Deus disse: "...pois pó é, e ao pó voltará" (Gn. 3:19).

No campo do espírito, as consequências do pecado de Adão foram instantâneas e totais. Quando o espírito morreu, a comunicação com Deus se interrompeu. Isto o comprovamos com o Adão que fugiu da presença de Deus quando Deus veio buscá-lo no jardim. Em uma linguagem contemporânea isto se descreve como alienação, alienação de Deus, e é o primeiro resultado da morte espiritual que nos sobreveio como consequência do pecado. John Stott a designa como "a mais espantosa de todas as consequências do pecado". "O destino mais elevado para o homem é conhecer Deus e ter uma relação pessoal com Deus. O direito principal para reclamar esta fila tão nobre é que foi feito a imagem de Deus e portanto tem a possibilidade de lhe conhecer.

Mas este Deus, cujo propósito inicial foi que o conhecêssemos, e a quem deveríamos conhecer, é um Ser moral", e nós somos pecadores. Em consequência, "nossos pecados não nos permitem ver a cara de Deus, tão efetivamente como as nuvens não permitem atravessar os raios do sol... Não temos nenhum tipo de comunicação com Deus. Estamos 'mortos em (os) delitos e pecados' (Ef. 2:1) que cometemos".

Os resultados desta alienação de Deus são totais. Inundou-nos em um estado do qual não é possível encontrar o caminho de volta a Deus se não contarmos com a ajuda do Espírito Santo. Este é o significado de Romanos 3:10-12. O apóstolo Paulo escreve nessa passagem: "Como está escrito: Não há justo, nem mesmo um; não há quem entende, não há quem procura Deus. Todos se desviaram, a uma se fizeram inúteis".

É importante compreender que cada um dos três termos principais empregados em Romanos 3:10-12 —a justiça, o entendimento e a busca estão definidos com respeito a nossa relação com Deus. Se não o compreendêssemos assim, estaríamos distorcendo os ensinamentos das Escrituras e afirmando algo que não é verdade. Por exemplo, se não definir a justiça com respeito a Deus e a sua justiça, acabaremos por concluir que não existe nada bom em nós. Mas isto não ocorre quando consideramos o tema de um ponto de vista humano. Não todas as pessoas são tão más como o poderiam ser, e até os piores entre nós tem o que poderíamos chamar uma faísca de bondade.

Em oportunidades, até "os ladrões tem honra". Mas a passagem de Romanos não se está referindo a isto. Está falando sobre a justiça como Deus entende a justiça. E a partir desta perspectiva é certo que "não há justo, nem mesmo um".

A morte do espírito afetou nossa natureza moral profunda e permanentemente.

O pecado também afetou nosso intelecto. Novamente, não devemos cometer o engano de explicar a expressão "não há quem entende" segundo parâmetros humanos, embora também segundo esse enfoque as consequências do pecado são graves. Os seres humanos tem muito entendimento sobre muitas áreas, e alguns até sobressaíram em algumas áreas. Temos filósofos, cientistas e estadistas. As palavras do Paulo não negam este fato.

O que estão negando é que possamos alcançar um entendimento sobre as coisas espirituais sem a participação do Espírito de Deus, que é o único que pode prover dito entendimento. Isto está claramente expresso na Coríntios quando o apóstolo nos diz: "Mas o homem natural não percebe as coisas que são do Espírito de Deus, porque para ele são loucura, e não as pode entender, porque se tem que discernir espiritualmente" (1 Co. 2:14).

A terceira área afetada pela morte do espírito é nossa vontade, como o analisaremos em maior detalhe no capítulo seguinte. faz-se referência a esta área na expressão "não há quem procura Deus". O que isto significa não é simplesmente que somos incapazes de nos chegar a Deus por causa de nosso pecado e de sua justiça, e que somos incapazes de entendê-lo porque seus caminhos só podem se discernidos com a ajuda do Espírito de Deus, além disso, nem sequer desejamos nos aproximar de Deus. Novamente devemos afirmar que quase todas as mulheres e os homens estão procurando um "deus", um deus construído por eles mesmos que eles acreditam que poderá encher o vazio de suas vidas. Mas o que não fazem é procurar o verdadeiro Deus, o Deus que revela a si mesmo nas Escrituras na pessoa de Cristo. Jesus disse: "Ninguém pode vir para mim, se o Pai que me enviou não o trouxer" (Jn. 6:44).

Na medicina existe uma condição conhecida como *miastenia gráti*s em que os músculos do corpo não podem responder aos sinais enviados do cérebro. Em um paciente normal, o cérebro envia ordens aos músculos para que se contraíam, por meio de impulsos elétricos através dos nervos que chegam a ditos músculos; estes impulsos elétricos são recebidos em os músculos em uns aparelhos especiais chamados placas motoras terminais. As placas motoras terminais recebem os sinais e as transmitem com o passar do músculo. Estas placas motoras terminais estão ausentes nas pessoas que padecem *miastenia gráti*s. Como consequência, embora o cérebro envia os sinais correspondentes, estes sinais nunca são recebidos pelos músculos.

E como os músculos não recebem os sinais, não podem responder e com o tempo se desintegram.

Isto é uma analogia do que aconteceu na personalidade humana como resultado da morte do espírito. No sistema humano, o espírito devia desempenhar o papel de uma placa motora terminal. A função do espírito era a de receber os sinais enviados por Deus. Quando o homem pecou, entretanto, a placa motora terminal morreu. Como resultado, embora os sinais ainda estão sendo enviadas, embora Deus ainda nos está falando, os sinais não podem ser recebidos e nossa vida espiritual se murcha.

Esta ilustração da *miastenia gráti*s também nos está sugerindo uma segunda consequência da Queda, já que afeta o indivíduo. Quando o músculo não pode receber os

sinais enviados do cérebro, isto implica algo mais além que o fato de que o músculo deixa de responder às ordens cerebrais. O músculo mesmo sofre as consequências, já que em seu estado inativo se desintegra e morre. A morte do espírito também afeta à alma, e o resultado é que os homens e as mulheres se voltam deprimidos também nesta área.

Podemos apreciar isto no caso de Adão e Eva. Depois da Queda e antes que Deus aparecesse no jardim, o homem e a mulher se esconderam, tratando de evitar o encontro. É um claro exemplo de sua alienação de Deus, o primeiro efeito visível de seu pecado. Mas Deus os chamou e começou a interrogá-los sobre o que tinham feito. "Adão", perguntou-lhe Deus, "comeste da árvore da qual eu te disse que não comesses?" (Gn. 3:9,11).

E Adão respondeu: "A mulher que me deu por companheira me deu da árvore, e eu comi" (vs. 12). Levianamente a resposta de Adão é simplesmente uma afirmação, e além disso parece ser certa. Foi a mulher quem o convidou com o fruto. Esta mulher lhe tinha sido dada Por Deus. Mas isto não é tudo o que significa a resposta do homem caído. Adão está tentando evitar que a culpa caia sobre ele, onde deveria recair, e está culpando a outra pessoa. Evidentemente, está tentando culpar à mulher —não está mostrando muito cavalheirismo de sua parte, sem tomar em consideração nem sequer a virtude da honestidade—. Mas, além disso está tentando culpar a Deus. O que está dizendo em realidade é que a Queda não teria tido lugar se Deus não errasse tanto em seu julgamento para lhe haver provido da Eva.

Eva, de maneira similar, também tenta evitar que a culpa caia sobre ela. Quando Deus lhe pergunta: "O que você fez?", a mulher lhe responde: "A serpente me enganou, e eu comi" (Gn. 3:13).

O que deveria chamamos a atenção é que o procurar culpar a outro é típico da natureza pecaminosa e serve para ilustrar o que ocorre uma vez que se quebra o vínculo com Deus. Deus é a fonte de todo bem (CTG. 1:17). Quando o vínculo com Deus se quebra, descendem sobre a raça a irresponsabilidade, a covardia, a mentira, a inveja, o ódio e um sem-fim de outros males. Para descrever esta situação com uma terminologia contemporânea, como o fizemos quando falamos de alienação, diríamos que estamos diante a um caso de decadência moral e psicológica.

Mas falta ainda mais. Esta desintegração pessoal produz complicações sociais. E assim, como outro resultado da Queda, temos o conflito. Podemos dizer que a relação entre o Adão e Eva foi tão harmoniosa como tinha sido até esse momento depois que Adão tentou culpar a sua mulher pela Queda? É obvio que não. Esse foi o começo dos conflitos matrimoniais. De maneira similar, o desejo de culpar a outros, a busca do interesse próprio, e o progresso individualista, geram conflitos entre os indivíduos, as raças, os estratos sociais, as instituições e as nações.

Por último, a morte do espírito e da alma, com suas consequências tão lamentáveis, estão acompanhadas pela morte do corpo também. Quando Adão pecou, o espírito morreu nesse mesmo instante, e como resultado, todos os homens e mulheres que nasceram posteriormente a esse momento nasceram, com o que poderíamos chamar, espíritos mortos. A alma começou a morrer desde esse instante. Nessa área, podemos dizer que o

contágio se está estendendo, e como resultado somos cada vez mais cativos do pecado. A parte restante da natureza humana, o corpo, é a última a morrer. A morte é universal.

Paulo fez menção deste fato para mostrar o alcance que tem o pecado: "Assim a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram" (Rom. 5:12).

O pecado original

Tão triste como entristecedor que pode resultar este fato, a morte do indivíduo é somente a metade do problema do pecado. Além disso, do grau do pecado, devemos considerar seu alcance. Só alcança a Adão e Eva e aos que, como eles, escolhem a rebelião? Ou acaso alcança a todos? Poderíamos acreditar que a universalidade da miséria humana seria razão suficiente para responder com clareza a esta pergunta. Entretanto, os que rejeitam a concepção bíblica sobre a natureza do pecado ("Não é tão grave como o descreve a Bíblia") poderiam rejeitar este argumento. Poderiam argumentar que a corrupção devida ao pecado não é verdade para a universalidade da raça; e além disso, se todas as pessoas foram afetadas pelo pecado, isto é devido a circunstâncias externas e não a que haja algo intrínseco e universalmente mau em seu interior.

O intento moderno é se localizar ao pecado na injustiça das estruturas sociais.

A pergunta fica, então, exposta nestes termos: O pecado afeta a todos os seres humanos no sentido que estão indevidamente envoltos pela transgressão de Adão e Eva? A resposta bíblica é clara. Paulo escreve que "pela transgressão daquele um morreram os muitos" (Rom. 5:15); "pela transgressão de um só reinou a morte" (vs. 17); "pela transgressão de um veio a condenação a todos os homens" (vs. 18); "pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores" (vs. 19); "...em Adão todos morrem" (1 CO. 15:22); "por quanto todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus" (Rom. 3:23).

Uma leitura detida destas passagens das quais tomamos estes versículos, entretanto, demonstra-nos que estão fazendo referência a algo mais que a universalidade do pecado humano. Que todas as pessoas pecam poderia ser afirmado por qualquer escritor secular honesto. O que um escritor secular possivelmente não diga, entretanto, embora está dito com toda clareza na Bíblia, é que existe uma conexão necessária entre todas as ocorrências individuais do pecado. Em outras palavras, o assunto não gira em torno do feito que todas as pessoas pecam e portanto são pecadores, embora isto é certo.

O assunto é que todos pecam porque são pecadores. O pecado original de Adão e a culpa pelo pecado de algum modo ou outro passou a toda a raça humana. A concepção bíblica é que Deus vê a culpa em toda a raça devido à transgressão de Adão.

Há algo em que a pessoa natural encontre mais dificuldade de aceitar que esta doutrina? Ser culpado por imputação? É difícil imaginar algo que seja mais ofensivo às ideias de justiça humana. Por isso é em várias oportunidades se posicionaram contra esta doutrina em uma linguagem particularmente abusiva. Acredita-se que esta doutrina não é digna de Deus, é escandalosa, repulsiva, razão válida para desprezar por sempre a um Deus que opera dessa maneira. Alguns acreditam que se trata de uma doutrina tão injusta

que não tem defesa possível. Mas é isto assim? antes de rejeitar de imediato a doutrina do "pecado original", seria conveniente analisar se não poderia representar em realidade a verdadeira situação.

A verdade ou falsidade da doutrina do pecado original pode estabelecer-se com a resposta à seguinte pergunta, muito simples: de onde provém o pecado a não ser de onde a Bíblia nos diz que provém? As consequências do pecado as vemos nas diversas formas que assume a miséria humana e, em último termo, na morte. Podemos estar de acordo em que em muitos casos esta miséria é o resultado direto de nossos próprios pecados e fracassos. O fumante contumaz em realidade não tem a ninguém a quem culpar por seu câncer ao pulmão exceto a si mesmo. O glutão que não come com moderação é o único culpado pela condição débil de seu coração.

Mas não se trata só do fumante contumaz que desenvolve um câncer nem do glutão que tem um coração débil. Também são afetados aqueles que não fazem nada para que tais consequências recaiam sobre si mesmos. Os meninos, e até os bebês, sofrem.

Como é possível explicar os defeitos de nascimento, as cólicas, os cânceres nos recém-nascidos e outras formas de sofrimento que padecem os inocentes, se não ser segundo os ensinamentos bíblicos?

No que a mim diz respeito, no transcurso de toda a história das ideias somente houveram outras duas respostas. Uma delas em realidade nem sequer é uma resposta, e a outra é inadequada. A primeira resposta afirma que a maldade é eterna. Quer dizer, que a maldade existiu desde o começo, da mesma maneira que o bem existiu desde o começo; portanto, a vida se caracteriza por esta mescla. Mas o afirmar simplesmente que o pecado ou a maldade sempre existiram não constitui em realidade uma resposta. Além disso, como explicação da realidade provou infinidade de vezes de ser insatisfatória porque, qualquer que seja a posição filosófica de uma pessoa, ela acabará inevitavelmente por tomar partido por um ou outro lado, no geral do lado que explica a maldade como uma derivação ou uma corrupção do bem.

Mas, não se está explicando a universalidade do pecado. A outra explicação é conhecida popularmente como a reencarnação, ou a meta psicose das almas. É a ideia que supõe que cada um de nós teve uma existência prévia e, possivelmente, uma existência anterior a essa e outra com antecedência, e assim sucessivamente. A maldade que herdamos nesta vida se supõe que nos vem devido ao que temos feito em encarnações anteriores. Em defesa desta perspectiva deveríamos dizer que ao menos é um intento sério o explicar nosso estado atual sobre a base de ações individuais específicas. Por conseguinte tenta satisfazer a ideia básica de justiça que todos compartilhamos, ou seja, que cada um deve sofrer por seus próprios pecados e não pelos pecados de outros. Mas como explicação final é claramente insatisfatória. Porque imediatamente desejamos nos perguntar: Como foi que os indivíduos fizeram maldades em sua existência anterior? A resposta provida pela reencarnação faz unicamente localizar a pergunta mais atrás no tempo sem resolver a dificuldade.

E que outra resposta existe? Nenhuma, com exceção da resposta bíblica: a universalidade do pecado é o resultado do julgamento de Deus sobre a raça, como consequência da transgressão de Adão. Adão era o representante da raça.

Representava-nos diante de Deus pelo que, como nos diz Paulo, quando caiu nós caímos com ele e fomos apanhados indevidamente nos resultados de sua rebelião.

Uma condenação e uma justificação representativa

É ainda possível conceber que uma pessoa possa seguir o argumento cristão até este ponto, e estar de acordo em que a doutrina sobre o pecado original é a única explicação possível a respeito da universalidade do pecado, tal como a conhecemos. Mas ele ou ela ainda poderiam estar zangados contra um Deus que atua tão injustamente. Tem razão estes impedimentos? Até se o panorama que pinta a Bíblia fora certo, não deveríamos odiar a Deus que é tão arbitrário para julgar a todos os homens pela transgressão de um homem?

Em realidade, o fato de que Adão tenha sido representante da raça é uma prova da graça de Deus. Em primeiro lugar, foi um exemplo de sua graça para Adão. Porque não há nada que pudesse ter sido melhor calculado para criar um sentido tão elevado de responsabilidade e obediência em Adão como o saber que o que ele fizesse com respeito aos mandamentos de Deus afetaria a incontáveis milhares de milhões de seus descendentes. Podemos apreciar isto inclusive no campo mais limitado da família humana. Porque, onde há um pai, ou uma mãe, que não tenham sido influenciados para bem com o pensamento que o que façam afetará a sua descendência para bem ou para mau? Os pais que se inclinam à bebida é possível que não consumissem tanto se soubessem que seus filhos sofrerão por seu alcoolismo. Os pais que tem oportunidade de roubar, é possível que não roubassem se pensassem que sua atitude machucaria irremediavelmente a sua família.

Do mesmo modo, o conhecimento dos efeitos de seu pecado sobre o resto da raça humana deve ter atuado como um freio sobre Adão. Deveria ter sido um poderoso incentivo para o bem. Se Adão caiu, foi apesar da graça que Deus manifestou para ele e não como uma reação frente a um decreto absolutamente arbitrário, que até poderia ser justificado.

Mas ainda mais importante, a natureza do pecado de Adão é representativa porque nos provê de um exemplo da graça de Deus para nós, porque sobre a base dessa representação Deus tem a possibilidade de nos salvar. Paulo diz: "Porque assim como pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um, muitos serão constituídos justos" (Rom. 5:19). Se o leitor, ou eu, ou qualquer ser humano fôssemos como os anjos, que não tem família nem relações representativas, e se fôssemos julgados como foram julgados os anjos quando caíram - imediatamente, individualmente, e por seu próprio pecado (que é como a maioria dos homens e as mulheres acreditam que gostariam de ser julgados) — não haveria esperança de salvação, do mesmo modo que os anjos caídos não a tem. Mas como somos seres que vivemos relacionados e como Deus escolheu nos tratar desse modo, tanto com respeito a Adão e a seu pecado como com respeito a Jesus e sua justificação, é que é possível a salvação.

Porque em Jesus os que somos pecadores somos feitos justos.

Nós que estamos "mortos nos delitos e pecados" podemos ser ressuscitados espiritualmente.

As bênçãos da salvação provêm não de lutar contra os intuitos de Deus ou de odiá-lo pelo que consideramos uma injustiça, a não ser quando aceitamos seu veredicto sobre nossa verdadeira natureza como seres caídos e com fé nos voltamos para Cristo procurando nossa salvação.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. O que acontece quando nos fala do pecado? Explique.
2. Quais foram as consequências do pecado? Explique.
3. Quais são as concepções que se teve na história sobre a natureza humana? Explique.
4. Qual é a postura bíblica?
5. Quais foram as consequências da queda no campo espiritual para o homem?
6. A que se refere a Bíblia com que não há justo, é que acaso o homem é tão mau como pode chegar a ser? Explique.
7. O que significa quando a Bíblia diz "Não há quem entende?"
8. O que significa quando diz "Não há quem procura Deus?"
9. Explique a analogia de uma enfermidade que usou o autor para explicar a situação do homem depois da queda
10. por que a morte espiritual afetou à alma? Como vemos essas consequências no homem?
11. Quais são as consequências sociais, matrimoniais? Por que?
12. Qual é o intento moderno para achar a origem do pecado nos indivíduos?
13. Qual é a conexão entre todos os pecados humanos? Por que?
14. Como é possível explicar os defeitos de nascimento, as cólicas, os cânceres nos recém-nascidos e outras formas de sofrimento que padecem os inocentes, se não ser segundo os ensinamentos bíblicos? Quais são essas duas respostas e por que são inadequadas?
15. Como a representatividade de Adão é uma amostra da graça de Deus?

A SUBMISSÃO

DEPOIS DE TER EXPLICADO A NATUREZA DO PECADO E suas consequências tão radicais e universais sobre a raça, ainda nos falta analisar a submissão da vontade. É neste ponto onde se dão os desacordos mais agudos e onde se expõem com mais clareza os resultados do pecado.

Lutero reconhecia a importância deste tema. Ao final de sua monumental defesa da submissão da vontade, logo depois de demolir os argumentos do humanista Desidério Erasmo de Roterdã, Lutero se dirigiu a Erasmo e o felicitou por ao menos ter tratado em seus escritos o tema crucial. Lutero escreveu: "Te felicito de todo coração por este fato — que só você, diferente dos outros, concentrou suas forças sobre o tema essencial". De maneira similar, Emil Brunner nos diz que "o ponto decisivo" para o entendimento do homem e do pecado do homem é compreender a liberdade e a "não liberdade".

Até onde caiu o homem quando pecou? Ou foi só um tropeço? Caiu só um pouco, mas não tanto como para ter perdido toda esperança? Ou caiu completamente, tanto que até nem sequer é capaz de procurar Deus e lhe obedecer? O que é o que a Bíblia significa quando nos diz que estamos "mortos em nossos delitos e pecados"? Quer afirmar que estamos realmente mortos com respeito a qualquer possibilidade de responder a Deus ou lhe escolher?

Ou é que ainda temos a capacidade ao menos de responder a Deus quando nos faz o oferecimento da salvação? Se podemos responder a estas interrogações, o que quer dizer Paulo quando diz que "não há quem procura Deus" (Rom. 3:11)? O que quer dizer Jesus quando diz que "Nenhum pode vir para mim, se o Pai que me enviou não o trouxer" (Jn. 6:44).

Se pelo contrário não podemos responder, então qual é o significado de tantas outras passagens nas quais o evangelho é devotado aos homens e as mulheres que tem caído? Como pode ser uma pessoa responsável por não acreditar em Jesus se ele ou ela não são capazes de fazê-lo?

Todas estas perguntas nos sugerem a importância da submissão da vontade. Estão nos indicando como as doutrinas sobre o pecado e a depravação, a eleição, a graça e a responsabilidade humana surgirão a partir das respostas.

A história do debate

A importância de determinar se a vontade está submetida ou se é livre, está determinada pela história do dogma cristão. No transcurso da história da igreja vários debates teológicos significativos se ocuparam deste tema. Nos primeiros anos da igreja, a

maioria dos teólogos pareciam favorecer o livre-arbítrio; sua preocupação era vencer o determinismo entrincheirado do mundo greco-romano. E em um sentido não estavam enganados. O determinismo não forma parte da concepção cristã, mas tampouco serve de desculpa para marcar responsabilidade com respeito ao pecado. Os pais da igreja Crisóstomo, Orígenes, Jerônimo, e outros estiveram certos quando se opuseram ao determinismo. Entretanto, em sua oposição ao determinismo foram deslizando-se paulatinamente em uma espécie de exaltação não bíblica da capacidade humana que lhes impediu de apreciar a verdadeira magnitude da culpa e o pecado humano. Agostinho da Hipona foi quem se levantou para desafiar essa postura e argumentar com ardor a favor da submissão da vontade, naquele tempo fundamentalmente contra Pelágio, seu oponente mais franco.

A intenção do Pelágio não foi negar a universalidade do pecado, ao menos em princípio. Nesse ponto, desejava permanecer ortodoxo. Mas era incapaz de apreciar como era possível que pudesse existir a responsabilidade em nós se não tínhamos livre-arbítrio. Seu argumento poderia resumir-se em que para que exista obrigação é necessário que exista capacidade. Se eu devo fazer algo, é necessário que o possa fazer. Pelágio argumentava que a vontade, em lugar de estar submetida ao pecado em realidade é neutra — de modo que em um momento dado ou em uma situação em particular tenho livre-arbítrio para escolher o bem e fazê-lo.

Em seu enfoque, o pecado se converteu unicamente nesses atos, deliberados e não relacionados entre si, nos quais a vontade escolhe o mal, e qualquer conexão necessária entre os pecados e qualquer princípio hereditário do pecado dentro da raça ficou no esquecimento. Pelágio além disso afirmou que: primeiro, o pecado de Adão não afetou a ninguém mais que a ele; segundo, os que nasceram depois de Adão nasceram na mesma condição em que estava Adão antes de sua queda, quer dizer, uma posição de neutralidade com respeito ao pecado; e terceiro, os seres humanos podem viver livres de pecado se assim o desejam e podem fazê-lo até sem ter consciência da obra de Cristo e da operação sobrenatural do Espírito Santo.

A postura do Pelágio limitava o verdadeiro alcance do pecado e indevidamente conduzia a uma negação da necessidade absoluta da graça imerecida de Deus para a salvação. Mas ainda mais, mesmo que se pregasse livremente o evangelho da graça ao pecador, o que em última instância estaria determinando se ele ou ela teriam que ser salvos não seria a operação sobrenatural do Espírito Santo dentro da pessoa a não ser a vontade pessoal que poderia aceitar ou rejeitar ao Salvador.

Em sua primeira época Agostinho também tinha seguido esta linha de pensamento. Mas tinha chegado à conclusão, que esta perspectiva não fazia justiça nem à doutrina bíblica sobre o pecado, que descreve ao pecado como algo mais que uns simples atos isolados e individuais, nem à doutrina sobre a graça de Deus, em última instância o elemento absolutamente determinante da salvação. Agostinho expôs que, como resultado de uma depravação herdada, simplesmente não é possível para o indivíduo deixar de pecar. A frase chave que cunhou foi *non posse não peccare*. O que isto significa é que uma pessoa é incapaz de escolher a Deus. Agostinho dizia que o homem, tendo usado seu livre-arbítrio equivocadamente na Queda, perdeu-se a si mesmo e perdeu sua vontade. Disse que a

vontade tinha sido escravizada de tal maneira que não tinha poder para a justiça. Disse que a vontade sem dúvida é livre — de toda justiça —, mas está escravizada ao pecado. Disse que a vontade é livre para dar as costas a Deus, mas não para voltar-se para ele.

A preocupação de Agostinho era ressaltar o fato de que a graça era uma necessidade absoluta; fora da qual ninguém podia ser salvo. Além disso, o tema da graça abrange desde o começo até o fim, não se trata somente de uma graça "preventiva" ou de uma graça parcial a que o pecador deve acrescentar seu próprio esforço. Se assim fosse, a salvação não seria inteiramente de Deus, a honra de Deus seria diminuída, e o homem teria lugar para gabar-se no céu.

Com a defesa desta postura Agostinho se fez famoso, e a igreja o apoiou. Mas com o tempo, durante a Idade Média, a igreja novamente voltou a deslizar-se para o pelagianismo.

Mais tarde, em ocasião da Reforma, a mesma discussão fez erupção em diversas frentes. Uma confrontação direta teve lugar entre Erasmo e Lutero.

Erasmo, em um princípio, tinha simpatizado com a Reforma, porque não podia deixar de ver a corrupção da igreja medieval e desejava que isto acabasse.

Mas Erasmo, que não contava com o profundo apoio espiritual do Lutero, foi convencido para enfrentar Lutero. Erasmo dizia que a vontade deve ser livre, e os argumentos que apresentava eram similares aos de Pelágio. Entretanto, este era um tema que não interessava muito a Erasmo, por isso aconselhava moderação embora se opunha a Lutero.

Mas para o Lutero era um tema primitivo. Lutero se aproximou do tema fervorosamente, para ele se tratava de um tema do qual dependia a verdade de Deus. É óbvio que Lutero reconheceu o fato psicológico que os homens e as mulheres fazem eleições. Em realidade, é tão óbvio que ninguém o pode negar.

Mas na área específica da eleição individual de Deus ou a não eleição de Deus, Lutero negava o livre-arbítrio, tanto como Erasmo o afirmava. Fomos entregues ao pecado, dizia Lutero. portanto, o único papel que nos corresponde desempenhar é humildemente reconhecer este pecado, confessar nossa cegueira e reconhecer que não podemos escolher a Deus porque nossa vontade está escravizada, do mesmo modo que não podemos lhe agradecer devido a nossos sujos atos morais. Nosso único papel é admitir nosso pecado e clamar ao Deus eterno por misericórdia, sabendo que não o poderíamos fazer se Deus antes não tivesse estado ativo para convencemos de nosso pecado e conduzir nossas vontades para nos achegar ao Senhor Jesus Cristo em busca de nossa salvação.

João Calvino, Ulrico Zuinglio, Martin Bucero e muitos outros líderes da Reforma Protestante compartilhavam as mesmas convicções que Lutero. Mas em reação à Reforma, a Igreja Católica Romana no Concílio do Trento tomou uma posição semipelagiana, onde a vontade humana coopera com a assistência divina imerecida na salvação. Mais tarde, na Holanda, Jacobo Armínio e os arminianos mais radicais retomaram os conceitos do Pelágio de distintas maneiras. Hoje em dia, possivelmente a maioria dos cristãos das distintas denominações e as diversas tradições teológicas são pelagianas, embora dificilmente

reconheceriam suas crenças como tais. Tem razão? Ou tem razão Agostinho e os líderes da Reforma? O homem ficou totalmente arruinado por sua queda no pecado? Ou sua queda não foi completa?

O "livre-arbítrio" de Edwards

Antes de responder diretamente a estas perguntas é importante que consideremos outra contribuição teológica a este debate, e que é possivelmente a mais significativa de todas. Corresponde ao teólogo e pregador norte-americano Jonathan Edwards. Com respeito a seu principal ataque, Edwards desejava dizer quão mesmo já haviam dito Agostinho, Lutero, e Calvino. Mas um detalhe interessante em seu tratado é que não tem o mesmo título com o que Lutero nomeou seu grande estudo. A submissão da vontade, a não ser um que a primeira vista pareceria ser o oposto:

"O livre-arbítrio".

É necessária uma explicação. Esta a encontraremos na contribuição singular que Edwards faz a este tema. O primeiro que fez Edwards foi definir o que se entende por vontade, algo que ninguém tinha feito até aquele momento.

Todos tinham trabalhado sobre a hipótese que todos sabemos o que é a vontade. Chamamos vontade a esse algo em nós que realiza eleições.

Edwards definiu a vontade como "aquilo por meio do qual a mente escolhe algo". Em outras palavras, o que escolhemos está determinado (segundo Edwards) não pela vontade mas sim pela mente. Nossas eleições serão determinadas pelo que pensamos que é o curso de ação mais desejável.

A segunda contribuição de Edwards foi com respeito às "motivações". Edwards perguntou: por que é que a mente escolhe uma coisa em particular e não outra? E respondeu que "a mente escolhe assim pelas distintas motivações". Ou seja, a mente escolhe o que pensa que é o melhor. Edwards desenvolve este ponto ao longo de várias páginas e é muito difícil condensar seus argumentos. Mas posso resumir este ponto citando de um pequeno livro elementar sobre o livre-arbítrio, de John Gerstner. Gerstner se dirige ao leitor nestes termos:

Nossas escolhas, como pessoas racionais, apoiam-se em distintas considerações ou motivações que temos diante de nós no momento de fazê-las. Estas motivações tem peso relativo determinado, e as motivações a favor e contra ler um livro (por exemplo) são pesadas na balança de nossa mente; as motivações de maior peso serão as que determinem a opção a seguir. Cada um de nós, sendo pessoas racionais, sempre escolheria o que a nosso entender seja o correto, o inteligente, o aconselhável. Se escolhêssemos não fazer o correto, o aconselhável, o que estamos inclinados a fazer, estaríamos doentes mentalmente. Estaríamos escolhendo algo que não escolhemos. Teríamos encontrado algo

preferível que nós não preferimos. Mas nós, sendo pessoas racionais e mentalmente sãs, escolhemos algo porque parece ser o correto, apropriado, o bom e o mais vantajoso para fazer nas circunstâncias.

Posso expor este tema negativamente. Suponhamos que quando nos deparamos com uma determinada escolha não haja nenhuma motivação que incida sobre esta escolha. Não será, então, esta decisão impossível? Como será possível tomar uma decisão? Suponhamos que há um burro parado no meio do quarto. À direita do burro há um maço de cenouras e a sua esquerda há exatamente (na mente do burro) outro maço de cenouras.

Como pode o burro escolher entre os dois maços? Se os dois maços são exatamente iguais e não há nenhuma motivação para escolher um maço em lugar do outro, o que acontecerá ao burro? O burro morrerá de fome enquanto permanece parado entre os dois maços! Não há nada que o faça inclinar-se para um lado ou o outro. Se se dirigir a um maço ou outro, será porque por alguma razão (que nós não podemos conhecer mas que sem dúvida é muito clara na mente do burro) uma eleição é preferível à outra. Quando nós escolhemos algo o fazemos sobre esta mesma base. Por alguma razão, uma opção nos parece boa, e porque nos parece boa é que escolhemos o que escolhemos.

A terceira contribuição do Edwards foi respeito ao tema da responsabilidade, o ponto que tão profundamente tinha preocupado Pelágio. O que Edwards fez aqui, e muito inteligentemente, foi marcar a diferença que existe entre o que chamou a incapacidade "natural" e a incapacidade "moral". Podemos ilustrar esta diferenciação de três maneiras. A primeira ilustração é minha; a segunda foi tirada das obras do Arthur W. Pink; e a terceira é do próprio Edwards.

No mundo animal há animais que não comem outra coisa que não seja carne: os carnívoros. Há outros animais que não comem outra coisa que não sejam ervas ou plantas: os herbívoros. Suponhamos que temos um leão, que é um animal carnívoro, e colocamos diante dele um molho de feno ou de aveia. Não comerá nem o feno nem a aveia. Por que? Acaso porque é fisicamente incapaz de comê-los? Não. Fisicamente, poderia começar e mastigar a forragem e tragá-lo.

Então, por que não o come? A resposta é que não está em sua natureza fazê-lo. Além disso, se lhe pudéssemos perguntar ao leão por que não come a comida do herbívoro, e se nos pudesse responder, diria: "Não posso comer isto; odeio-o; só como carne". Estamos falando do mesmo modo quando dizemos que o homem natural não pode responder ou escolher a Deus na salvação. Fisicamente lhe é possível, mas espiritualmente não é capaz. Não pode vir a Deus porque não quer vir. E não quer vir porque em realidade odeia a Deus.

Arthur W. Pink faz menção das Escrituras para ilustrar esta diferença. Em 1 Reis 14:4 ("E já não podia ver Aíás, porque seus olhos se obscureceram por causa de sua velhice") e em Jonas 1:13 ("E aqueles homens trabalharam para fazer voltar o navio para a terra; mas não puderam, porque o mar se ia enfurecendo mais e mais contra eles") o que vemos é a incapacidade natural. Não há culpa vinculada a ela. Por outro lado, em Gênesis 37:4 lemos "E vendo seus irmãos que seu pai o amava mais que a todos seus irmãos, aborreciam-o, e não podiam lhe falar pacificamente". Isto implica uma incapacidade espiritual ou moral. Por

isso eram culpados, como o indica a passagem quando nos explica sua incapacidade para falar pacificamente a José e o ódio que sentiam por ele.

Chegamos agora à ilustração de Edwards. Está falando sobre os arminianos que expõem que a posição calvinista não é razoável. Edwards diz que não, que os que não são razoáveis som os arminianos.

Que seja o sentido comum o que estabeleça se houver ou não diferença entre estes dois casos: um, o caso de um homem que ofendeu a seu príncipe e é posto na prisão; e depois de algum tempo, o rei vem vê-lo, chama-o e lhe diz que se se inclinar diante dele e com humildade pedir seu perdão, será perdoado e deixado em liberdade, e que além disso será enriquecido e honrado: o prisioneiro se arrepende de todo coração da necessidade e maldade de sua ofensa contra o príncipe e está completamente disposto a rebaixar-se e aceitar o oferecimento do rei; mas está constrangido por grossas muralhas, com portas de bronze e barras de ferro. O outro caso se trata de um homem que tem um espírito irracional, é arrogante, ingrato e teimoso; e além disso, viu-se envolto em vários intentos de traição e seu coração está numa inimizade inveterada e extrema contra seu soberano; e por causa de sua rebelião foi feito prisioneiro, e aí jaz, com pesadas cadeias e em circunstâncias miseráveis. Mas finalmente o príncipe tendo compaixão vem à a prisão, ordena que lhe tirem as cadeias e que sejam totalmente abertas as portas do cárcere; chama-o e lhe diz que se se inclinar diante dele, reconhecer que tratou injustamente a seu soberano, e pedir seu perdão, será perdoado, deixado em liberdade, e lhe atribuirá um posto de dignidade e benefício na corte. Mas este homem é tão vaidoso, tão cheio de maldade arrogante, que não pode aceitar este oferecimento; sua malícia e seu orgulho estão tão enraizados em seu ser que exercem um domínio perfeito sobre ele, atam-no e atam seu coração: a oposição de seu coração o domina, tem uma influência sobre sua mente que é superior à graça e condescendência do rei, e a todos seus oferecimentos e promessas. Agora bem, pode o sentido comum afirmar e defender a postura que não existe diferença entre estes dois casos, com respeito à culpa que corresponde aos dois prisioneiros?

Quando lemos esta ilustração, nosso primeiro instinto quer dizer que enquanto a doutrina da depravação pode estar certa neste exemplo em particular, não é certa em nosso caso porque, assim dizemos nós, não somos nem arrogantes, nem orgulhosos, nem estamos em desacordo com a majestade de Deus. Mas, é óbvio, assim é como a Bíblia nos descreve. Estamos tão contra Deus que quando nos é oferecido o evangelho não o aceitamos, não porque em um sentido natural sejamos incapazes de aceitá-lo, mas sim porque as motivações que operam em nós são hostis a Deus.

Quando examinamos este tema, vemos que o que não desejamos fazer é vir diante da presença de um Deus como o que nos apresenta a Bíblia. Esse Deus é um Deus soberano; se viermos a ele, devemos reconhecer sua soberania sobre nossas vidas. E isto não o desejamos fazer. Vir a um Deus como o que nos apresenta a Bíblia significa vir ante um ser que é santo; se viermos a um Deus que é santo, devemos reconhecer sua santidade e confessar nosso pecado. E isto tampouco desejamos fazer. Ainda mais, se viermos ante a presença deste Deus, devemos admitir sua onisciência, e não desejamos fazer isto. Se viéssemos a Deus, também deveríamos reconhecer sua imutabilidade, porque um Deus que seja digno de chamar-se Deus não pode ter atributos que mudam. Deus é soberano, e

sempre será soberano. Deus é santo, e sempre será santo. Deus é onisciente, e sempre será onisciente. Esse é o mesmo Deus que não desejamos. E portanto não viremos ante sua presença. E ainda mais, não podemos vir a Ele até que Ele mesmo, por sua graça, não realize o que poderia qualificar-se como um milagre em nossas vidas pecaminosas.

Alguém que não apoia a doutrina reformada poderia dizer: "Mas a Bíblia não ensina que qualquer um que deseje vir a Cristo pode vir a ele? Jesus mesmo disse que todo aquele que vem a ele não será jogado fora". A resposta é que, é óbvio, isto é certo. Mas esse não é o ponto em discussão. Sem dúvida, todo o que quiser poderá vir. Isto é o que faz com que nossa negativa a vir seja tão irracional e aumente nossa culpa. Mas quem deseja vir? A resposta é que nenhum, exceto aqueles nos que o Espírito Santo já realizou a obra inteiramente irresistível do novo nascimento para que, como resultado deste milagre, os olhos espiritualmente cegos do homem natural sejam abertos para ver as verdades de Deus e a mente completamente depravada do pecador seja renovada para aceitar a Jesus Cristo como seu Salvador.

Nenhuma doutrina nova

Isto é um ensino novo? Não. trata-se simplesmente da forma mais básica e mais pura da doutrina do homem a que se aderem a maioria dos protestantes e até alguns católicos (em privado). Os trinta e nove artigos da Igreja Anglicana dizem: "A condição do homem logo depois da queda de Adão foi tal que por suas próprias forças naturais e boas obras não pode voltar-se para a fé e ao chamado de Deus; portanto, não tem forças para fazer boas obras, agradáveis e aceitáveis para Deus, a não ser pela graça de Deus [ou seja, sem que antes ele não o motive], para que possa ter boa vontade, e opere nele quando tiver essa vontade" (Artigo 10).

O Catecismo Maior de Westminster declara: "O pecado desse estado em que o homem caiu consiste na culpa do primeiro pecado de Adão, na falta de retidão na qual este foi criado e na corrupção da sua natureza pela qual se tornou inteiramente indisposto, incapaz e oposto a todo o bem espiritual e inclinado a todo o mal, e isso continuamente: o que geralmente se chama pecado original, do qual precedem todas as transgressões atuais." (Resposta à Pergunta 25).

É importante que cada pessoa compreenda a submissão da vontade, porque só logo depois desse entendimento os seres humanos pecaminosos poderão compreender o desespero de sua situação e como a graça de Deus é essencial.

Se ainda nos mantemos obstinados a algum tipo de confiança em nossa própria capacidade espiritual, não importa quão pequena seja, nunca nos preocuparemos seriamente de nossa condição. Poderemos saber que precisamos acreditar em Jesus Cristo como nosso Salvador, mas não haverá nenhuma urgência. A vida é longa. Já haverá tempo de acreditar mais pra frente. Poderemos acreditar quando quisermos acreditar, possivelmente em nosso leito de morte, depois que tivermos feito o que quisemos com

nossas vidas. Ao menos, podemos apostar nessa possibilidade. Por outro lado, se realmente estivermos mortos em nosso pecado, como o assinala a Bíblia, e se essa morte alcança nossa vontade como as demais partes que compõem nosso ser físico e psíquico, então nossa situação é sim desesperadora. Vemos que não há esperança para nós fora da obra sobrenatural e inteiramente imerecida da graça de Deus.

Isto é o que Deus requer de nossa parte se tivermos que ser salvos de nosso pecado e vir a ele. Ele não deseja que nos gabemos da mais mínima contribuição humana no assunto de nossa salvação. Mas se renunciarmos a todo pensamento sobre dita capacidade, então ele nos mostrará o caminho de salvação por meio de Cristo e conduzirá a ele.

Perguntas para fixar a aprendizagem

1. Qual é o ponto decisivo para entender o pecado do homem? Explique.
2. Faça um resumo sobre a história do debate
3. Que fez Edwards que não tinha sido feito antes? Dê sua definição e explique-a.
4. Qual foi sua segunda contribuição? Por que é importante? Explique-a.
5. Qual foi sua terceira contribuição? Explique também a diferença do que ele fez.
6. Qual foi a ilustração que usou Edwards? Explique as conclusões dela.
7. por que é importante reconhecer a submissão da vontade?
8. O que é o que Deus não deseja que façamos sobre nossa salvação?

CONCLUSÃO

É nossa oração que o estudo deste material tenha sido de grande ajuda e bênção para você.

Encontramo-nos em momentos cruciais na história da humanidade, o grande avivamento que se está apresentando para o humanismo, o materialismo, o relativismo e o pragmatismo; faz-se necessário que os líderes cristãos olhem novamente para as Escrituras para encontrar nelas a VERDADE com respeito AO HOMEM e sua relação com Deus, o Criador.

Não podemos correr detrás dos novos ventos doutrinários que pretendem atrair os homens a Cristo, apoiados no humanismo materialista, mas bem somos chamados a ser como o vigia e o profeta que denuncia os perigos de seguir uma filosofia com esses postulados.

Cristo é o modelo perfeito para o HOMEM novo, este novo homem deve completa obediência e agrado a SEU Criador, porque somente nele poderá encontrar o verdadeiro sentido de sua existência.

Os editores